AYANA GRAY

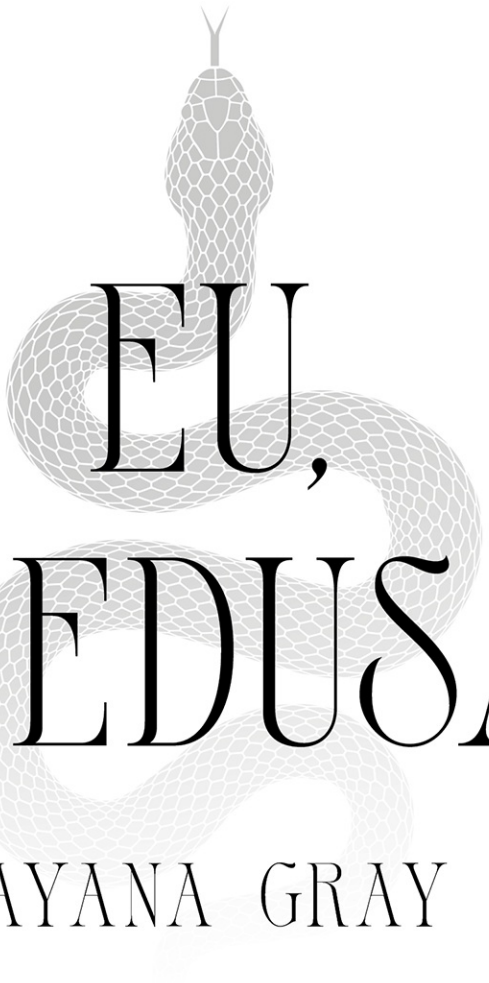


EU, MEDUSA

AYANA GRAY



EU, MEDUSA



EU, MEDUSA

AYANA GRAY

Tradução de
Carolina Candido

intrínseca

Copyright © 2025 by Ayana Gray

TÍTULO ORIGINAL
I, Medusa

PREPARAÇÃO
Gabriela Peres

REVISÃO
Amanda Werneck

DESIGN DE CAPA
Will Staehle

IMAGEM DE CAPA
Shutterstock (80's child)

E-ISBN
978-85-510-1432-5

Edição digital: 2026

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
22640-904 – Barra da Tijuca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G82e

Gray, Ayana
Eu, Medusa [recurso eletrônico] / Ayana Gray ; tradução Carolina Candido. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2026.
recurso digital

Tradução de: I, Medusa
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-510-1432-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Candido, Carolina. II. Título.

CDD: 813
26-104105.0 CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

 intrinseca.com.br

 @intrinseca

 editoraintrinseca

 @intrinseca

 @editoraintrinseca

 intrinsecaeditora

Eu, Medusa. Ayana Gray. Tradução de Carolina Candido. Editora Intrínseca.

SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Epígrafe

Nomes e lugares mencionados

Depois

Parte I: Mortal

- Capítulo I
- Capítulo II
- Capítulo III
- Capítulo IV
- Capítulo V
- Capítulo VI
- Capítulo VII
- Capítulo VIII
- Capítulo IX

Parte II: Donzela

- Capítulo X
- Capítulo XI
- Capítulo XII
- Capítulo XIII

Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Parte III: Amante
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII
Capítulo XXVIII
Parte IV: Monstro
Capítulo XXIX
Capítulo XXX
Capítulo XXXI
Capítulo XXXII
Capítulo XXXIII
Capítulo XXXIV
Capítulo XXXV
Epílogo
Nota da autora
Agradecimentos
Sobre a autora

Para minha irmã:
eu transformaria mil homens em pedra para manter você segura.

Divindades sempre se comportam como as pessoas que as inventaram.
— Zora Neale Hurston

Às vezes parece que apenas a raiva me mantém viva.
— Audre Lorde

NOMES E LUGARES MENCIONADOS

Aithiopia	uma grande área do que hoje é chamado de África subsaariana; não confundir com a Etiópia moderna; no original grego, Aethiopia
Anfitrite	esposa de Poseidon; filha de Nereu; rainha da Corte do Mar
Atena	filha de Zeus; deusa da sabedoria, da guerra e do artesanato
Atenas	cidade-Estado grega do período clássico conhecida por suas contribuições nos âmbitos de arte, esporte, conhecimento e filosofia
Ceto	filha de Ponto e Gaia; esposa de Fórcis; mãe das Górgonas; deusa dos perigos do mar
Corte do Mar	coletivo informal de deuses com afinidade pelo mar
Esteno	filha de Fórcis e Ceto; irmã de Euríale e Medusa; a mais velha entre as Górgonas
Euríale	filha de Fórcis e Ceto; irmã de Esteno e Medusa; filha do meio entre as Górgonas
Fórcis	filho de Ponto e Gaia; marido de Ceto; pai das Górgonas
Gaia	mãe de Ceto e Fórcis; avó das Górgonas; deusa primordial considerada a mãe de toda a vida
Gigantomaquia	guerra infame de origem controversa travada entre os Gigantes e os Olimpianos; os Olimpianos saíram vitoriosos (não confundir com Titanomaquia)

Górgonas	nome coletivo dado a três das filhas de Fórcis e Ceto; Esteno, Euríale e Medusa. Em algumas interpretações, as Górgonas eram conhecidas por terem cabelos de serpentes e o poder de transformar uma pessoa em pedra com seu olhar letal
Hermes	filho de Zeus; deus das viagens, da velocidade, dos atletas e das mensagens
Medusa	filha de Fórcis e Ceto; irmã de Esteno e Euríale; a mais jovem das três Górgonas
Nereidas	nome coletivo dado às filhas de Nereu; ninfas do mar
Nereu	pai das Nereidas; deus marinho capaz de mudar de forma
Olimpianos	os doze deuses soberanos do panteão que vivem no Monte Olimpo; tradicionalmente, incluem Afrodite, Apolo, Ares, Ártemis, Atena, Deméter, Hefesto, Hera, Hermes, Poseidon, Zeus e, de forma intercambiável, Dioniso ou Héstia.
Ponto	filho e companheiro de Gaia; pai de Ceto e Fórcis; avô das Górgonas; deus marinho primordial
Poseidon	filho de Cronos e Reia; marido de Anfitrite; rei da Corte do Mar
Prometeu	um dos Titãs e deus do fogo
Zeus	filho de Cronos e Reia; rei dos deuses

DEPOIS

JÁ PASSA DA MEIA-NOITE quando a mulher encontra o templo.

Seu primeiro pensamento, quando os pés afundam na areia molhada da praia, é que o lugar não se parece em nada com o que esperava. Os locais sagrados aos quais está acostumada são grandiosos e imponentes complexos de mármore, servidos por um séquito dedicado de sacerdotes ou sacerdotisas. A construção solitária iluminada por tochas que se ergue diante dela na escuridão, com suas muralhas de pedra em ruínas e terrenos visivelmente negligenciados, não é nem grandiosa nem imponente. O lugar é, na verdade, bastante pequeno, quase escondido pelas dunas ao redor, e dificilmente receberia outros visitantes tão tarde da noite. A mulher, porém, não se deixa deter ao desviar da orla para se aproximar.

Esta noite, um templo vazio é um bom presságio.

Um caminho rústico, ladeado por seixos e pedaços de madeira trazidos pela maré, conduz a mulher da praia até a única entrada do templo. No instante em que cruza o limiar, o cheiro de mirra invade seus pulmões, despertando uma dor persistente, uma tristeza há muito enterrada. Ela ignora o sentimento, sufoca a tristeza e segue em frente.

Acaba por encontrar o velho sacerdote sozinho no pátio amplo do templo. O homem segura uma vassoura, travando uma batalha feroz contra a areia que cobre os ladrilhos. Sua pele marrom-clara brilha de suor; a túnica cinza que veste é simples e modesta. Ele é um estrangeiro nessas terras, assim como ela. Demora alguns segundos para o sacerdote erguer o olhar e reparar na presença dela. O homem tem olhos castanhos um pouco esbranquiçados, embora gentis, e um sorriso de inegável ternura paternal. Aquele sorriso faz a mulher pensar no próprio pai, no que ele acharia do que ela estava prestes a fazer. Ela logo desconsidera esse pensamento. Seu pai é um deus, e se há algo que ela sabe sobre os deuses é que pouco se importam com os mortais e menos ainda com os sofrimentos humanos. Em vez disso, ela volta sua atenção ao sacerdote. Inclina-se diante dele em uma reverência discreta, um hábito remanescente

de seu tempo como sacerdotisa, e enfim se pronuncia. Sua voz é suave como uma pétala.

— Vim pedir uma bênção.

O sacerdote deixa a vassoura de lado e entrelaça os dedos enrugados. O silêncio se alonga entre os dois antes que ele responda.

— O que oferece em troca?

A mulher baixa a cabeça, pesarosa.

— Não tenho moedas nem nada de valor.

Mais silêncio se segue à resposta.

— Por favor, eu… estou desesperada.

A mulher espera alguns segundos antes de erguer o olhar. Ao fazê-lo, percebe que a expressão do sacerdote mudou. Ela sabe o que ele vê: uma mulher jovem de pele escura vestindo uma túnica branca simples e um turbante branco ainda mais simples. Ela sabe que isto é um jogo e que o primeiro movimento partiu dela. Agora, é a vez dele.

— Não importa — responde o sacerdote com gentileza. — Sempre há outras formas de pagar, outros tipos de troca.

Ele lhe dirige um olhar cheio de significado, um que ela já esperava, antes de chamá-la com um gesto.

— Venha, criança.

A mulher obedece, diminuindo o espaço já pequeno entre os dois para aceitar a mão com veias saltadas do homem. Ela não estremece quando ele desliza o polegar sobre a palma de sua mão.

Então, o aperto dele se torna mais forte.

A mulher não protesta quando o sacerdote a puxa contra si, nem quando ele esmaga seus lábios enrugados contra os dela. Não protesta quando ele os leva ao chão coberto de areia, nem quando a posiciona com movimentos desajeitados sobre o próprio colo. O corpo dele é ossudo e frágil, mas ela o sente enrijecer de desejo entre suas coxas.

— Nunca fui tocada — sussurra ela. — Eu nunca…

— Não tem problema — responde o sacerdote. À luz trêmula da tocha, seus olhos antes gentis tornaram-se vorazes. — Eu mostro o que fazer. Mas, primeiro, quero ver você.

A mulher hesita, depois solta os broches que prendem sua túnica nos ombros,

deixando a peça escorregar até a cintura. Um gemido baixo e apreciativo escapa dos lábios do sacerdote.

— Me diga seu nome.

A voz dele está rouca de desejo.

Um sorriso discreto surge no rosto da mulher.

— Eu poderia lhe dizer quem sou, mas acho melhor mostrar *o que* eu sou.

O velho sacerdote ergue os olhos dos seios nus dela, confuso, ao ver a mulher afrouxando o lenço da cabeça. Ela o deixa cair até o chão e pisca com olhos agora amarelos. A expressão do sacerdote é de puro terror.

— *Abominação* — vocifera ele. — Você é…

Mas não chega a terminar a frase.

Os órgãos vitais do homem já estão calcificando-se em pedra fria e cinza, assim como o restante do corpo. Os dedos se curvam para dentro enquanto ele arranha o ar, tentando agarrar algo que jamais alcançará. Durante todo o tempo, a mulher permanece sentada em silêncio sobre ele, esperando. Uma parte distante e entorpecida dela, talvez a única ainda humana, sabe que deveria sentir *algo*. Alívio. Vingança. Horror.

No entanto, o máximo que consegue sentir é exaustão.

A mulher pressiona a ponta dos dedos contra a túnica de pedra do sacerdote enquanto os batimentos dele vacilam, depois cessam. Só quando tem certeza de que ele está morto é que enfim se levanta. Ergue a mão à medida que um chiado preenche o templo, e as serpentes pretas como tinta que brotam de seu couro cabeludo saboreiam o ar salgado com línguas bifurcadas conforme se aninham entre seus dedos.

Com o pensamento longe, a mulher se pergunta quanto tempo levará para arrastar a estátua do sacerdote até a costa, quantas horas se passarão antes que alguém perceba a ausência dele. Conta quantos homens já matou até agora e se questiona quantos mais precisará matar até que a fúria dentro dela seja saciada, até que pareça o bastante.

Ao apagar a tocha do templo e se render à escuridão, Medusa pensa em monstros… e em como se tornou um com tamanha facilidade.

PARTE I

MORTAL



I

— MEDDY!

Eu me endireito ao ouvir meu nome, fazendo o possível para parecer atenta. O esforço é desperdiçado com a minha mãe. Seus olhos escuros e brilhantes já estão grudados em mim, semicerrados com uma reprovação familiar.

— Você não está prestando atenção — acusa. — Faça de novo.

Reprimo um resmungo enquanto ela me conduz, sem muita delicadeza, até o centro da nossa varanda. Assim que fico na posição correta, ela bate palmas.

— Comece.

Um escravizado sentado por perto, num banquinho de madeira, começa a dedilhar um alaúde de braço curto, preenchendo o ar morno da manhã com uma doce melodia. No compasso, eu rodopio, ergo os braços e bato palmas no ritmo da música, tentando ignorar a dor latejante nos bíceps. Concentro-me no perfume inebriante das flores ao longe, na pressão firme das lajotas sob meus pés. Tento me perder no ritmo da canção e, quando fecho os olhos, finjo estar em outro lugar, qualquer um. Mal se passa um minuto antes de minha mãe me interromper. A música cessa.

— Pare de fazer careta — reclama, irritada. — Você está se movendo como se estivesse com dor.

— Eu *estou* com dor — murmuro. — Já fiz essa dança umas mil vezes.

Minha mãe não se comove.

— E vai fazer outras mil, se for preciso — adverte. — Você precisa estar perfeita. Os deuses que vão agraciar nossos salões não esperam menos do que isso.

Eu não precisava desse lembrete.

Na próxima noite, meus pais darão um banquete sob o pretexto de celebrar o início da primavera, mas observei os jogos políticos dos deuses por tempo suficiente para entender o verdadeiro motivo. Minhas irmãs e eu já atingimos a idade certa, então chegou a hora de sermos úteis. Para meus pais, isso quer dizer casadas.

— Os deuses da Corte do Mar não serão os únicos presentes — continua minha mãe, como se pudesse ler meus pensamentos. — É bem provável que apareçam

pretendentes em potencial, homens nobres de boa linhagem à procura de uma jovem noiva. É mais uma razão para você estar impecável.

— Algum desses homens nobres de boa linhagem vem de um lugar interessante? — pergunto.

Minha mãe me observa de novo, desconfiada.

— Talvez.

— Será que poderiam trazer mapas ou pergaminhos da terra natal deles? Eu adoraria ter algo novo para ler.

Assim que as palavras saem da minha boca, percebo que foram um erro. Um jovem escravizado que está varrendo a outra ponta da varanda balança a cabeça, como se tivesse achado graça da situação. As duas escravizadas que ladeiam minha mãe com sombrinhas trocam olhares de incerteza.

— Claro que não — dispara ela. — E não quero ouvir mais bobagens sobre mapas, pergaminhos ou qualquer outra coisa. Comece de novo.

Volto para a primeira posição da dança e espero o alaudista voltar a tocar. Desta vez, perco o equilíbrio ao girar e depois tropeço na barra da minha túnica. Atrás de mim, escuto um risinho mal disfarçado de uma das minhas irmãs. Um calor formigante que não tem nada a ver com o sol sobe pelo meu pescoço.

— Você não está se esforçando o bastante — repreende minha mãe. — Cada passo deve parecer leve, natural. Quero que tente se mover com mais graça, como…

Ela para de falar, mas eu concluo a frase em pensamento.

Como Esteno e Euríale.

Eu me viro para olhar minhas irmãs mais velhas, não muito longe, reclinadas em espreguiçadeiras ao sol. Muitas deusas, inclusive nossa mãe, preferem manipular a própria aparência para parecerem eternamente jovens. Mas minhas irmãs têm, de fato, 21 e 19 anos, apenas alguns anos a mais do que eu. Esteno é como uma gazela, alta, flexível e delicada. Euríale é de estatura mais baixa, mas herdou as bochechas arredondadas e o sorriso com covinhas de nossa mãe. Não gosto nem de pensar em como fico ao lado delas. Minhas irmãs e eu temos a mesma pele escura, queimada de sol. Somos parecidas com nossos pais, mas as semelhanças param por aí. Aos 17 anos, ainda sou magra, desprovida de qualquer suavidade feminina no quadril, e certa vez ouvi um escravizado dizer que meus olhos castanhos e afastados pareciam "de coruja".

Dou um suspiro. Em momentos assim, tenho a sensação de que sou uma mariposa tentando se passar por borboleta. Um velho sentimento de derrota recai sobre mim.

— Não importa mais — declara minha mãe. — Continuaremos mais tarde.

Ela desaba em uma cadeira enquanto as criadas se inclinam para abaná-la com mais vigor. À luz da manhã, ela parece uma radiante filha do deus-sol Hélio, mas Ceto é, acima de tudo, uma deusa do mar. Sua pele, de um marrom intenso, contrasta de forma deslumbrante com a túnica amarela, adornada pelos búzios brancos trançados em seu cabelo preto. Para alguém desavisado, ela pareceria apenas alguns anos mais velha do que minhas irmãs e eu, mas isso é pura ilusão. Minha mãe tem, na verdade, milhares de anos.

— Ei, você aí! — exclama, e estala os dedos para uma escravizada. — Traga meu vinho!

A mulher é pequena e curvada, enrugada, com pele escura. Ela se detém na mesma hora e faz uma mesura.

— Sim, Deusa.

Em seguida, pega um cálice e uma jarra de prata em uma mesa próxima e começa a servir.

Minha mãe ergue o braço.

— O tinto não — dispara, arrancando o cálice da mão da escravizada. — Quero o branco.

A velha mulher fica tensa, assim como todos os outros escravizados ao redor.

— Peço desculpas, Deusa — diz a mulher, baixinho —, mas o vinho branco acabou.

Minha mãe arqueia as sobrancelhas.

— Como assim?

A velha começa a tremer.

— Acabou. A última garrafa foi consumida ontem.

— Deve ter mais em algum lugar, *vá procurar*.

Minha mãe a dispensa com um gesto, mas a irritação afeta sua voz.

O tremor da mulher piora, o que só confirma que todo o nosso estoque de vinho branco realmente acabou. Temos um pequeno vinhedo na ilha, mas desconfio que ele esteja bem reduzido por conta dos preparativos para o banquete de amanhã. Também desconfio que, quando minha mãe perceber isso, alguém vai sofrer as consequências. Meu estômago começa a se revirar. As oscilações de humor de minha mãe podem chegar como uma tempestade tardia de primavera, súbita e devastadora. Procuro pela varanda, desesperada, até encontrar o olhar das minhas irmãs. O apelo que faço a elas

é silencioso, mas sei que entendem. Euríale dá um passo à frente, posicionando-se entre a velha mulher e nossa mãe.

— Mamãe — chama com doçura. — Ainda é tão cedo. Talvez água…

Minha mãe arremessa o cálice que ainda segurava com a velocidade e a precisão de uma víbora. O objeto atinge o rosto de Euríale, espirrando vinho tinto em sua túnica branca antes de cair no chão de ladrilhos. Minha irmã grita de dor. Dou um passo na direção dela, mas Esteno se levanta e me segura pelo braço. Nós duas observamos enquanto Euríale se dobra, com a mão sobre a boca. Quando se endireita, vejo que uma gota de sangue dourado e brilhante brotou no centro de seu lábio inferior. Ela fica imóvel por um momento, atônita, antes de passar o braço desnudo pela boca, espalhando o sangue como mel. A raiva queima sob minha pele.

— Quando eu quiser o conselho de crianças, eu peço — sibila minha mãe, a voz baixa e ameaçadora. — Entendeu, Euríale?

— Entendi, mamãe — responde ela, sem tirar os olhos do chão. — Me perdoe.

O rosto de minha mãe muda aos poucos. Seus olhos castanhos ficam brilhantes e úmidos; rugas profundas marcam os cantos de sua boca, desfazendo por um instante a fachada divina de juventude. Ela encara, horrorizada, o lábio machucado de Euríale, e me pergunto se está pensando em nosso pai, em quantas vezes ele também a feriu. De repente, ela a puxa para perto e segura seu rosto. Euríale se encolhe com o toque.

— Minha menina linda — sussurra minha mãe enquanto limpa o sangue dourado com o polegar, seu tom agora caloroso e gentil. — Sinto muito. Você sabe que não pretendia te atingir com tanta força. É que os preparativos para este banquete me exauriram. Você me perdoa, não é?

Euríale ainda não ergueu o olhar.

— Claro, mamãe. Eu te perdoo.

Minha mãe sorri, e a parte de si mesma que ela havia revelado se esconde outra vez, como se nunca tivesse estado ali. Ela atravessa a varanda e pega a jarra de vinho intocado que a velha mulher tentara oferecer antes. Segura-a com as duas mãos e bebe diretamente da boca. Observo, um pouco enjoada, o vinho tinto escorrer pelos cantos de seus lábios e pelo pescoço, manchando a parte da frente da túnica. Quando baixa a jarra, está com a expressão vazia, distante. Ela levanta a barra da túnica e sai da varanda num farfalhar de amarelo. As criadas a seguem, e depois de uma pausa desconfortável, o alaudista se curva e também se retira. Na ausência da minha mãe, o ar da manhã parece recuperar um pouco da calidez, mas permanece rançoso.

Euríale se arrasta de volta para a espreguiçadeira e desaba nela. Graças ao sangue imortal, o corte no lábio já cicatrizou, mas a túnica branca, uma de suas favoritas, está arruinada. Ela olha para si mesma, depois para Esteno e para mim. Há uma terrível impotência naquele olhar, e a fúria que senti antes volta a me queimar por dentro. Sinto o rosto quente de raiva e fecho os punhos com tanta força que as unhas deixam pequenas marcas vermelhas na palma das mãos. Vejo o cálice jogado no chão e luto contra o impulso imprudente de correr atrás da minha mãe e arremessá-lo *nela*, para que sentisse um pouco da dor que causou. Quando Euríale nos encara com os olhos marejados, Esteno e eu nos apressamos até a espreguiçadeira para sentar uma de cada lado dela.

— Eu *odeio* nossa mãe.

Uma lágrima escorre por sua bochecha.

— Não chore — sussurra Esteno com firmeza. — Ela não merece suas lágrimas.

Ela aperta com força uma das mãos de Euríale enquanto seguro a outra, com mais delicadeza, e começa a cantarolar uma melodia desconhecida. Eu a acompanho, e assim ficamos até Euríale se acalmar.

Não me lembro de quantos anos eu tinha quando percebi que era diferente das minhas irmãs, que o sangue delas era dourado enquanto o meu corria vermelho; que o fio da vida delas e o dos meus pais se estenderiam por toda a eternidade enquanto o meu um dia seria cortado. É uma verdade tácita, mas inevitável, que sempre me afastou do restante da família. Em momentos assim, porém, sei que minhas irmãs e eu continuamos ligadas pelos limites da nossa casa, pelas expectativas do nosso pai ambicioso, pelo medo compartilhado de nossa mãe imprevisível.

— Eu *vou* me casar — promete Euríale, e há uma nova determinação em seus olhos castanho-escuros. — E então vou deixar esta ilha para sempre.

Fico apreensiva. Não posso culpar Euríale por querer partir. Desde que me entendo por gente, desejo a mesma coisa. Quero deixar nossa ilha e ver o mundo que conheço apenas por meio de pequenos objetos que às vezes chegam à orla das praias. Mas esse desejo vem acompanhado de um medo muito real. Sou a mais nova e tenho receio de que, um dia, minhas irmãs me deixem para trás. Meu olhar vagueia para o horizonte, até a costa irregular logo abaixo, e depois para o mar calmo e infinito que nada revela sobre as terras e a vida que sei que existem para além dele. Fecho os olhos e faço um juramento silencioso.

Um dia, eu também vou sair desta ilha.

Aperto a mão de Euríale um pouco mais forte, e fico grata quando nenhuma de nós rompe o silêncio. Por fim, as duas voltam para dentro de casa, mas eu fico na espreguiçadeira por um tempo, abraçando os joelhos contra o peito. Sinto o cheiro de areia molhada, escuto o rugido incessante das ondas lá embaixo. É lindo, pacífico e tão familiar que chega a ser irritante. Deixo escapar um suspiro involuntário.

— Ora, faça-me o favor, Meddy — diz uma voz baixa e provocadora atrás de mim. — Mapas e pergaminhos?

Mesmo tentando evitar, sinto um sorriso repuxar o canto dos meus lábios. Não preciso me virar para saber de quem é aquela voz, mas ainda assim o faço. O jovem escravizado de antes, o que varria a varanda, está a alguns passos de distância, com um sorriso irônico no rosto.

Dou de ombros.

— Valeu a tentativa.

Theo ri e se acomoda ao meu lado. Ele tira um pequeno bloco e uma faquinha do bolso da túnica e começa a entalhar a madeira. No mesmo instante, a calmaria me invade como uma onda, e os resquícios da minha raiva se dissipam. Esse é o efeito que Theo costuma ter sobre mim. Ele tem o mesmo cheiro do jardim onde nos conhecemos na infância, terroso, levemente floral. Viramos amigos muitos anos atrás, quando espetei o dedo num espinho de rosa e ele, corajoso que só, rasgou um pedaço da própria túnica para enfaixar o machucado. Ele cresceu desde aquele dia no jardim, mas, fora isso, pouca coisa mudou. Seu cabelo preto continua um aglomerado de cachos curtos e fechados; sua pele continua tão escura quanto a minha; e ele ainda carrega uma luz própria, como se tivesse roubado um fragmento do sol e guardado no peito. Estamos apoiados um no outro enquanto ele trabalha, ombro a ombro, e por um momento ficamos contentes assim.

— Está pronta para amanhã à noite? — pergunta ele.

Ajeito a postura. O encanto foi quebrado.

— Estou pronta para minha mãe parar de tocar nesse assunto, se é isso que quer dizer.

Theo franze a testa como sempre faz quando está pensando no que dizer e para de entalhar o bloquinho.

— Ela comentou que devem aparecer pretendentes — diz ele. — Será que algum deles vai propor casamento?

Hesito, e uma inquietação se instala no meu peito.

— Não tenho certeza — admito —, mas mesmo se for o caso, duvido que eu seja a escolhida.

— Por que você diz isso?

Fico comovida com a indignação na voz do meu amigo.

— Esteno e Euríale são imortais — respondo com calma. — Eu não sou. Qualquer pretendente em sã consciência escolheria uma delas em vez de mim.

As palavras já não doem tanto quando ditas em voz alta. Dezessete anos foram tempo de sobra para aceitar algumas verdades. Sei que, para os deuses, o casamento é uma ferramenta. Aos olhos da maioria, minha mortalidade garantiria apenas uma breve aliança política.

— Então esses pretendentes são idiotas — comenta Theo, depois sorri. — Mas seria bom mesmo se algum deles trouxesse mapas novos para a gente ver.

Sorrio também. Há um número infinito de coisas que admiro em Theo, mas sei que a nossa ligação mais forte está nas coisas que temos em comum, como a mortalidade, a consciência constante da passagem do tempo e o desejo de ir embora desta ilha e ver *mais* do mundo.

Eu me aconchego contra ele, apoiando a cabeça em seu ombro. Ele continua a entalhar o pedaço de madeira, e o ritmo lento e constante do trabalho me traz uma sensação de paz.

— Um dia, vamos deixar esta ilha — sussurro. — Vamos construir nosso barco e juntar mantimentos, e então vamos partir. Juntos.

É um sonho improvável, impossível até, mas as palavras ainda são doces quando compartilhadas.

— Juntos — repete Theo. — Nós dois vamos partir juntos.

Em silêncio, tento memorizar cada detalhe deste momento, o murmúrio das ondas batendo lá embaixo, o calor da pele de Theo, beijada pelo sol, contra a minha. Hoje, tudo está tranquilo.

Amanhã, os deuses descem à nossa ilha.

II

MEU PAI, FÓRCIS, está longe de ser rei.

Isso não o impede de fingir ser da realeza quando, na noite seguinte, minhas irmãs e eu entramos no grande salão e nos acomodamos à mesa ao lado dele e de nossa mãe. Ele se senta numa cadeira estilizada como um trono, reinando sobre todos nós. O sol mal se pôs em nossa ilha, mas os olhos escuros dele já estão vidrados e sem foco, um sinal claro de excessos regados a vinho. Apesar de tudo, a aparência que ele escolheu é muito bonita. A pele é escura como mogno, e o cabelo crespo branco e cheio me lembra a espuma do mar que às vezes se acumula nas praias da ilha. Esta noite, ele veste uma túnica tingida de um roxo profundo, e cada um de seus longos dedos escuros ostenta um anel de ouro. Sei que tudo isso é encenação, um lembrete de que ele já foi o deus primordial do mar e de seus perigos ocultos nas profundezas, uma espécie de rei por direito próprio. Antes, ele controlava vastas extensões do mar aberto; milhares rezavam e ofereciam tributos a ele. Mas agora meu pai não passa da sombra daquele ser antigo e poderoso. Às vezes, em segredo, sinto pena dele.

Nós cinco continuamos sentados à mesa principal enquanto os escravizados correm de um lado para o outro como formigas expulsas de seu formigueiro. Nosso salão é sempre elegante. Esta noite, porém, o piso de mármore branco foi esfregado e polido até adquirir um brilho intenso. Guirlandas carregadas de lírios e íris frescos foram espalhadas pelos pilares de pedra, e meu olfato é tomado pelos aromas apetitosos de cordeiro assado, legumes temperados e pão quentinho. Procuro Theo entre os escravizados, em vão. Com um aperto no peito, desejo que ele estivesse aqui, que eu pudesse falar com ele.

Os minutos se arrastam enquanto os primeiros convidados não chegam. Começo a me perguntar se a tensão pairando no ar é real ou apenas fruto da minha imaginação. Algumas cadeiras adiante, minha mãe não se dá ao trabalho de chamar um escravizado e enche por conta própria seu segundo cálice até a boca, enquanto meu pai tamborila os dedos adornados de anéis com impaciência na mesa. Esteno, Euríale

e eu nos entreolhamos, mas nenhuma de nós ousa abrir a boca. Sei que minhas irmãs estão pensando o mesmo que eu. Um banquete com poucos convidados renderia fofocas entre os deuses, e um banquete vazio seria considerado um fracasso retumbante. Engulo em seco.

Depois de todo o planejamento e toda a preparação de minha mãe, será possível que ninguém venha?

Como se em resposta, as portas principais do salão se abrem de repente com um rangido baixo. Respiro com mais calma quando rostos familiares começam a aparecer.

Os deuses da Corte do Mar enfim chegaram.

Primeiro, minha tia Euríbia, uma deusa marinha de corpo robusto e cabelos verdes, entra a passos largos, vestindo uma túnica branca cintilante. Ela vai direto até nossa mesa para cobrir de beijos salgados cada uma de nossas bochechas. Meu tio Taumas, mais contido, entra logo atrás dela com menos alarde, mas oferece a cada um de nós uma reverência baixa e cavalheiresca. Outros membros da minha complicada árvore genealógica chegam no decorrer da hora seguinte, mas minha atenção se dispersa. Em pouco tempo, o salão está cheio e barulhento.

Euríale me cutuca.

— Está na hora — sussurra.

Eu não estava nervosa antes. Mas assim que minhas irmãs e eu nos levantamos e seguimos para o centro do salão, onde há um espaço vazio, a ansiedade toma conta de mim. Meu coração dispara dentro do peito quando o tocador de alaúde se acomoda e assente para nós. Assumo minha posição inicial ao lado de minhas irmãs e espero pelo que parece uma eternidade.

Os primeiros acordes do alaúde enfim preenchem o ar, e eu começo a me mover.

Pratiquei essa dança milhares de vezes na varanda, os movimentos guiados mais por memória muscular do que qualquer outra coisa, mas, nesta noite, diante de tantos deuses, estou consciente de cada passo. Danço no mármore polido, rezando com todas as minhas forças para não tropeçar ou cair. Para minha surpresa, não faço nenhuma das duas coisas. Ergo uma perna e arqueio as costas, fazendo com que minhas mechas pretas esvoacem. Alguns deuses murmuram em apreciação, e algo dentro de mim alça voo em triunfo.

Cada um dos meus dreads tem a espessura do meu dedo mindinho, e eles quase alcançam os ombros. Nunca serei tão bonita quanto minhas irmãs, mas meu cabelo com certeza desperta a admiração dos outros. Meus dreads são meu orgulho, talvez

meu bem mais precioso.

O ritmo do dedilhar no alaúde acelera, e minhas irmãs e eu acompanhamos o novo compasso. Damos as mãos ao formar um círculo fechado, movendo-nos cada vez mais rápido, enquanto nossos pés se deslocam em perfeita sincronia. E então…

A música para.

No início, acho que estou imaginando este silêncio novo e repentino. Esteno espia por cima do meu ombro, a testa franzida, e quando sigo seu olhar, percebo que todos no salão se viraram na direção de algo. De *alguém*.

O burburinho começa baixo, mas aos poucos vai se tornando mais animado e vibrante conforme os deuses se acotovelam para ver o recém-chegado. No meio deles, avisto uma cabeça de cabelos pretos e brilhantes e fico na ponta dos pés, curiosa. Por fim, as divindades abrem caminho e consigo ver o que os deixou tão agitados.

É a primeira vez que coloco os olhos em Poseidon.

Como a maioria dos deuses mais novos, o rei do mar é alto, esguio e magro. A pele dele não é tão escura quanto a minha ou a das minhas irmãs, mas ainda assim é beijada pelo sol, a indicação mais clara de uma vida imortal passada entre as marés. Não há nada de suave em sua figura; ele é definido e musculoso, extremamente anguloso. Seus cabelos ondulados são tão escuros que parecem azuis à luz trêmula das velas do salão. Em contraste, a toga dele é tão branca que mal consigo relancear para o tecido sem apertar os olhos.

— Ele veio — sussurra Euríale, atônita, tão baixo que mal a escuto. — Eu não achei que viria.

Na verdade, eu também não imaginei que fosse acontecer. Minha mãe mencionou que ela e meu pai haviam convidado o rei do mar para este banquete, mas ninguém imaginava que ele realmente viria. Os novos deuses, os Olimpianos, não costumam se misturar com os deuses antigos, considerados inferiores. Agora observo enquanto Poseidon circula entre nossos convidados, aparentando cordialidade, apesar de manter uma certa distância de todos. Há um fascínio natural em sua figura, algo que parece atrair os demais, e a postura suntuosa que ele mantém só torna essa impressão ainda mais forte. Seus passos tranquilos me fazem pensar em uma pantera esgueirando-se pela selva.

Até o andar dele é suntuoso, percebo. E me lembro de que deveria mesmo andar assim. Zeus, soberano dos Olimpianos, pode ser o rei dos deuses, mas seu irmão governa todos os deuses da Corte do Mar. No momento, Poseidon é o ser mais

poderoso deste salão.

Por um instante, acho que ele vai olhar em nossa direção, mas logo é engolido pela multidão outra vez. Sinto uma leve pontada de decepção. O burburinho habitual do banquete retorna, mas continuamos paradas no meio do salão.

— O que a gente faz? — pergunta Euríale, em voz baixa.

— Continuamos dançando — responde Esteno, sempre a mais segura. — Vamos terminar.

Mal tenho tempo de registrar o que está acontecendo quando os acordes do alaúde ressoam de novo, e volto a me mover. Alguns deuses ainda estão distraídos ao nosso redor, mas muitos se viram para nos assistir. Na verdade, nada mudou: meus passos continuam instintivos e fluidos, só que tudo parece diferente agora. Sinto o peso do olhar de cada deus com mais intensidade e, embora não possa ter certeza, um par de olhos parece se cravar em mim com mais força do que os outros. Sei que são os do rei do mar, mas não consigo encontrá-lo enquanto giro e salto e, por fim, desisto de procurar. Há muitos aplausos quando terminamos e fazemos, juntas, nossa reverência; várias deusas próximas elogiam nossa mãe em voz alta. Em segundos, meu pai abre caminho pela multidão e segura o braço de Esteno.

— Venham — ordena.

Ele nos conduz até o fundo do salão, onde outros deuses se acotovelam ao redor de alguém. Sei o que está prestes a acontecer, mas ainda assim puxo o ar com força quando as divindades se afastam e ficamos frente a frente com o deus que todos estavam ansiosos para ver.

— Meu rei — diz meu pai, a voz imponente quando ele se curva. — Permita-me apresentar minhas três filhas: Esteno, Euríale e Medusa.

Desejei que o rei do mar nos olhasse desde o momento em que entrou no salão, mas nada me preparou para o instante em que isso de fato acontece. Poseidon se vira para nós bem devagar, e a primeira coisa que percebo é que, de perto, suas íris são de um verde intenso, cor de espuma do mar, contornadas por um aro dourado. Ele tem o nariz longo, uma sombra de barba escura ao longo do maxilar e lábios que me lembram o arco de um arqueiro. Ele sorri de leve enquanto nos examina do mesmo modo como eu folheio pergaminhos. Meus ossos vibram sob seu olhar.

— Suas filhas são belas, Fórcis — declara o rei do mar, seu tom firme e grave, marcado por um leve sotaque olimpiano. — Certamente causam inveja em toda a Corte do Mar.

Belas? O elogio me pega de surpresa. Estou acostumada a ver a beleza de Esteno e Euríale ser enaltecida, mas quase nunca sou incluída nesses comentários. Sinto como se cem beija-flores alçassem voo dentro do meu peito.

— Não são filhos — responde meu pai, indiferente, depois sorri de modo sugestivo. — Mas já têm idade para casar. Claro, se algum dos *seus* filhos estiver à procura de uma noiva…

Eu me sobressalto. É estranho lembrar que Poseidon é velho o bastante para ter filhos em idade de casamento. Como meus pais, ele tem milhares de anos a mais do que eu, mas esta noite parece um jovem de 20 ou 30 anos, no máximo. Sem aviso, os olhos dele se fixam em mim. Não consigo ler nada em sua expressão.

— E qual das filhas de Fórcis é você? — pergunta ele.

Faço uma reverência.

— Medusa, meu rei.

Poseidon sorri e volta a atenção para meu pai, iniciando outro assunto. Nossa conversa termina. Esteno e Euríale entrelaçam os braços ao meu, e nós três nos esgueiramos de volta para a multidão.

Assim que Poseidon sai do meu campo de visão, eu solto o ar.

— Acho que o rei do mar gostou mais de você — provoca Euríale, em voz baixa. — Ele *sorriu* para você.

Sinto minhas bochechas ardendo.

— Não seja boba — murmuro. — Ele sorriu para todas nós.

Apesar de negar em voz alta, os beija-flores imaginários ainda batem as asas sem parar dentro do meu peito. Por um momento, me permito acreditar no que Euríale disse, que talvez ela esteja certa, que talvez Poseidon *tenha* gostado mais de mim. Afinal, fui a única a quem ele se dirigiu diretamente. Porém, a ilusão dura pouco. *Não*. Isso seria absurdo. Poseidon não é apenas um deus; é um Olimpiano, *o rei do mar*. O poder e o prestígio dele vão muito além de qualquer coisa que eu possa um dia almejar. E quem sou eu diante disso tudo? A filha mortal de dois deuses marinhos de menor importância na vasta e cintilante corte de Poseidon. Eu sei, bem lá no fundo, que ele vai se esquecer de mim. É bem provável que já tenha esquecido.

— Meddy!

Minha mãe não gritou, mas ainda assim sua voz se impõe sobre o barulho do salão. Esteno e Euríale me lançam olhares solidários antes de se afastarem de mim e seguirem para uma mesa repleta de comida. Solto um suspiro e mudo de direção,

voltando à frente do salão para me juntar à minha mãe em nossa mesa. Ela segura outro cálice dourado cheio de vinho tinto. Mesmo a vários passos de distância, consigo sentir o cheiro do álcool em seu hálito. Mas não é isso que me faz diminuir o passo, e sim o homem sentado ao lado dela. Nunca o vi antes. Ele aparenta ter uns 40 anos, embora, entre deuses, nunca se possa ter certeza, e sua pele é de um marrom-claro, contrastando com o cabelo preto, volumoso e ondulado que começou a ficar grisalho nas têmporas. Quando me aproximo da mesa, ele se levanta e faz uma reverência cortês, oferecendo-me apenas um breve sorriso. Minha mãe está radiante, e não consigo conter por completo a pontada inquietante que sinto quando o homem volta a desaparecer na multidão.

— Venha. Sente-se aqui comigo — ordena minha mãe, indicando o assento do outro lado dela. Quero perguntar quem era aquele homem misterioso e o que ele queria, mas, antes que eu possa abrir a boca, minha mãe faz um gesto amplo para o salão. — É um banquete magnífico, não é? Quase todos os deuses da Corte do Mar estão aqui — prossegue ela, e o sorriso se torna presunçoso. — Sabe, sua tia Tétis ofereceu um banquete algum tempo atrás, mas não foi nem de longe tão grandioso quanto este. Estou ansiosa para ver a cara dela quando souber que *fomos agraciados* com a presença do rei do mar.

Assim como meu pai, minha mãe já foi grande e poderosa. Ela foi a deusa de todos os monstros oceânicos, famosa por sua coleção de criaturas marinhas assassinas. Às vezes, lamento pela deusa que ela costumava ser, a deusa que nunca conheci. Às vezes, sinto pena da mulher mesquinha em que ela se transformou.

— Você viu seu tio Nereu? — pergunta ela, já mudando de assunto. — Parece que ele trouxe a prole toda esta noite. Espero mesmo que tenha comida suficiente…

Sigo o olhar dela até um grupo de jovens em um dos cantos do fundo do salão. Não devo ter reparado na chegada delas. São muitas e, mesmo de longe, fica claro que são todas parentes. A maioria tem a pele negra, mas algumas exibem traços curiosos: cabelos verdes como algas, dedos longos e enredados de forma estranha, apêndices escamosos que cintilam à luz.

Já ouvi falar de minhas primas, as Nereidas, embora nunca as tenha visto antes. São ninfas do mar, bastante famosas entre deuses antigos e novos pela beleza da família. No meio delas, avisto um homem de aparência mais velha, pele negra e cabelos grisalhos e ralos.

Aquele é meu tio Nereu, o pai delas e inspiração do nome Nereidas.

Meu olhar se volta para uma jovem parada ao lado dele como uma sentinela. Ela se parece com Nereu, então sei que também deve ser uma ninfa marinha, mas é especialmente alta e séria, o que a distingue das irmãs. Ela também usa um diadema feito de coral rosa-claro.

— Quem é aquela? — pergunto.

— Hum? — diz minha mãe, erguendo o olhar. — Ah, aquela é Anfitrite, esposa de Poseidon. Eles não devem ter chegado juntos. É *bem* comum.

Ela solta uma risadinha, como se saboreasse uma piada particular.

Apesar de já ter escutado muitas coisas sobre o rei do mar, sei pouquíssimo sobre sua rainha. Para minha surpresa, Anfitrite usa os cabelos pretos em dreads como os meus, embora os dela sejam muito mais longos e cheguem até a cintura. Sua pele é marrom-escura, e os lábios fartos e as maçãs do rosto altas poderiam torná-la impressionante sob certa luz, mas sua beleza é maculada pelo cenho franzido que distorce seus traços. Como a maioria das divindades, ela aparenta ser jovem, uma mulher de vinte e poucos anos, mas algo em seu semblante entrega a verdadeira idade. Seus olhos de obsidiana se movem de um lado para o outro, frios e inexpressivos. Apesar do calor do salão, sinto um arrepio repentino.

— Ela parece brava — sussurro.

Minha mãe faz um gesto displicente com a mão.

— Essa é só a cara dela, querida.

Desvio o olhar do rei do mar para a rainha do mar, posicionados em extremos opostos do salão. O contraste entre eles não poderia ser mais marcante. Poseidon, ainda ao lado de meu pai, atrai uma multidão crescente de admiradores. Ele ri, e uma aura carismática parece emanar de sua presença, mesmo de longe. Em comparação, Anfitrite permanece quase imóvel, silenciosa e apática. Não consigo entender como duas pessoas que parecem tão diferentes uma da outra poderiam se casar, e me pego pensando se talvez a união tenha sido arranjada. De repente, a rainha se vira, e seu olhar imperial me atravessa com a precisão do arpão de um marinheiro. Recuo, como se tivesse sido atingida. Então, para meu horror, ela começa a vir em nossa direção.

— Ela…

As palavras morrem na minha boca quando a rainha do mar alcança nossa mesa com velocidade sobre-humana e para diante de nós. Apesar do pânico, fico grata por não ter esquecido de me levantar ao mesmo tempo que minha mãe.

— Ceto — diz a rainha, com a voz baixa e melodiosa. — Não tive a oportunidade

de cumprimentá-la quando cheguei. Perdoe-me.

— Rainha Anfitrite.

Minha mãe faz uma reverência profunda, numa rara demonstração de respeito genuíno.

— Não é preciso pedir desculpas. Estamos honrados com sua presença.

A rainha volta a atenção para mim.

— E quem é você, menina?

— Eu…

— Medusa é minha filha — responde minha mãe por mim. — A mais nova.

Quando encontrei o rei do mar antes, tive a impressão de que ele mal registrou minha presença. Com a rainha do mar, sinto o oposto. Ela parece absorver tudo sobre mim de uma só vez. Em especial, meu cabelo, seus olhos estão fixos em meus dreads.

— Quantos anos você tem, criança?

— Dezessete, minha rainha.

— Uma idade perfeita para começar a receber pretendentes — intervém minha mãe. — Não concorda, Vossa Graça?

Anfitrite não responde à minha mãe, nem sequer olha na direção dela. Sua atenção permanece cravada em mim.

— É seu desejo se casar, Medusa?

Hesito e procuro o olhar de minha mãe, que acena com a cabeça de modo encorajador.

— Sim, minha rainha. Espero encontrar um bom marido para honrar minha família.

Isso parece divertir Anfitrite, pois um leve sorriso toca seus lábios.

— E, na sua opinião, que qualidades tornam alguém um bom marido?

O pânico me domina outra vez, me fazendo enrijecer. Minha mãe não me preparou para essa pergunta. Respiro fundo antes de responder.

— Eu espero me casar com alguém gentil — digo com cuidado. — Alguém inteligente, corajoso e…

Lanço um olhar involuntário para o rei do mar do outro lado do salão. É um gesto rápido, mas sei que a rainha percebeu. Os olhos escuros dela se estreitam.

— E bonito? — acrescenta ela.

— S-sim, minha rainha.

Olho para o chão. Quando ouso erguer o rosto, vejo que a expressão da rainha

mudou. É difícil interpretar com exatidão o olhar dela, mas vejo reconhecimento, raiva e então… algo que até pode parecer pena.

— Espero que encontre exatamente o que procura, Medusa — murmura ela, e então se vira para minha mãe e lhe dirige um último aceno de despedida antes de voltar para perto do pai e das irmãs.

Minha mãe espera até que a rainha esteja fora do alcance da voz antes de se inclinar na minha direção.

— Muito bem — sussurra no meu ouvido. Ao que parece, ela não percebeu o último olhar que a rainha me lançou.

Dou um passo para trás.

— Com licença, mãe. Preciso de ar.

Sem perder tempo, saio do salão e me distancio o máximo possível de Anfitrite. Quando estou longe o bastante, eu me recosto na parede, pressionando a nuca contra a pedra fria. O pânico que senti antes se intensifica enquanto repasso os detalhes da conversa na cabeça. Por que Anfitrite reparou em *mim*? Por que me perguntou quais seriam as qualidades de um bom marido? E, antes de se afastar, por que me encarou daquele jeito, como se estivesse com raiva? Foi porque olhei para Poseidon? Foi só por um segundo, não era minha intenção, mas…

Deslizo até o chão e enterro o rosto nas mãos.

— Meddy?

Olho para cima, surpresa, e sinto a tensão nos ombros diminuir um pouco quando a voz familiar de Theo me alcança na penumbra do corredor. Meu amigo carrega uma bandeja de prata vazia debaixo do braço e sorri ao se aproximar. Mas o sorriso se desfaz quando ele percebe minha expressão.

— Meddy, o que aconteceu?

— Eu… acho que acabei de cometer um erro terrível.

Theo parece confuso.

— Como assim?

Minhas palavras saem hesitantes no início, mas, devagar, conto a ele sobre meus encontros com o rei e a rainha do mar. Quando termino, ele balança a cabeça.

— Você não fez nem disse nada de errado, Meddy. E daí se você olhou para Poseidon? Ele é o rei. Tenho certeza de que muita gente olha para ele. E talvez a rainha estivesse incomodada com outra coisa. Isso não significa que ela estava com raiva de você.

Tento me convencer de que Theo está certo, de que talvez eu não tenha feito nada de errado, mas o desconforto que se enrosca no meu estômago não vai embora.

— Venha cá — chama Theo, e então apoia a bandeja contra a parede e passa um braço ao redor dos meus ombros. O peso do gesto me acalma e me faz sentir um pouco melhor. — Vamos dar uma volta.

* * *

O jardim da minha mãe sempre foi meu lugar favorito na ilha.

Durante o dia, o sol escaldante muitas vezes me obriga a buscar refúgio na sombra das árvores; esta noite, porém, o ar está ameno. Cada folha, galho e flor parece salpicado por um luar prateado e etéreo. Theo caminha em silêncio ao meu lado enquanto percorremos os caminhos sinuosos do jardim por pelo menos uma hora, passando por longas fileiras de ásteres e fontes de pedra. Inspiro o perfume doce de madressilva conforme seguimos rumo a uma parte do jardim cercada por um muro de ciprestes e caminhamos ao longo de sua extensão. No silêncio, parte do meu desconforto se dissipa, e respiro com mais facilidade.

— Eu vi você mais cedo, quando dançou com suas irmãs — conta Theo. — Você foi muito bem.

Eu me encho de orgulho. Não tinha percebido o quanto precisava daquele elogio. Um sorriso repuxa meus lábios, e dou um empurrãozinho em Theo.

— Obrigada.

— Não, *eu* que agradeço.

É Theo quem sorri agora, mas percebo uma pitada de travessura no gesto.

— Você me tirou da cozinha bem a tempo. Hanna estava me importunando de novo, fingindo que estava bêbada e tentando me beijar.

Solto uma risada abafada. Nos últimos tempos, Hanna, uma das servas de minha mãe, tem sido cada vez menos sutil quanto à atração que sente por Theo. Lanço um olhar sugestivo para ele.

— Talvez você devesse deixar que ela o beije — provoco.

Theo revira os olhos.

— Eu não quero beijar Hannah.

— Por quê? — pergunto, dando uma leve cotovelada nas costelas dele quando nos aproximamos do fim da fileira de ciprestes. — Não me diga que ela não é bonita o

bastante…

— Espere.

Theo olha para cima de repente, franzindo a testa.

— O que foi?

Ele leva um dedo aos lábios para pedir silêncio antes de dar alguns passos à frente e espiar por trás do último cipreste delimitando o jardim. Sei que, do outro lado, não há nada além de um pequeno gramado aberto. Quando ele se vira para mim outra vez, parece transtornado. Eu me aproximo na ponta dos pés.

— O que houve?

Olho por cima do ombro dele e me calo.

Levo um instante para compreender o que estou vendo. No gramado aberto do jardim, no mesmo lugar onde Theo e eu nos sentamos incontáveis vezes, vislumbro duas figuras indistintas. Aos poucos, porém, minha visão se ajusta.

É uma das ninfas do mar.

Eu a identifico na mesma hora. Ela tem a pele escura, uma beleza inumana. Suas mechas curtas e encaracoladas são de um azul brilhante, da cor do oceano sob a luz do sol, espalhadas ao redor da cabeça como uma auréola. Só pode ser uma das muitas filhas de Nereu, embora eu não saiba seu nome.

Reconheço, no entanto, o deus que a pressiona contra a grama, mesmo com o rosto dele enterrado na curva do pescoço da ninfa.

O cabelo escuro de Poseidon se destaca ao luar, e um som entrecortado escapa da ninfa quando ela passa os dedos pelas mechas antes de os dois se beijarem. Uma das mãos dele desliza pelo flanco dela e então desaparece entre as coxas. Não consigo ver para onde foi, mas sei que ele a está tocando em um lugar íntimo. Fico confusa. Ela não parece se incomodar, mas não entendo o motivo. O sangue ruge em meus ouvidos enquanto fico meio escondida entre as árvores, hipnotizada com a cena. Os dois estão completamente imersos no ato; nem sequer perceberam nossa presença. Uma parte de mim sabe que deveríamos ir embora, mas é como se meus pés tivessem criado raízes na grama, me prendendo ali. Observo enquanto Poseidon move a mão entre as coxas da ninfa com mais rapidez, e ela começa a gemer, arqueando as costas enquanto agarra os ombros dele e se contorce com prazer evidente. Tento engolir a saliva, mas sinto a boca seca e um nó entalado na garganta. Não sei bem o que os dois estão fazendo, mas percebo que, quanto mais observo, mais difícil é desviar o olhar. Algum instinto profundo e inato me diz que estou vendo algo que não deveria, algo

misterioso e adulto, mas nem isso é suficiente para me fazer parar. Sensações estranhas e novas começam a surgir em meu corpo, um calor se espalha por todo o ventre e uma pressão agradável e peculiar se insinua entre minhas pernas. De repente, a ninfa grita, e um tremor percorre todo o meu corpo.

— Meddy.

Dou um pulo, assustada. Se Theo não tivesse tocado meu braço, eu teria me esquecido de que ele estava ali. É impossível saber o que se passa na cabeça dele. Está com uma expressão inescrutável. Fico com vergonha no mesmo instante. Theo também estava observando Poseidon e a ninfa ou estava olhando para mim? Será que meus pensamentos estão estampados no meu rosto? Recuamos bem devagar até estarmos escondidos pelos ciprestes outra vez.

— É melhor a gente ir — sussurra Theo.

Abro a boca para responder, mas ele se vira e começa a se afastar antes que eu consiga dizer uma única palavra. Olho por cima do ombro uma última vez e então o sigo.

III

— FIQUE QUIETA.

Estremeço quando Esteno puxa meus dreads com mais força, mas ela faz questão de me ignorar. Está sentada num banquinho e eu fico entre os joelhos dela. Quando puxa um ponto bem sensível do meu couro cabeludo, viro o rosto e olho furiosa para ela.

— Você vai acabar arrancando meu cabelo!

— Depois cresce de novo — responde ela, com indiferença. — Agora vira para a frente.

Obedeço de má vontade. Sei que, na maior parte do tempo, Esteno só está me provocando. Desde que me entendo por gente, minhas irmãs se revezam para cuidar do meu cabelo e tentam ser delicadas. Foram as duas que torceram meu cabelo em dreads como os delas quando eu ainda era pequena. Euríale massageava meu couro cabeludo com óleo de coco diluído, enquanto Esteno me mostrava onde ficavam as melhores piscinas de água doce da ilha para lavar meus dreads. Eles são meu bem mais precioso e, de muitas maneiras, são também um lembrete constante do amor das minhas irmãs. Aperto um deles entre o indicador e o polegar, pensando na vez em que reclamei que eram curtos demais.

Eles vão crescer com o tempo, Euríale me lembrou na ocasião, rindo quando apontei o quanto os dela já eram longos. *Você precisa ter paciência*.

Vão ficar ainda mais bonitos do que já são, acrescentou Esteno, revirando os olhos. *Aí você vai ficar para lá de insuportável, e a gente vai ter que te jogar no mar*.

Sorrio com a lembrança. No fim das contas, minha irmã tinha razão. Meus dreads cresceram e ficaram tão bonitos quanto Esteno prometeu, e ela me provoca sem piedade sempre que me pega brincando com as mechas. É assim que ela demonstra seu amor. Minha irmã mais velha nunca foi muito sentimental, mas, apesar disso, sempre consegui sentir o carinho dela por mim. Talvez seja porque Esteno é a pessoa mais sincera e confiável que conheço. Sei que ela nunca mentiria para mim, mesmo

que a verdade doesse.

Eu até gostaria de um pouco dessa sinceridade agora, enquanto ela continua retorcendo minhas raízes, mas hoje Esteno está calada. Sinto a tensão nos dedos dela quando prende os dreads num elaborado meio-coque no alto da minha cabeça, prendendo tudo com helicrisos dourados. Essa tensão se infiltra no meu couro cabeludo e desce como uma agulha pelas costas, me deixando irrequieta. Nenhuma de nós diz em voz alta, mas ambas sabemos a origem dessa apreensão.

Hoje, o príncipe chega.

Minha mãe acertou em cheio: segundo os relatos, nosso banquete de celebração da primavera foi assunto entre os deuses e deusas da Corte do Mar por muitas semanas. Alguns até comentaram sobre como as três filhas de Fórcis haviam se tornado belas. Infelizmente, o burburinho não rendeu muitos pretendentes viáveis para mim e para minhas irmãs. À medida que os dias viraram semanas, depois um mês, a ansiedade em nossa casa foi ficando tão densa quanto o calor sufocante do início do verão. Deve ter sido por isso que meu pai ficou tão entusiasmado quando, duas semanas atrás, enfim recebeu uma mensagem do príncipe Maheer, perguntando se poderia nos fazer uma visita. Antes, casamento era um assunto nebuloso e vago, algo que seria decidido num futuro distante e obscuro. Agora, não há dúvida quanto ao que está prestes a acontecer.

Hoje, uma de nós se tornará a noiva do príncipe.

— Sabia que ele é um semideus?

Do outro lado de seu quarto luxuoso, minha mãe parece determinada a ajustar a túnica de Euríale. As mãos dela vão de um lado para o outro como pardais aflitos, e a empolgação em sua voz é contrabalançada por outra emoção que não consigo identificar direito.

— É um bastardo de Ares, mas a mãe dele é uma princesa mortal — continua. — Por meio dela, o príncipe herdará um reino pequeno e próspero nas terras que eles chamam de Aithiopia. A esposa dele também terá direito a essa riqueza.

Ela levanta os olhos e avalia cada uma de nós, uma por vez.

— É de extrema importância que um casamento seja arranjado hoje. Vocês entendem?

Nunca me interessei muito pela hierarquia complicada seguida pelos deuses, mas isso não significa que eu não a conheça. Como filhas de deuses marinhos menores, seria improvável que minhas irmãs e eu nos casássemos com os filhos legítimos dos

mais ilustres Olimpianos, mas um filho *bastardo* é diferente. O bastardo de um Olimpiano é, ao mesmo tempo, adequado à nossa posição e um vínculo inegável com status e prestígio mais elevados. É verdade que os deuses gostam de ostentar sua riqueza, mas o que eles realmente querem é poder. Sei que é isso que meu pai mais deseja, assim como sei que ele nos usará para obter o máximo que puder.

— Acho que é melhor irmos logo.

Minha mãe interrompe seus ajustes e faz sinal para que nós três nos alinhemos diante dela, depois inspeciona cada uma de nós uma última vez. Todas nós ganhamos túnicas novas para a ocasião. A de Esteno é tingida de lavanda; a de Euríale é amarela e a minha é de um verde bem claro, cor de primavera. As cortinas dos aposentos da minha mãe estão abertas, mas o ar do verão ainda está carregado com o aroma do óleo de manjerona que passamos nos braços e no pescoço. Prendo a respiração enquanto ela me examina por último e assente com uma rara aprovação. Consigo perceber, mesmo de relance, que ela não bebeu hoje. Por mais estranho que seja, isso a faz parecer mais jovem, como se pudesse ser nossa irmã mais velha. Ela inspira fundo, recompondo-se.

— Um dia, a última de vocês vai se casar e me deixar — declara, e apesar da risada suave, a alegria não parece genuína. — Então ficarei sozinha nesta ilha.

Minhas irmãs e eu nos remexemos, desconfortáveis. A verdade é que as palavras da minha mãe atingem um ponto sensível em mim que eu nem sabia que estava exposto. Enquanto crescia, quase não senti o tipo de vínculo que se espera entre mãe e filha, mas, nesse instante, eu tenho plena certeza de que minha mãe e eu *estamos* ligadas por alguma coisa. Sei disso porque, em seus olhos, vejo uma melancolia que já vi refletida nos meus, um anseio profundo, entranhado nos ossos, de ir embora deste lugar. Ela tem éons de idade, mas me pego imaginando como era aos 17 anos, antes de ser esposa, mãe. Sei pouco do passado dela, mas sei que ela e meu pai não nasceram nesta ilha, como nós três. Não tenho certeza do que é pior: nunca conhecer um mundo além deste, ou conhecê-lo e ainda assim permanecer confinada. Minha mãe e eu trocamos um olhar por apenas um segundo antes que ela erga o queixo com altivez.

— Venham — ordena. — O príncipe está esperando.

NOSSO JARDIM foi transformado.

É lindo em qualquer época do ano, mas, enquanto nós três seguimos nossa mãe pelos caminhos de terra rastelados e pelos corredores de sebes aparadas com perfeição, percebo que houve um cuidado a mais para que tudo estivesse magnífico para a chegada do príncipe. Quando alcançamos o gramado aberto onde meu pai já está sentado, ele oferece apenas um aceno breve enquanto nos acomodamos ao seu lado. Esteno e Euríale são como minha mãe, frias e elegantes, apesar do sol escaldante no céu. Eu, como sempre, nem tanto. Dentro de casa, o ar estava sufocante; aqui fora, é opressivo. Um único olhar para os escravizados alinhados à beira do gramado me diz que não sou a única a sofrer com esse calor, mas é claro que meus pais e minhas irmãs não perceberiam. Como imortais, toleram os elementos muito melhor do que eu jamais tolerarei. Para me distrair, observo os arredores. Só então me dou conta de onde estou.

Já faz quase dois meses que Theo e eu, por acaso, demos de cara com Poseidon e a ninfa do mar juntos neste gramado. Nos dias que se seguiram ao banquete, tentei esquecer o que tinha visto, mas a lembrança criou raízes em mim e cresceu como uma erva daninha teimosa. Mesmo agora, ainda consigo visualizar a cena com nitidez: o modo como Poseidon deslizou um nó do dedo pela cavidade do pescoço da ninfa antes de descer mais; a maneira como a túnica dela foi erguida até a cintura; a aparência das pernas negras e nuas da ninfa sob a luz cintilante das estrelas. Naquela noite, fui dormir cheia de perguntas, mas, no dia seguinte, não encontrei ninguém que pudesse respondê-las. Sempre conversei com Esteno e Euríale sobre qualquer coisa, só que, pela primeira vez, não consegui. Eu me perguntei se minhas irmãs saberiam me dizer o que Poseidon e a ninfa estavam fazendo. Se me repreenderiam por ter visto ou, pior, se zombariam de mim. No fim, decidi que não queria que fizessem nenhuma das duas coisas, então não disse nada. Quanto a Theo, ele só fingiu que nada havia acontecido.

Ergo o olhar agora, esperando encontrar meu amigo entre os outros escravizados em posição de sentido, mas, para minha decepção, ele não está em lugar algum. Eu me ajeito no assento, ponderando quais seriam as consequências de pedir água ou um leque.

De repente, um rosnado corta o silêncio.

É um som bruto e gutural que me dá arrepios. Todos os escravizados se sobressaltam como se tivessem sido golpeados, e, embora meus pais e minhas irmãs

sejam mais contidos, percebo que até eles se retesam de surpresa e confusão. Uma pausa carregada se insinua, um instante em que todo o gramado parece ficar imóvel. Em seguida, ouço um novo som, o tilintar metálico inconfundível de correntes se aproximando. Um segundo depois, a origem de ambos os ruídos fica clara.

Dois homens grandes e musculosos vestindo túnicas brancas impecáveis surgem contornando a fileira de ciprestes. Desconfio que também sejam escravizados, mas mal lhes dirijo a atenção. Estou muito mais fascinada, e apavorada, pelo que caminha entre eles: a criatura responsável por aquele rosnado hediondo.

O leão que está sendo conduzido até o nosso gramado é imenso, tão gigantesco que, perto dele, eu mal passaria de uma sombra. Sua juba é espessa e emaranhada, de um castanho profundo, exceto por uma mancha dourada perto do rosto. As patas colossais estão incrustadas de lama, e eu estremeço ao ver as garras brancas e curvas perfurarem a terra a cada passo. Sua boca está amarrada com corda, e uma coleira de ferro presa a duas longas correntes envolve seu pescoço. Tenho certeza de que é só por isso que ele ainda não atacou os homens que o conduzem. Fico tão distraída com a fera que não percebo de imediato o homem que vem logo atrás, caminhando com tranquilidade despreocupada, ladeado por vários outros escravizados vestidos de branco, que jogam pétalas de flores por onde ele passa. Quando enfim desvio os olhos do leão para encarar o sujeito, eu me assusto.

É o homem do nosso banquete de primavera, aquele que vi conversando com minha mãe.

Nunca vi o pai do príncipe bastardo, Ares, o deus da guerra, mas suspeito que o príncipe tenha herdado a aparência da mãe mortal. O cabelo escuro e a pele negra são tal qual eu me lembrava, mas, à luz do dia, percebo mais detalhes. É um homem de baixa estatura, pouco mais alto do que eu. A túnica de algodão preto que ele veste, bordada com intrincados fios dourados e de acabamento fino, não é muito adequada para o clima tropical da nossa ilha. Gotículas de suor já salpicam a testa dele como uma coroa cintilante. Imagino que o porte possa ter sido mais atlético um dia, mas a idade encorpou sua cintura e acrescentou certa maciez ao redor do pescoço e do queixo. À medida que ele se aproxima, consigo distinguir a cor de seus olhos, castanho-claros. Eles observam Esteno, Euríale e depois a mim, antes de ele se virar para os condutores do leão.

— Removam a mordaça — dispara, com uma voz esganiçada.

Meus batimentos aceleram quando os dois homens trocam olhares cautelosos e

então se aproximam lentamente do leão, um de cada lado. O animal rosna outra vez, e eles hesitam, inseguros. Percebo que nenhum dos dois está disposto a chegar perto o bastante da fera para retirar as cordas que mantém sua boca fechada. Após um momento, o príncipe olha para os homens com irritação.

— Afastem-se.

Sinto o corpo inteiro tensionar quando ele saca um punhal do cinto e se aproxima do leão por conta própria. Um rosnado vibra das profundezas da garganta da criatura.

Ele vai ser dilacerado. Fecho os punhos enquanto o príncipe chega a poucos passos do animal. *Ele vai ser dilacerado, e vai ser um banho de sangue.*

Primeiro, o príncipe segura a corrente que serve de guia para o leão, depois se detém diante da fera. Apesar de ser muito menor, ainda consegue olhar para o animal por cima do nariz.

— Deite — ordena, erguendo o punho.

Espero pela violência inevitável. Para meu espanto, os olhos dourados do leão parecem brilhar com compreensão. Ele se abaixa até a grama.

— Quieto.

O príncipe ergue o punhal e, bem devagar, começa a cortar as cordas, que caem amontoadas no chão.

Uma vez livre, o leão apenas lambe os lábios e boceja.

Eu já estou atônita, mas o príncipe não terminou.

— Venha — chama, puxando com força a corrente da fera.

Aos poucos, o animal se levanta outra vez e caminha ao lado do príncipe em pequenos círculos.

Depois da terceira volta, o príncipe se vira para nós, sorrindo enquanto embainha o punhal.

— Fórcis, grande deus do mar — diz ele, estufando o peito ao dirigir-se a meu pai. — Sou Maheer, filho mortal do deus Ares, que é filho do soberano deus-rei Zeus. Venho hoje pedir uma de suas filhas em casamento e fazer dela minha rainha, se for de seu agrado. Como sinal do meu respeito, ofereço também este presente.

O príncipe faz um gesto para indicar o leão, ainda de pé atrás dele.

— Capturei esta fera em uma terra distante e a treinei por conta própria. Agora é sua para que faça dela o que desejar.

Lanço um olhar furtivo ao meu pai e percebo como seus lábios se comprimem. Ele se esforça para não deixar transparecer seus pensamentos, mas imagino que sejam os

mesmos que os meus. Não é fácil capturar um leão desse tamanho e ferocidade, e é preciso ainda mais coragem para domar uma fera. De início, o príncipe não havia me impressionado, mas agora me pergunto se não o julguei precipitadamente.

Após um momento que parece de ponderação, meu pai se levanta.

— Príncipe Maheer, nós agradecemos por este presente.

Ele usa sua voz mais grave, divina, aquela que ressoa com uma autoridade que ele não possui mais.

— Será de nosso agrado que se case com uma de nossas filhas. As três são saudáveis, férteis e de linhagem respeitável.

Tenho tempo de sobra para me ressentir da descrição do meu pai, que serviria perfeitamente para três cabras-leiteiras, antes que ele volte a atenção para minhas irmãs e para mim. O sorriso em seus lábios é sereno, mas não se reflete no olhar. Escuto a ameaça não dita por trás dele.

Se me desonrarem, vocês vão sofrer.

Minha mãe assente, e, na mesma hora, nós três nos levantamos. Eu sabia que este momento chegaria havia dias, semanas, mas ainda assim não estou preparada quando enfim acontece. O sol implacável deu uma trégua e, embora o jardim esteja cheio de gente, é como se não houvesse mais ninguém além de minhas irmãs, o príncipe e eu mesma. O tempo parece desacelerar enquanto o príncipe Maheer se aproxima de nós, com uma expressão ao mesmo tempo avaliadora e intrigada. Seu perfume me alcança primeiro e, quando inspiro, sinto o aroma de algo intenso, com um toque de especiarias. Ele anda de um lado para o outro à nossa frente, pensativo, e eu faço o possível para permanecer imóvel. Sinto as folhas de grama espetando a sola dos meus pés, e os pontos em que minha túnica está úmida e grudenta de suor. De repente, um único dread escapa do meu coque e balança diante dos meus olhos. Tento colocá-lo depressa atrás da orelha, mas o movimento chama a atenção do príncipe. Ele se aproxima e me avalia antes de segurar a mecha entre os dedos.

— Que curioso — murmura.

Não respiro, não me movo e, de cada lado, sinto minhas irmãs enrijecerem também. A vida inteira fomos três partes de um todo. Agora, pela primeira vez, estamos sendo isoladas e separadas. Baixo o olhar enquanto o príncipe continua a me observar com atenção, e mil pensamentos voam pela minha mente como flechas disparadas.

E se for eu? E se o príncipe me escolher para ser sua noiva?

E se esta for a minha chance? A oportunidade de deixar esta ilha?

E minhas irmãs? E Theo?

O príncipe dá um passo para trás e assente para meu pai.

— Já fiz minha escolha.

Até as árvores e as flores ao redor do jardim parecem prender a respiração.

— Ela.

O príncipe aponta para a minha direita, para Euríale.

— Eu escolho esta.

Uma névoa estranha surge no mundo ao meu redor, mas, quando me viro para Euríale, é impossível não notar o misto de surpresa e alegria em seu rosto. Minha mãe leva a mão ao peito, prestes a chorar de felicidade, mas é meu pai quem parece mais satisfeito. Ele está radiante.

— Ela é sua — declara ele, com a voz aquecida por uma emoção nova. E, dirigindo-se a um de seus servos, ordena: — Prepare convites para todos os deuses da Corte do Mar, e também para os Olimpianos. Começaremos os preparativos para o casamento agora mesmo, será uma grande celebração digna da nobre linhagem do príncipe Maheer.

Em breve, nossa linhagem unida, penso.

Ao meu redor, alguns dos escravizados da casa comemoram. Em segundos, Euríale está cercada de gente, e eu fico olhando para os meus pés, sobretudo porque não sei mais para onde olhar. Um emaranhado de emoções se forma no meu peito, confuso, contraditório, embaralhado.

Há apenas uma hora, eu achava que não me importaria se o príncipe não me escolhesse. Achei que sentiria alívio quando tudo terminasse, quando ele escolhesse uma das minhas irmãs imortais e mais bonitas. Isso não explica a sensação que se infiltra sob a minha pele, tão parecida com decepção. Logo em seguida, sinto uma pontada de culpa. Eu deveria estar feliz por Euríale, *estou* feliz por ela, mas… eu me lembro do jeito como o príncipe me olhou. Pelo mais breve dos instantes, pensei que talvez ele me escolhesse, que *eu* seria a noiva. Casar-me com o príncipe Maheer teria significado deixar minha família, mas talvez também tivesse me proporcionado uma chance para o que sempre desejei acima de tudo: ir embora desta ilha.

Por apenas um segundo, aquele medo constante de que minhas irmãs me deixassem para trás foi atenuado.

Pisco com força, envergonhada por sentir mais de uma lágrima escorrer pelo rosto,

e as enxugo depressa. Tudo o que eu mais queria nesse momento era encontrar Theo.

Ergo o olhar e começo a vasculhar o gramado, procurando o caminho mais fácil para sair de fininho, quando percebo que Esteno ainda está ao meu lado, no mais profundo silêncio. Ao contrário de quase todos os outros no jardim, ela não está olhando para Euríale ou para o príncipe, e não há amor nem afeto em seus olhos castanho-escuros. Em vez disso, está concentrada no leão. Em meio à celebração, a fera parece ter sido quase esquecida e agora jaz tranquila, deitada sob o sol como um gato comum. Alterno o olhar do leão para ela e, embora não fale diretamente para mim, Esteno comenta em uma voz que só eu consigo ouvir.

— Admito que sei pouco sobre o adestramento de feras selvagens — diz ela, como se estivesse apenas refletindo em voz alta. — Mas acho curioso.

Eu me viro para minha irmã.

— Curioso?

Esteno aponta para o leão.

— O príncipe Maheer veio de muito longe até nossa ilha, quase inteiramente por mar — continua ela. — Imagino que um leão desse tamanho precise de quantidades enormes de comida para se manter nutrido, muito mais do que um único navio poderia transportar. E não creio que uma dieta à base de peixes o saciaria.

Franzo a testa. Não entendo até onde minha irmã quer chegar.

— E o príncipe não poderia ter abatido toda a carne antes da viagem — prossegue Esteno, ainda como se falasse consigo mesma. — Teria estragado antes de ser consumida. Gado vivo talvez funcionasse, mas aí seria preciso levar comida a mais para alimentar todos, o que ocupa um espaço precioso de carga e ainda produz dejetos.

Só então ela se vira para me encarar.

— Mas se você tivesse *outra* fonte de alimento para o seu animal de estimação, se trouxesse mais escravizados do que o necessário… — conclui ela e dá de ombros. — Suponho que não tenha muita diferença entre um leão treinado e um bem alimentado.

A insinuação por trás das palavras da minha irmã faz meu sangue gelar.

— Esteno — balbucio, a voz mais trêmula do que eu gostaria. — Você não está dizendo que o príncipe Maheer…

— Quer saber a forma mais segura de avaliar o caráter de um homem? — pergunta Esteno, tão calma que chega a ser inquietante. — Olhe para aqueles que o

servem. Então, *olhe*.

Eu obedeço, ainda que bem devagar. Não demoro muito para identificar os escravizados do príncipe. Enquanto todos os outros no gramado sorriem e parecem à vontade, eles estão reunidos bem próximos uns dos outros, como animais de carga. A maioria observa o príncipe com cautela, mas alguns lançam olhares furtivos para o leão em repouso. Só então percebo que fiquei tão impressionada com a entrada imponente do príncipe Maheer que sequer prestei atenção àqueles que o acompanharam. Alguns ostentam cortes superficiais e feridas maltratadas; outros exibem lesões mais graves, olhos arrancados, dedos mutilados, membros faltando. Eu me viro para Esteno, horrorizada.

— Achei que ele tivesse adestrado aquele leão — sussurro. — Eu… Eu acreditei nele.

— Claro que acreditou — responde Esteno, nem um pouco surpresa. — O príncipe Maheer é um homem poderoso, e homens poderosos são sempre os primeiros em quem as pessoas acreditam.

Balanço a cabeça.

— Esteno, que tipo de homem faria algo assim?

— Um homem cruel — declara ela, sem rodeios. — Embora eu tenha aprendido que todos os homens são cruéis. Só que alguns sabem esconder melhor.

Um novo pensamento surge, afiado como uma lâmina.

— Você acha que o príncipe seria cruel com a Euri?

O olhar que Esteno me lança é pior do que qualquer resposta dita em voz alta. Apenas uma hora atrás, eu me sentia grata pela sinceridade da minha irmã mais velha. Agora, queria não enxergar a verdade em seus olhos. Lágrimas novas brotam nos meus. Desta vez, quando caem, não me dou ao trabalho de enxugá-las.

— Deve ter alguma solução — cochicho. — Não podemos impedir esse casamento?

Esteno faz que não.

— O príncipe escolheu sua noiva, e nosso pai aceitou a escolha.

— *Euríale* não aceitou!

A expressão de Esteno endurece.

— Nem teria permissão para recusar. Euríale é uma mulher.

Nós duas olhamos para nosso pai. Ele está de pé ao lado do príncipe Maheer, apertando a mão dele com uma satisfação absoluta. Percebo, nesse momento, que

minha irmã tem razão.

— O príncipe Maheer pode ser mortal, mas também é filho de Ares e neto do próprio Zeus — comenta Esteno. — O casamento de Euríale com ele representa uma grande oportunidade de elevar a posição da nossa família. Nosso pai não abrirá mão dessa oportunidade de bom grado.

Pela primeira vez, a expressão dela se torna cautelosa.

— E tampouco tolerará alguém que a ameace.

Antes da chegada do príncipe, nosso pai não precisou dizer nada sobre o comportamento que esperava de nós. Nós três já vimos quem ele pode se tornar quando perde a paciência. Faço uma careta. Colocar em risco o casamento de Euríale com o príncipe Maheer com certeza provocaria a ira do nosso pai, mas…

— Deve ter alguma solução — repito. — Casamento é um compromisso para a vida toda, é permanente.

Esteno me observa de esguelha.

— Euríale e eu somos imortais, Meddy. Para nós, nada é permanente.

As palavras doem mais do que deveriam. Esteno não costuma me lembrar da minha mortalidade. Como se percebesse o que fez, ela tenta amenizar a situação.

— No melhor dos casos, ela só terá que permanecer casada durante o tempo de vida *dele* — declara, com mais gentileza. — Não será como com nossos pais. Não será para sempre.

— E depois? — pergunto baixinho. — O que acontece depois que o príncipe morrer? Euri vai estar livre?

Mais uma vez, a expressão sombria de Esteno me diz tudo o que preciso saber.

Sustento seu olhar.

— Ela é nossa irmã.

Algo por trás dos olhos de Esteno cede e, por um breve momento, vejo a dor que ela também deve ver estampada nos meus. O vislumbre desaparece tão rápido quanto surgiu.

— Ela *era* nossa irmã — corrige-me ela, com frieza. — Agora é a noiva do príncipe Maheer.

Então, sem dizer mais nada, Esteno se levanta, reúne as dobras delicadas de sua túnica cor de lavanda e vai embora do jardim.

IV

TENHO SONHOS VIOLENTOS naquela noite.

No primeiro, encontro meu pai no grande salão, mas uma versão dele que eu nunca tinha visto antes. O deus sentado diante de mim em um trono claro de madeira encontrada na praia tem a pele cinzenta e escamosa e olhos que ardem em um amarelo tétrico. Sua longa barba branca está emaranhada, as vestes esfarrapadas são costuradas com algas verdes ressecadas. Embora permaneça inerte, há uma selvageria assustadora em sua figura. Percebo que essa criatura primordial é o meu pai antes de alterar sua verdadeira aparência para se tornar mais aceitável ao culto humano. Ele não diz nada enquanto me observa, mas não preciso de palavras para saber que a fúria e o poder ancestral que ele exala são mais do que capazes de me ferir. Quando meu pai se levanta, não hesito. Dou meia-volta e corro até chegar a um corredor vazio.

Na outra ponta está Maheer.

O príncipe veste a mesma túnica preta refinada, ainda sorrindo com exagero enquanto me avalia. Ele me olha de cima a baixo, e sua expressão se torna zombeteira.

Eu nunca teria escolhido você. Ouço sua voz dentro da minha cabeça, embora os lábios dele permaneçam imóveis. *Ninguém jamais escolheria você*.

Eu me viro depressa, fechando os olhos com força. Quando os abro de novo, o corredor desapareceu, e estou à beira da ilha, a poucos centímetros da água.

— *Meddy!*

Até nos meus sonhos, Euríale é linda. Fico surpresa ao constatar, enquanto ela se aproxima de mim pelas dunas de areia, que a coroa de cobre sobre seus cabelos lhe cai bem. Ela é uma rainha de verdade, sorrindo para mim, com a expressão cheia de uma esperança dolorosamente luminosa. Ela não vê o leão vindo logo atrás, com os dentes brancos como osso à mostra.

Corra. Sinto a palavra se formando em minha boca, mas fica presa ali. O pânico cresce no meu peito à medida que o leão se aproxima. Tento apontar, alertar minha irmã, mas ela não percebe.

Corra, quero gritar. *Corra.*

Euríale ainda está sorrindo para mim quando o leão ataca. O corpo dela sucumbe sob o peso da fera. Vejo seu pescoço se partir quando o animal dilacera o corpo dela conforme eu permaneço imóvel. Uma dor terrível me domina ao ver minha irmã morrer, e, então, por baixo da angústia, surge uma fúria impetuosa — por não poder fazer nada; por ser impotente; por sempre ter sido impotente. Seja qual fosse o poder que me mantinha presa, ele afrouxa, e um grito longo e áspero dilacera minha garganta.

A última coisa que vejo enquanto a visão desvanece é o leão me encarando, com algo nos olhos cor de ouro velho que se assemelha a piedade.

* * *

Não lembro quantos anos eu tinha quando comecei a caminhar pelas praias da ilha.

O que sei, ao despertar na manhã seguinte em um emaranhado de cobertores e lençóis suados, é que o impulso de ir até a orla parece mais um velho instinto do que uma decisão consciente. Os músculos dos meus ombros relaxam enquanto avanço devagar por uma linha invisível ao longo da costa, concentrada na pressão dos dedos dos pés contra a areia fria e úmida. A maré lambe meus tornozelos, e olho para o leste, além da arrebentação, para o ponto onde o mar se torna uma imensidão azulada e constante. Não é a primeira vez que encaro aquelas profundezas, imaginando até onde eu conseguiria nadar antes de ser dominada pelo cansaço. Estou tão absorta nessa divagação que não percebo quando outra pessoa se aproxima.

— Imaginei que encontraria você aqui.

Olho para trás, apreensiva. Euríale avança em minha direção pelas dunas de areia, os dreads pretos soprados por uma leve brisa. Ela não está usando uma coroa de cobre, como no meu sonho, mas a semelhança da cena é tão marcante que olho para trás dela, quase esperando ver um leão. Ela interpreta mal a ansiedade no meu rosto, e seu sorriso se torna irônico quando para diante de mim.

— Não faça essa cara de surpresa — diz, franzindo os lábios. — Você não é a única que gosta de caminhar nesta praia.

É verdade. Posso não me lembrar da idade que tinha quando comecei a explorar a orla da ilha, mas me lembro de que Esteno e Euríale sempre caminhavam comigo naquela época. Foram elas que me mostraram onde encontrar os cavalos-marinhos

escondidos nas poças da maré, onde procurar siris-azuis e pedrinhas de vidro do mar. Como se pudesse ler meus pensamentos, Euríale assente satisfeita antes de se sentar no chão e dar tapinhas no lugar ao seu lado.

— Sabe, a primeira vez que Esteno e eu a trouxemos para caminhar aqui foi porque não tivemos escolha — revela ela, observando o mar aberto enquanto eu me sento ao seu lado. — Nossa mãe estava com uma daquelas "dores de cabeça", e você estava impossível, então ela mandou a gente resolver. Viemos para cá e decidimos que iríamos ensinar você a nadar.

Reviro os olhos, depois sorrio.

— Que bela ideia. O que poderia dar errado?

— Nós também éramos crianças — responde Euríale, na defensiva. — E parecia uma ideia bem razoável na época.

Olho para ela, intrigada.

— E como foi?

— Ah, Esteno jogou você direto no mar — recorda Euríale, animada. — Foi assim que aprendemos também.

Franzo a testa.

— Você se saiu bem no começo — continua ela. — Primeiro se debateu bastante e jogou água para todo lado, mas logo se estabilizou. Esteno e eu ficamos bem impressionadas, na verdade.

O sorriso dela desaparece.

— Mas aí você foi pega por uma das correntes e puxada para o mar aberto. Naquela época, não sabíamos direito que você era mortal. Achamos que estava só brincando quando gritou pedindo ajuda. Se Esteno não tivesse percebido e ido atrás de você a tempo… — balbucia ela, depois baixa o olhar, envergonhada. — Foi quando percebi que você não era igual a nós, que precisávamos ter mais cuidado com você.

Mordo o lábio inferior, desconfortável. Nunca tinha ouvido essa história, mas consigo me lembrar de outras muito parecidas. A vida inteira, minhas irmãs tiveram o cuidado de me fazer sentir incluída, como se a minha mortalidade fosse apenas uma diferença superficial entre nós. Às vezes, porém, essa diferença se tornava impossível de ignorar.

Olho para as nuvens no céu, procurando um jeito de mudar de assunto.

— Não consegui falar com você ontem, depois do pedido oficial do príncipe

Maheer — digo, com cautela. — Parabéns.

— Obrigada.

Talvez seja só impressão, mas algo parece mudar em Euríale. Ela continua sentada com a postura perfeita, suntuosa e elegante como a rainha que em breve será, no entanto, percebo uma emoção que não consigo decifrar em seus olhos. Como ela não diz mais nada, tento de novo.

— Alguns meses atrás, você disse que estava ansiosa para ficar noiva. Está animada para se casar com Maheer?

— Estou animada para ir embora desta ilha — responde Euríale, com uma risada sonora. E, como a conheço a vida inteira, consigo perceber que não é genuína. Tem algo de forçado ali.

— Mas você também será feliz como rainha — insisto. — Não era isso que você queria?

O rosto da minha irmã se torna impassível.

— Acho que sim.

— Euri, se você não quiser se casar com o príncipe…

— O que eu quero não importa, Meddy — interrompe Euríale, os lábios franzidos em uma linha firme. — Já foi decidido. O príncipe Maheer é um bom partido para mim, e este casamento é bom para a nossa família. Eu deveria me considerar sortuda por ele ter me escolhido como esposa.

— Mas…

— Eu não quero mais falar disso.

Seus olhos escuros faíscam e, por um momento, vejo em minha irmã a imagem exata da nossa mãe. Estendo a mão para ela, mas algo chama minha atenção. O rasgo no decote da túnica azul de Euríale é pequeno, quase imperceptível. Quando me aproximo, porém, vejo os respingos dourados inconfundíveis e já secos no maxilar de minha irmã.

— Euri… isso é sangue?

Ela arregala os olhos quando percebe o que vi. Então se levanta, abraça o próprio corpo e fica de costas, escondendo tanto o sangue quanto o rasgo na túnica.

— Não. Não é nada.

Faço uma careta. Euríale nunca foi uma boa mentirosa.

— Foi nossa mãe? — pergunto, cheia de raiva conforme me levanto. — Ela estava bebendo? Ou…

Euríale apenas me olha feio.

— Já disse que não é nada.

Empertigo os ombros, obrigando minha irmã a me encarar.

— Se você não me contar, eu vou falar com a Esteno.

Ela me observa por um bom tempo, como se avaliasse se deveria levar a ameaça a sério, e por fim se encolhe, parecendo ter perdido a coragem. Mal olha para mim.

— Não foi nossa mãe.

— Foi nosso pai?

Euríale faz que não.

— O príncipe Maheer me encontrou na noite passada. Ele tinha bebido. Pediu que eu fosse aos aposentos dele, e eu recusei. Não me pareceu apropriado ficar sozinha com ele antes de estarmos casados — explica, e então faz uma pausa. — Ele… não gostou disso.

Consigo ouvir a voz de Esteno me lembrando de que todos os homens são cruéis, só que alguns sabem esconder melhor, e ainda assim lanço um olhar incrédulo para Euríale.

— Ele bateu em você por causa disso? Rasgou a sua túnica?

— Foi só uma vez — murmura ela. — E ele pediu desculpas no mesmo instante. Acho que não era a intenção dele. E ainda prometeu mandar fazer túnicas novas para mim quando voltarmos para o reino dele… *nosso* reino.

Eu a observo, boquiaberta, enquanto uma verdade terrível se impõe. Euríale é imortal, eternamente jovem, eternamente perfeita. Eu vi com meus próprios olhos o que aconteceu quando nossa mãe atirou aquele cálice nela. Vi o lábio partido se curar em segundos, sem deixar vestígio algum da ferida nem da violência que a causou. Agora eu sei o tipo de vida que aguarda minha irmã. Se o príncipe Maheer ousa bater nela agora, antes mesmo de se casarem, a tendência é só piorar. Sei que ele baterá nela muitas outras vezes e que o rosto de Euríale jamais revelará sequer um indício da barbárie dele. Maheer é mortal e acabará morrendo um dia, mas pensar na minha irmã sofrendo com esse tipo de tratamento por algumas décadas que sejam me faz cerrar os punhos. A raiva que me dominou antes agora corre quente pelas minhas veias, aquecendo todo o meu corpo. Eu me imagino encontrando o príncipe Maheer e dando um soco na cara dele com toda a força que tenho, antes de perceber que isso não mudaria nada. Mais uma vez, não há nada que eu possa fazer. Mais uma vez, estou impotente, assim como Euríale.

— Você não pode se casar com ele — digo em voz baixa. — Você não pode se casar com um homem que bate em você, Euri. Se nossos pais souberem disso, com certeza eles…

— Não fariam nada — interrompe Euríale, e, apesar de pronunciar as palavras com calma, há uma amargura intensa em sua voz. — Acha mesmo que nosso pai se importa com o que Maheer fará comigo depois do casamento? Acha que ele permitiria que qualquer coisa impedisse essa união? Eu tinha a esperança de me casar com alguém gentil, mas se Maheer não é assim, então…

Ela suspira.

— Pelo menos, o casamento vai servir para me tirar dessa ilha detestável.

Algumas vezes, cheguei a pensar que Euríale, com sua voz suave e riso fácil, fosse a mais gentil de nós três. Agora acho que talvez seja a mais forte. Ela me segura pelos ombros, obrigando-me a sustentar o olhar dela.

— Fique feliz por mim, Meddy. É tudo que peço. Por favor.

Olho de relance para o rasgo na túnica dela, para o sangue dourado salpicado ali, depois volto a encarar seus olhos. Reconheço o desespero estampado neles, porque eu mesma já o senti. Euríale avaliou o preço de se libertar deste lugar e julgou que valia o sacrifício.

Eu me pergunto que preço *eu* estaria disposta a pagar por essa mesma liberdade.

— Por favor, Meddy — sussurra Euríale. — Eu vou ficar bem. Prometo. Assim que estivermos casados e eu der alguns filhos homens para Maheer, tenho certeza de que não vou precisar interagir tanto com ele. Basta olhar para nossos pais. Os dois mal se falam.

Essas palavras não me trazem muito conforto.

— Eu vou ser rainha — acrescenta ela com um sorriso, como se tentasse animar a si mesma. — Terei meu próprio palácio para fazer o que bem entender. Nossa mãe não estará lá para me incomodar, e vou poder beber vinho e comer bolinhos de mel o dia inteiro se quiser.

Arqueio uma sobrancelha.

— Mas você já não faz essas duas coisas aqui?

Ela me dá um tapa de leve e ri, depois me puxa para um abraço tão apertado que me deixa sem fôlego.

— Você vai me visitar — sussurra entre meus dreads —, não vai?

— Claro que sim. Se nossos pais permitirem.

Ela me abraça ainda mais forte, então eu a envolvo de volta e retribuo.

Sei, bem lá no fundo, que Euríale tem razão. Tudo *vai* ficar bem.

Assim como sei que farei tudo o que estiver ao meu alcance para impedir o casamento da minha irmã.

V

OS CORREDORES DO NOSSO palácio estão silenciosos e tranquilos naquela noite enquanto sigo até os aposentos do príncipe Maheer.

Já é tarde, o ar está úmido e denso com a promessa de uma tempestade de verão. A cada poucos passos, hesito, esperando dar de cara com algum escravizado, mas os corredores estão todos vazios. Estou sozinha. Respiro fundo e solto o ar bem devagar, tentando me manter calma enquanto uma pequena bolsinha de pano bate contra o meu quadril. Já revisei meu plano mais de uma vez, ensaiei as palavras dezenas de vezes, mas isso não impede o tremor nas minhas pernas nem o suor que se acumula na nuca. Engulo em seco e me lembro do motivo de estar ali.

Por Euri. Por ela, você consegue.

Chego à porta dos aposentos de Maheer e bato de leve. Sinto o coração acelerar quando, segundos depois, a porta se abre e o próprio príncipe surge.

— O que é isso? — pergunta, me olhando de cima a baixo. — Eu não chamei nenhum escravo.

Ele não me reconhece, percebo. De certo modo, faz sentido. Estou vestindo apenas uma túnica modesta, na altura da panturrilha, e meus dreads estão soltos sobre os ombros. Pelo cheiro, deduzo que o príncipe andou bebendo.

Inclino a cabeça em reverência.

— Sou irmã da sua noiva — murmuro. — Vim falar com o senhor, em particular.

Ergo o rosto e vejo que só então o príncipe me reconhece. Ele sorri.

— Ah, sim, claro. Por favor, entre.

Meu pai destinou a terceira maior ala da nossa casa ao príncipe Maheer, aposentos decorados com lençóis de seda fina e peles grossas de animais espalhadas sobre o piso de mármore. Sigo o príncipe para dentro enquanto ele desaba em uma das poltronas e se espreguiça como um gato. Percebo que há uma jarra de vinho quase cheia sobre uma mesa próxima.

— Sente-se — ordena ele, apontando para o sofazinho à minha frente.

Obedeço, e ele me oferece um sorriso lânguido.

— Eu trouxe um presente — começo. — É…

— Espero que seja um vinho melhor. A porcaria que o último escravo trouxe tem gosto de mijo fermentado.

Faço o possível para disfarçar o espanto. Agora que o casamento está confirmado, parece que o príncipe abandonou por completo qualquer vestígio de cavalheirismo. Mantenho a expressão neutra, a cabeça baixa.

— Não trouxe vinho, meu príncipe, mas trago outra coisa.

Preciso me esforçar para que minhas mãos não tremam enquanto tiro o saquinho de dentro da bolsa. Os olhos do príncipe se voltam para ele com interesse e se arregalam quando puxo uma única safira azul. É do tamanho de uma uva e emite um brilho intenso à luz das velas.

Maheer fica boquiaberto.

— Pelos deuses — diz, em voz baixa. — Isso é magnífico. Onde, em nome dos céus, você arranjou essa joia?

— As praias vivem cheias de tesouros trazidos pelo mar. Eu coleciono.

Não é de todo mentira. Eu de fato coleciono objetos estranhos que às vezes aparecem na costa na ilha, mas não foi assim que consegui as joias. Na verdade, roubei todas da minha mãe, certa de que ela não sentiria falta de algumas entre as inúmeras que acumulou ao longo de séculos. Ainda assim, o príncipe parece acreditar em mim, pois continua examinando a safira.

— Posso trazer outras — acrescento depressa, antes que Maheer perca o interesse. — Mas preciso que faça algo por mim.

O príncipe desvia o olhar da safira e torna a me encarar. Fico desanimada ao perceber que ele agora parece entretido com a situação.

— E o que seria?

Respiro fundo antes de responder.

— O senhor deve retirar sua proposta de casamento à minha irmã.

Fico satisfeita ao ver ao menos um lampejo de surpresa no rosto do príncipe. Fosse lá o que ele esperasse que eu dissesse, não era isso.

Ele se endireita, franzindo a testa.

— Por que eu faria uma coisa dessas?

Porque você é um homem desprezível e monstruoso. Baixo a cabeça, fingindo tristeza.

— Eu amo minha irmã. Se o senhor se casar com ela, vamos ficar muito longe uma

da outra. Tenho medo de nunca mais ver Euríale.

Quando ergo o rosto, percebo um leve brilho de divertimento nos olhos do príncipe. Ele me encara com pena, o que me faz odiá-lo ainda mais.

— Seu amor por Euríale é comovente — diz ele. — Mas o casamento é o dever sagrado de uma mulher, só não é maior do que a maternidade. Você realmente negaria isso à sua irmã?

Não é a primeira vez que sinto uma pontada de culpa. Por mais que eu ache o príncipe Maheer repugnante, sei que ele tem um pouco de razão. Se meu plano der certo, vou negar a Euríale algo que sei que ela deseja, ao menos em parte. Não quero imaginar o que ela diria se algum dia descobrisse que estive aqui, se soubesse o que estou tentando fazer.

É para o bem dela, tento me convencer. *É para mantê-la segura.*

Engulo a culpa e volto a encarar o príncipe Maheer.

— Eu só quero que ela fique aqui mais um pouco. Só preciso de um tempinho a mais.

E talvez, com mais tempo, Euríale receba uma proposta de casamento melhor.

— Não é o que todos queremos? — murmura o príncipe.

Levanto a safira.

— Então, o senhor vai aceitar a joia e dizer ao meu pai que não deseja mais se casar com Euríale?

Em vez de responder, o príncipe se inclina para a frente e pega a gema da minha palma, examinando-a mais de perto. O esboço de um sorriso levanta o canto de seus lábios.

— Isso está mais para um suborno do que um presente — reflete ele em voz alta. — Se o seu pai descobrisse…

— Por favor, não conte a ele — peço, incapaz de conter o pânico na minha voz. — Ele jamais pode descobrir. Por favor.

Um sorriso estranho surge no rosto do príncipe. Ele coloca a safira sobre a mesa entre nós e me lança um olhar curioso.

— E o que você me daria em troca do meu silêncio?

Tiro um rubi da bolsa e o coloco sobre a mesa, ao lado da safira.

Os olhos do príncipe permanecem vidrados em mim.

— *O que mais?*

A pergunta me confunde.

— Eu… Eu não trouxe nada além das gemas — admito. — É tudo o que tenho a oferecer. Mas sei, pelos meus pergaminhos, que elas valem muito.

O príncipe Maheer se levanta, atravessa o quarto, serve-se de mais vinho e dá um longo gole. Só depois de esvaziar o cálice ele volta a me encarar. Em seu olhar há um brilho diferente que me deixa inquieta.

— Não contarei nada disso ao seu pai — responde ele, gesticulando para mim e para as duas gemas. — Mas não posso aceitar sua oferta.

Meus batimentos aceleram. Olho para a safira e o rubi ainda sobre a mesa, depois torno a encarar o príncipe, confusa.

— Mas eu pensei que…

— São lindas joias — concorda o príncipe Maheer. — Mas minhas terras são conhecidas por terem uma grande quantidade de pedras preciosas incrustadas na rocha natural, sabia? Meu povo as extrai, depois as vende aos gregos, aos egípcios e a qualquer um que esteja disposto a pagar por elas. Obviamente, sempre fico com as melhores. Portanto, não preciso dessas duas.

Sinto todo o sangue fugir do meu rosto.

— O que eu *preciso* é de uma esposa de origem respeitável — continua o príncipe Maheer. — Euríale é bonita o bastante e filha de dois formidáveis deuses do mar. Acho que ela servirá muito bem.

Minha cabeça começa a latejar à medida que as palavras dele se assentam. *Ridícula*, diz uma voz dentro de mim. *Que ideia ridícula.*

O príncipe Maheer dá um passo em minha direção e inclina a cabeça.

— Qual é o seu nome mesmo?

— Meddy, meu príncipe.

— Meddy… — repete ele. — É um nome estranho.

— É como minhas irmãs me chamam — explico em voz baixa. — Meu nome verdadeiro é Medusa.

Ele pega outro cálice de uma mesa próxima, enche de vinho até a boca e me oferece.

— *Beba*, Medusa.

Sou inteligente o bastante para entender que não é um pedido. Atravesso o aposento, pego o cálice e o levo aos lábios, tomando cuidado para beber apenas um gole. Quando o abaixo, vejo que o príncipe se aproximou ainda mais. Com delicadeza, ele segura um dos meus dreads e olha para mim do mesmo jeito que fez no jardim

ontem.

— Quantos anos você tem, Medusa? — pergunta, sem tirar os olhos do meu dread.

— Dezessete.

Eu me afasto um pouco, mas ele se aproxima novamente.

— Dezessete — repete o príncipe, assentindo. — E você já começou a sangrar todos os meses?

Eu me remexo, desconfortável. Só falei do meu sangue mensal com minhas irmãs.

— Sim — admito. — Comecei há três anos.

O príncipe Maheer solta meu dread e me olha nos olhos.

— Então você é uma mulher — murmura. — Mas vejo que seu corpo ainda não se desenvolveu por completo.

Dou mais um passo para trás.

— Você me entendeu mal — acrescenta, com um sorriso nos lábios enquanto diminui a distância entre nós, se recusando a se afastar de mim. — Não é algo ruim. Na verdade, eu prefiro o corpo de uma mulher antes da mudança.

— O senhor vai se casar com a minha irmã.

Não consigo evitar o tremor na voz. Dou um terceiro passo para trás, consciente de que estou prestes a encostar na parede. Maheer também deve ter percebido, pois quando se aproxima mais uma vez, não tem a menor pressa.

— No meu reino, não é incomum que os homens tenham várias esposas — diz ele, dando um longo gole no cálice. — Euríale é bela e imortal. Será uma excelente rainha para mim. Mas *você*… — Sua voz ganha um novo tom, mais rouco. — Você tem a idade que eu gosto.

Estico a mão livre para trás e meus dedos tocam a parede. Os pelos da minha nuca se arrepiam quando o príncipe leva a mão à própria virilha, e só então percebo um volume ali.

— Tire a roupa — ordena ele, já sem o charme de antes, com os olhos vazios, inexpressivos. — *Agora*.

— Eu…

Qualquer palavra que eu pudesse dizer morre na garganta.

Ridícula. Que ideia ridícula.

Não vim aos aposentos do príncipe desarmada. Depois do que Euríale me contou pela manhã, fiz questão de esconder uma das pequenas facas de entalhar de Theo na

bolsa, junto das pedras preciosas. Mas agora a faca está do outro lado do quarto, inútil. Percebo tarde demais que era melhor a ter mantido comigo. Sei que eu deveria estar com medo. Por estar sozinha com um homem que me olha como um predador; por não saber o que vai acontecer. Mas o medo não vem. No lugar dele, uma raiva familiar incendeia minha pele.

Impotente. Sempre fui impotente.

Por toda a minha vida, fui vítima de uma forma ou de outra. Nunca tive a capacidade de me proteger. Nunca soube lutar, apenas fugir.

Meus olhos disparam até a porta, e o príncipe Maheer acompanha o movimento. Acontece rápido demais. Ele chega mais perto e apoia as mãos de cada lado da minha cabeça, de modo que eu fique presa entre ele e a parede. O cheiro do vinho e do perfume de especiarias invade meus sentidos, e a razão me abandona. Golpeio a lateral da cabeça do príncipe com meu cálice ainda cheio, e ele urra de dor, cambaleando para trás. Eu escapo assim que surge uma brecha, tateando a parede enquanto procuro a melhor forma de me esquivar sem ficar ao alcance dele. Maheer pisca várias vezes e então me encara, os dentes à mostra. Vinho tinto escorre de seus cabelos encharcados.

— Sua *vadia*! — rosna ele. — Sua idiota, coisinha feia… Meus olhos! — berra em seguida, tomado por um novo pânico, enquanto os fecha com força. — O que você fez com eles?

Fico ali, paralisada pela confusão, conforme o príncipe começa a pressionar os punhos contra as órbitas dos olhos e uivar de dor, com o corpo curvado para a frente. Deve ter entrado vinho. Ele sacode a cabeça repetidas vezes, como um cachorro molhado.

— Está ardendo! — grita. — Meus olhos estão queimando… *me ajude*!

Meu olhar se volta para a jarra de água sobre outra mesinha próxima, mas eu não me movo. Não reconheço de imediato o sentimento que está crescendo dentro de mim, mas é algo quase tranquilizador. Pela primeira vez, percebo: não me sinto impotente.

— Sua vadia idiota!

Maheer fecha os olhos com força outra vez. Ele tateia ao redor, os braços se debatendo e se esticando sem rumo. Vou me afastando pela parede, cada vez mais longe dele. Sei que posso passar por ele e alcançar a porta. Só preciso escolher o momento certo.

— Vou matar você! — berra ele. — Vou mandar te açoitarem. Eu vou…

Maheer dá um passo para trás e tropeça em uma das peles de animal espalhadas pelo chão, perdendo o equilíbrio. Na mesma hora, eu entendo o que vai acontecer. O príncipe desaba de costas e bate com a base do crânio na quina da mesa. Ouço um estalo terrível, o som nauseante de madeira e osso se partindo, e então vejo a breve surpresa nos olhos de Maheer quando eles se abrem. O corpo dele desaba no chão, e eu puxo o ar quando o sangue rubro começa a se espalhar ao redor da cabeça. Os segundos se passam, mas não ouso sequer respirar.

— Maheer?

O príncipe bastardo não se mexe. Seus olhos ainda estão abertos, mas agora fitam o teto, imóveis e vidrados. Chego mais perto, cutucando o pé descalço dele com minha sandália.

— Príncipe Maheer?

Recebo apenas silêncio como resposta.

Não sei quanto tempo fico ali, encarando o corpo de Maheer enquanto ele enrijece e perde a cor. Apesar de saber que ele está morto, o alívio que espero sentir não vem. Maheer era cruel, disso não tenho dúvida, mas a morte dele me afeta mais do que eu imaginava. Serve como um lembrete perturbador de que nós dois tínhamos história parecidas. Ele era filho de um deus Olimpiano, e isso pouco importou. A morte o encontrou mesmo assim. E ela poderia vir atrás de mim com a mesma facilidade. Fecho os olhos e imagino minhas irmãs *me* encontrando morta, encontrando *meu* corpo em uma poça de sangue como esta. Fico com a boca seca, e, só então, começo a entrar em pânico de verdade. Se alguém ouviu os gritos de Maheer, ou o barulho da queda…

Preciso sair daqui.

Algo se agita no fundo da minha mente, mas mal presto atenção enquanto recuo. Deslizo ao longo das paredes do aposento, meu olhar fixo no corpo de Maheer, até tatear a maçaneta da porta.

Em seguida, fujo para a escuridão.

VI

OS ESCRAVIZADOS ENCONTRAM o corpo de Maheer na manhã seguinte.

Estou na cama, fingindo dormir, mas sei o exato momento em que acontece. Há uma sequência de gritos, o som apressado de passos. O estranho incômodo no fundo da minha mente, aquele que me dá a sensação de ter esquecido algo importante, permaneceu comigo durante toda a noite enquanto eu me revirava de um lado para o outro. Mas ainda não consigo identificar o que é. E essa não foi a única coisa a me manter desperta. Por horas, revivi o que aconteceu nos aposentos de Maheer; por horas, o eco das palavras dele rastejou por minha pele feito uma centopeia.

Você tem a idade que eu gosto.

Mesmo agora, a lembrança do cheiro do príncipe me dá vontade de vomitar. Ele me prendeu contra a parede por um breve instante, mas o pior de tudo foi quando tocou meu cabelo. Lavei as mechas com todo o cuidado depois de voltar para o quarto, e ainda assim o rastro do cheiro dele perdura no meu nariz. Mais de uma vez, pensei em procurar Esteno, como fazia quando era criança, depois de um pesadelo. Quis me enfiar na cama dela e me encolher junto ao seu corpo enquanto ela me abraçava e dizia que tudo ficaria bem. No fim, entendi que contar à minha irmã só tornaria tudo pior. Então continuei na minha própria cama.

Ao longe, alguém eleva a voz. Deve ser meu pai. Escuto o som de cerâmica estilhaçada, depois outro rugido furioso. Por fim, quando não aguento mais, eu me visto e sigo para o grande salão.

* * *

Um pequeno grupo de escravizados já está reunido no centro do salão, assim como meus pais e minhas duas irmãs. De imediato, vejo a primeira vítima da manhã: um grande vaso de barro, que retratava um belo emaranhado de flores pretas e brancas, agora jaz espalhado em minúsculos cacos pelo chão. Meu pai está de pé ao lado dele,

uma fúria palpável irradiando de todo o seu corpo. O desconforto se enrosca ainda mais dentro de mim, e tomo o cuidado de ficar o mais afastada possível. Por vários segundos, ninguém diz nada.

— Fórcis.

Minha mãe soa agitada. Ela massageia a têmpora com força e parece estar apenas parcialmente vestida. Pelo leve arrastar das palavras, suspeito que ainda esteja lidando com as consequências da noite anterior.

— O que está acontecendo? — pergunta. — O que houve?

Todos os olhares no salão se voltam para meu pai.

Embora ainda esteja furioso, demonstra certa resignação ao respirar fundo, com a testa franzida quando se dirige à minha mãe.

— Houve um incidente envolvendo o príncipe Maheer — responde, a contragosto. — Ele está morto.

Os escravizados que encontraram o corpo de Maheer já sabiam. Mas a maioria solta um arquejo de espanto. Os membros da comitiva do príncipe Maheer caem de joelhos na mesma hora. Começam a gritar, os ombros tremendo enquanto choram e cobrem o rosto. Só eu estou perto o bastante para ver que, na verdade, não estão derramando uma única lágrima. Minha mãe entreabre os lábios de surpresa, Esteno se enrijece, mas eu me concentro em Euríale.

Ela está com os olhos arregalados.

— Morto? — repete, em voz baixa. — Mas como?

— Não tenho certeza — admite meu pai. — Ele foi encontrado no chão do quarto esta manhã. Acredito que tenha sido um acidente. Talvez tenha caído.

Recordo o som dos gritos de Maheer, o ruído terrível que o crânio dele fez ao se chocar contra a madeira entalhada e impiedosa. Um suor frio brota na minha pele, me fazendo estremecer. Por sorte, ninguém parece notar.

— Que tragédia — diz minha mãe, entrelaçando as mãos. — Ele era tão jovem, tão bonito.

Esteno se vira para nossa irmã.

— Euri, você está bem?

Ao ouvir o próprio nome, Euríale se sobressalta e estremece. Ela se abraça com força enquanto uma lágrima espessa escorre por sua bochecha, depois outra. O queixo treme.

— Morto — repete. — Ele está… morto?

Minha irmã parece cambalear por um instante, depois cai de joelhos, soluçando.

Eu me encolho como se alguém tivesse enfiado uma adaga no meu peito e a torcido. Sei que Euríale não lamenta a morte de Maheer. Ela chora pela vida que o casamento com o príncipe prometia trazer. Ontem, ela fantasiou com a realeza, com uma nova vida longe desta ilha e do alcance dos nossos pais. Por um único dia, teve esperança de algo melhor. Agora, perdeu tanto o noivo quanto essa esperança de uma só vez. Sei que *eu* sou responsável por essa perda. *Eu* sou responsável pela dor dela.

Melhor do que a dor que ela sentiria se tivesse se casado com ele, rebate uma voz interna, feroz. *Foi para o bem dela.* Agarro-me a essa justificativa com uma força sufocante.

— Levem Euríale de volta ao quarto e deem uma bebida para ela se acalmar — ordena minha mãe a suas ajudantes. — Estarei lá em breve.

Depois que elas acompanham Euríale para fora do salão, minha mãe se dirige ao meu pai.

— O que isso significa? — pergunta em voz baixa. — Para nós?

Meu pai balança a cabeça.

— Não sei.

Observo, ainda entorpecida, enquanto os dois deixam o salão lado a lado. Os escravizados saem pouco depois. Só quando Esteno e eu ficamos a sós é que ela enfim se vira para mim.

— *Você* teve algo a ver com isso — murmura.

Eu a encaro, alarmada.

— O quê? Do que você está…

Ela me interrompe com um gesto impaciente.

— Não minta. Eu vi a cara que você fez quando nosso pai disse que Maheer estava morto. Não ficou nem um pouco surpresa. Está inquieta desde o momento em que entrou no salão.

Não sei dizer se ela parece mais irritada ou preocupada.

— E é minha irmã caçula. Eu *conheço* você e sei quando está escondendo alguma coisa.

Baixo a cabeça, reconhecendo uma batalha perdida. Esteno cruza os braços.

— Fale a verdade.

— F-foi um acidente — gaguejo. — Eu não pretendia matar o príncipe. Só queria oferecer um suborno.

Uma das sobrancelhas de Esteno se ergue.

— Pelo visto, seu plano deu muito errado.

— Você tinha razão — admito, e as palavras saem atropeladas. — Maheer era cruel, Esteno. Ele machucou Euríale. Teria machucado de novo, então fui ao quarto dele ontem à noite…

Os olhos de Esteno faíscam.

— Você fez *o quê?*

— Tentei pagar para que ele retirasse a proposta de casamento — continuo. — Ele recusou, e então…

— E então? — insiste ela.

Conto o resto depressa. Quando termino, Esteno está carrancuda.

— Ele machucou você? — pergunta em voz baixa. — Diga a verdade.

Hesito um pouco. Maheer não me feriu, já que eu o impedi a tempo, mas penso no momento em que fiquei prensada entre ele e a parede. O fedor dele, as palavras que disse e o jeito como me olhou ainda estão frescos na minha memória. Eu não sabia o que o príncipe Maheer pretendia fazer comigo, mas, fosse o que fosse, ele não conseguiu. Eu me apego a isso.

Ele não chegou a te machucar, digo a mim mesma. *Você está bem. Não tem por que deixar Esteno ainda mais preocupada.*

— Não — respondo, sustentando o olhar da minha irmã. — Ele não me machucou. Consegui escapar antes que conseguisse.

Ela me observa por um bom tempo, depois assente.

— Fico feliz que ele esteja morto — diz, apenas. — Ao que tudo indica, era um bruto bêbado e cruel. Mas foi um descuido. Você deveria ter vindo até mim.

Não consigo conter o tremor na voz.

— Esteno… eu não queria que isso acontecesse, de verdade. Nunca tive a intenção…

— Sua intenção não importa agora — rebate ela, séria. — Um semideus morreu. Não conte a ninguém o que acabou de me falar, está me ouvindo? Deuses já aplicaram punições severas por muito menos.

Sinto o medo contorcer meu estômago enquanto os olhos se enchem de lágrimas.

— Esteno, o que fazemos agora?

— A única coisa que nos resta — responde ela, solene. — Esperar.

APÓS A MORTE DO PRÍNCIPE Maheer, uma melancolia recai sobre nossa ilha. A tempestade de verão enfim deságua, trazendo céus cinzentos como ferro e um ar denso de umidade. Penso em Zeus sempre que um relâmpago risca o céu, afiado feito uma lâmina.

Na manhã seguinte, acordo e descubro que todas as minhas túnicas brancas foram substituídas por pretas. Devemos nos juntar a Euríale em um período de luto por aquele que teria sido seu marido.

A comitiva do príncipe Maheer acomoda o corpo no navio e retorna ao seu lar alguns dias depois, apesar do tempo agourento. Não me surpreendo ao ouvir um dos escravizados da ilha cochichar que eles não levaram o leão embora, insistindo com veemência que o animal havia sido um presente. Fico aliviada ao ver a comitiva partir. A imagem do cadáver ensanguentado de Maheer assombrou os meus sonhos. Apesar de tudo, as coisas não voltam ao normal depois da partida deles. As chuvas torrenciais ficam cada vez mais intensas e a tensão da ilha parece acompanhar esse avanço. Ninguém admite em voz alta, mas todos estão à espera de algo, uma tempestade de outra natureza, impossível de avistar no horizonte, cuja aproximação sentimos no próprio ar que respiramos. Os dias se arrastam enquanto espero. Penso em procurar Theo, mas hesito em confiar no meu melhor amigo. O aviso de Esteno permanece fresco na minha memória, e sei que ela tem razão. Não posso contar a verdade e correr o risco de que a culpa respingue nele. Por fim, tomo a decisão dolorosa de evitá-lo.

Nos sete dias seguintes à morte de Maheer, a ansiedade se alastra pela ilha. Nossos salões ficam silenciosos à medida que a impaciência e a irritação aumentam. Meu pai quebra mais peças de cerâmica e arranca tapeçarias das paredes em acessos aleatórios de raiva. Minha mãe desconta nos escravizados, que, por sua vez, descontam uns nos outros. É como se todos nós sentíssemos que, seja qual for a desgraça à espreita, ela está cada vez mais próxima. Talvez seja por isso que ninguém fica surpreso quando, no oitavo dia, um escravizado entra correndo no grande salão, ofegante e de olhos arregalados, enquanto tomamos o desjejum.

— Perdão, senhor! — exclama ele, sem fôlego. — Perdão!

Meu pai o encara, alarmado.

— O que é isso? O que aconteceu?

O escravizado se esforça para falar, o peito arfante.

— Não fomos avisados. Não recebemos notícia de que ela viria. Ela simplesmente…

— Bom dia, Fórcis.

Meus olhos se voltam para a entrada do grande salão, assim como os do restante da minha família. Ali está uma mulher de pele clara que nunca vi antes. Ela é muito alta, e seus cabelos ruivos espessos, trançados ao longo das costas, lembram as brasas de uma fogueira. A túnica branca, na altura dos tornozelos, é impecável e lisa. Ela é linda, mas não é isso que chama a minha atenção. É a lança nas mãos dela. Tanto o cabo quanto a lâmina são dourados. Apesar de ter quase o mesmo comprimento do corpo da mulher, é empunhada como se fosse leve como uma pena. Agora entendo por que o escravizado estava tão aterrorizado. Apenas deuses e deusas portam esse tipo de confiança natural, e há algo inegavelmente formidável naquela figura. Ela não finge ser jovem, como tantas deusas com as quais cresci. Poderia estar na casa dos quarenta, talvez cinquenta anos. Ela inclina a cabeça na direção do meu pai, e percebo um desafio no gesto. Acho que sei quem é essa deusa. Meu pai se levanta tão depressa que os pés da cadeira arranham o chão.

— Atena — diz ele, com a voz estranhamente contida. — Que surpresa.

A deusa entra no salão com passos seguros, um leve sorriso no rosto, e para diante da nossa mesa.

— Perdão, eu vim tratar de um assunto urgente. Não tive tempo para enviar uma mensagem.

Olho para Theo do outro lado do salão, um dos responsáveis por servir o desjejum. Nós dois lemos sobre Atena nos pergaminhos, e, de repente, tudo o que sei a respeito dela vem à tona de uma só vez. Ela não é apenas uma Olimpiana. Está entre as mais importantes, a deusa da sabedoria, da guerra e do artesanato. Já ouvi até outros deuses da Corte do Mar sussurrarem que ela é a filha favorita de Zeus, quase uma princesa entre os Olimpianos. É conhecida por ser poderosa, inteligente e, acima de tudo, astuta.

Se ela não informou meu pai sobre sua intenção de nos visitar, sei que não foi por acaso.

— Estou aqui em nome do meu pai — prossegue Atena. — Chegou ao conhecimento dele que um bastardo mortal do meu irmão Ares morreu nesta ilha nos últimos dias, enquanto estava sob seus cuidados.

Meu pai continua de pé, observando Atena como um rato observaria uma cobra.

— O príncipe Maheer iria se casar com minha filha — responde ele, depois faz um gesto em direção a Euríale. — Ele morreu em um trágico acidente. Estamos de luto desde então.

— Seja como for — prossegue Atena, o tom ainda leve, quase casual —, a comitiva de Maheer contou uma história diferente para a mãe dele. Esse relato foi transmitido a Ares e, depois, a Zeus. Em circunstâncias normais, a morte de um mero mortal seria irrelevante, claro, mas Ares está furioso.

— Ares *sempre* está furioso — murmura minha mãe.

Atena finge não ouvir. Seus olhos prateados brilham.

— De todo modo, as circunstâncias em torno da morte do príncipe Maheer parecem… peculiares.

— Peculiares? — repete meu pai.

Atena assente.

— Ao que tudo indica, o príncipe Maheer foi encontrado no chão de seus aposentos, encharcado de vinho e sangue.

— Isso mesmo — confirma meu pai. — Parece que ele havia bebido.

— De fato — continua Atena. — Mas, ao que consta, foram encontradas duas taças de vinho no quarto dele. E também havia *isso*.

Ela enfia a mão na dobra da túnica e retira uma safira e um rubi. Sinto todo o ar se esvair dos meus pulmões e a causa daquela sensação incômoda no fundo da minha mente, enfim, se revela por completo.

— Pedras preciosas — explica Atena. — Bem maiores do que a maioria, e a comitiva de Maheer não se lembrava delas. Reconhecem alguma?

— São minhas — dispara minha mãe —, mas não faço ideia de como foram parar nos aposentos de Maheer.

— Deve entender a impressão que isso passa, Fórcis — prossegue Atena, ignorando minha mãe mais uma vez. — Nós, Olimpianos, podemos ser jovens pelos seus padrões, mas ainda seguimos a xênia e as antigas leis. — Ela lança um olhar significativo para ele. — Em especial, honramos a lei da hospitalidade.

Minha boca fica seca. A lei da hospitalidade é um princípio antigo de conduta que determina que um anfitrião deve oferecer certas garantias àqueles que visitam sua casa, incluindo segurança sob o seu teto. Meu olhar salta da minha mãe para o meu pai. Eles se entreolham, apreensivos.

— Maheer morreu enquanto era hóspede em sua casa — declara Atena, com as mãos entrelaçadas. — Na visão de Zeus, isso viola a lei da hospitalidade. Ele não está nada feliz.

A temperatura no salão parece despencar. Euríale, de quem só tive vislumbres na última semana, começa a chorar baixinho, escondendo o rosto nas mãos. Esteno apenas observa de seu lugar à mesa, com os lábios tensos e contraídos.

— Talvez devêssemos falar com mais franqueza — sugere minha mãe, com tom cortante, e desta vez sei que não há como Atena ignorá-la. — Qual é o seu objetivo aqui, Atena?

A deusa ergue o queixo.

— Para apaziguar Ares, Zeus deseja que a morte de Maheer seja investigada — anuncia ela —, a fim de determinar se foi, como vocês afirmam, um acidente.

— O que você está insinuando, afinal? — pergunta minha mãe, estreitando os olhos.

Meu pai lhe lança um olhar de advertência.

— Ceto…

Minha mãe se levanta.

— Existe um acordo entre os deuses. Você não deve entrar em nossos territórios sem convite. E agora o faz trazendo acusações caluniosas…

— Elas só serão *caluniosas* se ficar provado que são falsas — rebate Atena, com mais aspereza. — Mas, se vocês se recusarem a cumprir a ordem do meu pai, terei prazer em repassar a informação eu mesma.

Minha mãe e Atena se encaram por um longo minuto e, embora não troquem mais nenhuma palavra, sinto uma disputa de poder silenciosa se desenrolar entre as duas. Não sei por que as duas se odeiam, assim como não sei a que "acordo" minha mãe se refere. Embora ela nunca tenha nutrido grande apreço por nenhum Olimpiano, com exceção de Poseidon, sua aversão a Atena parece ter raízes mais profundas. Até meu pai parece perturbado. Apesar do meu desconforto, uma parte de mim está curiosa sobre a origem dessa inimizade. Alguns segundos se passam antes que minha mãe volte a se sentar, embora agora pareça ter chupado uma fatia de limão. Sei por que ela cedeu. Meus pais são divindades antigas e poderosas, mas são insignificantes perto de Zeus, o rei dos deuses antigos e novos. As histórias sobre ele são quase tão infames quanto as histórias sobre o que ele faz com aqueles que despertam sua ira.

— Pode conduzir sua investigação, Atena — declara meu pai, com uma voz cortês, porém seca. — Concedo a você livre acesso a esta ilha e a seus habitantes. Utilize quaisquer recursos que julgar necessários para apurar a verdade e encerrar este assunto.

Atena o observa por um momento e então aperta com mais força o cabo de sua lança.

— Acredite, é exatamente isso que pretendo fazer.

PASSO O RESTO DA MANHÃ e o começo da tarde no meu quarto, andando de um lado para o outro.

No início, conto meus passos, traçando um caminho entre a porta e o pé da cama. À medida que os minutos se tornam horas, minha ansiedade me domina e dá lugar a algo monstruoso.

As pedras. Como pude ter me esquecido delas?

Já me fiz essa mesma pergunta centenas de vezes. Cubro o rosto, solto um grunhido e, mais uma vez, olho para a porta do quarto. Estou desesperada para falar com Esteno, mas não ouso correr o risco de dar de cara com Atena. Sempre que penso na deusa ruiva de olhos prateados e frios, tenho dificuldade para respirar. A verdade é que ela me apavora.

Dou um pulo ao ouvir uma batida na porta. Ela se entreabre, e Theo enfia a cabeça para dentro do quarto. Fico tão aliviada ao ver meu amigo que, num primeiro momento, não percebo sua expressão tensa.

Chego mais perto e o envolvo num abraço.

— Theo! Que bom ver você. Eu estava tão preocupada.

Eu me afasto quando ele não responde. A apreensão no rosto dele fica mais evidente. Theo está rígido, como se cada músculo do corpo estivesse retesado ao máximo, feito a corda de um arco. A boca forma uma linha curta e severa.

— O que foi? — pergunto. — O que aconteceu?

Theo olha por cima do ombro, entra no quarto e fecha a porta atrás de si. Percebo então que ele não parece apenas tenso. Está assustado.

— Fui proibido de vir aqui ver você — sussurra —, mas eu precisava contar uma coisa.

— Contar o quê?

Theo começa a cutucar as unhas.

— Atena está chamando os escravizados para um interrogatório.

Inspiro com força, me lembrando do que a deusa disse mais cedo. Duas taças foram encontradas no quarto de Maheer, junto das pedras. Ela deve suspeitar de algum deles. Volto minha atenção para Theo.

— Ela já chamou você?

— Não, mas ouvi dizer que ela pretende interrogar todo mundo — revela, depois engole em seco. — Meddy, eu estou com medo.

— Por quê? Você não fez nada de errado.

Theo olha para mim com ar solene.

— Não — diz, com a voz embargada. — Mas eu *estive* no quarto do príncipe pouco antes de ele morrer.

Fico imóvel.

— O quê?

— Não era eu quem deveria servir o príncipe naquela noite — explica depressa. — Mas eu estava passando pela porta quando ele me viu e ordenou que eu fosse buscar vinho…

Meu coração bate tão forte que mal consigo ouvir o resto da frase. Penso na jarra cheia de vinho que vi nos aposentos do príncipe Maheer quando cheguei lá.

— Não fiquei muito tempo, mas acredito que fui a última pessoa a entrar no quarto do príncipe — continua Theo, alheio à mudança na minha postura. — Então sou a última pessoa que o viu vivo.

Não foi, penso com amargura. *Fui eu*.

Faço o possível para manter a voz neutra quando volto a falar.

— Atena não culparia você só por ter sido a última pessoa a ver Maheer vivo — insisto, forçando um tom despreocupado. — Não faria sentido.

Theo ainda está com a testa franzida.

— Tem mais uma coisa. Alguns escravizados estão dizendo que encontraram uma bolsa com uma faca no quarto do príncipe — conta em voz baixa, depois me lança um olhar demorado. — O tipo de faca que *eu* uso para entalhar madeira.

Sinto como se tivesse sido mergulhada num mar de inverno. Arrepios salpicam minha pele, e minha boca fica seca. Levei mais do que as duas pedras quando fui aos aposentos de Maheer. Levei também uma faca para me proteger, a mesma que ganhei

de Theo há alguns anos. Em meio ao caos do que aconteceu depois, eu a deixei para trás.

— Os outros escravizados sabem como são as minhas facas de entalhe. E uma delas foi encontrada no quarto onde ele morreu. Atena vai acabar descobrindo que fui o último a ver o príncipe Maheer vivo — continua Theo, engolindo em seco enquanto lágrimas brotam em seus olhos. — Tenho certeza de que isso vai ser mais do que suficiente para ela.

Um novo rompante de raiva me incendeia por dentro como uma chama viva, mas se apaga quase no mesmo instante. Percebo que não há ninguém a quem culpar além de mim mesma.

— Atena é a deusa da sabedoria e da lógica — respondo, tentando soar calma. — A lógica diz que você não fez isso. Não tinha motivo algum.

O sorriso de Theo não se reflete no olhar.

— Quando algo dá errado, são sempre os escravizados que levam a culpa. Joias desaparecidas, comida estragada, clima ruim… é sempre mais fácil nos culpar.

— Mas…

Theo fala por cima de mim:

— Atena e seus pais precisam resolver esse assunto o quanto antes. Eles só querem apontar um culpado para que tudo acabe logo. É assim que essas coisas funcionam, Meddy. Acredite em mim, eu já vi isso antes. A *lógica* não vai adiantar muito.

Abro a boca para dizer que ele está errado, mas as palavras ficam entaladas na garganta. Um silêncio incômodo paira entre nós, e não é a primeira vez que o sinto. Theo é meu melhor amigo e é um escravizado. Tenho plena consciência de que, aos olhos do mundo, não somos iguais, por mais que eu desejasse que fôssemos.

Theo mantém o olhar voltado para o chão. Nós temos a mesma idade, mas naquele momento ele parece mais jovem, até menor, apesar de ser mais alto que eu. Leva alguns segundos para eu perceber o que mudou, e, com uma clareza terrível, entendo que o brilho nos olhos dele sumiu. Já vi todo tipo de emoção no meu amigo, mas, pela primeira vez, vejo resignação.

— Foi meu pai quem me ensinou a esculpir — murmura Theo, ainda fitando os próprios pés. — Eu já não me lembro do rosto dele, mas me lembro das mãos. Eu me lembro dele me ensinando.

Uma nova dor me atravessa. Apesar de quase não falarmos disso, sei bem como

Theo veio parar nesta ilha. Como a maioria dos servos de meus pais, ele foi encontrado à deriva na praia, o único sobrevivente de um naufrágio. Meu pai lhe deu o mesmo ultimato cruel que impôs a todos os mortais que chegaram às costas da ilha: *servir ou morrer*. Theo era tão jovem quando fez aquela escolha impossível. Agora eu sou a coisa mais próxima de uma família que ele tem.

E *minhas* ações o colocaram em perigo.

— Desculpa — sussurro, segurando as mãos dele.

Theo engole em seco.

— Está tudo bem.

Balanço a cabeça.

— Não está. E eu não vou deixar que você leve a culpa por isso. Você não fez nada de errado.

Theo me observa com os olhos marejados.

— Você acredita em mim.

Eu me arrependo de não ter contado a verdade antes e, num impulso, penso em fazer isso agora. Quero contar a Theo cada detalhe horrível do que realmente aconteceu, não só para absolvê-lo da culpa, mas para não ter que carregar esse peso sozinha. Quase no mesmo instante, as palavras de Esteno ecoam na minha mente.

Deuses já aplicaram punições severas por muito menos.

Abro a boca, depois fecho. Quanto menos Theo souber, mais seguro estará.

Respiro fundo e me obrigo a sorrir.

— Vai ficar tudo bem — digo, com uma confiança que não sinto. — Eu sempre vou proteger você, Theo, eu prometo.

Olho por cima do ombro dele.

— Por enquanto, só tente encontrar um lugar para ficar escondido, se puder.

Theo parece ao mesmo tempo curioso e confuso, mas já consigo ver alguns dos músculos do maxilar dele relaxando.

— Está bem.

Conversamos sobre coisas triviais por mais alguns minutos. Quando ele enfim sai pela porta e me deixa sozinha outra vez, eu solto um suspiro de alívio e me encosto na parede.

Jurei proteger Theo porque ele é meu amigo, mas, conforme volto a andar de um lado para o outro no quarto, percebo que vai muito além.

Passei a vida inteira me sentindo impotente. Porque não sou forte, nem bonita,

nem imortal; porque nunca tive o poder de me proteger, muito menos de proteger aqueles que amo. Meus passos diminuem. Percebo então que, pela primeira vez, *eu tenho* poder. Não é muito, mas ainda é alguma coisa. Sei a verdade sobre o que aconteceu com Maheer e tenho o poder de impedir que Theo leve a culpa.

Essa compreensão vibra dentro de mim enquanto me viro e sigo em direção à porta.

VII

A CAMINHADA DO MEU quarto até a sala de estar que Atena requisitou para seus interrogatórios parece levar séculos. Quando enfim chego às portas duplas de carvalho, eu me detenho ali.

Não tem volta. A voz na minha cabeça parece muito com a de Esteno. *Uma vez que você entrar ali, não tem volta*.

Estou com frio apesar do calor abafado da tarde de verão. A chuva incessante que assolou nossa ilha durante a maior parte da semana enfim deu uma trégua, mas a ausência dela deixou um silêncio estranho, anormal. Respiro fundo para me firmar e esfrego os braços. Nunca senti tanto medo na vida, e uma parte de mim cogita desistir e voltar para o quarto. Então o rosto de Theo invade minha mente. Estou fazendo isso por ele. Não tenho escolha. Eu me agarro a esse pensamento enquanto giro uma das maçanetas douradas e cruzo a soleira da porta.

A sala de estar é pequena e simples. As janelas foram escancaradas para combater o mormaço, de modo que uma brisa leve traz o perfume doce das flores do jardim. Atena está bem no centro do cômodo, sentada no mesmo sofazinho de cetim onde minha mãe costuma desabar depois de uma noite de bebedeira. Um pé calçado com sandália está recolhido sob ela, e a cabeça está curvada sobre um pergaminho em seu colo, deixando cair uma mecha do cabelo vermelho-escuro sobre a bochecha. Apesar do medo que sinto, não consigo ignorar a aparência quase sobrenatural da deusa, algo tão belo que quase dói. Fico parada à porta, completamente imóvel, sem saber o que fazer. Alguns segundos se passam antes que ela levante o olhar e me veja ali. Estremeço. Seus olhos são de um cinza-claro espantoso que me lembra relâmpagos. Ela me observa por um momento, a testa levemente franzida.

— Eu reconheço você — diz a deusa, sem preâmbulos. — Você é uma das filhas de Ceto, não é? Até se parece com ela.

O comentário me pega desprevenida. De nós três, Euríale é a que mais costuma ser comparada à nossa mãe. Em todos esses anos, ninguém jamais disse que *eu* me

pareço com ela. Encaro Atena por um instante, de olhos arregalados, até que tenho um pingo de bom senso e me lembro de fazer uma reverência.

— S-sim, Vossa Graça.

Tenho a impressão de vislumbrar um sorrisinho leve surgindo no canto dos lábios de Atena quando ela inclina a cabeça.

— O que veio fazer aqui, criança? Seus pais mandaram você?

— N-não.

Percebo que esta é minha última chance de fugir, de me salvar. Posso ouvir a voz parecida com a de Esteno no fundo da mente, insistindo mais uma vez para que eu vá embora. Mas eu me forço a dizer as palavras que ensaiei durante o caminho até aqui.

— Vim falar com a senhora sobre o príncipe Maheer.

Atena deixa de lado o pergaminho que estava lendo. Desta vez, não há como se enganar. Um pequeno sorriso toca os lábios da deusa.

— Você está curiosa a respeito de tudo isso — responde ela, e há ternura em sua voz. — Imagino que seja natural.

— Ouvi dizer que você estava interrogando escravizados — continuo, desejando que minha voz não soasse tão baixa e metálica comparada à dela.

Atena faz um gesto em direção ao pergaminho.

— Esta é uma lista de todos os escravizados que serviram o príncipe Maheer durante a estada dele aqui. Ainda não tenho certeza se um deles foi o responsável, mas há indícios que me levam a crer que sim. Pedirei a cada um deles que forneça um relato de onde estava na noite da morte de Maheer. Depois, vou cruzar essas informações em busca de inconsistências. Aí, encontrarei o culpado.

— Não foi nenhum deles que matou Maheer.

Atena se endireita. Pela primeira vez desde que entrei na sala, sinto que tenho toda a atenção da deusa.

— Matou — repete ela. — Como tem tanta certeza de que Maheer foi assassinado?

— Porque fui eu quem o matou.

Várias emoções cruzam o rosto de Atena conforme ela processa minhas palavras. Suas sobrancelhas ruivas se contraem, e os lábios se repuxam.

— Você? — pergunta, em voz baixa. — Por que *você* o mataria?

Respiro fundo e começo meu relato. Primeiro, conto à deusa sobre o leão de Maheer. Sobre os escravizados com seus ferimentos grotescos e depois sobre Euríale.

À medida que continuo, Atena se recosta no sofá. Quando termino a história, o rosto dela exibe uma expressão inescrutável.

— Como ele morreu? — pergunta. Sua voz não denuncia nada.

Faço um relato apressado de minha visita ao quarto de Maheer e da oferta de suborno. Mas, conforme vou chegando ao fim da história, começo a gaguejar. Não quero parecer pequena e assustada, mas minha voz vacila ao repetir o que Maheer disse sobre o meu corpo e o que me pediu para fazer. De repente, não consigo sustentar o olhar da deusa. Mesmo achando que não fiz nada errado, percebo que estou envergonhada. Encaro o tapete.

— O vinho o cegou — concluo baixinho. — Ele não conseguia ver nada, então tropeçou, caiu e bateu a cabeça. Foi *assim* que morreu.

O silêncio se prolonga por tanto tempo que acabo sendo obrigada a olhar para Atena. Fico surpresa ao perceber que ela não parece furiosa, apenas intrigada.

— E qual foi a sensação?

A pergunta me confunde.

— Sensação, Vossa Graça?

Atena se inclina para a frente, com uma expressão nova e estranha em seus olhos cinzentos.

— Quando você acertou Maheer com o cálice, qual foi a sensação?

Fecho os olhos e me lembro da fúria incandescente que me dominou enquanto eu golpeava a cabeça de Maheer com toda a minha força. Eu não quis admitir isso a mim mesma na hora, mas sei que também senti satisfação. Pela primeira vez, eu não era impotente.

As palavras escapam de mim antes que eu consiga impedir.

— Boa. Foi… boa.

Atena me observa, e eu fico na dúvida se respondi errado ou se falhei em algum teste do qual nem tinha conhecimento.

Ela ergue o queixo de leve, com ar de desafio.

— Eu não suspeitei de você nem por um instante — afirma. — Se não tivesse confessado, poderia muito bem ter escapado impune. Fico me perguntando… por quê?

Volto a olhar para o chão.

— Eu não queria que um escravizado levasse a culpa.

Vários segundos se passam antes que Atena volte a falar.

— Você sabia que corria o risco de ser punida — murmura. — Sabia que provocaria a fúria de Ares e, por consequência, a do meu pai? E mesmo assim me procurou?

— Sim.

Ainda encaro meus pés.

— Esse é um feito admirável.

Ergo a cabeça de repente.

— Meu sobrinho era bonito — declara Atena, depois torce o nariz, como se tivesse sentido um cheiro azedo. — Também era mimado e grosseiro, como o pai.

Fico boquiaberta. Nunca tinha ouvido um Olimpiano falar mal de outro tão abertamente.

Atena continua:

— Se o que você diz é verdade, a morte de Maheer foi de fato um acidente. Você não é culpada de assassinato.

Permaneço em silêncio. Atena se inclina para a frente outra vez, e agora tenho a sensação de que está me avaliando.

— Quantos anos você tem, garota?

— Dezessete.

Ela franze os lábios.

— Tem algo em você — declara, com a cabeça inclinada e os olhos cinzentos semicerrados. — Algo que a torna diferente, mas não sei dizer o que é.

Sou grata por minha pele escura nesse momento. Ela esconde o sangue que corre para minhas bochechas. Agora, talvez mais do que em qualquer outro momento, quero esconder a verdade. Sei que não adianta.

— Sou mortal, Vossa Graça. É isso que a senhora vê.

Há uma longa pausa.

— Seu pai não me disse que tinha filhos mortais. — O tom de Atena fica mais suave.

— Minhas duas irmãs mais velhas são imortais — obrigo-me a responder, embora cada palavra me custe algo. — Sou a única de nós três que nasceu mortal. Ninguém sabe por quê.

— E os outros filhos?

Franzo a testa, confusa. Não faço ideia do que ela está falando. Algo parece se acender nos olhos de Atena, porque ela faz um gesto displicente com a mão e

prossegue:

— Seu pai a puniria se descobrisse o que aconteceu. Ainda assim, você arriscou ser alvo da ira dele para proteger sua irmã. Arriscou ser alvo da *minha* ira ao confessar o que fez, e mesmo assim confessou. — A expressão de Atena se torna curiosa. — O que você faz no seu tempo livre, criança?

Sei que minha mãe esperaria que eu respondesse com uma lista de passatempos femininos adequados, como música, dança e assim por diante, mas a intuição me diz que não adianta mentir para Atena. Gaguejo por um instante antes de responder:

— Eu leio.

Um ar inconfundível de divertimento surge no rosto da deusa.

— O que você lê?

— Tudo o que posso, mas gosto mais de história e filosofia, além de épicos.

Ela estreita os olhos.

— Você vive numa ilha. Seus pais não têm permissão para sair. Como tem acesso a pergaminhos?

— Às vezes, navios naufragam por aqui — explico. — As cargas vão parar nas nossas praias… mapas, badulaques, baús cheios de pergaminhos. Coleciono tudo o que consigo desde que me entendo por gente. — Faço uma pausa, depois acrescento: — Não encontro pergaminhos com a frequência que gostaria, e às vezes eles estão molhados demais para ser úteis, mas ainda tenho alguns.

— Fascinante — diz Atena. — E em quantas línguas você consegue ler?

— Quatro.

Isso chama a atenção da deusa. Suas sobrancelhas se erguem.

— O que você disse?

— Falamos grego na ilha, às vezes meroítico, mas também consigo ler em latim e árabe — respondo. — Aprendi um pouco de algumas outras línguas, mas não sou muito fluente.

— Você teve um tutor?

Eu me remexo, nervosa.

— Minhas irmãs e alguns dos escravizados ajudaram, no início. Mas, na maior parte do tempo, tive que aprender sozinha para conseguir ler os pergaminhos. Eles não são todos escritos nas mesmas línguas, entende? Há alguns que ainda não consigo decifrar de jeito nenhum.

Mais um silêncio pesado paira entre nós duas, longo o bastante para reacender

meu nervosismo.

Por fim, ela o interrompe.

— Gostaria de discutir uma coisa com você, garota. Algo sério.

Eu me preparo para o pior. Eu já sabia que, mesmo se impressionasse a deusa, ainda receberia uma punição pelo que fiz. Começo a pensar nos piores castigos de que já ouvi. Por roubar o fogo do Monte Olimpo e oferecê-lo aos mortais, Zeus condenou o titã Prometeu a ser acorrentado a uma montanha e ter as entranhas devoradas por uma águia por toda a eternidade. Levo a mão à barriga quando Atena abre a boca.

— Todos os anos, novas sacerdotisas são admitidas no meu templo em Atenas. Para se tornarem sacerdotisas, elas devem passar por um treinamento rigoroso como acólitas, além de serem aprovadas em uma série de testes preliminares que comprovem sua aptidão. Apenas jovens de alta inteligência e elevados padrões éticos são convidadas a participar… Jovens como você, acredito.

Essas não são as palavras que eu esperava.

— Eu?

— Você é jovem, instruída e dotada de uma coragem impressionante — declara a deusa, e algo lampeja em seus olhos. — Eu acredito que essas qualidades sejam ideais para uma sacerdotisa do meu templo.

Por um momento, esqueço como se respira. Mal consigo acreditar no que acabei de ouvir.

— A senhora quer dizer… — balbucio. — A senhora quer que eu vá para Atenas?

— Sei que não é perto daqui — afirma Atena. — Providenciarei o transporte e falarei com minha suma sacerdotisa.

Conheço a cidade de Atenas pelos relatos nos pergaminhos e pelas histórias de meus pais, mas jamais pensei que a veria com meus próprios olhos. Minha mente está a mil. A vida inteira, desde que me lembro, só desejei uma coisa: ver o mundo além desta ilha. E agora Atena me entrega esse desejo em uma bandeja de prata.

— Qual é a sua resposta, criança? — pergunta Atena. — Está disposta a ir para Atenas?

Preciso reunir um esforço enorme para manter a calma.

— Estou. Será uma honra.

— Falarei com seu pai. Se ele concordar, você deverá se apresentar em Atenas dentro de quinze dias.

Não consigo fazer nada além de assentir.

— Tenho uma última pergunta. Como você se chama, menina?

— Medusa.

— Medusa — repete Atena, e eu me empertigo. — Use as próximas duas semanas para se preparar, mas não se esqueça de descansar — acrescenta, com um sorriso. — Vejo você em Atenas.

VIII

ATENA DEIXA NOSSA ILHA algumas horas depois da nossa conversa. Meu pai não me conta o que ela disse; então dependo dos escravizados para preencher as lacunas. Segundo o relato de um deles, Atena simplesmente disse que ouvira testemunhas suficientes para acreditar que a morte de Maheer fora de fato um acidente. Meu envolvimento, ao que parece, não foi mencionado. Não descobri se ela contou ao meu pai que me convidou para servir em seu templo, mas preciso acreditar que sim. Mesmo agora, ainda não acredito que aquele convite foi real.

O jantar daquela noite começa sem incidentes. Os escravizados parecem aliviados, e imagino que estejam tão gratos quanto o resto de nós pelo encerramento da investigação. Faço uma nota mental para procurar Theo mais tarde e contar tudo o que aconteceu. Até agora, não compartilhei a notícia do convite com ninguém, nem mesmo com minhas irmãs. Vou fazê-lo em algum momento, mas, por enquanto, isso parece algo precioso, algo que pertence apenas a mim e a Atena. Penso nas palavras que ela me disse mais cedo.

Você é jovem, instruída e dotada de uma coragem impressionante.

Eu impressionei Atena. *Eu* impressionei uma das deusas mais poderosas de todo o panteão. Involuntariamente, um sorriso repuxa meus lábios.

É nesse exato momento que minha mãe encara meu pai com uma expressão de indignação.

— *Quando?* — A voz dela é baixa e letal, e o sorriso desaparece do meu rosto na mesma hora. Todos no salão, minhas irmãs e os escravizados, erguem o olhar, surpresos. O olhar da minha mãe permanece fixo em meu pai.

— Quando o quê, Ceto? — A falsa despreocupação de meu pai não engana ninguém. Ele observa minha mãe com cautela.

— Quando você pretendia me contar que vendeu nossa filha para aquela vadia pálida de olhos cinzentos?

O silêncio que antes pairava no salão não é nada comparado ao silêncio que agora

o preenche. Os criados que nos servem enrijecem. Minhas irmãs trocam olhares confusos e então se viram para mim. Quanto ao meu pai, ele parece mais cansado do que zangado.

— Eu não *vendi* nenhuma de nossas filhas — diz, paciente, massageando a ponte do nariz. — Medusa foi convidada a se submeter aos testes para servir como sacerdotisa no templo de Atena.

Esteno e Euríale não dizem nada, mas se sobressaltam surpresas, e então me encaram. Sinto um aperto no peito de culpa. Nunca guardamos segredos umas das outras, até agora. Eu queria que elas soubessem por mim primeiro.

— Isso não é algo sem precedentes — continua meu pai. — Outros Olimpianos já escolheram mortais e semideuses para servi-los. É uma honra. Atena também me deu sua palavra de que Medusa terá permissão para voltar para casa de tempos em tempos. Discuti os detalhes desse acordo com ela.

— Ela não discutiu nada *comigo*! — Minha mãe bate o punho na mesa com tanta força que os pratos chacoalham.

Faz bastante tempo que não a vejo tão irritada, e não consigo entender por que justamente isso a incomodou tanto. Eu me lembro de como ela e Atena se olharam quando a deusa chegou, e de novo tenho a sensação de que estou deixando passar algo mais profundo.

— Ceto — adverte meu pai —, se controle. Não preciso consultar você sobre assuntos desta casa. Aqui, *eu* sou o senhor e mestre.

— E, ainda assim, quando se trata dos Olimpianos, você se comporta como um menino bajulador — zomba minha mãe. — Me diga, Atena ao menos pediu sua permissão, ou exigiu a servidão da nossa filha para nos fazer de tolos mais uma vez? — Ela ri sem achar graça alguma. — Ah, já consigo ver: a neta do outrora venerado Ponto e de Gaia, a filha do outrora grande Fórcis e de Ceto, reduzida a nada mais que uma *copeira* qualquer.

Quero tanto interromper minha mãe e dizer a ela que Atena não exigiu minha servidão, que estou feliz em ir. Como se pudesse ler meus pensamentos, Esteno me lança um olhar cortante, me alertando para ficar em silêncio.

— Atena não tem desavença conosco, nem com nenhum dos deuses da Corte do Mar. — Meu pai fala mais alto. — Não vou correr o risco de provocar um conflito ao ofendê-la.

— Você acha mesmo que essa politicagem com os Olimpianos vai elevar seu status

e fazer você cair nas graças deles — escarnece minha mãe. — Tudo o que vão fazer é zombar de você assim que virar as costas. Você nunca será um deles.

Os olhos do meu pai lampejam.

— O que você quer que eu faça, Ceto? — Ele se levanta, contornando a mesa para ficar diante dela. — Quer que eu afronte a filha favorita de Zeus? Seríamos dizimados, banidos às profundezas do Tártaro.

Minha mãe ergue o queixo com altivez.

— Eu preferiria passar uma eternidade na escuridão do Tártaro a viver um único dia sem minha honra. — Ela também se levanta, de modo que seus rostos ficam quase na mesma altura. — Você se esquece de que somos primordiais, Fórcis. *Nós* somos os filhos de deuses que vieram muito antes dos Olimpianos. — Os olhos dela se enchem de lágrimas. — *Nós* já fomos os detentores do poder. Agora veja ao que fomos reduzidos, aceitando as exigências da filha daquele tirano.

— Zeus tem sido mais do que justo com os deuses da Corte do Mar — diz meu pai, com impaciência.

— *Justo?* — Minha mãe cospe a palavra como se fosse veneno. — E quando ele arrancou nosso verdadeiro poder? Quando nos ordenou que ficássemos confinados nesta ilha amaldiçoada? Isso foi *justo?*

Sinto um frio percorrer meu corpo. Olho para o lado e vejo Esteno e Euríale, que parecem cada vez mais tensas. Meus pais raramente falam de suas origens, da vida que tiveram antes de nosso nascimento e, enquanto escuto minha mãe falar, percebo uma dor tão antiga e crua em sua voz que parece errado ouvi-la.

Minha mãe muda de estratégia, pousando uma mão na bochecha do meu pai.

— Alguns membros da Corte do Mar estão se movimentando — diz ela, com a voz mais suave, pressionando o corpo contra o dele. — Euríbia disse que Oceano está tramando algo. Talvez em breve haja uma oportunidade de retomarmos o nosso…

— Cale a boca! — Meu pai se afasta bruscamente dela. — Quer ver nossos salões reduzidos a escombros? O que você está insinuando é traição.

— Não pedirei desculpas por ficar ao lado dos nossos — rebate minha mãe, se empertigando. — Sou leal a nossa causa.

— Você é uma bêbada — diz meu pai, irritado —, presa ao passado.

A vulnerabilidade que vi em minha mãe desaparece.

— E *você* é um covarde — retruca ela, mordaz.

Os olhos do meu pai se fecham, e sinto sua ira se transformar em algo que minha

mãe não vê: fúria.

— Você não passa de um bajulador fraco — minha mãe continua. — Bem que poderia cortar o próprio pau e oferecê-lo a…

Meu pai esbofeteia minha mãe com tanta força que ela tropeça e cai no chão. Quando ergue a cabeça, seus olhos estão arregalados.

— Fórcis.

Ela se afasta dele, rastejando como um caranguejo. Mas já é tarde demais.

Meu pai avança na direção dela, o rosto pétreo.

— Fórcis, me desculpe. Por favor. Por favor, eu não quis… — Ela tenta se levantar, mas os dedos dele se fecham em torno de seu pescoço, apertando-a com força.

Esteno cerra os olhos; Euríale abaixa a cabeça e fixa o olhar nas próprias mãos, pousadas no colo. Só eu observo quando meu pai ergue minha mãe pelo pescoço. Os pés dela calçados com sandália chutam o ar, impotentes. Seus arquejos se tornam mais desesperados enquanto ela arranha as mãos dele, os olhos saltam, mas meu pai permanece impassível. Seu olhar antigo é frio. Uma raiva incandescente queima dentro de mim e, não pela primeira vez, imagino como seria se eu tivesse uma fração do poder do meu pai, se pudesse feri-lo da mesma forma que ele feriu minha mãe tantas vezes. Mas eu não posso fazer nada além de continuar aqui, impotente.

— Medusa irá para o templo de Atena — diz meu pai, em voz baixa. — Não porque a deusa ordenou, mas porque *eu* ordeno. — Ele aproxima o rosto do dela. — Você não voltará a me questionar. Fui claro?

— Eu entendo — diz minha mãe, a voz rouca. — Por favor, me perdoe, meu amor.

Meu pai lança mais um olhar de desprezo antes de soltá-la. Ela desaba no chão, e ele sai do salão a passos largos, sem olhar para trás uma única vez.

Minhas irmãs e eu permanecemos sentadas à mesa do jantar, esperando que nossa mãe se levante, mas ela apenas puxa os joelhos contra o peito e fica olhando para o nada. Não sei quanto tempo se passa até ela começar a chorar descontroladamente. Fico imóvel na cadeira enquanto ouço o pranto de minha mãe, até que alguém toca meu braço. Ergo o olhar e vejo minhas duas irmãs de pé diante de mim, com uma expressão solene no rosto.

— Vamos, Meddy. — A voz de Esteno é inesperadamente gentil quando põe a mão no meu ombro. Ela evita olhar para nossa mãe. — Está na hora de dormir.

Não discuto. Sem dizer uma palavra, me levanto, e nós três deixamos o salão juntas, os soluços da nossa mãe se perdendo na noite.

TALVEZ, NO FUNDO, eu já soubesse que minha mãe viria ao meu quarto naquela noite.

Na cama, fico deitada de lado, os olhos abertos, à espera. Não me mexo quando ouço o leve ranger da porta se abrindo e o ruído suave de seus passos. O colchão cede um pouco quando ela se senta na beirada, e, durante alguns segundos, nenhuma de nós diz nada. Sinto o cheiro dela: o aroma de óleo de semente de uva, vinho e mirra e, por baixo disso, terra úmida depois da chuva e jacinto fresco. Eu a imagino descalça em seu jardim, com os cabelos cacheados soltos, o rosto voltado para a lua, a pele negra banhada por uma luz prateada.

Meus pensamentos são interrompidos quando ela fala suavemente:

— Você foi a minha gravidez mais difícil. Durante o tempo em que a carreguei, fiquei tão doente que mal conseguia comer. Quando finalmente chegou a hora do seu nascimento, minhas parteiras disseram que você estava presa dentro de mim. Sugeriram que a arrancassem do meu ventre, mas eu não permiti. Disse a elas que você viria no seu próprio tempo, quando estivesse pronta.

"Quando você nasceu, parecia saudável, mas eu soube na mesma hora que você era… diferente de Euríale e Esteno. Seu corpo era menor, seu choro mais fraco. Eu sabia, mesmo antes de descobrir que você era mortal, que sempre seria mais frágil. Sabia que teria que protegê-la, sobretudo dos Olimpianos." Ela olha para mim e acrescenta. "Espero que você sempre se lembre disso. Fiz o melhor que pude para proteger você deles."

Fico confusa com as palavras de minha mãe. Sempre soube que ela não gostava dos Olimpianos, mas não vejo razão para querer me proteger deles. Não estou acostumada a ver minha mãe vulnerável dessa forma, a menos que esteja embriagada de vinho — e, mesmo assim, é passageiro. Eu a encaro e percebo que ela está completamente sóbria. De algum modo, isso torna mais difícil responder.

— Eu vou ficar bem, mamãe. — Faço o possível para soar corajosa. — Encontrei Atena mais cedo hoje e… ela foi gentil. Ela não me machucaria, eu sei.

A risada da minha mãe é áspera.

— Você não sabe de nada, criança — sussurra ela —, e não conhece Atena como eu conheço.

— O que isso quer dizer?

Minha mãe encara a escuridão. Embora ainda esteja sentada ao meu lado, sinto que está em outro lugar.

— Eu poderia te contar uma história — murmura ela. — A história de um deus jovem e ambicioso chamado Zeus. Ele nasceu dos Titãs e, quando se tornou forte o bastante, reuniu seus irmãos e irmãs, derrubou o pai e se declarou rei dos deuses. — Não havia alegria no sorriso dela. — Ele aboliu as antigas leis dos Titãs e instituiu novas. Reuniu os muitos deuses soberanos do mar e criou a Corte do Mar, governada pelo próprio irmão, Poseidon. Acordos foram firmados entre os homens, e os Olimpianos juraram nunca entrar em nossos territórios sem convite. Acima de tudo, Zeus prometeu aos deuses do mar que manteriam sua força e poder individuais, que a "corte" era apenas uma formalidade. — Minha mãe balança a cabeça. — Era tudo mentira. Em poucos séculos, nos tornamos sombras do que já fomos.

Passei a vida inteira sabendo que meus pais já foram seres mais fortes. O que eu não entendia, até agora, era *como* seu poder fora diminuído e quem era responsável por isso.

— Foi então que percebi que os Olimpianos eram criaturas traiçoeiras — continua minha mãe. — Eles não eram como os deuses antigos; tinham fome de poder de um modo que nunca tivemos. Então veio a Gigantomaquia.

— Gigantomaquia? — repito.

Nunca tinha ouvido essa palavra antes. Ela soa estranha e desajeitada na minha língua.

— A Guerra dos Gigantes — explica minha mãe. Ela abaixa a voz, e preciso me esforçar para ouvi-la. — Os Gigantes eram uma raça antiga de criaturas, filhos de Gaia. De certa forma, eram meus irmãos. Eram mais fortes do que o restante de nós, deuses antigos, mas não tão fortes quanto os Titãs. Zeus os tolerou por um tempo, mas a paz não durou. Ninguém se lembra do estopim exato, do momento em que a discordância virou guerra. Mas todos se lembram do fim. Zeus reuniu seus Olimpianos para uma batalha final contra os Gigantes e então ordenou que eles fossem executados. Nós, deuses do mar, escolhemos não participar daquela guerra, mas soubemos quando ela terminou. Ouvimos os gritos quando os Gigantes encontraram seu fim. Foi… horrível.

Cenas terríveis invadem minha mente. Consigo ver tudo como se estivesse lá, os Gigantes sendo derrubados pelos Olimpianos mais poderosos, um a um.

— Foi Zeus quem liderou os combates durante a Gigantomaquia — diz minha mãe —, mas não se engane: Atena estava lá, ao lado dele. Ainda me lembro de como ela era naquela época. Matava com alegria, com brutalidade, sem misericórdia. E, quando terminou, fez questão de caçar qualquer um que ameaçasse o trono do pai.

Descubro que não consigo conciliar a Atena que minha mãe descreve com a que, poucas horas antes, estava impressionada com a minha coragem. Mas há outra coisa que não consigo conciliar.

— Se a Gigantomaquia foi travada entre os Gigantes e os Olimpianos, por que *você* odeia tanto Atena?

Minha mãe me encara com uma expressão rígida.

— Isso não é da sua conta.

Ficamos em silêncio por um minuto antes que eu fale novamente.

— Não sei o que Atena fez para você, mamãe, mas acredito que ela mudou. Ela não é a deusa de que você se lembra. Ela não é um monstro.

Minha mãe não responde, e, sem pensar, estendo a mão para ela. É um gesto discreto, quase imperceptível, mas ela percebe. Minha mãe olha para minha mão como se nunca tivesse visto nada parecido em todos os seus éons. Seus olhos vão da minha mão para mim, incertos, e, de repente, tudo o que quero é que ela segure minha mão e a aperte. Quero que me diga que tudo vai ficar bem, mesmo que não tenha como saber se isso é verdade. Talvez seja isso que eu sempre quis dela. Em vez disso, minha mãe olha para minha mão por mais um segundo antes de se levantar. Sua expressão muda, e sei que já não é mais minha mãe. É apenas uma antiga deusa do mar outra vez. Ela deixa escapar uma risada curta e sem humor algum.

— Eis o que é mais curioso sobre os monstros: os piores não se dão ao trabalho de se esconder na escuridão — sussurra ela.

Ela se levanta sem dizer mais nada e sai lentamente do meu quarto, deixando-me sozinha outra vez.

IX

DURMO POUCO NAS DUAS semanas que se seguem.

Ao primeiro indício de luz do sol no dia da minha partida, já estou fora da cama e de pé, mal conseguindo conter a empolgação. O sol do auge do verão já aquece o ar, e eu não espero que os escravizados tragam minhas roupas, como costumam fazer. Em vez disso, vou direto para o quarto de Euríale, que já está acordada e sentada diante da penteadeira. Ela olha para mim e abre um sorriso.

— Bem que eu *desconfiei* que fosse te ver esta manhã — provoca.

— Não sei o que vestir — digo, em voz baixa.

Euríale aponta para o baú de madeira ao lado da cama. Juntas, nos ajoelhamos diante dele e minha irmã o abre com um floreio. Deixo escapar um suspiro de admiração. Está cheio de túnicas de todas as cores, cada uma mais bem feita que a anterior. Deixo os dedos roçarem o tecido de uma peça amarela especialmente bonita, bordada na barra com flores brancas.

— E esta? — pergunto, esperançosa.

Euríale examina a túnica e balança a cabeça.

— Não é bem isso. — Ela continua remexendo o baú até encontrar outra peça e a erguer. — Aqui, esta é melhor.

Não consigo discordar. A túnica que minha irmã segura é cinza-prateada e bordada com linha verde. À luz da manhã, ela cintila como se tivesse sido tecida com fios do próprio vento.

— Eu te ajudo a vestir — oferece Euríale, e não me oponho enquanto ela me ajuda a tirar a túnica velha e a entrar na nova. Depois de prendê-la, dá um passo atrás, a mão no queixo. Parece pensativa.

— Bom… — diz, devagar. — Mas ainda está simples demais. Falta alguma coisa. — Um sorriso malicioso surge em seu rosto. — Sabe, você *podia* pegar emprestadas algumas joias da mamãe. Ela ainda guarda tudo numa caixa debaixo da cama.

Sem pensar, balanço a cabeça.

— De novo não — digo. — Foi o primeiro lugar onde procurei quando… — Paro de falar de repente, percebendo tarde demais que disse o que não devia.

Euríale franze a testa, confusa.

— Quando… o quê, Meddy?

Sustento o olhar da minha irmã pelo máximo que consigo antes de desviar os olhos. Naquele momento, *quero* mentir para ela, quero evitar a dor que sei que estou prestes a causar. Seria mais fácil. Mas eu já tirei tanta coisa de Euríale, não posso tirar dela o direito à verdade.

— Euri… — Minha voz falha. — Fui… fui eu. Fui eu quem visitou o aposento de Maheer na noite em que ele morreu.

Vejo o choque tomar conta do rosto da minha irmã enquanto conto o resto. E vejo o instante em que o choque vira dor, depois raiva. Quando termino, seus olhos estão úmidos de lágrimas.

— Eu te disse que queria me casar com ele. — Ela não grita, mas eu gostaria que gritasse. É muito pior quando ela fala assim, tão suave. — Eu te disse que queria me casar com ele para poder *sair* desta ilha.

— Você merecia coisa melhor.

Entre nós três, Euríale sempre foi a mais doce, a mais gentil. Mas agora sua expressão demonstra o contrário. Vejo no rosto da minha irmã algo que nunca tinha visto antes: ressentimento.

— Você não tinha o direito de tomar essa decisão por mim. — Sua voz treme. — Você *não tinha o direito* de interferir na minha vida.

Quando contei a Atena o que fiz, ela me elogiou pela minha coragem. Agora entendo como essa virtude pode ser tão facilmente deturpada.

— Eu achei que estava fazendo a coisa certa — sussurro. — Achei que estava te protegendo.

Euríale ri, mas é um som áspero.

— Você é minha *irmã caçula*, Meddy — retruca ela. — Eu não preciso que *você me* proteja.

As palavras doem, mas não recuo. Sei que mereço isso. Ao roubar da minha irmã a oportunidade de deixar esta ilha, mesmo que não fosse a intenção, garanti a minha própria chance de ir embora. A culpa me espeta como um espinho teimoso, depois se enterra fundo na pele.

— Me desculpa.

Sei que minhas desculpas não são o suficiente. Euríale não responde; apenas continua me encarando em um silêncio horrível, como se estivesse me vendo com novos olhos. Fico grata quando alguém bate à porta do quarto. Segundos depois, Esteno entra.

— Gostei da sua túnica — diz, olhando para mim. — Mas seus dreads precisam ser hidratados e retorcidos de novo antes de você ir. — Ela se vira para minha irmã. — Euri? Você me ajuda?

Por um instante, tenho certeza de que Euríale vai recusar, chego até a esperar que ela saia do quarto. Fico surpresa quando, em vez disso, ela pega vários potes de argila com pomada e um frasco de óleo de rosas da penteadeira e assente para Esteno, decidida.

— Vamos por mãos à obra.

* * *

Esteno me conduz até uma cadeira para que ela e Euríale comecem a passar óleo no meu couro cabeludo e a retorcer meus dreadlocks. Sei que eu deveria estar tensa, mas a verdade é que, desde o momento em que os dedos delas tocam minha cabeça, um alívio familiar me consome. Minhas irmãs ficam de cada lado, cada uma cuidando de uma parte do meu cabelo, enquanto encaixam pequenos aros dourados em diferentes mechas. Embora eu não possa ver o que estão fazendo com meus próprios olhos, consigo imaginar tudo perfeitamente, porque aprendi a fazer o mesmo por elas ao longo dos anos. Então, eu me dou conta de algo doloroso: esta é, provavelmente, a última vez que minhas irmãs cuidam do meu cabelo.

Enquanto as duas trabalham, penso na minha mãe também. A lembrança da visita dela aos meus aposentos, duas semanas antes, agora tem o contorno enevoado de um sonho, mas ainda me recordo da expressão em seu rosto, do que disse sobre Atena.

Ela matava com alegria, com brutalidade, sem misericórdia.

Tentei expulsar essas palavras da minha mente, mas elas permaneceram presas à minha consciência. Fico grata por ser arrancada dos meus pensamentos quando Euríale dá a volta e inclina meu queixo para cima para que eu a encare. De alguma forma, ela consegue olhar para mim sem encarar meus olhos.

Me perdoe, peço em silêncio. *Por favor, me perdoe um dia.*

— Você está pronta. — Ela ergue um espelho de mão com aro de bronze para

mim.

A garota que me encara de volta se parece comigo, mas é mais velha, mais madura. Passo os dedos pelos meus dreads e saboreio o toque, o doce aroma. Essa talvez seja a primeira vez na minha vida em que me sinto bonita de verdade, e é tudo graças às minhas irmãs. Sinto a garganta fechar, e percebo que não consigo falar.

— Mais uma coisa. — Esteno tira algo do bolso da própria túnica e me oferece. É um colar feito de uma única concha branca, presa a um simples cordão de couro. — É para você — diz ela —, para que não se esqueça de casa.

Quando pego o colar, me dou conta de que o presente é uma despedida e, de repente, sou atingida pela grande e terrível ironia deste momento. A vida inteira, meu maior medo foi que minhas irmãs me deixassem para trás. Agora, sou eu quem as está deixando.

— Obrigada. — As palavras saem engasgadas.

— Ah, não faça drama. — Esteno revira os olhos, sem muita convicção. Pisca rápido, mas não deixo de notar a lágrima que ela enxuga às pressas.

— Vamos sentir sua falta — afirma Euríale.

Como sempre, ela é mais gentil. Encontro o olhar da minha irmã e vejo ali uma tempestade de emoções. Sei que ela ainda está zangada comigo, talvez parte dela vá ficar para sempre, mas também vejo ternura. Lembro-me da história que ela me contou, sobre o dia em que quase me afoguei na praia quando éramos pequenas. Percebo que ela provavelmente me vê do mesmo modo que eu a vejo: como alguém que merece ser amada e protegida. Ela me puxa para um abraço, e me surpreendo ao sentir os braços de Esteno nos envolverem também. Fico ali por alguns segundos, tentando gravar este momento na memória. Tão rápido quanto começou, ele acaba, e então minhas irmãs se afastam de mim.

Está na hora.

ENCONTRO THEO no jardim.

Eu sabia que o encontraria — o jardim sempre foi o nosso lugar —, mas, ainda assim, sinto alívio ao vê-lo sentado na grama, talhando um pedaço de madeira com uma lâmina pequena. Ele está concentrado, imóvel como uma estátua, exceto pelas mãos, e, com uma pontada no peito, percebo que não sei quando nos veremos

novamente. Ele ergue o olhar ao ouvir meus passos e, no instante em que me vê, seus olhos se iluminam.

— Exagerei? — Fico envergonhada no mesmo instante. — Euri escolheu a túnica, e eu disse à Esteno para não fazer meu cabelo tão…

— Você está linda, Meddy.

As palavras simples e sinceras de Theo me acalmam na mesma hora. Meu amigo sempre teve esse efeito em mim. Ele se levanta e atravessa o gramado, até ficarmos frente a frente.

— Como você está se sentindo? — pergunta.

— Nervosa.

— Não fique — diz ele. As palavras são gentis, mas firmes. — Você vai se sair bem em Atenas. Tenho certeza.

— Espero que sim.

Dizer adeus às minhas irmãs foi difícil; de algum modo, dizer adeus a Theo é ainda mais. Sinto a mesma dor afiada como uma lâmina, mas em outro lugar. Desde sempre, Theo e eu alimentamos o mesmo sonho. Passamos horas fantasiando como seria deixar esta ilha. Sempre prometemos um ao outro que, quando isso acontecesse, iríamos juntos. Agora estou quebrando essa promessa. Theo é mais uma pessoa que deixo para trás.

— Eu queria que você pudesse vir — sussurro. — Você merece.

— Vou ficar bem. — O sorriso dele não vacila. — Só me traga alguns mapas e pergaminhos novos, se encontrar.

Eu o puxo para um abraço apertado, e os braços dele se fecham ao meu redor. Tento memorizar tudo neste instante: as cosquinhas que os cachos de Theo me fazem, o perfume que me lembra o cheiro do jardim da minha mãe.

— Vou sentir sua falta, Meddy — sussurra ele.

— Eu também vou sentir a sua.

— Medusa — ouço uma voz chamar.

Nós nos afastamos, e então, vejo meu pai a poucos passos de distância. Ele olha de relance para Theo antes de olhar para mim.

— Venha — ordena.

Theo acena uma última vez enquanto caminho em direção ao meu pai. Olho por cima do ombro, tentando gravar aquela imagem do meu amigo entre as flores, até ser obrigada a desviar o olhar. Então ele também se vai.

* * *

Sigo meu pai para fora do palácio e descemos até a costa da ilha. Não me deram nenhuma informação sobre como viajarei até Atenas, e, se meu pai sabe, não me diz nada enquanto caminhamos com cuidado ao longo do limite em que a terra cede ao mar.

— Atena está entre as mais poderosas dos Olimpianos — diz ele por fim. — Ter conquistado a atenção e a graça dela não é pouca coisa.

Aquele elogio deveria significar algo para mim, mas não sinto nada quando o escuto. Houve um tempo em que eu desejava desesperadamente a aprovação do meu pai. Esse pequeno vislumbre dele teria me deixado em êxtase. Mas agora o conheço melhor. Entendo que não sou eu quem lhe traz alegria, e sim a nova oportunidade que lhe apresentei. Sou, percebo, apenas mais uma moeda de troca em sua busca por poder e prestígio entre os Olimpianos.

— Você se saiu bem — diz ele.

— Obrigada, pai.

— Quando chegar a Atenas, lembre-se de que representa mais do que a si mesma — continua. — Você representa nossa família, nosso sangue e nossa corte.

Sei que, quando ele diz nossa corte, quer dizer ele próprio, minha mãe e todos os deuses e deusas da Corte do Mar. Quer dizer minha tia Euríbia, de cabelos azuis, e meu tio Taumas, quieto, mas bondoso. Quer dizer Anfitrite, de olhos como arpões, e suas irmãs Nereidas. Sou velha o bastante para entender que todos fazemos parte de uma corte considerada inferior por outros deuses e que minha modesta ascensão é, de certa forma, a ascensão de todos nós.

Endireito os ombros, sentindo o peso da responsabilidade.

— Entendo, pai. Representarei bem a Corte do Mar. — Quero soar confiante e forte, mas tudo o que consigo é sussurrar. — Eu prometo.

Os olhos dele se enrugam, e vejo o indício de algo raro: um sorriso de verdade. O calor desse sorriso me desarma, e tento me afastar dele. Quero odiar meu pai. Quero odiá-lo pela maneira como trata minha mãe, não apenas naquela noite, duas semanas atrás, mas em tantas noites anteriores. Quero odiá-lo pela forma como usa minhas irmãs e a mim, como peças descartáveis em seu tabuleiro de ambição. Quero odiá-lo, mas não consigo totalmente.

— Mortais são criaturas estranhas. — Meu pai comenta, e me pego pensando,

com certa ironia, se ele se lembra de que *eu* sou mortal. — São seres volúveis, que se assustam fácil. — Ele me lança um olhar sério. — Não diga a ninguém em Atenas que é filha de deuses. Nem de onde você vem.

Assinto. Na verdade, eu já esperava por isso.

— Sim, pai.

— Agora eu vou embora — diz ele, com os olhos voltados para o céu. — Ele deve chegar em breve para buscar você.

— Ele?

Meu pai aperta meu ombro antes de ir embora, subindo de volta pela praia. De repente, estou sozinha. Eu me viro para o mar. Ele está calmo, até que vejo uma corrente se formando sob a superfície. Talvez seja obra da minha mãe, uma espécie de despedida silenciosa à sua maneira. No fim, ela não veio se despedir. Olho por cima do ombro, esperando que ela ainda apareça no último instante. Algo dentro de mim murcha um pouco quando ela não aparece.

De repente, sinto que estou sendo observada. E quanto mais tempo fico sozinha na praia, mais nitidamente me dou conta disso. Eu me viro devagar, semicerrando os olhos para o emaranhado espesso de cipós e árvores que compõem a pequena selva da ilha. Um par de grandes olhos dourados encontra os meus.

Ah, então foi para aí que você foi.

Mantenho os olhos no leão, mas o medo que senti da primeira vez que o vi não vem. Tenho um respeito cauteloso pela criatura, mas ela está longe o bastante para que eu me sinta segura.

Agora você deve conseguir se fartar de comida, penso. *Desde que não se importe com gaivotas e peixes.*

O leão me encara por mais alguns instantes antes de desaparecer e se embrenhar no matagal. Ergo o olhar para o céu. Meu pai disse que alguém, *ele*, me levaria a Atenas, mas não vejo navio algum no horizonte. Estudo as nuvens, imóveis e espessas como algodão, e me pergunto se minha escolta se atrasou ou se está jogando algum tipo de jogo cruel.

É então que eu os vejo.

No começo, são apenas dois pequenos lampejos de luz dourada. Logo percebo que não são gaivotas, e quando aparecem pela segunda vez, mais brilhantes, estreito os olhos até ver algo que parece ser um homem caminhando em minha direção no meio do ar. À medida que se aproxima, seu contorno se define, e então, eu me dou conta. O

deus que vem ao meu encontro é, sem dúvida, um Olimpiano. Sua pele é clara, mas ainda assim belamente iluminada por um brilho sutil à luz do sol. Ele sorri, revelando uma fileira de dentes brancos reluzentes.

— Filha de Fórcis.

Recuo enquanto o deus desce do céu como se estivesse descendo uma escada invisível. Agora sei de onde vinham os lampejos dourados. Pequenas asas iridescentes presas aos tornozelos dele batem como dois beija-flores frenéticos. Ele para na areia, e eu lanço um olhar rápido, avaliando-o. O deus diante de mim tem cabelos ondulados, castanho-dourados, e uma constelação de sardas marrons salpicando o rosto e o corpo magro. Ele me observa com uma expressão decididamente arrogante.

— Disseram que você era sem graça — comenta. — Vejo que não estavam errados.

Não sei o que me deixa mais desconsertada, se é o comentário ou a ousadia dele. *Vejo que não estavam errados*. Quem são *eles*?

— Você me conhece — dou um passo à frente. — Mas eu não conheço *você*.

O deus sem nome sorri outra vez, e me dou conta de como ele aparenta ser falsamente jovem, quase um rapaz.

— Tenho muitos nomes — diz, com simpatia. — Já fui chamado de Portador da Sorte, o Viajante…

Minha mente liga os pontos.

— Você é Hermes, o deus mensageiro.

Hermes sorri.

— Esse é ao mesmo tempo o nome mais apropriado e o menos criativo. — Ele inclina a cabeça. — Minha irmã pediu que eu escoltasse você até Atenas.

Pisco, lembrando.

— Atena é sua irmã.

— *Meia*-irmã — corrige Hermes — , e talvez uma das mais equilibradas.

Confusa, olho dele para as nuvens de onde ele desceu.

— Você não tem uma carruagem?

Hermes faz biquinho, fingindo ter se ofendido.

— Assim você me magoa. Meu irmão Apolo é quem conduz uma carruagem — diz. — Receio que meu método de viagem preferido seja menos convencional.

Ele estende a mão, e, de repente, compreendo o que quis dizer.

— Você quer me levar *voando* até Atenas?

— Quero — responde Hermes. Ele se balança sobre os calcanhares, e agora não há mais como duvidar: vejo um lampejo de pura travessura nos olhos verde-ervilha do deus. — Você confia em mim?

A resposta que me vem à cabeça é não. Tudo o que sei sobre Hermes, assim como sobre todos os outros Olimpianos sobre quem li ou ouvi falar, vem em grande parte das fofocas da Corte do Mar. Sei que ele tem fama de enganador, que seus outros epítetos — o Príncipe dos Ladrões e o Deus Trapaceiro — são mais do que merecidos. Confiar nele seria tolice.

A mão de Hermes continua estendida, e vejo a pergunta silenciosa naquele olhar.

Você quer mesmo isso?

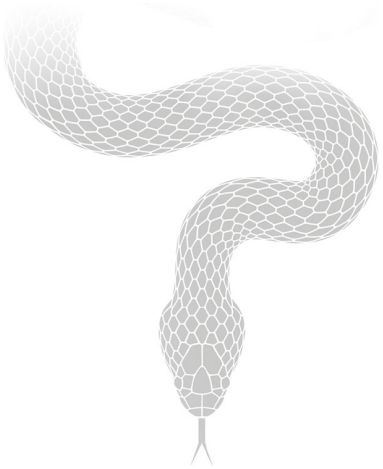
Durante toda a minha vida, sonhei em deixar minha ilha. Sempre pensei que, se tivesse a chance de ver o mundo, eu não pensaria duas vezes. Mas agora que o momento chegou, meus pés parecem enraizados no chão. Uma parte de mim entende que o que eu fizer a seguir mudará minha vida para sempre. Inspiro fundo, tentando me recompor.

— Muito bem. — Endireito os ombros. — Para Atenas, então.

Para a aventura. Para a liberdade. Para um novo começo. São essas as esperanças às quais me agarro quando Hermes segura minha mão, e então, juntos, alçamos voo e subimos para dentro das nuvens.

PARTE II

DONZELA



X

NÃO SEI MUITO BEM o que sentir quando Hermes sobe aos céus, segurando-me pelo braço com a mesma facilidade que uma criança carrega uma boneca de palha. Em questão de segundos, porém, tenho a certeza de uma coisa: não fui feita para voar.

Lá embaixo, observo uma extensão de ondas azul-esverdeadas — milhares de milhas náuticas — passar por nós em velocidade nauseante. Olho por cima do ombro a tempo de ver o pequeno ponto branco que é minha ilha ficando cada vez menor em nossa retaguarda. O ar torna-se frio e úmido à medida que subimos além da primeira camada de nuvens, apesar da luz dourada do sol em nossas costas. Respirar se torna difícil; meus olhos ardem enquanto o vento rasga ao passar, mas não consigo fechá-los. No começo, penso em pedir ao deus mensageiro que diminua a velocidade, ou ao menos que nos leve para um ar mais quente. No fim, decido que é melhor manter a boca bem fechada para não engolir um inseto.

Ao meu lado, Hermes sorri de canto, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

— Estamos quase lá, Filha de Fórcis. — Deveria ser mais difícil ouvi-lo por causa do rugido do vento, mas, ainda assim, eu o escuto com clareza, como se ele estivesse sussurrando diretamente em meu ouvido. — Atenas está logo à frente.

Meddy, quero dizer, *meu nome é Meddy*. Não tenho a chance de corrigi-lo. Olho para a frente, e fico sem ar.

As marés revoltas lá embaixo de repente dão lugar a uma extensão de grama dourada salpicada por oliveiras verdejantes. Além delas, estende-se uma cidade murada e vasta. Minha visão se embaralha ao absorver milhares de telhados de barro vermelho, um labirinto sinuoso de estradas de terra marrom e então... *pessoas*.

Vejo pessoas por toda parte, de todas as formas, tamanhos, cores e trajes. Nunca vi tanta gente reunida de uma só vez, se movendo como formigas saindo de um formigueiro. O ritmo de Hermes não diminui, mas, enquanto cruzamos a cidade pelos ares, consigo flagrar cenas cotidianas — um mercado abarrotado de barracas e vendedores, um par de homens bem-vestidos, de rosto barbeado, caminhando lado a

lado numa conversa séria. Tão rápido quanto os percebo, eles desaparecem, mas me pego desejando mais de tudo aquilo, mais de Atenas. Meu estômago dá um solavanco quando, de repente, despencamos, e eu me agarro ainda mais a Hermes. O deus, por sua vez, parece imperturbável à medida que nos aproximamos do chão. Sinto alívio quando meus pés voltam a encontrar terra firme, e Hermes ri baixinho quando o solto e cambaleio. Assim que recupero o equilíbrio, observo o novo cenário ao meu redor.

Estamos ao pé de uma colina de pedra cinzenta. No topo, vejo um conjunto de edifícios de mármore branco, erguidos bem acima do restante da cidade. Sinto um poder instintivo emanar deles, um presságio que faz meu coração martelar descontroladamente.

— A Acrópole — explica Hermes. — Lá em cima, você encontrará o templo da minha irmã e suas sacerdotisas. É aqui que me despeço de você, Filha de Fórcis. — Ele dá um sorrisinho que percebo não ser cruel. Então, sem dizer mais nada, salta no ar e desaparece outra vez entre as nuvens.

* * *

Quando chego à Acrópole, estou tremendo de verdade. Ao que parece, o verão em Atenas é tão quente quanto o verão na minha ilha, mas a cidade parece concentrar um tipo de umidade ainda mais pegajosa. A parte da frente da minha túnica já está úmida; os músculos das minhas panturrilhas latejam. Ainda assim, diminuo o ritmo dos passos ao contemplar os edifícios à minha frente. Contra um céu de azul profundo, o complexo da Acrópole se ergue reluzente sobre um gramado plano e verde. Meus olhos percorrem o mármore branco do Pentélico, o friso intrincado que acompanha todo o perímetro de um dos prédios. Um frontão de pedra esculpida foi cuidadosamente encaixado no telhado triangular de outro edifício. Só vi construções como essas nos meus pergaminhos, e, mesmo assim, eram esboços grosseiros, sem graça. A cada passo que dou em direção a elas, sou tomada pela lembrança do poder que senti praticamente irradiar da presença de Atena quando ela visitou minha ilha.

Mais adiante no gramado, vejo uma fila de garotas de pé, ombro a ombro, de costas para mim. Uma rápida contagem me diz que são nove. Diante delas está uma mulher de semblante severo, que aparenta ter por volta de sessenta anos. Ela tem a pele marrom-clara e usa o cabelo escuro, com fios grisalhos, preso num coque austero,

baixo na nuca.

— Com licença — digo em grego, dando um passo à frente. — Estou aqui para…

— Você está atrasada! — diz a mulher mais velha, de forma seca. — Espero que isso não aconteça novamente.

Eu me junto depressa à fila de garotas, escolhendo ficar na ponta. Os olhos da mulher permanecem em mim por mais um instante antes de ela voltar a falar.

— Meu nome é Eupraxia — diz ela. — Sirvo a nossa Deusa como sua suma sacerdotisa. — Ela percorre o grupo com o olhar. — Se vocês estão aqui, foram escolhidas para servir como acólitas deste templo, o que significa que terão a oportunidade de se submeter aos testes preliminares exigidos daquelas que desejam servir à Deusa como sacerdotisas. Ser escolhida é uma grande honra, e meu papel enquanto estiverem aqui é garantir que cada uma de vocês se porte de maneira condizente com essa honra, começando pela aparência. A primeira coisa que precisarão fazer é trocar de roupa por vestimentas apropriadas à sua posição. Espera-se que todas as acólitas usem um quiton branco simples. — Ela ergue algo que parece ser um grande quadrado de linho dobrado. — Cada uma receberá apenas dois e será responsável por mantê-los limpos. Além disso, espera-se que mantenham a modéstia. — Ela observa meus dreads, depois faz um gesto em direção aos enfeites dourados presos neles. — *Isso aí* precisará ser removido.

Várias das garotas na fila se inclinam levemente para me observar, enquanto a pele da minha nuca formiga de constrangimento. Minhas irmãs passaram a manhã toda me ajudando a colocar com cuidado cada um daqueles adornos nos meus dreads. Agora sou grata por ter escondido o colar de conchas que Esteno me deu sob a gola da túnica.

— Sim.

Ela ergue uma sobrancelha.

— Sim, *o quê?*

Eu a encaro por um instante, até perceber o que ela espera que eu diga.

— Sim, Suma Sacerdotisa.

— Vocês irão se trocar no alojamento das acólitas e depois deverão retornar aqui para receber novas instruções — diz Eupraxia. — Sejam rápidas.

* * *

O alojamento das acólitas fica no lado leste do complexo da Acrópole. Consiste em um cômodo simples, quase sem mobília, exceto por dez esteiras de dormir enroladas e alguns bancos de madeira ao longo das paredes, onde algumas das garotas se sentam enquanto trocamos nossas roupas antigas pelos quitons brancos padronizados que todas recebemos. Sento sozinha em um dos bancos e começo o trabalho de puxar com cuidado cada um dos enfeites dourados dos meus dreads. Leva muito menos tempo para removê-los do que levou para colocá-los no cabelo, o que torna tudo ainda mais doloroso. Quando termino, encaro o pequeno monte de adornos ao meu lado e sinto como se estivesse me despedindo das minhas irmãs mais uma vez. Por fim, me obrigo a desviar o olhar.

Hoje de manhã, acordei na minha própria cama, na minha ilha, no meu lar. É difícil acreditar que tanta coisa tenha mudado no intervalo de poucas horas. Na verdade, a mudança é desconcertante. Examino o ambiente, observando discretamente cada acólita. A maioria é branca, de pele clara ou marrom-clara, e sinto alguns olhares pousarem em mim quando acreditam que não estou prestando atenção. Eu me levanto para tirar a túnica cinza por cima da cabeça e, no mesmo instante, ouço risadinhas. Quando visto o quiton e me viro novamente, várias das outras acólitas estão me encarando. Uma delas, em especial, dá um passo à frente, parecendo intrigada. Ela tem a pele clara e é baixa, com cabelos loiros volumosos, um nariz arrebitado e bochechas rosadas. É bonita, mas alguma coisa no jeito como me olha, *me analisando*, me deixa em estado de alerta. Ela se aproxima mais um pouco e inclina a cabeça.

— Como você se chama? — pergunta.

Respondo automaticamente.

— Meddy.

— Meddy — repete ela. — É um nome interessante.

Não sei muito bem o que responder.

— A gente estava se perguntando… — Ela faz um gesto em direção às outras acólitas, como se falasse por todas. — O seu cabelo é de verdade ou é uma peruca?

Olho para a garota, confusa. Ninguém nunca me perguntou algo do tipo antes. É uma pergunta tão absurda que, a princípio, chego a pensar que é apenas uma brincadeira. Constrangida, enrolo um dos meus dreads entre o indicador e o polegar.

— É meu — digo em voz baixa. — É o meu cabelo. — Faço questão de puxar o dread de leve, o suficiente para que ela veja que está preso ao meu couro cabeludo.

— Ah. — A garota loira agora parece fascinada. Não há nada explicitamente maldoso em sua expressão, mas ela me observa como se estivesse examinando um pássaro exótico. Ela me encara por mais um instante antes de voltar a falar. — Posso tocar?

Fico chocada.

— Como é que é?

A garota não espera resposta, e eu me assusto outra vez quando ela se aproxima, pega um único dread do meu cabelo e o ergue.

— É tão *felpudo* — diz, encantada. — Nem de longe tão pesado quanto parece!

Sinto como se estivesse sendo puxada em duas direções opostas. Sei que essa garota é uma acólita como eu. É bem possível que acabemos servindo juntas como sacerdotisas neste templo, e não quero começar com o pé esquerdo. Sob o quiton, sinto contra a pele o leve toque do colar de conchas que Esteno me deu. Penso no que ela diria se estivesse aqui.

Você não é um animal de estimação, lembra-me sua voz imaginária. *Não permita que ela a trate como tal.*

A garota loira agarra outro dos meus dreads, mas desta vez o puxa, obrigando-me a me aproximar ainda mais dela. Sinto uma pontada no meu couro cabeludo e levo um momento para perceber o que essa situação me faz lembrar. De repente, estou de volta àquele quarto com Maheer. Eu me lembro de como ele agarrou meus dreads sem pedir permissão, do jeito como me olhou, como se eu fosse algo a ser devorado.

Como se eu fosse uma coisa, não uma pessoa.

Dou um tapa na mão da garota loira e recuo.

— Por favor, não toque no meu cabelo.

Minha voz é baixa, mas o cômodo é pequeno o bastante para que as palavras ecoem. Várias das acólitas que assistem à cena se remexem, visivelmente desconfortáveis, mas mantenho os olhos fixos na garota loira. Ela agora me encara com surpresa e confusão, como se não conseguisse acreditar no que acabou de acontecer. Tenho a vaga impressão de que ela não está acostumada a ser contrariada, se é que já foi alguma vez. Por um segundo, sua mão permanece meio erguida. Então a surpresa se dissipa, e seus traços se retorcem. De repente, ela parece ter provado algo azedo.

— Tudo bem — diz a garota, mas há algo por trás do seu tom gentil. — Eu não ia querer tocar no cabelo de uma meteca mesmo.

Tento me lembrar que palavra era aquela. *Meteca*. Sei que é uma forma abreviada do termo grego *metoikos*, outra palavra para estrangeira. Não é, em si, um termo ofensivo, mas o jeito como a garota o pronuncia me faz eriçar. Ela dá um passo na minha direção, fareja o ar e então faz um teatrinho ao tapar o nariz. Algumas das outras acólitas riem.

— Você *fede* — declara. — Já ouviram falar em tomar banho lá de onde você vem?

As lágrimas ardem nos meus olhos. Hoje de manhã, Esteno e Euríale haviam espalhado manteiga de karité pela minha pele e passado óleo de rosas nos meus dreads. Eu achava que estava cheirando bem.

— Primeiro, eles vêm para a nossa cidade e tomam nossas casas e nossa comida — continua a garota loira, virando-se para as outras. — Agora nem mesmo os nossos lugares mais sagrados estão a salvo de estrangeiros. Daqui a pouco vão querer ser cidadãos.

As demais acólitas murmuram entre si, e percebo que algumas agora me olham com hostilidade. É como se uma divisória invisível estivesse se formando, separando-me do resto delas. Engulo em seco, tentando encontrar palavras para impedir aquilo, mas a garota loira prossegue.

— Não sei o que a suma sacerdotisa estava pensando ao convidar *você* para ser acólita — diz ela, me examinando. — Se fosse eu, jamais deixaria você sequer pisar no…

— Eu escolheria muito bem as próximas palavras, se fosse você.

Várias cabeças — inclusive a minha — se viram para o fundo da sala. Fico surpresa ao descobrir que a voz pertence a uma das acólitas. Ela é alta, tem cabelos cacheados escuros e a pele levemente bronzeada de quem passou bastante tempo sob o sol. Seus olhos são claros, embora eu não consiga discernir bem a cor em meio à penumbra do ambiente. Ela se posta com os ombros para trás e o queixo levemente erguido, exalando uma autoconfiança que me lembra um pouco Atena.

A garota loira parece menos impressionada.

— *Você* concorda com isso, Apolônia? — Ela soa ofendida. — Você acha que estrangeiros deveriam ter permissão para servir no templo?

A outra, que agora sei que se chama Apolônia, dá de ombros.

— *Eu* ouvi dizer que a suma sacerdotisa a escolheu porque ela recebeu uma visão divina, da própria Deusa.

A atmosfera na sala muda quase instantaneamente. Várias das acólitas que

estavam franzindo a testa agora me encaram com interesse, enquanto a garota loira arregala os olhos. Eu me lembro do que Atena me disse na ilha. Ela disse que organizaria meu transporte para Atenas e falaria com sua suma sacerdotisa sobre a minha chegada. Talvez ela estivesse se referindo a essa visão.

— É impossível que a suma sacerdotisa tenha tido uma visão com *ela* — retruca a loira, com desdém. — Ela é só uma…

— A suma sacerdotisa já teve outras visões — interrompe Apolônia. Percebo que ela fala um pouco mais alto. — Ela nunca errou. Questionar abertamente a validade de uma visão... — Ela faz uma pausa. — Alguns poderiam considerar isso blasfêmia; outros poderiam até considerar motivo para que uma acólita fosse *dispensada*.

As garotas que estavam próximas da loira se afastam, como se ela tivesse sido contaminada.

— Não. — A garota loira empalidece. — Não, não foi isso que eu disse. Isso não…

— Não contarei à suma sacerdotisa. — O tom de Apolônia permanece leve, embora eu perceba um leve ar de provocação. — Mas só se você for embora, agora.

A garota loira não diz mais nada enquanto veste rapidamente seu quiton e deixa a sala. O restante das acólitas faz o mesmo, tomando cuidado para não fazer contato visual comigo. Quando restamos apenas Apolônia e eu, me viro para ela.

— Obrigada. Você não precisava ter feito isso.

Apolônia acena com a mão.

— Calisto é uma valentona. Todo mundo sabe disso.

— Você a conhece?

— Claro — diz Apolônia. — A maioria de nós se conhece. As acólitas costumam ser escolhidas entre as famílias aristocráticas da cidade. Todas nós crescemos juntas.

— Ah. — Penso novamente naquela divisão imaginária que senti antes, aquela que me fez parecer que eu era, de alguma forma, diferente das outras acólitas.

Como se pudesse ler meus pensamentos, Apolônia muda de assunto.

— Seu grego é muito bom — observa.

— Obrigada.

— Mas você não é grega, certo? — A pergunta não soa maldosa, e percebo nela uma curiosidade sincera.

Percebo agora que seus olhos têm uma cor indefinida, algo entre o verde e o avelã. Há uma intensidade em seu olhar, algo que me faz acreditar que ela está realmente

interessada no que eu tenho a dizer. Esse olhar também me lembra Atena. Levo um momento para encontrar as palavras.

— N-não — respondo. — Eu não sou grega.

— De onde você é? — pergunta ela.

Hesito por um instante. Nunca me perguntei qual era o nome da minha ilha. As instruções do meu pai ecoam na minha mente.

Não diga a ninguém em Atenas que é filha de deuses. Nem de onde você vem.

Apolônia me encara, à espera da resposta.

— Eu sou de uma ilha — começo. — É... longe daqui. Você nunca deve ter ouvido falar. — Isso, pelo menos, é uma meia-verdade.

Por um segundo, acho que Apolônia vai insistir por mais detalhes. Fico aliviada quando ela apenas assente com a cabeça.

— Achei que você pudesse ser egípcia ou etíope. — Ela parece pensativa por um momento. — A verdade é que ouvi Eupraxia falando de você com as outras sacerdotisas antes das outras garotas chegarem mais cedo. — Ela me encara com genuíno interesse. — É verdade que você recebeu um convite da própria Deusa?

— Sim. — Engulo em seco, nervosa. — Atena... foi até a minha ilha.

— Você a *viu*. — Apolônia arregala os olhos. — Como ela era?

Assim que falo, percebo que cometi um erro. Passei a vida inteira cercada por deuses; ver Atena foi surpreendente, mas não foi a experiência etérea que sei que Apolônia provavelmente imagina. Preciso me lembrar de que mortais como ela — como todas as acólitas, provavelmente — não pensam nos deuses como os seres falhos que eu conheço, mas como entidades verdadeiramente divinas, dignas de adoração e reverência.

Escolho minhas próximas palavras com mais cuidado.

— Ela era... diferente de tudo e todos que eu já tenha conhecido — digo, em voz baixa.

Apolônia assente com ar sábio.

— Seus pais devem estar muito orgulhosos de você.

Penso no rosto severo do meu pai e concordo com a cabeça.

— Não dê ouvidos a nada do que Calisto disser — continua ela. — Se a suma sacerdotisa teve uma visão dizendo que você deveria estar aqui, então, grega ou não, você merece estar aqui tanto quanto qualquer outra pessoa.

As palavras gentis de Apolônia me tranquilizam.

— Obrigada. — De repente, uma dúvida me vem à cabeça. — Você disse que a maioria das outras acólitas já se conhecia, mas como você foi escolhida? A suma sacerdotisa foi até a sua casa?

Para minha surpresa, Apolônia parece visivelmente constrangida.

— Isso talvez tenha acontecido com as outras — responde, com cuidado. — Mas as mulheres da minha família servem no Templo de Atena há duzentos anos. É uma espécie de tradição para nós. Quando atingi a idade certa, meu pai simplesmente informou a suma sacerdotisa.

Levo um instante para assimilar as palavras dela. Eu só tinha ouvido falar do templo de Atena duas semanas antes. A família de Apolônia o serve há dois séculos.

Meu rosto deve denunciar minha ansiedade, porque Apolônia franze a testa, preocupada.

— O que foi?

Hesito, sem saber como expressar o que estou pensando.

— As outras acólitas não implicaram com você porque é óbvio que você pertence a este templo. — Faço um gesto na direção por onde elas saíram. — Mas o que Calisto disse, o jeito como ela e as outras me olharam… Não sei se sempre serei tratada assim ou se algum dia vou sentir que realmente pertenço a este lugar.

O rosto de Apolônia assume uma expressão de determinação que me lembra Esteno. Ela pousa a mão no meu ombro.

— Se a Deusa a convidou para estar aqui, então você pertence a este lugar — exprime. — Não dê importância ao que pessoas como Calisto dizem. Elas tentam fazer você se sentir deslocada porque você as intimida.

Franzo a testa.

— Intimido?

Apolônia assente.

— Mas… por quê?

— Você não é grega como o resto de nós. Você é diferente, o que faz com que se destaque — ela me encara — e isso é uma vantagem. *Use-a*.

Deixo as palavras dela se assentarem. Se esses testes forem de fato uma competição, talvez se destacar *possa ser* útil. Quando olho para ela de novo, percebo que estou sorrindo.

— Obrigada.

Apolônia também sorri, depois assente.

— É melhor a gente ir. Elas devem estar à nossa espera.

* * *

Passo meu primeiro dia na Acrópole acompanhando de perto as diversas sacerdotisas. Entre outras coisas, aprendo rapidamente que ninguém no templo é *apenas* uma sacerdotisa — além das esperadas funções religiosas, todas aqui contribuem para a manutenção e o bem-estar não só da Acrópole, mas também do povo de Atenas. Algumas delas trabalham como tecelãs; outras limpam e cozinham. Há também aquelas que são escolhidas para exercerem trabalhos sigilosos. É muita coisa para assimilar junto com a novidade que é a própria Atenas, e, quando o sol se põe, minha mente parece uma taça cheia até a boca.

O jantar daquela noite é modesto, uma variedade de legumes frescos, pratos de queijo e tigelas de mingau. Sinto uma leve pontada ao pensar nas refeições fartas a que estou acostumada em casa, mas logo me distraio ao perceber uma leve comoção. Eupraxia entra no recinto e, no mesmo instante, todas as acólitas se levantam. É impossível ter certeza, mas o olhar da suma sacerdotisa parece quase conspiratório.

— Venham comigo — ordena ela.

Algumas das acólitas trocam olhares, mas todas obedecemos. Eupraxia nos conduz para fora do pátio e até o limite da Acrópole.

Embora o sol já tenha desaparecido no horizonte, alguns de seus últimos raios ainda banham a cidade com uma luz rosada e dourada. Há um leve farfalhar à minha direita e, quando me viro, percebo que todas as sacerdotisas do templo se reuniram ali. As acólitas usam quitons brancos e simples, mas os das sacerdotisas têm mangas e são tingidos de um azul que lembra as profundezas do oceano. Cada uma delas segura uma vela acesa e, embora ninguém nos tenha dado instruções, nenhuma das acólitas diz uma palavra quando somos conduzidas para uma fila, enquanto as sacerdotisas formam um círculo ao nosso redor. Por alguns segundos, há apenas o som distante das cigarras e das folhas roçando umas nas outras.

Então Eupraxia começa a cantarolar.

Sou tomada no mesmo instante pelo timbre baixo e aveludado, pela forma como o som reverbera por todo o meu corpo. Uma a uma, as outras sacerdotisas se juntam a ela em uníssono, acrescentando vozes e harmonizando a melodia. Algumas inclinam a cabeça; muitas fecham os olhos. Uma parte de mim se pergunta se eu deveria fazer o

mesmo, mas a nova e palpável corrente de energia no ar me impede. Ela faz os pelos dos meus braços e da minha nuca se eriçarem. Lanço um olhar furtivo para Apolônia, à minha esquerda no nosso pequeno semicírculo. Está de cabeça baixa, mas ela olha para mim, e, pela sua expressão, sei que está sentindo aquilo também. Essa sensação é completamente nova para mim. Quero dançar, ou cantar, ou gritar, mas sou compelida por alguma força invisível a permanecer imóvel. Por fim, as sacerdotisas param de cantarolar. Na visão periférica, percebo um movimento.

Uma figura pequena se afasta do círculo das sacerdotisas. Fico surpresa ao ver que não é uma mulher mais velha, mas uma menina de no máximo seis ou sete anos. Seu rosto claro ainda é arredondado e macio, mas a solenidade em sua expressão pertence a uma mulher dez vezes mais velha. Mais cedo naquele dia, ouvi uma breve menção às arréforas — as sacerdotisas mais jovens do templo, que servem por apenas dois anos —, mas de fato ver essa criança é mais intimidador do que eu imaginava. No braço fino, ela usa uma manopla de couro, e pousada sobre ela está uma grande coruja branca. As outras sacerdotisas inclinam ainda mais a cabeça, em reverência, à medida que a arréfora passa por elas. Então, como se obedecessem a um sinal silencioso, todas erguem as velas e começam a cantarolar novamente, mais alto desta vez. A coruja no braço da pequena sacerdotisa alça voo e, no mesmo instante, todas as chamas das velas se tornam azuis. Ouço suspiros das outras acólitas enquanto as chamas brilham mais intensamente do que deveria ser possível, vívidas como safiras incandescentes. Então, tão rápido quanto começa, tudo termina. As velas se apagam sozinhas, todas ao mesmo tempo, e ficamos mergulhadas na escuridão. A coruja desce em um rasante para pousar novamente no braço protegido da arréfora, e cada uma das sacerdotisas se inclina diante dela antes de deixar o gramado da Acrópole. Quando a última sacerdotisa se vai, Eupraxia faz um gesto para que a sigamos. Ela não diz uma palavra até estarmos todas de volta ao alojamento das acólitas.

— Vocês acabaram de ter um mero vislumbre do poder da nossa Deusa — explica ela. — Ao iniciarem o serviço neste templo, lembrem-se disso, valorizem-no. Há muitas meninas nesta cidade e além dela que tomariam o lugar de vocês. Como acólitas, devem manter um padrão moral exemplar. Devem ser rigorosas, humildes, castas e disciplinadas… qualquer coisa menos que isso resultará em sua dispensa imediata. Também é imprescindível permanecer dentro dos limites da Acrópole, a menos que recebam permissão para sair. — Ela projeta o queixo para a frente, como se desafiasse alguém a questioná-la. Ninguém o faz, e ela continua. — Como todas

vocês já sabem, para se tornar sacerdotisa deste templo, é preciso passar por provas. Apenas aquelas que forem aprovadas em todas elas ingressarão no sacerdócio.

— Quando vamos descobrir quais são as provas? — pergunta Calisto.

— Não tenho permissão para dizer — responde Eupraxia. — Mas aconselho todas a terem uma boa noite de sono e a estarem prontas para se levantar cedo amanhã. — Seus olhos cintilam. — Ao nascer do sol, veremos exatamente do que vocês são feitas.

Depois disso, ela nos deixa, mas suas palavras ecoam na minha mente muito depois de sua partida. Uma a uma, as acólitas se recolhem aos seus catres, e, por fim, a única lamparina de óleo que ilumina o aposento é apagada.

Sei que deveria tentar dormir, mas, mesmo no escuro, minha mente não para. Pela primeira vez em toda a minha vida, não termino o dia na minha ilha nem na minha própria cama. Um arrepio silencioso me atravessa como uma flecha, e mal consigo conter a vontade de agitar as pernas como uma criança sob as cobertas. Penso agora em todos os pergaminhos que li, nos mapas sobre os quais Theo e eu passamos horas debruçados. Durante anos, apenas supusemos e sonhamos com o mundo além da nossa ilha, mas, em um único dia, cada uma dessas suposições foi substituída por uma realidade muito maior. Ainda consigo ouvir o eco do canto murmurante das sacerdotisas; os resquícios da sensação que o acompanhou ainda formigam na minha pele. Tudo aquilo pareceu tão diferente da monotonia de casa. Percebo, pela primeira vez, que me sinto verdadeiramente viva.

Agarro-me a essa sensação enquanto meus olhos se fecham e eu caio em um sono tranquilo, sem sonhos.

* * *

Acordo ao amanhecer na manhã seguinte, com o coração batendo como um tambor.

Por alguns segundos, não faço ideia de onde estou nem de como vim parar aqui. Então as peças se encaixam.

Estou no alojamento das acólitas do templo de Atena.

Acólita. É isso que eu sou agora.

O ruído metálico de um chifre rasga o silêncio, me fazendo sentar assustada. Meus olhos se ajustam e, à luz cinzenta e pálida que entra por uma janelinha, consigo distinguir a silhueta de Apolônia ao meu lado. Ela já se levantou de um catre simples,

idêntico ao meu, e veste o quiton. Faço o mesmo.

Ao nosso redor, as outras oito acólitas também despertam, piscando e bocejando no escuro. Nós nos vestimos e seguimos para o átrio principal do templo. Eupraxia está lá, à nossa espera.

À sua direita, encontra-se outra sacerdotisa de meia-idade; à esquerda, há uma mesa com vários tinteiros, estiletes e o que parecem ser pilhas organizadas de pergaminho. Percebo também uma pequena urna preta sobre a mesa.

— Bom dia, acólitas. — O tom de Eupraxia é leve e estranhamente mais amistoso do que no dia anterior, o que me deixa alerta. — Chegou o momento de iniciarem a primeira prova. Ela avaliará seu intelecto, sua sagacidade e, sobretudo, sua sabedoria. — Eupraxia percorre o grupo com o olhar. — Hoje, vocês resolverão um enigma, determinado por nossa Deusa. — Das dobras do quiton, ela retira uma ampulheta dourada, cheia de areia branca. — Assim que eu a virar, vocês terão até o último grão de areia cair para entregar sua resposta. Quem não apresentar uma resposta ou apresentar a resposta incorreta não avançará para a próxima prova.

Um murmúrio nervoso percorre as acólitas.

— Cada uma receberá um destes estiletes, um tinteiro e um pequeno pedaço de pergaminho no qual deverá escrever a resposta ao enigma, juntamente com seu nome — continua Eupraxia. — Depois de escrita, a resposta deverá ser colocada nesta urna. Não será permitido compartilhar nem discutir a resposta e, para garantir isso, uma última precaução será tomada antes de começarmos.

Ela lança um olhar à outra sacerdotisa, que se inclina atrás da mesa e retira uma jarra de barro e um cálice cor de bronze. Quando ela começa a servir, vejo um líquido prateado escorrer da jarra.

— O que é isso? — pergunta uma das acólitas.

— Tacetaqua — responde Eupraxia. — Uma poção criada pelo próprio deus Apolo. Depois de ingerida, vocês não conseguirão mais falar até que tomem o antídoto.

Ao ouvir o nome de Apolo, o próprio ar parece estalar. Ao meu lado, Apolônia estremece, e arrepios permeiam a pele descoberta dos meus braços. A bebida é um lembrete de que estamos lidando com deuses muito reais e muito poderosos. A sacerdotisa sem nome ao lado de Eupraxia termina de despejar a tacetaqua no cálice e o ergue diante de nós como uma oferenda. Ninguém se move.

— Quem será a primeira a beber? — pergunta Eupraxia.

Olho ao redor e vejo que todas as acólitas encaram o cálice com hesitação. Um dia antes, Apolônia havia dito que eu tinha a vantagem de me destacar neste grupo. Pela primeira vez desde que cheguei a Atenas, decido me destacar de propósito.

Meus pés se movem antes mesmo de eu tomar a decisão. Sinto os olhares das outras garotas sobre mim enquanto me aproximo da segunda sacerdotisa. Pego o cálice de suas mãos e avalio o conteúdo. Nunca tinha visto tacetaqua antes. É prateada e viscosa. Levo o cálice aos lábios e dou um gole. No instante em que a bebida toca minha língua, minhas bochechas ficam dormentes por dentro e minha garganta formiga. Tento pigarrear, mas não sai som algum. Minha voz desapareceu por completo.

— Próxima — ordena a sacerdotisa.

Entrego o cálice a Apolônia e observo enquanto, uma a uma, as outras oito acólitas bebem a tacetaqua. Quando terminamos, voltamos a encarar Eupraxia.

A luz do nascer do sol começa a se infiltrar pelas janelas do átrio, e um único raio de sol cintila na ampulheta que ela ergue. Nosso silêncio artificial torna o ar mais denso.

— O enigma é o seguinte — diz ela. — "Os homens podem me dar e me tirar, mas eu consumo a todos. Quem sou eu?"

Eupraxia vira a ampulheta e a coloca sobre a mesa. Em seguida, ela e a outra sacerdotisa deixam o átrio, seus passos ecoando pela pedra. Uma porta se fecha à distância, e meus olhos voltam imediatamente para a ampulheta.

A primeira prova começou.

XI

VÁRIAS DAS ACÓLITAS permanecem imóveis, encarando o lugar por onde as sacerdotisas saíram, como se esperassem que elas retornassem a qualquer momento. Afasto-me do grupo e me acomodo em um canto do átrio para não me distrair. Ali, repasso as palavras do enigma na mente.

Os homens podem me dar e me tirar, mas eu consumo a todos. Quem sou eu?

Já resolvi enigmas antes; era um passatempo que eu compartilhava com Theo em muitas tardes lá em casa. Penso no que ele diria se estivesse aqui. *De duas, uma*, ele me disse certa vez. *Enigmas são palavras a serem desembaralhadas ou quebra-cabeças a serem resolvidos*. Sinto-me um pouco mais calma. Ainda não sei a resposta para este enigma, mas isso não significa que eu não possa resolvê-lo.

Começo a dissecar as palavras do enigma na minha mente, rearranjando sua ordem. Mal presto atenção nas outras acólitas ao meu redor. Meus olhos se fixam no chão de pedra à minha frente, enquanto a luz da manhã, cada vez mais intensa, continua a entrar pelas janelas.

Os homens podem me dar e me tirar.

Há muitas coisas que os homens dão e tiram o tempo todo — comida, dinheiro, terras —, mas tudo isso parece prático demais, literal demais, fácil demais. Mudo de abordagem e passo a pensar de forma mais metafórica.

Os homens podem me dar e me tirar.

Existem outras coisas, menos tangíveis, que os homens podem dar e tirar.

Repasso algumas possibilidades rapidamente. Alegria. Tristeza. Amor. Ódio. Todas essas respostas são plausíveis, mas nenhuma parece certa. Levo um momento para entender o porquê. Atena não é uma deusa da alegria, da tristeza, do amor ou do ódio — ela é a deusa da sabedoria, do intelecto e do conhecimento. Uma corda dentro de mim vibra. *Conhecimento*. Isso parece mais próximo da resposta correta. Os homens podem dar conhecimento e também podem tirá-lo. Então me lembro da segunda parte do enigma: *mas eu consumo a todos*. O conhecimento poderia realmente

consumir?

Mergulho o estilete no tinteiro, com a mão pairando sobre o pedaço de pergaminho. Conhecimento é a melhor resposta a que cheguei. Parece plausível, mas… algo me impede de escrevê-la. Não consigo silenciar completamente a vozinha no fundo da mente, aquela que teme que eu esteja errada. A ansiedade pulsa em mim, e minha mão treme com tanta força que uma gota grossa de tinta cai do estilete e mancha o pergaminho.

O chilrear súbito e agudo de um pássaro próximo atrapalha minha concentração e, pela primeira vez, meu olhar atravessa o átrio até a ampulheta que Eupraxia colocou sobre a mesa. Ela está longe, mas não tanto a ponto de eu não perceber que metade da areia já escorreu para o bulbo inferior, com cada vez mais grãos passando a cada segundo.

De repente, eu me surpreendo ao ver Calisto se aproximando da urna. Não sou a única a observar quando ela deixa cair o pergaminho ali dentro, com uma expressão que mistura triunfo e alívio. A decepção se retorce dentro de mim como uma lâmina. *Eu* queria ter sido a primeira a responder ao enigma. Fico ainda mais desanimada quando uma segunda acólita deposita seu pergaminho na urna, seguida por uma terceira, quarta e quinta garota. Metade das acólitas já entregou suas respostas. Encaro novamente meu pergaminho, desejando que ele revele uma pista, qualquer coisa que possa me ajudar.

Os homens podem me dar e me tirar, mas eu consumo a todos. Quem sou eu?

Alegria.

Tristeza.

Amor.

Ódio.

Conhecimento.

Soberba.

Vida.

Morte.

Cada uma dessas respostas é plausível; cada uma delas me soa errada. Engulo em seco, lutando contra a vontade de vomitar, e então olho mais uma vez para a ampulheta. Mais areia escorreu, rápido demais. Começo a suar. Se eu entregar a resposta errada, vou fracassar na prova, mas, se *não* entregar resposta alguma, estar certa ou errada não fará diferença. Cerro a mandíbula. Preciso ter certeza e, para ter

certeza, preciso de mais uma pista, uma dica, preciso de…

Inspiro com força. É como se eu tivesse sido atingida por um relâmpago, tamanha a rapidez com que a revelação surge em minha mente. Eu tenho a resposta do enigma; agora tenho certeza disso. *Claro*. É tão simples que quase fico com raiva de mim mesma por não ter percebido antes. Rabisco uma única palavra no pedaço de pergaminho, acrescento meu nome e me levanto, caminhando decidida até a urna. Vejo Calisto me observando, mas, ao deixar meu pergaminho cair ali dentro, faço isso sem arrependimento ou dúvida. A areia da ampulheta ainda escorre do bulbo superior para o inferior, mas já não tenho medo dela. O alívio me invade em ondas. Afasto-me da mesa e, pela primeira vez, realmente observo o átrio ao redor.

As cinco acólitas que já entregaram suas respostas estão sentadas juntas, em um grupinho, incapazes de conversar, mas claramente se deleitando com o sucesso. Outras três estão espalhadas pelo recinto, e percebo que uma delas é Apolônia. Ela puxou os joelhos contra o peito, e lágrimas escorrem por seu rosto. Encara o pergaminho com uma expressão aflita, repleta de desesperança. De repente, ela levanta os olhos para mim. Há súplica em seu olhar. Abro a boca para dizer algo que a conforte, mas, claro, não sai som algum.

Um ruído alto de madeira raspando contra pedra interrompe o silêncio. Eu me viro e vejo uma porta do outro lado do átrio se abrindo. Eupraxia e a outra sacerdotisa retornaram. Nenhuma das duas fala, mas sei por que estão ali. A areia da ampulheta está quase no fim. Se Apolônia não entregar uma resposta — a resposta *certa* — nos próximos minutos, ela não avançará. Imagino o que Esteno diria se estivesse aqui: Apolônia é minha rival neste espaço, não minha amiga. Eu não deveria me importar com ela. Mas então me lembro de ontem, quando ela me defendeu mesmo sem me conhecer. Ela me protegeu mesmo sem ter um motivo real para isso.

Tomo minha decisão.

Ainda estou parada no meio do átrio, mas me viro, rezando para que minha ideia — por mais imprudente que seja — funcione. A essa altura, Eupraxia e a outra sacerdotisa já estão novamente junto à mesa. Paro diante delas e aponto para a urna.

— Você já entregou sua resposta, menina? — pergunta Eupraxia.

Assinto com a cabeça e volto a apontar para a urna, com urgência.

Eupraxia balança a cabeça.

— Depois que entrega sua resposta, você não pode mudá-la. — O tom dela é surpreendentemente gentil.

Eu sei disso, claro. Só espero que Apolônia ainda esteja me observando. Afasto-me da mesa e finjo escorregar, jogando o corpo contra ela. A ampulheta balança perigosamente, e estendo a mão, tomando cuidado para que meus dedos rocem nela enquanto uso a mesa para me apoiar. Num instante, Eupraxia contorna a mesa e agarra meu antebraço. A gentileza em sua expressão desapareceu, substituída pela irritação.

— Preste atenção por onde anda, menina!

Faço uma reverência discreta, num pedido de desculpas, e me afasto depressa da mesa fazendo um teatrinho. Agora estou de costas para Eupraxia, então ela não vê o olhar que lanço furtivamente para Apolônia.

Por sua vez, Apolônia assistiu a toda a cena. Ela franze a testa para mim, e eu olho da ampulheta para ela. Vejo o instante em que a compreensão surge em seu rosto; sua boca se abre em um "O" silencioso. Ela é discreta o bastante para esperar alguns segundos antes de rabiscar algo em seu próprio pergaminho e então correr até a urna para entregar a resposta.

Assim que ela se afasta, Eupraxia ergue a mão.

— A primeira prova está encerrada — anuncia. Seu olhar de falcão percorre todas nós. — "Os homens podem me dar e me tirar, mas eu consumo a todos. Quem sou eu?" Eu sou o *tempo*.

Ainda não consigo falar, mas solto o ar. O salão do templo parecia sufocante antes; agora sinto o mais leve toque da brisa matinal na minha nuca, me refrescando.

— As seguintes acólitas entregaram a resposta correta: Calisto, Amersa, Medusa, Galene, Xante e… Apolônia. Àquelas que acertaram: parabéns — diz Eupraxia. — Vocês avançarão para a próxima prova. Àquelas que não entregaram uma resposta ou que erraram: vocês não prosseguirão. Depois de tomarem o antídoto da tacetaqua, podem recolher seus pertences e deixar o templo.

Quatro das acólitas escondem o rosto entre as mãos, e sinto uma pontada no peito. Então encontro o olhar de Apolônia. Ainda não podemos falar, mas o sorriso em seu rosto é tão radiante quanto o meu. Solto o ar, aliviada. Nós duas conseguimos.

A segunda sacerdotisa — a mesma que nos deu a tacetaqua antes — agora se aproxima de cada uma de nós com um novo cálice. Quando chega a minha vez, percebo que o antídoto parece água. Bebo com avidez, aliviada ao pigarrear e ouvir minha própria voz novamente. O átrio começa a se encher dos sons das outras

acólitas recuperando a fala; há murmúrios, risadinhas sem fôlego e soluços ocasionais das quatro que não conseguiram resolver o enigma. Eu me dou conta de que, em uma hora, fomos reduzidas a seis. Eupraxia bate palmas, e voltamos a fazer silêncio.

— As que foram bem-sucedidas podem agora tomar o desjejum no alojamento — anuncia ela.

Não é preciso falar duas vezes. A ansiedade que me dominou durante a primeira prova desapareceu, substituída pela fome quase instantaneamente. Minha barriga ronca, e não é a única. Quase choro quando retornamos ao alojamento das acólitas e encontramos, no centro do recinto, uma mesa farta — pratos de frutas, queijos e pães empilhados. Assim que encho minha tigela e me sento, Apolônia se junta a mim.

— Você me ajudou — diz ela baixinho, para que só eu possa ouvir. — Você me ajudou, mesmo sem precisar.

Estou prestes a morder uma maçã, mas paro.

— E você me ajudou ontem — sussurro. — Então estamos quites.

Apolônia balança a cabeça.

— Não é a mesma coisa, nem de longe. — Ela inclina a cabeça. — Por que você fez isso?

Penso na pergunta por um instante. Quis ajudar Apolônia porque ela me defendeu no dia anterior, mas sei que não foi só por isso. Penso na minha mãe, em como ela vive em constante competição com as outras deusas da Corte do Mar. Percebo que não quero ser como ela, me sentindo ameaçada por outras mulheres poderosas.

— Eu quero me tornar sacerdotisa — digo —, mas quero que *você* também se torne. Não vejo por que não podemos passar por essas provas juntas.

Apolônia sustenta meu olhar.

— Juntas, então — diz ela. — Vamos fazer isso juntas.

Ela aperta minha mão. É breve, mas sinto seu calor e o guardo com carinho. Terminamos o café da manhã em silêncio, juntas.

XII

ESPERAVA QUE A NOSSA segunda prova fosse já no dia seguinte. Mas a suma sacerdotisa tinha outros planos.

Durante os dias que se seguiram, as outras acólitas e eu tivemos de cumprir uma série de tarefas menores no templo. Fomos enviadas a um bosque próximo para colher os frutos das oliveiras, encarregadas de lavar as túnicas das sacerdotisas mais velhas e incumbidas de garantir que as lamparinas de óleo permaneçam cheias ao longo do dia. Em alguns momentos, o trabalho é bastante monótono.

— Não deveríamos estar fazendo isso — murmura Calisto certo dia, enquanto esfregamos o chão de um dos pátios do templo. — Isso é trabalho de *escravos*, indigno de uma acólita sacerdotisa.

Embora eu jamais admitisse isso em voz alta, a verdade é que concordo com Calisto, ao menos em parte. Quando Atena me convidou a servir como acólita em seu templo, pareceu impressionada com minha inteligência e educação autodidata. Eu esperava, até acreditava, que pudesse aplicar parte desse aprendizado aqui no templo. Esse tipo de trabalho braçal não exige educação alguma. Ainda quero estar em Atenas, ainda quero estar aqui, na Acrópole, mas percebo, com certa tristeza, que a faísca inicial de entusiasmo que senti ao chegar já não arde com a mesma força de antes. Não é a primeira vez que me pego pensando na deusa e me perguntando se chegarei a vê-la em algum momento enquanto estiver em Atenas.

* * *

Quase uma semana após a nossa chegada, Eupraxia designa a mim e a Apolônia a tarefa de limpar o pequeno estábulo da Acrópole. É, de longe, o prédio menos bonito do complexo — quente, barulhento e impregnado do fedor de gado e dejetos —, mas trabalhar ao lado de Apolônia torna a tarefa suportável. A atividade em conjunto nos dá mais tempo para nos conhecermos.

— Você tem irmãos? — pergunto, enquanto removemos o feno sujo.

Apolônia assente.

— Três irmãos mais velhos, Lico, Agátocles e Menandro. Um dia, todos serão senadores, como meu pai.

Dou uma risadinha.

— Que conveniente, todos quererem a mesma coisa.

Apolônia sorri, mas sem entusiasmo.

— Não é bem uma questão do que eles querem, mas do que meu pai pretende. — Ela faz uma pausa. — Ele sempre consegue o que quer.

Agora sou eu quem oferece um sorriso triste. Eu me lembro bem demais do que meu pai me disse antes de eu sair de casa: *Quando chegar a Atenas, lembre-se de que representa mais do que a si mesma. Você representa nossa família, nosso sangue e nossa corte.*

Entendo o que Apolônia sente melhor do que ela imagina e me frustra não poder contar a ela sobre meus pais, sobre o mundo de onde venho. Penso em minha mãe e nos deuses conspiradores da Corte do Mar, nos Olimpianos e nos jogos complicados que tantos deuses jogam para cair nas graças deles. Na verdade, não faço ideia do que Apolônia pensaria de tudo isso. Faço uma pausa, ponderando o que dizer para ela.

— A Deusa me convidou para vir para cá — começo. — Eu quis vir, mas, mesmo que não quisesse, acho que meu pai teria me forçado. Ele ficaria… desapontado se eu não passasse nas provas.

Apolônia continua a limpar o feno.

— Acho que o meu me expulsaria de casa — diz, com leveza. — Nenhuma mulher da nossa família falhou nelas.

— E a sua mãe? Ela queria que você fizesse isso?

O dar de ombros de Apolônia é forçado.

— Não saberia dizer — responde. — Ela morreu quando eu era pequena. Mas, pelo que dizem, era uma sacerdotisa muito querida, antes de conhecer meu pai e se casar. — Por um instante, sua expressão adquire um ar distante. — Ela teve três filhos homens e, depois teve a mim, antes de ser levada pela doença. Era uma boa e honrada mulher ateniense.

Quando ela me falou pela primeira vez do vasto legado de serviço de sua família ao Templo de Atena, eu não apenas fiquei admirada, como também cheguei a sentir até um pouco de inveja. Agora, porém, vejo o outro lado da moeda. Por mais que meu pai

queira que eu traga prestígio à nossa família, sei que sempre posso voltar para casa. Eu me pergunto como Apolônia se sente sabendo que isso não é uma opção.

Depois disso, continuamos o trabalho em silêncio, ambas perdidas em nossos próprios pensamentos. Por fim, vou até o fundo do estábulo. A princípio, penso que a última baia está vazia, mas então ouço um bater de asas, e dou um pulo para trás. Quando minha visão se ajusta, dois olhos amarelo-vivos encontram os meus na escuridão. Percebo que é a coruja branca do ritual da primeira noite.

— O nome dele é Glaucópide — explica Apolônia ao se juntar a mim. — O emblema da Deusa é uma coruja, por isso é tradição das sacerdotisas da Acrópole manter sempre uma aqui, em sua honra.

Apolônia retorna ao trabalho uma baia adiante, enquanto continuo observando Glaucópide. Ele é uma criatura majestosa, visivelmente maior do que a maioria das corujas comuns, e há algo em seu olhar amarelo penetrante, uma curiosidade quase humana. Percebo, de um jeito estranho, que aquele olhar me lembra o de Atena. Ele ainda me observa com cautela, então, quando me aproximo, é devagar, com cuidado.

— Não vou te machucar — sussurro.

Meus olhos miram as garras pretas da coruja. Elas são curvas, cada uma tão longa quanto meu dedo indicador.

Não vou te machucar, mas você certamente poderia me machucar se quisesse.

Reparo no feno sob ela. Está coberto de fezes de pássaros e do que parecem ser os minúsculos esqueletos de alguns roedores azarados. Faço uma careta e, então, volto a olhar para a coruja.

— Não vou conseguir limpar o seu espaço com você empoleirado aí — digo para ele.

Vejo uma manopla pendurada na parede e a deslizo sobre o braço esquerdo. Glaucópide agora está muito atento. Sorrio.

— Ah, agora eu chamei sua atenção.

Não tenho experiência com animais, mas confio no meu instinto ao erguer o braço protegido. Para minha alegria, Glaucópide imediatamente desce em voo para se empoleirar nele.

— Não é tão ruim assim — sussurro.

Meu ombro já começa a doer, mas não ouso abaixá-lo. Eu me lembro dos escravizados na minha ilha dizendo que tenho olhos grandes "de coruja". Agora, não consigo deixar de pensar nisso como um elogio. Os olhos amarelos de Glaucópide são

luminescentes na penumbra do estábulo, impossíveis de ignorar. Eles transmitem um poder estranho que me lembra o ritual da nossa primeira noite no templo, a forma como me senti enquanto as sacerdotisas erguiam suas velas em uníssono.

— Não posso dizer que já tenha conhecido muitas corujas — digo a ele em voz baixa. — Mas você, meu amigo, talvez seja a mais bonita de todas.

— Falando com um *pássaro*, meteca?

Dou um pulo. Não ouvi Calisto entrar no estábulo. Tento evitá-la sempre que possível desde nosso primeiro encontro. Apolônia também se vira ao notar a outra garota e, em seguida, fica tensa quando ela para diante de mim. O sorriso triunfante em seu rosto não promete nada de bom. Decido não responder, mas Calisto continua.

— Não importa quantos quitons você vista, sabia? — diz ela, com desdém. — Você *nunca* será ateniense e nunca vai pertencer a este lugar.

As palavras dela doem, mas lembro do que Apolônia disse naquele primeiro dia. *Não dê importância ao que pessoas como Calisto dizem. Elas tentam fazer você se sentir deslocada porque você as intimida.*

Endireito a postura.

— Você tem razão — digo com suavidade. — Nunca serei ateniense. Mas, pelo menos, conquistei meu lugar aqui por mérito próprio.

Os olhos de Calisto se estreitam.

— *O que* foi que você disse?

Ergo o queixo, fazendo o possível para imitar a altivez de Esteno.

— *Eu* fui convidada a servir neste templo pelo meu mérito, não porque meu pai fez uma doação generosa.

Calisto fica vermelha como um pimentão, e sei que acertei em cheio. Entre outras coisas que Apolônia me explicou nos meus primeiros dias no templo, descobri que algumas famílias aristocráticas atenienses fazem jogos políticos para que suas filhas sirvam como sacerdotisas do templo. Algumas pagam fortunas por esse privilégio; outras recorrem a todo tipo de prática pouco honrosa para garantir uma vaga.

— Meddy *pertence*, sim, a este lugar. — Apolônia dá um passo à frente. — Ela passou na primeira prova, assim como você. — Ela faz um gesto em direção a Glaucópide. — Até o pássaro sagrado da Deusa simpatizou com ela.

Os olhos de Calisto deslizam até a coruja, e ela franze a testa.

— Isso não quer dizer nada — diz.

Ela pega outra manopla pendurada em uma das portas do estábulo, a veste e

estende o braço.

— Glaucópide, aqui — ordena, de forma imperiosa.

O pássaro olha para ela e apenas pisca.

— Aqui! — comanda ela, erguendo ainda mais o braço. — Venha até mim!

Alguns segundos se passam, depois um minuto inteiro.

Apolônia dá um sorrisinho.

— Acho que ele não gosta de você — comenta, mal contendo a diversão na voz. — Talvez ele seja bom em julgar o caráter.

Calisto me lança um olhar fulminante antes de arrancar a manopla do braço e jogá-la no chão.

— Não importa — solta ela. — É só um pássaro idiota.

Eu sei no mesmo instante que ela cometeu um erro. A cabeça de Glaucópide se vira bruscamente em sua direção, os olhos amarelos faiscando. Através da manopla, sinto o aperto das garras dele em meu braço se intensificar, e sei o que está prestes a acontecer.

— Calisto — aviso. — Olha…

Glaucópide se lança do meu braço em uma explosão de penas brancas e avança direto contra Calisto. Os olhos da garota se arregalam, e ela grita quando a coruja passa rente a sua cabeça, as garras a centímetros de seu rosto. Ela começa a correr pelo estábulo, aos berros, enquanto Apolônia e eu observamos, horrorizadas, Glaucópide voar até as vigas mais altas do teto. Os gritos de Calisto ficam cada vez mais altos.

— Calisto! — sibila Apolônia. — Pare de fazer todo esse barulho… você está assustando ele!

Mas então Glaucópide mergulha de novo, e os gritos de Calisto só se tornam mais desesperados. Deveria ser engraçado vê-la correndo pelo estábulo com a coruja atrás dela, mas não é. Tenho a sensação de que algo ruim está prestes a acontecer.

— Glaucópide! — Apolônia parece tentar retomar o controle. Ela coloca a manopla que Calisto abandonou e ergue o próprio braço. — Glaucópide, aqui!

O pássaro interrompe a perseguição por um instante e pousa em um poleiro perto de Apolônia. Então Calisto aproveita a chance e dispara porta afora. Os olhos da coruja se voltam imediatamente para ela. Sinto um aperto no peito.

Não vá. Por favor, não vá.

A coruja olha para nós uma última vez e, em seguida, se impulsiona do poleiro e sai do celeiro.

— Não!

Sinto um aperto no peito. Apolônia e eu corremos para fora pela porta aberta, mas é inútil. Já consigo ver o corpo branco de Glaucópide ficando cada vez menor à medida que ele plana para baixo, entrando na cidade de Atenas. Eu me viro depressa, preocupada com a possibilidade de alguém ter visto, mas, para meu enorme alívio, os gramados ao redor estão vazios.

— Para onde a Calisto foi? — pergunta Apolônia.

— Provavelmente para algum lugar onde possa se esconder — digo, amarga. Mas me conforta saber que ela não terá pressa em contar a ninguém o que aconteceu. Eu me viro para Apolônia. — O que a gente faz?

— Contamos para Eupraxia — responde Apolônia, com firmeza. — Vamos dizer a ela o que Calisto fez. Ela será punida em nosso lugar.

Balanço a cabeça.

— Se o que você disse sobre a família de Calisto ter feito uma doação generosa ao templo for verdade, não sei se ela será punida de alguma forma. — *E isso não vai trazer Glaucópide de volta*, penso.

Essa situação parece ser um problema muito maior. Penso no ritual da nossa primeira noite no templo, na jovem sacerdotisa que conduziu Glaucópide até a frente. Não sei o que o templo fará sem o seu emblema. E não tenho certeza de que quero descobrir.

Agora Apolônia parece à beira das lágrimas.

— Não sei o que mais podemos fazer.

Nós duas ainda estamos com as manoplas nos braços. Uma ideia me ocorre.

— Podemos trazer Glaucópide de volta — digo depressa — Se descermos até a cidade com comida para ele, podemos tentar atraí-lo. Corujas são noturnas, ele vai ficar desorientado durante o dia. Não pode ter ido muito longe, e com certeza deve pousar em algum lugar lá embaixo.

Apolônia parece hesitante.

— Não sei se isso é uma boa ideia, Meddy.

Eu a encaro.

— Por quê?

— É que… — Ela parece lutar com as próprias palavras. — Não deveríamos sair da Acrópole. Eupraxia disse isso, lembra?

— Mas com certeza, se estivermos agindo dentro das nossas funções como

acólitas…

— Não é só isso — continua ela. — Mulheres não devem andar na cidade desacompanhadas. É… malvisto. Podemos nos meter em encrenca.

Olho na direção por onde vi Glaucópide voar pela última vez. Penso na forma como as sacerdotisas do templo o contemplavam durante o ritual e do que Apolônia disse antes. O pássaro é mais do que um simples animal do templo; ele é o símbolo vivo da deusa a quem todas nós devemos servir.

Tomo minha decisão.

— Vamos nos meter em uma encrenca muito maior se algo acontecer com ele — argumento. — Temos que ir, anda.

EU ACHAVA QUE compreendia a dimensão de Atenas quando Hermes e eu sobrevoamos a cidade dias antes. No entanto, conforme Apolônia e eu avançamos por suas ruas, percebo o quanto eu estava enganada.

Espio por baixo do véu branco translúcido que coloquei. Ao meu lado, Apolônia também usa um; ambas temos a esperança de que ninguém nos reconheça. Meu coração dispara conforme adentramos cada vez mais as multidões agitadas da cidade. As pessoas que eu havia visto do céu de repente são muito reais, próximas o suficiente para serem tocadas. Algumas de fato me tocam ao passar, esbarrando em mim e me empurrando de um lado para o outro, mas isso não me incomoda; eu saboreio a sensação. Passamos por pescadores, açougueiros, oleiros e outros artesãos. Por fim, chegamos a um pátio gramado fervilhando de ainda mais gente.

— Esta é a Ágora — explica Apolônia. — É o principal mercado da cidade.

Olho ao redor, maravilhada. A Ágora está abarrotada de barracas dispostas lado a lado. Tento, sem sucesso, absorver tudo de uma vez. Durante toda a minha vida, meu conhecimento do mundo além da minha ilha chegou em fragmentos — por meio de bugigangas aleatórias trazidas pelas ondas até a costa, ou de histórias pela metade contadas por aqueles obrigados a servir meus pais. Eu achava que sabia como era a vida dos mortais na cidade, mas agora vejo que há muito que desconheço. As barracas por onde passamos estão cheias de frutas e verduras maduras que nunca vi antes e que morro de vontade de provar; pessoas gritam de um lado a outro do pátio em línguas que nunca ouvi, apontando e gesticulando para as mercadorias que desejam. Há mais

uma coisa que noto: os habitantes de Atenas não são todos iguais. Na verdade, apresentam uma enorme variedade de etnias, tamanhos e cores. Passamos por um grupo de homens altos e musculosos, de pele muito mais escura que a minha e cabelos volumosos e crespos que me lembram os de Theo; segundos depois, vejo uma mulher de pele branca e uma cascata de cabelos loiros, lisos e brilhantes, que vão até os joelhos. Os deuses que visitavam nossa ilha também tinham tons de pele diferentes, mas nunca vi tanta diversidade reunida em um só lugar.

— Fique perto — alerta Apolônia. — É fácil se perder aqui.

Faço o possível para acompanhar seu passo enquanto seguimos o fluxo de pedestres, mas meus olhos continuam vagando. Um homem corpulento, sentado em um banco, ergue sandálias de couro decoradas com contas e grita; mais adiante, outro, mais magro, está cercado por estatuetas esculpidas dos Olimpianos. Leio as pequenas inscrições gravadas em cada uma e rio sozinha ao identificar Hermes, Dioniso e Hera, antes de pensar em como Theo adoraria tudo aquilo. Estou tão distraída que não percebo a carroça puxada por bois vindo em nossa direção.

— Meddy! — Apolônia estende a mão para segurar a minha, mas é tarde demais.

A multidão se abre quando a carroça corta o caminho. Apolônia é arrastada para a esquerda, enquanto o fluxo de pessoas me leva para a direita. Quando a carroça passa, procuro por Apolônia, mas ela desapareceu.

Não. Tento conter o pânico. Não faço a menor ideia de como me orientar sozinha em Atenas. Tudo ao meu redor parece estar em movimento constante, tornando impossível até mesmo me localizar. Ergo o véu e olho a minha volta uma vez, depois uma segunda. Na terceira, lágrimas se acumulam em meus olhos. Penso, com temor, no que pode acontecer se eu não retornar à Acrópole antes do anoitecer…

Estico o pescoço, procurando desesperadamente, mas alguém esbarra em mim e me lança para trás. Por instinto, estendo a mão, buscando qualquer coisa que amorteça minha queda, e agarro a borda de uma barraca cheia de figos. Em segundos, recupero o equilíbrio, mas vários figos não dão a mesma sorte. Observo, horrorizada, enquanto pelo menos três dos que estavam na beirada rolam para fora da barraca e desaparecem sob os pés apressados da multidão. Quando ergo o olhar, a dona da barraca, uma mulher de pele bronzeada pelo sol e cabelos escuros, me encara com fúria.

— Você vai pagar por cada um deles! — Ela já está contornando a barraca. — Eram frutas das boas!

— E-eu sinto muito — digo, no melhor grego que consigo.

— Duas dracmas! — Ela estende a mão.

Uma nova onda de ansiedade me atravessa. Esqueci dessa prática específica dos mortais. Aqui, as pessoas pagam pelos bens com a moeda usada em sua própria terra. Penso na minha pequena coleção de moedas estrangeiras que está em casa e, de repente, gostaria de ter lembrado de trazê-las comigo. Os olhos da mulher mais velha se estreitam enquanto ela me examina. É evidente que não carrego nada comigo além da manopla da coruja. Começo a recuar, mas ela agarra meu braço descoberto, acima do cotovelo, e aperta com força. Meu véu escorrega, expondo meu rosto.

— Sua ratinha — sibila ela. — Me dê o meu dinheiro!

Luto para me soltar.

— Eu sinto muito, eu não tenho…

— Vou chamar o magistrado! — A voz da mulher fica ainda mais estridente. Ao nosso redor, as pessoas começam a olhar. — Não pense que eu não vou! Você sabe qual é a punição para roubo nesta cidade? *O chicote*.

Minha boca fica seca. Tenho medo de ser açoitada, mas tenho ainda mais medo do que pode acontecer se eu for presa e não voltar ao templo. Serei dispensada do serviço? Meu coração começa a disparar, o sangue ruge nos meus ouvidos.

— Magistrado! — grita ela, sacudindo-me. — Alguém chame o magistrado! Essa garota é uma ladra, ela…

— Com licença — diz uma nova voz. — Mas isso não será necessário.

A mulher e eu erguemos o olhar, surpresas. Um rapaz surgiu do meio da multidão agitada. Aparenta ter a minha idade, alto, magro e queimado de sol. E não parece nem um pouco abalado diante do tumulto que causamos. Antes que a vendedora possa falar, ele ergue uma pequena bolsa de couro para moedas.

— Isso deve cobrir o preço dos figos — diz em voz baixa, deixando-a cair na mão dela. — E um pouco mais pelo transtorno.

A mão livre da mulher se fecha instantaneamente em torno da bolsa. Não sei muito sobre a moeda ateniense, mas suspeito que a quantia ali dentro seja muito maior do que duas dracmas. Ela alterna o olhar entre a bolsa e o jovem, sem palavras.

— Eu…?

O rapaz afasta os dedos dela do meu braço.

— Tenha um bom dia — diz, com tato, puxando-me para fora do alcance dela. A mulher resmunga algo ininteligível antes de voltar para os figos restantes. Aos poucos,

os vendedores ao redor também retomam a venda de suas mercadorias. O rapaz faz um gesto com a cabeça para a esquerda, e eu o sigo pela rua. Quando alcançamos uma área um pouco menos movimentada, ambos diminuímos o passo.

— Obrigada — digo.

Ele faz um gesto displicente com a mão.

— Não foi nada.

— Nem vem com isso de *não foi nada* — insisto. — Você me ajudou, e nem me conhece.

— Sei que você está usando um véu. — Ele aponta para minha cabeça. — Meu palpite é que você trabalha no templo. É uma sacerdotisa?

— Acólita — corrijo, desviando o olhar. — Estou em treinamento, embora talvez não por muito tempo.

O rapaz franze a testa.

— Por quê?

— Eu perdi algo, algo importante. — Ao dizer as palavras em voz alta, sinto um pouco mais de esperança se esvair. — Vim à cidade tentar encontrá-lo.

— Talvez eu possa ajudar — diz ele. — O que você perdeu?

— Uma coruja.

O rapaz pisca.

— Uma *coruja*?

— Ele pertence ao templo — acrescento depressa. — É um pássaro especial.

Ele continua me encarando, como se estivesse tentando decifrar um enigma.

— Você desceu da Acrópole… para encontrar uma única coruja? — É impossível não notar a incredulidade em sua expressão. — Você faz ideia do quanto essa cidade é grande?

— Eu precisava tentar — digo, na defensiva. — Precisava fazer *alguma coisa*.

Pela expressão do rapaz, ele parece satisfeito com a minha resposta.

— Uma garota persistente — diz ele. — Isso é muito admirável.

Minhas bochechas esquentam. É impossível não perceber que o rapaz é bonito. Há vestígios de barba no queixo, mas o cabelo escuro e bagunçado lhe dá um ar juvenil. O corpo esguio e a pele bastante bronzeada me fazem crer que ele passa bastante tempo debaixo do sol, provavelmente fazendo algum tipo de trabalho físico. Eu me pergunto se é um pastor ou um pescador, mas ele logo interrompe meu devaneio fazendo a próxima pergunta.

— Essa coruja… — diz ele, devagar. — Como ela é?

— É grande e branca — respondo. — Difícil de não notar.

O rapaz olha para o horizonte com uma expressão pensativa, como se estivesse vasculhando a própria memória. E então, ele parece se lembrar de que estou ali e diz:

— Tem um bosque pequeno não muito longe daqui. Se a sua coruja voou para baixo desde a Acrópole, imagino que possa ter ido para lá. A cidade seria barulhenta para um pássaro noturno.

Isso reacende minha esperança.

— Você pode me dizer como chegar lá?

Um sorriso volta ao rosto do rapaz.

— Posso fazer melhor, eu levo você até lá.

Começo a agradecê-lo novamente, mas paro.

— Você faria isso por mim? Por quê?

O rapaz me lança um olhar de falsa seriedade.

— Você é uma serva dos deuses. Ajudar você vai melhorar a minha sorte.

Não sei se ele está certo quanto a isso, mas a resposta me faz rir.

— Vamos lá. — Ele faz um gesto, indicando um novo caminho, longe do tumulto cidade. — Vamos encontrar a sua coruja.

* * *

O rapaz me conduz das ruas agitadas da Ágora até uma parte mais tranquila e residencial de Atenas. Sei que deveria estar totalmente concentrada em recuperar Glaucópide, mas meus olhos não conseguem deixar de admirar tudo o que vejo. Nos degraus de algumas casas, homens idosos se agacham juntos com tábuas e dados, e deduzo que estejam jogando algum tipo de jogo. É algo simples, mas ainda assim me fascina. Passamos por uma estrutura curiosa: algo que parece uma grande tigela de tijolos de barro está fixado no chão, entre dois pilares. Observo enquanto uma jovem mergulha um balde preso a uma corda dentro da tigela e o puxa lentamente para cima. Quando o faz, fico surpresa ao ver que agora ele está cheio de água. Abro a boca, admirada, e o rapaz deixa escapar uma risada.

— Parece até que você nunca viu um poço antes — provoca ele.

— Eu…

— Vamos — incita ele. — O bosque não fica muito mais longe.

* * *

Uma coisa é sobrevoar uma cidade do tamanho de Atenas; outra, completamente diferente, é percorrê-la a pé. Quando chegamos ao agrupamento de árvores que o rapaz indicou, meus pés já estão começando a doer. Ergo o olhar. Os ciprestes ali são muito maiores do que os do jardim da minha mãe; parecem mais selvagens também. Procuro entre eles por um instante, prendendo a respiração, e então, exclamo de alegria ao notar um pequeno tufo branco no alto, entre as folhas escuras.

— Glaucópide!

Coloco a manopla que trouxe e ergo o braço. A coruja está muito além do meu alcance, nos galhos de uma árvore, e mantenho o braço estendido, rezando para que ele me note, até que sinto sobre mim o olhar amarelo e penetrante dele, avaliando-me. Então, para meu alívio, ele mergulha direto e pousa com graça no meu braço. Penso em acariciar sua cabeça, mas reconsidero quando ele estala o bico afiado.

— Você me assustou — digo com suavidade, erguendo um pouco o braço.

Glaucópide olha além de mim, e percebo que está observando o rapaz, que recuou alguns passos.

— Curioso — comenta ele, com um leve deboche em seu tom enquanto examina o pássaro. — Nunca vi uma coruja domesticada.

— Ele é especial — digo, com uma afeição renovada. Glaucópide se apruma, ajeitando as penas. — Você pode chegar mais perto, se quiser.

— Está tudo bem.

O rapaz definitivamente prefere observar a coruja de longe. Deixo escapar uma risada, sem querer, e me viro para encará-lo.

— Obrigada por me ajudar a encontrá-lo. Sinto muito por não ter como retribuir.

— Faça uma prece por mim. — O rapaz sorri e inclina a cabeça. — Isso já é pagamento suficiente.

— Posso fazer isso.

Ele acena antes de seguir por uma rua diferente. Aceno de volta, e então, ele desaparece de vista.

Só quando ele se vai percebo que não perguntei como se chamava.

FICO ALIVIADA AO encontrar Apolônia pouco antes de chegar à Acrópole. Sua testa está suada por conta do sol da tarde, e seus cabelos, normalmente tão arrumados, estão um pouco desalinhados sob o véu. Ela passou o tempo em que estivemos separadas procurando mais perto da Ágora e, quando explico como consegui encontrar Glaucópide são e salvo, Apolônia fica impressionada. Mas, por algum motivo, não menciono o rapaz que me ajudou.

Quando finalmente colocamos Glaucópide em segurança de volta à sua baia no estábulo, meu ombro e meu bíceps doem pelo esforço de sustentá-lo, mas não consigo ficar mal por causa disso. Apolônia retorna aos aposentos das acólitas para lavar seu quiton extra antes do jantar. Eu decido deixar essa tarefa para mais tarde e vou visitar o pequeno jardim da Acrópole. Estive ali apenas uma vez e, na verdade, ele é bem pequeno em comparação ao da minha mãe, mas, ainda assim, há uma tranquilidade ali que é muito bem-vinda depois do dia que tive. Encontro um banco e me sento, respirando fundo.

— Espero que tenha aproveitado seu tempo na minha cidade, Acólita.

Eu me viro e dou de cara com os olhos cinzentos de Atena.

XIII

POR ALGUNS SEGUNDOS, não me mexo.

Já se passaram várias semanas desde a última vez que vi a deusa, mas não importa quanto tempo tenha se passado, nada poderia ter me preparado para o quão gloriosa ela é, ali, de pé, à luz da tarde. Hoje, a deusa veste um peplo verde-escuro; seus cabelos ruivos caem soltos sobre os ombros.

Eu me levanto, tomada pela euforia.

— Atena! — exclamo. — Que alegria ver você. Eu estava tão…

— Você foi orientada a não deixar a Acrópole sem permissão. — O tom da deusa é frio. — E, ainda assim, você fez isso.

Meu corpo se enrijece. Atena não sorri para mim, e não há vestígio algum da calidez que vi na minha ilha, quando ela me convidou para ser uma acólita. Tenho a desconfortável sensação de ter pisado em falso numa escada.

— Atena, eu…

— Aqui, no meu templo, o seu papel é de deferência. — Seu tom se torna ainda mais frio. — *Você* deve se dirigir a mim como Deusa.

As palavras doem, mas eu sei que ela está certa. Meu dever mais básico como acólita — e, espero, um dia, como sacerdotisa — é representar e servir aos interesses de Atena. Ela não é só mais uma Olimpiana para mim; aqui, estou a serviço dela e de Atenas.

— Perdão, Deusa. — Faço uma reverência profunda, um gesto de respeito que Eupraxia nos ensinou a oferecer às sacerdotisas mais experientes quando entram em um ambiente dentro da Acrópole. Quando me endireito, Atena ainda me observa.

— Como eu disse, você deixou a Acrópole sem permissão.

— Eu fui até a cidade para trazer Glaucópide de volta — explico depressa. — Ele foi libertado do estábulo por acidente e…

— Uma boa desculpa continua sendo uma desculpa. — Atena não eleva a voz, mas não precisa. A severidade de suas palavras paira no ar entre nós. — Você está

neste templo há pouco mais de uma semana e já desafia as autoridades e ignora as regras. — Ela ergue uma sobrancelha. — Talvez você ache que, por ser filha de dois deuses, essas regras não se aplicam a você?

— Não, Deusa. — Minha voz sai baixa enquanto olho para o chão. — Não acho isso de forma alguma.

Ela permanece em silêncio por tanto tempo que acabo erguendo os olhos e a encontro ainda me estudando.

— Se está curiosa — diz ela —, neste momento estou debatendo se devo ou não contar à minha suma sacerdotisa o que você fez.

— Não, por favor! — Caio de joelhos, o nervosismo transparecendo na voz. — Por favor, não me faça voltar para casa. Eu… eu ofereço minhas desculpas mais humildes e sinceras.

Atena fecha ainda mais a cara.

— Você realmente não deseja retornar à sua ilha.

— Não, Deusa. Eu gosto daqui.

Ela assente.

— Então preste atenção no que vou dizer, Medusa: a sua presença aqui, no meu templo, é um privilégio, não um direito. Nunca se esqueça disso.

— Não, Deusa. — Inclino a cabeça mais uma vez, para garantir. — Não me esquecerei.

— Muito bem — diz ela, e de imediato seu tom se torna muito mais leve. — Agora você pode se levantar.

Eu me ergo com cautela. Há poucos instantes, Atena soava fria e distante; agora, um sorriso se insinua em seu rosto. Tenho a sensação de ter acabado de passar por algum teste que nem sabia que estava sendo aplicado.

Atena se acomoda exatamente no banco em que eu estava sentada, enquanto observa a grande Atenas à frente.

— Sente-se comigo — ordena.

Obedeço de imediato, tomando cuidado para não me aproximar demais e tocá-la, caso isso seja interpretado como mais uma afronta. Atena deixa o silêncio entre nós se alongar por mais um tempo antes de me lançar um olhar enviesado.

— Agora que você viu Atenas com os próprios olhos — comenta ela —, o que achou?

— Eu amo tudo nela. — Minha resposta é imediata. — Atenas não tem nada a

ver com a minha ilha. É grande, barulhenta, cheia de pessoas fazendo coisas o tempo todo… — Procuro as palavras certas. — O que eu mais gosto é do movimento.

— Do movimento? — repete Atena.

— Tem sempre alguma coisa se movendo em Atenas; ela nunca para — explico. — Lá em casa, nada nunca mudava… as paisagens, os cheiros, a comida. Tudo era sempre igual, mas *aqui*… aqui é o contrário. Você pode descer por uma rua ateniense pela manhã e ela estará de um jeito. À tarde, ela já estará completamente diferente.

— As outras acólitas nasceram em Atenas — afirma ela. — Esta cidade é tudo o que elas conhecem, por isso não conseguem apreciar o que a torna especial. — Ela sorri para mim. — Suspeito que você *consiga*.

Assinto.

— Você já teve algum tempo para se adaptar ao seu papel como acólita — continua Atena. — O que acha do trabalho?

Desta vez, demoro mais a responder, e a deusa percebe.

— Se eu estiver enganada e você estiver infeliz…?

— Não é isso — digo depressa. — É só que… me permite falar livremente?

— Pode falar.

— Eu me sinto honrada em servir. — Olho para as minhas mãos. — É só que não me sinto particularmente útil aqui. O trabalho que fiz até agora tem sido… — Eu me esforço para encontrar uma palavra que não soe ofensiva.

Atena joga a cabeça para trás e ri. É um som caloroso e musical. Eu poderia ouvi-lo para sempre.

— O seu trabalho é entediante — diz ela por fim, e fico aliviada por não ser eu a dizer isso. — E isso é intencional. Ele existe para ensinar disciplina, paciência e, acima de tudo, humildade. São qualidades que valorizo profundamente em minhas sacerdotisas.

Eu me sinto uma tola. Faz sentido. Abaixo a cabeça, envergonhada.

— Minhas desculpas, Deusa.

— Erga a cabeça, Medusa.

Levanto o olhar e a expressão de Atena é rígida, mas não vejo raiva.

— Eu não a convidei para ser uma acólita porque você tem um espírito submisso — diz ela. — Convidei porque vi uma jovem com um potencial que ainda não foi explorado. Inteligência, altruísmo e um instinto natural para a justiça. Em suma, vi em você uma parte de mim.

O elogio me deixa sem chão e, por um momento, não sei o que dizer.

— Obrigada, Deusa — consigo dizer.

— Você já pensou alguma vez qual pode ser o propósito da sua vida, Medusa?

Franzo a testa.

— Desejo servir como sacerdotisa, se eu passar nas provas.

Atena balança a cabeça.

— Isso é a sua ocupação. O que quero saber é o que a move, o que traz uma sensação de realização.

Faço uma pausa. Desde que me lembro, sempre me disseram que meu propósito era me casar e ter filhos, assim como minha mãe. A única coisa que eu queria de verdade, deixar minha ilha e ver o mundo além dela, já aconteceu. Nunca precisei pensar em um propósito maior para a minha vida. A ideia me intimida.

— Tenho medo de não saber qual é o meu propósito, Deusa. — Quando digo isso em voz alta, sinto como se tivesse falhado em um teste diferente. — Eu nem saberia por onde começar.

Eu esperava que Atena se decepcionasse com a minha resposta. Em vez disso, ela sorri.

— Tenho absoluta certeza de que encontraremos um propósito para você em breve — diz ela, com ternura. — Desde que continue a desempenhar bem o seu trabalho e passe nas duas provas que ainda restam.

As palavras me dão algo que senti apenas algumas poucas vezes na vida: esperança.

— Obrigada novamente, Deusa.

Ela se levanta, e eu me ergo na mesma hora.

— Isso é tudo — diz ela.

Ofereço a Atena uma última reverência antes de deixar o jardim.

Sinto o olhar dela em minhas costas muito depois de já ter saído do seu campo de visão.

NAQUELA NOITE, DURANTE o jantar, descubro que fiz novas amigas.

Eupraxia e as outras sacerdotisas do templo, felizmente, ainda não fazem ideia do que aconteceu, mas parece que a notícia da minha aventura com Glaucópide se espalhou entre as acólitas. Apolônia diz que não sabe como a fofoca se espalhou, mas

suspeito que ela seja a responsável por isso. À medida que as outras meninas me fazem perguntas — como consegui trazer Glaucópide de volta e como fui capaz de carregá-lo até a Acrópole —, percebo que meu status de estrangeira foi esquecido. Talvez eu nunca venha a ser ateniense, mas agora essas meninas me consideram uma delas.

— Você é mais corajosa do que eu — diz uma garota com cabelo de um tom loiro-areia chamada Amersa. — Glaucópide me dá medo. Eu nunca conseguiria carregá-lo no braço daquele jeito.

— Não sei por que vocês estão fazendo tanto alarde — resmunga uma voz. — É só um pássaro.

Eu me viro e encontro Calisto sentada em um canto dos nossos aposentos, com uma expressão muito parecida com a de um gato molhado. Sorrio para ela, presunçosa. Se Calisto disser que também entrou no estábulo vai acabar admitindo que fugiu do pássaro. Apolônia me contou que, ao que parece, Calisto se escondeu em um arbusto por quase uma hora, até ter certeza de que Glaucópide tinha ido embora.

Abro a boca, tentada a dizer isso em voz alta, mas somos interrompidas quando Eupraxia entra no recinto. Ela nos lança um olhar severo.

— Caminharemos até a Acrópole para a nossa meditação noturna — diz ela. — Vamos.

* * *

Seguimos em fila, em silêncio, pela margem da Acrópole.

Nossas meditações são um ritual do templo que ainda estou aprendendo. Nesta hora, logo após o cair da noite, nós, acólitas e sacerdotisas, devemos passar um tempo em reflexão silenciosa, ponderando sobre nossa piedade e sobre como podemos servir melhor a Atena. Sei que deveria estar pensando em tudo o que ainda preciso aprender, mas a verdade é que estou completamente cativada por Atenas à noite. Barulhenta e agitada durante o dia, ela se transforma em outra cidade depois do pôr do sol. Milhares de estrelas cintilantes salpicam um céu azul-escuro; apenas algumas tochas tremeluzentes, lá embaixo, dão vida à cidade em si. Inspiro fundo, apreciando o cheiro distante dos ciprestes. Minha ilha natal é bela, mas não é assim. Penso no que Atena disse. *Este* poderia ser o meu lar pelo resto da vida. Sinto uma pontada de tristeza ao pensar em Theo. Gostaria que ele pudesse estar aqui para ver essas estrelas

também.

Eupraxia, que lidera nossa procissão, faz um gesto com a cabeça. Estamos livres para nos afastar da fila e encontrar um lugar para nos acomodar por alguns minutos antes de retornarmos para passar a noite. Algumas das sacerdotisas mais jovens e fervorosas caem de joelhos e rezam em murmúrios; as mais velhas, mais experientes, que fazem isso há muitas décadas, simplesmente procuram um banco onde se sentar, gemendo ao relaxar as articulações e os joelhos cansados. Sento-me sobre uma elevação coberta de grama e reflito sobre os acontecimentos do dia. Penso em Glaucópide, com seu olhar amarelo e penetrante; no entalhador de madeira da Ágora e em como Theo teria gostado das estatuetas. Penso também no garoto que me ajudou a encontrar Glaucópide e em como ele foi gentil.

Algo pequeno atinge meu braço, e pulo, assustada. Olho para baixo e vejo ao meu lado uma pedrinha afiada que não estava ali antes. Ergo o olhar e me deparo com Calisto sentada no gramado ao longe, examinando as próprias unhas com atenção um pouco exagerada. Sei que foi ela quem atirou a pedra, assim como sei que teve o cuidado de garantir que ninguém mais visse. Meu olhar vai da pedra até ela, e eu cerro os dentes.

No fim das contas, gostei do meu tempo em Atenas, mas isso não muda o fato de que, se não fosse por Calisto, eu não teria desobedecido as regras do templo. Lembro das palavras severas de Atena mais cedo. Quase perdi minha oportunidade de ser acólita — de permanecer em Atenas — por causa de Calisto. Ainda a estou encarando quando ela ergue os olhos e seu olhar cruza com o meu. Há um sorriso provocador em seu rosto. O olhar dela desce brevemente até a pedra antes de dar de ombros e se virar de novo. Cerro os punhos.

Uma raiva antiga faísca dentro de mim pela primeira vez desde que cheguei a Atenas. Não a sentia desde a noite em que meu pai segurou minha mãe pelo pescoço, mas ela está ali agora, quente e formigante, à flor da pele. Encaro a parte de trás da cabeça loira da garota e imagino tudo o que *gostaria* de fazer: arremessar a pedra de volta nela ou marchar até ela e puxar seus cabelos do jeito que ela puxou os meus na manhã em que cheguei. Em vez disso, inspiro fundo e me forço a me acalmar.

Algo se remexe perto da minha mão, me arrancando de meus pensamentos. Eu me assusto e depois relaxo. É só uma cobra-liga preta, com uma faixa amarela ao longo da espinha. Permaneço imóvel enquanto ela se arrasta para mais perto de mim e então se acomoda. Percebo que não sinto medo algum dela. Já encontrei muitas cobras no

jardim da minha mãe. Um pensamento me ocorre, súbito e cruel.

— Nosso tempo de meditação chegou ao fim — anuncia Eupraxia. — Acólitas, agora vocês retornarão aos seus aposentos.

Tenho meio segundo para considerar as possíveis consequências. Afasto esses pensamentos enquanto me viro para garantir que ninguém esteja olhando e, então, empurro a cobra-liga para dentro da dobra do meu quiton antes de me levantar para me juntar às outras acólitas.

* * *

Nossos preparativos para dormir transcorrem sem incidentes.

Já estamos há cinco dias na Acrópole, tempo suficiente para começarmos a entrar em um certo ritmo e rotina. Nosso trabalho diário é intenso o bastante para que quase não haja conversa enquanto lavamos o rosto e nos arrumamos para deitar, e, quando Eupraxia entra nos aposentos para fazer a última inspeção e apagar as lamparinas de óleo, não demora para que o ambiente se encha do som de roncos suaves. Fico deitada no escuro, olhando para o teto, esperando, até que ouço um leve farfalhar, um gemido confuso, e então um grito estridente. De repente, outras acólitas começam a gritar, correndo pelo aposento em pânico. Eu me levanto devagar e vou me encostar na parede. Eupraxia logo retorna ao quarto, com os olhos arregalados. Ela ergue bem alto a lamparina que carrega, e vejo que o aposento agora está em desordem. Vários colchões foram pisoteados, e as acólitas se aglomeram no canto oposto. No meio da confusão está Calisto. Seus cabelos loiros, geralmente arrumados, estão desgrenhados, e ela treme.

— O que significa isso? — Não há ternura alguma em Eupraxia ao nos encarar. — O que aconteceu?

A princípio, ninguém fala nada, mas então Calisto aponta. Suas palavras são quase inaudíveis, mas eu escuto:

— Na minha cama.

As narinas de Eupraxia se dilatam.

— Pare de murmurar e fale claramente, menina.

— Tem uma cobra no meu colchão! — Os olhos de Calisto se enchem de lágrimas. Ela começa a ficar vermelha. — Ela tentou me morder.

Eupraxia lança a Calisto um olhar cauteloso e então cruza o aposento até a cama

da garota. Ela ergue um cobertor, se assusta, depois solta um gemido. A suma sacerdotisa olha por cima do ombro, visivelmente irritada.

— Menina tola — retruca. — É só uma cobra-liga.

Ela pisa com força. Há um único silvo, abruptamente interrompido, e eu me assusto. Não era minha intenção que a cobra fosse morta. Eupraxia pega a cobra pelo rabo e então percorre o aposento com o olhar.

— Para a cama — ordena. — Todas vocês.

Lentamente, as acólitas voltam para seus respectivos colchões. Só quando estamos todas novamente sob os cobertores é que Eupraxia sai pela segunda vez, lançando-nos de volta à escuridão. No silêncio, ouço alguém fungando. Tenho quase certeza de que é Calisto. Fico deitada de costas, encarando o teto, enquanto escuto ela se remexer em seu colchão. Meu estômago se revira.

Eu esperava me sentir vingada quando enfiei a cobra para o colchão de Calisto, como se tivéssemos ficado quites. A verdade é que a emoção que sinto quando meus olhos se fecham se parece muito com culpa.

QUANDO ABRO OS olhos, o jardim da minha mãe está banhado por uma estranha luz prateada.

É o primeiro indício de que deixei o mundo desperto e entrei em outro. O céu está escuro e sem estrelas.

Inspiro um ar noturno, fora de estação, e deixo meus olhos vagarem. Estou diante de uma oliveira antiga que nunca vi antes — grossa, retorcida e carregada de frutos. Meu olhar percorre seus galhos e então se detém. Uma coruja branca está aninhada entre as folhas verde-escuras, grande e discreta. Glaucópide. Seus olhos redondos piscam na noite como moedas de ouro, mas o que prende minha atenção é o que está preso em uma de suas garras. Uma cobra-liga pende, flácida, morta.

— Por quê? — A palavra escapa antes que eu consiga contê-la, e, no sonho, não questiono o fato de estar falando com uma coruja como se ela pudesse me entender. — Por que você a matou?

O silêncio se estende entre nós enquanto Glaucópide me encara e eu espero por uma resposta. Sem aviso, ele abre o bico. Uma voz feminina, grave e sonora, preenche o ar. É a voz de Atena.

Você é a minha maior decepção.

— O quê? — Franzo a testa para a coruja. — O que você quer dizer?

Glaucópide não responde à minha segunda pergunta. Em vez disso, lança-se do poleiro, deixando cair a cobra morta aos meus pés antes de alçar voo e desaparecer na noite. Espero até que ele se vá antes de olhar para baixo.

A boca da cobra-liga está ligeiramente aberta; a luz da lua cintila em uma de suas presas brancas. Uma tristeza profunda e inexplicável me invade enquanto a observo. Sei que a cobra tentou morder Calisto porque se sentiu ameaçada, porque era o único meio de se proteger. Meus olhos percorrem os cortes próximos ao seu pescoço. A criatura foi quase decapitada. Naquele instante, não consigo imaginar uma forma pior de morrer. Caio de joelhos, deixando que meus dedos pairem logo acima das escamas pretas e brilhantes da cobra.

— Sinto muito — murmuro. — Sinto muito mesmo.

Fico ali sentada, sozinha no jardim, pelo que parece uma eternidade. Não sei quando a inquietação começa, quando a sensação de que algo está errado percorre minha pele como uma aranha. Olho para o chão, e os pelos dos meus braços se arrepiam.

A cobra está viva, e não está.

Seus olhos outrora brilhantes são cavernas vazias quando ela ergue a cabeça ferida. Ela sibila, e um sangue escuro jorra de seu pescoço. Recuo engatinhando, apoiada nas mãos e nos joelhos, mas ela é mais rápida do que eu. A criatura se enrola e então ataca meus braços, meu rosto…

Eu acordo apavorada e me sento no colchão, um grito preso na garganta. Por alguns segundos, no escuro, não sei onde estou. Ouço a respiração suave das outras acólitas e passo a mão pelos braços. A pele está lisa, intacta.

Foi só um sonho, digo a mim mesma. *Não foi real.*

Repito isso até voltar a pegar no sono.

XIV

JÁ ESTAMOS NO TEMPLO há uma semana quando Eupraxia nos chama ao pátio principal depois do almoço.

Passei a maior parte da manhã observando algumas das sacerdotisas trabalharem no peplo sagrado que será apresentado no próximo festival das Panateneias. Como acólita, não tenho permissão para tocar o peplo, e ficar assistindo às mulheres mais velhas trabalharem é um passatempo entediante. Seguimos em direção ao pátio, mas, mesmo cansada, paro ao ver o que há ali dentro.

O espaço, que costuma estar vazio, agora tem vários cestos no centro, cheios até o topo de rolos de tecido, contas e novelos de lã. Algumas das acólitas murmuram em apreciação, mas uma sensação de apreensão começa a subir pela minha nuca.

— Chegou a hora da segunda prova de vocês — anuncia Eupraxia. — Atena é a deusa da sabedoria, mas também é padroeira do artesanato. Seus templos servem como santuários para aqueles dotados dessas artes. — Ela sorri. — Na segunda prova, testaremos suas habilidades em trabalhos manuais.

E eis a fonte do meu medo. A temperatura do pátio parece despencar, apesar da abundância de luz do sol. Eu me sinto como se tivesse engolido um ouriço-do-mar.

— Vocês terão três horas para criar alguma obra artesanal em honra à nossa Deusa — continua Eupraxia. — Podem usar qualquer item que encontrarem neste pátio, mas devem criar e concluir o trabalho *inteiramente sozinhas* antes que o tempo termine. Depois, os trabalhos serão julgados. As que receberem um voto favorável avançarão. Alguma pergunta? — Como ninguém responde, Eupraxia assente. — Podem começar.

Desta vez não nos deram tacetaqua, então as outras acólitas começam a conversar entre si assim que Eupraxia se vai. Mal registro as vozes enquanto fico parada no meio do pátio, imóvel. Alguns segundos se passam até que Apolônia lança um olhar para mim.

— Meddy, você está bem?

Encontro o olhar dela, mas não consigo me obrigar a dizer as palavras diante das outras. Apolônia parece entender e me conduz até um canto afastado.

— O que foi? — sussurra ela.

— Eu não consigo.

— Não consegue o quê?

A confusão no rosto dela só piora tudo. Preciso forçar cada sílaba a sair, entre dentes cerrados.

— Eu não consigo *fazer* nada. Não tenho habilidade nenhuma com trabalhos manuais.

A expressão de Apolônia se torna solidária.

— Sua mãe nunca te ensinou bordado ou tecelagem?

— Não. — Na verdade, duvido que minha mãe ao menos soubesse algum ofício para ensinar. — Eu não sei fazer nada… bordado, tecelagem, cerâmica, nada.

— Tem que haver alguma coisa que você consiga fazer com os materiais daqui — argumenta Apolônia.

Percebo que ela não diz o que nós duas provavelmente estamos pensando; *fazer* alguma coisa por si só não vai ser suficiente. Se isso é uma prova, vou precisar fazer algo bom, algo que impressione as sacerdotisas do templo. Apolônia franze os lábios, pensativa.

— Eu ia tecer um cesto — diz ela. — Eu poderia te ensinar, e a gente poderia…

— *Não*. — A palavra sai mais veemente do que eu pretendia, mas não me importo. — Você ouviu o que Eupraxia disse. Temos que fazer isso inteiramente sozinhas. — Olho para Calisto do outro lado do pátio. — Não quero que ninguém aqui tenha motivos para pensar que trapaceamos.

Apolônia parece em guerra consigo mesma. Ela morde o lábio inferior, e vejo a hesitação, a piedade. Vejo também um desejo em seus olhos que reconheço. Sei, naquele instante, que ela quer ser sacerdotisa tanto quanto eu.

— Está tudo bem — insisto. — De verdade.

Apolônia suspira.

— Continue pensando. Alguma ideia vai surgir.

Duvido, mas me acomodo ao lado dela enquanto Apolônia reúne os materiais e começa a tecer o cesto. O terraço está banhado por um dourado intenso; a luz do início da tarde desenha uma silhueta ao redor dela. Noto como fica bonita naquela luz, com os cílios espessos baixos e os lábios levemente entreabertos enquanto

trabalha. Eu a observo, maravilhada.

— Onde você aprendeu a tecer cestos? — pergunto antes de conseguir me conter.

Um olhar distante e saudoso passa pelo rosto de Apolônia.

— Um dos nossos criados me ensinou, quando eu tinha uns sete anos. É engraçado. — Ela olha para o trabalho. — Não me lembro exatamente de ter aprendido. Parece algo que sempre soube fazer, como um instinto.

Assinto, compreendendo. Esteno e Euríale não me ensinaram algo como tecer cestos, mas me ensinaram outras coisas. Não me lembro, por exemplo, de aprender a ler e escrever, mas sei que foi Euríale quem me ensinou, pacientemente, cada letra até que eu as entendesse. Eu me lembro vagamente da primeira vez que Esteno tomou minha mão na dela e a colocou em meus próprios dreads, guiando meus dedos e me mostrando como lavá-los.

Seja gentil e comece pela raiz, explicou. *Depois vá descendo. Hidrate com óleo de rícino e manteiga de karité, para mantê-los saudáveis.*

Distraída, mexo em um dos meus dreads. Ainda o estou rolando entre o polegar e o indicador quando um pensamento me deixa completamente imóvel. Ele surge na minha mente com uma urgência tão súbita que arfo, mesmo sem perceber.

Apolônia ergue o olhar.

— Meddy?

Não respondo; não consigo. Uma ideia criou raízes e agora brota tão rápido que temo perdê-la se não agir.

— Meddy! — A voz de Apolônia fica mais aguda. — Meddy, o que houve?

— Tive uma ideia — digo, me levantando —, mas não tenho muito tempo.

Corro até os suprimentos no centro do pátio. Eles já foram remexidos, então minhas opções são limitadas, mas agarro o máximo de contas que consigo do fundo de um dos cestos. Meu olhar varre o espaço rapidamente, à procura de algo, e sinto alívio ao encontrar uma única lamparina a óleo no canto do pátio. Eu a pego. Eupraxia disse que podemos usar qualquer item deste lugar…

Algumas das outras acólitas me observam enquanto me sento no chão; Apolônia me lança um olhar preocupado. Ignoro todas elas enquanto agarro vários dos meus dreads, começo na altura da têmpora e passo a trançar. Não tenho espelho, não faço ideia de como estou, mas confio no instinto ao mergulhar os dedos no óleo da lamparina e continuar trabalhando. Em poucos minutos, meus bíceps tremem de fadiga por manter os braços erguidos; as pontas dos dedos doem enquanto torço e

enrolo os dreads. Tento ignorar isso também. Não há ampulheta para marcar o tempo aqui, mas, ainda assim, sinto o tempo escorrendo por entre os dedos. Cada segundo conta. Não posso parar.

Eu vou conseguir, digo a mim mesma, atravessando a dor. *Não vou só passar nessa prova. Eu vou ganhar.*

* * *

Quando Eupraxia retorna, há outras quatro sacerdotisas mais velhas com ela. Juntas, elas nos observam antes de se acomodarem no chão. Olho ao redor. Pelo menos duas das acólitas — Galene e Xante — seguram trabalhos que sei que não serão aceitos. O cesto de junco de Galene está apenas pela metade, enquanto a túnica de Xante até poderia ter ficado bonita, não fossem os pontos desajeitados. Calisto exibe um pequeno, mas inegavelmente belo, trabalho de bordado, e parece que Amersa fez algum tipo de colar de contas. Não me escapa o modo curioso como Eupraxia me observa.

— O tempo acabou — anuncia ela. — Se o trabalho estiver incompleto, a acólita está dispensada.

Galene deixa o pátio no mesmo instante, aos prantos.

Eupraxia olha para mim, à espera, mas eu continuo onde estou.

— Uma por uma, as cinco restantes virão à frente e apresentarão seus trabalhos — continua ela. — Será necessário receber a maioria dos votos favoráveis entre nós cinco para avançar.

Calisto se aproxima das sacerdotisas primeiro, de cabeça erguida. Em questão de segundos, recebe um voto favorável e se dirige para um lugar no chão que Eupraxia indica. Xante, a garota da túnica mal costurada, vem em seguida; quase tão rápido quanto Calisto, recebe um voto desfavorável e é dispensada. Amersa tem mais sorte e, após um breve momento de deliberação, é orientada a se sentar ao lado de Calisto. Quando chega a vez de Apolônia, prendo a respiração, mas no instante em que as sacerdotisas veem o cesto dela, suspiram em uníssono, em apreciação. Bastam alguns segundos para que ela receba o terceiro voto favorável. Eupraxia também lhe indica um lugar no chão, então volta sua atenção para mim.

— Venha aqui, menina.

Meu corpo inteiro treme quando dou um passo à frente. Várias das sacerdotisas

olham para minhas mãos vazias e franzem a testa. Eupraxia pigarreia.

— Foi pedido que você criasse um trabalho artesanal — diz ela. — O que você oferece?

Eu me preparo e então digo:

— Ofereço a mim mesma.

Se antes as sacerdotisas pareciam confusas, agora estão completamente atônitas. As sobrancelhas de Eupraxia se erguem.

— *A si mesma?*

Lentamente, eu me viro, ficando de costas para ela e para as outras sacerdotisas. Há um suspiro — de quem, não sei — e então um silêncio súbito e absoluto.

— Você…

Olho por cima do ombro, o suficiente para ver a expressão no rosto de Eupraxia. Claro, não posso ver exatamente o que ela vê, mas tenho uma boa ideia.

Trancei meus dreads junto ao couro cabeludo, formando um desenho entrecruzado que lembra muito o padrão interligado de um cesto tecido. Parte da inspiração veio dos ensinamentos de Esteno e Euríale, mas a maior parte foi moldada por anos de prática involuntária. Todas as vezes em que precisei desfazer meus próprios dreads para lavá-los, todas as vezes em que ajudei minhas irmãs a trançarem os delas, mostraram-se úteis.

Depois de um momento, eu me viro de novo para Eupraxia.

— *Este* é o meu trabalho — digo a ela e a todos no pátio. — Trançado de cabelo.

A boca da suma sacerdotisa se abre e se fecha. Pela primeira vez desde nosso encontro inicial, ela parece sem palavras.

— Isso não pode ser permitido! — interrompe Calisto. — *Trançar cabelo* não é artesanato de verdade!

O medo pulsa pelo meu corpo, mas tenho cuidado para não demonstrá-lo. Em vez disso, fico ereta e encaro o olhar de Eupraxia sem vacilar.

— Fui encarregada de criar algo com as minhas próprias mãos. E foi isso que fiz.

Eupraxia cruza os braços.

— De fato. — Ela inclina a cabeça. — Você fez isso agora, dentro do tempo estipulado?

— Sim, suma sacerdotisa.

Eupraxia franze a testa.

— Você não conhece nenhum outro ofício, criança?

Balanço a cabeça.

— Teremos de corrigir isso. — Ela se vira e se dirige a todas. — Em todos os meus anos conduzindo estas provas, ainda não vi uma acólita escolher o trançado de cabelo como seu ofício. — Ela comprime os lábios. — É uma escolha incomum, mas impressionante.

— Mas, suma sacerdotisa — Calisto está ficando vermelha —, com certeza isso não pode contar como um *verdadeiro* artesanato, pode?

Eupraxia ergue as sobrancelhas.

— Muito pelo contrário — diz, com um tom seco. — O trançado de cabelo é um dos ofícios mais antigos que existem, e não é algo fácil de aprender ou dominar. Eu esperaria que uma acólita soubesse disso, Calisto.

A garota cora ainda mais, mas Eupraxia já voltou sua atenção para mim.

— O que você fez foi inteligente — comenta, de forma direta. — E muito bem executado.

— Obrigada, suma sacerdotisa.

Eupraxia assente.

— Isso é tudo, acólitas. Vocês quatro podem retornar às suas atividades habituais.

Gaguejo, sem saber o que dizer, mas não importa. Sem dizer mais nada, Eupraxia e as outras sacerdotisas mais velhas se levantam e deixam o pátio. Só quando elas se vão é que percebo que estou sorrindo de orelha a orelha.

Passei na minha segunda prova.

XV

NÃO DEMORA MUITO para eu aprender que, embora a Acrópole não seja um lugar especialmente grande, há um número interminável de tarefas a cumprir como acólita. O trabalho é longo, muitas vezes tedioso, mas, com o passar dos dias, isso vai me incomodando cada vez menos. Em casa, na minha ilha, eu nunca havia feito trabalho braçal nem assumido qualquer responsabilidade. Às vezes, imagino o que minha mãe e minhas irmãs pensariam se me vissem esfregando o chão ou limpando o estábulo. Com o tempo, deixo de me importar. Descubro que as sacerdotisas do templo são, de certa forma, uma família. Eupraxia percorre os corredores do templo verificando se estamos fazendo nosso trabalho, mas de vez em quando as sacerdotisas mais velhas nos passam às escondidas um pedaço de pão com mel quando ela não está olhando, e também nos ajudam a terminar as últimas tarefas do dia para que possamos desfrutar juntas da refeição da noite.

Ao fim da segunda semana, Eupraxia decide que estamos prontas para assumir um pouco mais de responsabilidade. Ela nos informa que iremos à cidade para distribuir comida aos necessitados.

— Compreendo que, embora algumas de vocês sejam de Atenas, outras jamais tiveram permissão para entrar em Atenas propriamente dita até hoje — diz ela, assentindo para algumas das acólitas, inclusive para mim. — Tenham certeza de que, como servas do templo, vocês possuem um status diferente da maioria das mulheres desta cidade. Nossas funções aqui são reconhecidas em toda Atenas e muito respeitadas.

Não conto a Eupraxia que, na verdade, eu já estive em Atenas propriamente dita. Quando descemos da Acrópole e entramos no meio da multidão, porém, tudo parece tão novo quanto na minha primeira visita. De algum modo, parece haver ainda mais vendedores hoje. Uma energia frenética nas ruas faz meu coração bater cada vez mais rápido. Quando chegamos ao local designado, já tem uma fila de pessoas à espera. Os olhos delas se iluminam quando nos aproximamos carregadas de cestos com pão,

frutas e grãos.

— Formem filas ordenadas — instrui uma das sacerdotisas mais velhas que nos conduz. Ela fala com calma, claramente muito experiente. — Todos receberão os alimentos.

Enquanto as pessoas obedecem, ela nos organiza de modo que cada acólita fique responsável por uma fila de pessoas. Enquanto separamos os alimentos, meus olhos percorrem aqueles que aguardam. Alguns vestem farrapos, outros têm o cabelo embaraçado e a pele suja. As outras sacerdotisas e acólitas parecem não se abalar. Penso, desconfortável, em quão pouco do mundo conheci vivendo na minha ilha. O que mais eu desconheço? Eu me distraio desses pensamentos quando a primeira pessoa da minha fila se aproxima. É uma garotinha, não passa de dez anos.

— Aqui está. — Entrego um saco cheio de grãos a ela, que o aperta contra o peito.

— Obrigada! — exclama, com a voz fina.

Nunca ninguém olhou para mim do jeito que ela olha agora. A admiração está estampada em seu rosto. Ela me oferece um sorriso largo antes de sair correndo. A pessoa seguinte na fila é um homem idoso. Ele caminha com certa dificuldade, mancando e, a julgar pela careta permanente em seu rosto, sente dor devido ao esforço.

— Para o senhor — digo com gentileza, entregando um saco para ele. — Fique bem, e que a Deusa vele por você.

O homem pega o saco e faz uma reverência desajeitada. Há lágrimas em seus olhos.

— Que você seja abençoada — sussurra. — Abençoados são aqueles que servem à Deusa. Pois ela é tão grande quanto misericordiosa.

Não sei por que aquelas palavras me comovem tanto, mas sinto as lágrimas se acumulando, um nó na garganta. Nunca me senti assim antes, transbordando com uma emoção tão nova. Percebo que esta é a primeira vez que me sinto verdadeiramente plena, com um propósito.

— Fique bem — sussurro de volta.

* * *

O resto da tarde passa em um borrão quente. Atenas é uma cidade rica, mas logo percebo que muitos não veem nem uma fração dessa riqueza. Ao fim das duas horas

da atividade, não nos resta nada.

— Na próxima semana estaremos de volta — afirma a sacerdotisa-chefe, dispensando com um gesto alguns retardatários.

O sol da tarde drenou até os mais fortes entre nós, e a sacerdotisa-chefe nos permite parar em um poço para beber água antes de seguirmos para a Acrópole, em grupos. Apolônia e eu caminhamos de volta sem pressa. No fim da tarde, o burburinho das ruas diminuiu um pouco. Eu me dou conta de que ainda estou refletindo sobre as pessoas que atendemos.

— Eles a amam de verdade — digo, enquanto seguimos devagar.

Apolônia ergue o olhar.

— Quem?

— Ate... — eu me corrijo — a Deusa. Eu sabia que ela era admirada em Atenas, mas... — Tento encontrar as palavras. — É mais do que isso. Ela é venerada de verdade.

Apolônia me olha de um jeito curioso.

— Ora, claro que é — diz ela. — Essa cidade é dela.

— Como isso aconteceu?

Apolônia para e olha para o mar.

— A lenda diz que, muitos anos atrás, tanto Atena quanto o deus do mar, Poseidon, quiseram apadrinhar essa cidade, reclamá-la para si. Não encontraram uma forma justa de decidir, então o rei dos deuses — ela baixa a voz —, Zeus, decidiu que a questão seria resolvida com uma competição. Cada deus faria uma espécie de demonstração, e o próprio povo decidiria. Segundo a história, Poseidon cravou seu tridente no chão da Acrópole e uma grande fonte de água jorrou. Os atenienses ficaram impressionados, mas, quando tentaram beber a água, ela era salgada demais. Então Atena se ajoelhou e plantou uma semente na terra. Dela cresceu uma única oliveira. O povo viu que a árvore poderia oferecer alimento e abrigo duradouros, e assim a declarou vencedora. — Apolônia sorri. — Eles até mudaram o nome da cidade e construíram o templo na Acrópole em homenagem a ela.

Fico estarrecida. Já ouvi muitas histórias sobre Atena — algumas boas, outras nem tanto —, mas nunca esta. Olho para baixo, para a cidade de Atenas, tentando imaginar como deve ser sentir um amor desse tipo. Meu pensamento também se volta para Poseidon. Na minha ilha, entre os outros membros da Corte do Mar, o rei dos mares é sempre reverenciado. É estranho ouvi-lo nesse contexto, como o perdedor.

— Imagino como deve ser ter um amor assim — digo em voz alta. — Esse tipo de poder, sobre tantos.

Apolônia dá de ombros.

— Nunca me importei muito com poder — responde ela. — Para mim, basta ajudar as pessoas.

A essa altura, o sol já se põe em Atenas. Cães de rua caminham pelas vias, à procura de restos.

— Acho que é melhor a gente voltar — comenta Apolônia.

Viramos uma esquina, e eu congelo.

Reconheço a garotinha a quem entreguei um saco de comida mais cedo. Ela pula de um lado para o outro, desesperada, tentando arrancar o mesmo saco das mãos de um garoto mais velho que o pegou. Ele parece ter por volta de doze anos, mas é alto para a idade. Ele zomba abertamente da menina enquanto ela chora.

— Devolve! — berra ela. — É meu!

— Não é mais — zomba o garoto. — *Ratinhos* não ganham comida.

Apolônia me segura pelo cotovelo, como se fosse me afastar dali, mas eu me desvencilho. A raiva surge de repente. Sinto-a crescer dentro de mim como uma tempestade, enorme e avassaladora. Imagens passam pela minha mente em rápida sucessão. Lembro-me da minha mãe atirando o cálice em Euríale; de Maheer me prendendo contra uma parede simplesmente porque podia. Imagino a frieza indiferente do meu pai ao segurar minha mãe pelo pescoço e visualizo o sorriso presunçoso no rosto de Calisto quando ela atirou uma pedra em mim. Sinto a raiva que contive vez após vez borbulhar à superfície, quente e imprudente. Por toda a minha vida, fui incapaz de me proteger ou de proteger qualquer pessoa de quem eu gostasse. Olho agora para a garotinha e me lembro de cada momento em que me fizeram sentir como ela se sente — desamparada, sem proteção.

Algo dentro de mim se rompe.

Vejo um lampejo de medo perpassar o rosto do garoto quando diminuo a distância entre nós e dou um tapa nele com toda a minha força. O impacto o faz cambalear para trás, e minha palma arde no ponto em que acertou sua bochecha. Mas, por baixo dessa dor, sinto outra coisa formigar. Leva um instante até eu perceber que estou satisfeita, *vingada*.

— Meddy, pare!

Apolônia puxa meu braço, afastando-me das crianças. O garoto agora me encara

com ódio, uma das mãos apoiada na bochecha, mas é o olhar da menina que me paralisa. Ela me observa com uma mistura de horror e… medo. Isso me desconcerta. Tantas vezes *me* fizeram sentir medo, mas ninguém jamais olhou *para mim* com medo. O triunfo formigante que senti há poucos instantes dá lugar a algo mais pegajoso, menos agradável.

— Vão — ordena Apolônia ao garoto e à menina. — Agora.

O garoto enfia o saco nas mãos da menina, e então os dois saem correndo pela rua na mesma hora. Ela espera até que desapareçam de vista antes de se virar para mim. Seus olhos cor de avelã estão desprovidos de qualquer calor.

— O que você tem na cabeça? — Há uma rispidez na voz de Apolônia que nunca ouvi antes, e me assusto. — Ele era uma criança!

— E a menina de quem ele roubou também era! — rebato, sem conseguir esconder completamente o tom defensivo.

Algo na expressão de Apolônia cede, e no lugar da raiva vejo decepção.

— Nós somos acólitas — ela diz. — Nosso trabalho é *servir* o povo desta cidade, ajudar. — Ela balança a cabeça. — O que você acabou de fazer… aquilo não era da sua conta. Passou dos limites.

As palavras são suaves, mas sinto como se eu também tivesse levado um tapa. Uma parte de mim sabe, lá no fundo, que Apolônia está certa, mas os resquícios da raiva que senti antes voltam a faiscar.

Eu a encaro.

— Então, como acólitas, o esperado é que a gente fique parada assistindo enquanto os mais fracos desta cidade são feridos? — pergunto. — Você faz ideia da sensação que isso traz?

Apolônia ergue uma sobrancelha.

— Faço sim — responde ela, com frieza —, porque *eu sou* daqui.

Fico tensa.

— Você vive em Atenas há pouco mais de quinze dias, Meddy — continua ela. — Eu vivi aqui a vida inteira. Já vi coisas boas acontecerem a pessoas ruins, e também já vi coisas ruins acontecerem a pessoas boas. Você não pode corrigir todas as injustiças, mas pode fazer a diferença. — Ela abaixa a voz. — É para isso que somos chamadas, como servas da Deusa.

A tempestade que antes rugia dentro de mim se dissipou, e em seu lugar sinto a pressão fria e inegável da vergonha. Ela não está aqui, mas sinto o olhar cinzento e

desaprovador de Atena. O silêncio se instala entre mim e Apolônia.

— Vou voltar para a Acrópole — anuncia ela. — Você vem?

Sei que deveria ir com ela, mas não consigo fazer meus pés se moverem. Percebo que ainda não estou pronta para retornar ao templo e encarar mil pequenos lembretes da deusa cujas expectativas acabei de desapontar.

— Vá na frente — digo em voz baixa. — Eu alcanço você depois.

Apolônia hesita por um momento, depois assente. Observo enquanto segue pela estrada, mantendo o olhar fixo nela até que vire a esquina e desapareça. Sou tomada por uma sensação de solidão.

Ergo os olhos para o céu, que escurece enquanto as nuvens avançam. Logo vai anoitecer, mas decido refazer o caminho por onde Apolônia e eu viemos, escolhendo uma rota mais longa para voltar à Acrópole. A caminhada vai me dar tempo para pensar.

As palavras de Apolônia ficam martelando na minha cabeça enquanto sigo pela rua sinuosa. Sei que ela tem razão: o que fiz com aquele garoto *passou* dos limites. O problema é que não consigo conciliar isso com o fato de que uma parte de mim não se arrepende. Deixei a raiva me dominar quando dei o tapa nele, mas também defendi alguém que não podia se defender sozinha. Eu ajudei, não ajudei?

Então por que aquela garotinha olhou para mim como se eu fosse o monstro?

Não consigo chegar a uma resposta satisfatória para essa pergunta, então a deixo de lado e sigo caminhando.

* * *

Não sei dizer o momento exato em que percebo que entrei numa parte desconhecida de Atenas. Acima de mim, o céu escureceu para um tom malva, e o sol poente projeta sombras longas sobre a maioria dos edifícios. Imersa em meus pensamentos, fiz uma curva errada. Não consigo dizer com certeza se é imaginação minha, mas esta parte da cidade parece mais suja do que as outras. Não há mulheres correndo atrás de crianças pequenas nem idosos jogando jogos de tabuleiro nas soleiras. Na verdade, não parece que alguém vive aqui; há uma quietude que me deixa levemente tensa. As ruas estão cobertas de lixo e, de vez em quando, ergo a barra do meu quiton para evitar arrastá-la por uma poça de cheiro nauseante. Quanto mais avanço pela rua, mais desconfortável me sinto. Fico cada vez mais consciente do quanto devo parecer

deslocada em meu quiton branco e impecável de acólita. De repente, um alerta soa na minha cabeça.

Aqui não é seguro. Você precisa ir embora.

Dou meia-volta, refazendo o caminho pela rua, mas, pouco antes de chegar ao fim dela, paro abruptamente.

Não notei o beco da primeira vez que passei por ali, e com toda certeza não notei a jovem sentada perto de uma portinha. Olho para ela agora: é mais velha do que eu, mas não muito. Imagino que esteja mais próxima da idade de Esteno, talvez com vinte e poucos anos. Sua pele é clara, mas ela usa pó branco no rosto e no pescoço, uma tela pálida interrompida apenas pelo vermelho-vivo dos lábios pintados e pelo espesso traçado preto ao redor dos olhos. Ainda assim, não é isso que me deixa imóvel.

A mulher está praticamente nua.

Em teoria, suponho que a veste branca, translúcida e sem forma, drapeada sobre seu corpo, possa ser considerada roupa, mas não deixa nada à imaginação. Já vi corpos despidos antes — todos os dias, como acólitas, nos trocamos umas diante das outras sem pensar duas vezes —, mas isto é diferente. A mulher está com um homem bem-vestido que parece bem mais velho, na casa dos quarenta, se eu tivesse que adivinhar. A túnica dele é branca, sem manchas, perfeitamente passada. Ele está barbeado, e o cabelo escuro, grisalho nas têmporas, está arrumado. É claramente alguém importante, rico.

Dou um passo para trás, ficando fora de vista, enquanto observo os dois conversarem em voz baixa. Ela murmura algo que não consigo ouvir antes de estender a mão, e o homem deposita nela uma bolsa pesada.

Observo, agora ainda mais confusa. A mulher não parece se importar que aquele homem a veja sem roupas, e dá a impressão de que algum tipo de transação foi feita, embora eu não a tenha visto entregar nada ao homem. Ela diz outra coisa que não consigo ouvir antes de pegar a mão dele e conduzi-lo para dentro do prédio. Ele a segue de bom grado.

Fico parada na entrada do beco por vários minutos, imóvel. É impossível dizer o que me impulsiona, mas quando percebo já estou perto da porta pela qual a mulher e o homem entraram. Ela está fechada agora, mas, à medida que me aproximo, ouço sons. Do outro lado, há gritos, risadas e também… gemidos. Ouço algo que soa como um coro, homens e mulheres. Não sei dizer se estão sentindo algum tipo de dor ou se é… outra coisa. Não consigo ver o que está acontecendo lá dentro, mas me pego

lembrando do que Theo e eu vimos o rei do mar e a ninfa fazerem no jardim de minha mãe. Os sons do outro lado da porta são muito parecidos com os que ouvi naquela ocasião. Eu me assusto com o aperto repentino no baixo-ventre, com um nó na garganta que dificulta eu engolir. Essas sensações são novas, estranhas e tão intensas que não sei o que fazer. Recuo da porta e deixo o beco tão rápido quanto entrei, tomando cuidado para não olhar para trás até estar mais adiante na rua principal.

A essa altura, restam no céu apenas alguns raios persistentes de sol, e engulo uma leve onda de pânico. Preciso voltar para a Acrópole, rápido. Consigo vê-la, erguendo-se na colina ao longe, mas não tão distante quanto eu havia imaginado. Ainda poderia retornar antes do jantar sem que meu atraso fosse notado.

Assim que sigo em sua direção, uma voz interrompe o silêncio.

— Não vai me dizer que está procurando outra coruja?

Eu me viro. Fico surpresa ao ver o garoto que conheci na rua em Atenas, aquele que me ajudou a encontrar Glaucópide. Ele caminha até mim e noto que carrega uma rede de pesca.

Ele para e inclina a cabeça. Há uma leveza brincalhona em seu sorriso que me tranquiliza no mesmo instante. É ainda mais bonito do que me lembro.

— Nada de corujas hoje — respondo, mantendo o tom leve. — As sacerdotisas fizeram um trabalho na cidade esta tarde. Eu só estava dando uma breve caminhada antes de voltar para a Acrópole.

O sorriso do garoto se apaga.

— Você devia ter cuidado em Atenas à noite — diz ele, em tom sério. — Certas partes da cidade não são tão seguras quanto outras.

Olho em volta, para a rua vazia, e lembro da sensação de inquietação que tive antes. Acredito nele.

— Eu acompanho você até a Acrópole — oferece o garoto.

— Que gentileza.

— Sou amigável.

Ergo uma sobrancelha.

— Somos amigos?

O garoto abre um sorriso largo, e sinto um choque, como se tivesse sido atingida por um relâmpago.

— Eu gostaria que sim.

— Eu nem sei o seu nome.

O garoto faz um gesto displicente com a mão.

— É porque ele é comum e entediante. Você o esqueceria amanhã. — Ele fala num tom mais suave. — Me diga o seu.

— Meu nome é Meddy.

— "Meddy." — Ele diz meu nome como se fosse algo precioso, raro. — Por favor, me permita acompanhar você de volta à Acrópole.

Há um calor em sua voz que me acalma depois da tensão da tarde.

— Está bem.

Ele assente com um ar cavalheiresco e então caminha ao meu lado enquanto subimos a estrada. Está escuro, mas as ruas parecem menos sinistras agora que não estou sozinha.

— Então, você é pescador — digo, apontando para a rede na mão dele.

— Coisa do tipo. — Ele dá um sorrisinho, como se tivesse pensado em algo engraçado. — Sempre amei estar perto do mar. Há algo nele…

— Ele pode ser poderoso e destrutivo — observo. — Mas também pode ser suave e curativo.

O rosto do garoto se ilumina.

— É bem isso mesmo.

— Não sou daqui, mas cresci perto do mar. — Não sei ao certo o que me impele a dizer essas palavras, mas elas vêm com facilidade. — Eu também o amo. É outra coisa que adoro em Atenas.

— Esta é a maior cidade de todo o mundo — comenta o garoto.

Ele olha para o céu, e vejo uma verdadeira adoração em seu rosto.

— Então você tem sorte de chamá-la de lar.

Ele me olha de novo.

— Agora é seu lar também, não é? Como acólita?

No mesmo instante, tudo o que aconteceu hoje vem à tona. Um pouco da minha leveza se dissipa.

— Por enquanto, é o meu lar — concordo. — Mas não sei se continuará sendo por muito tempo.

— Por quê? — pergunta ele. — O que aconteceu?

Mal conheço esse garoto; uma parte de mim percebe que o conforto que sinto perto dele não faz sentido. Mas, quando fito os olhos dele, vejo uma preocupação

verdadeira, um interesse genuíno. Tudo o que eu vinha segurando se rompe como uma barragem e, de repente, conto tudo. Falo das pessoas que ajudei hoje, do menino e da menina. Espero ver uma cara de reprovação quando digo o que fiz ao garoto, mas, para minha surpresa, ele apenas assente, compreensivo.

— Você sabe que não sou nenhum sacerdote — argumenta ele. — Mas, na minha opinião… acho que você fez a coisa certa.

Ergo os olhos para ele.

— Acha mesmo?

— Acho — responde. — Atena não é apenas uma deusa do ofício e da sabedoria. Ela é uma deusa da *guerra*. Tenho certeza de que até ela entende que, às vezes, a violência é necessária para manter a ordem.

Pisco. Isso não tinha me ocorrido, e agora penso que queria ter dito algo assim para Apolônia. Eu havia começado a pensar que talvez ela estivesse certa, mas agora me sinto vingada de novo. Talvez eu *tenha feito* a coisa certa.

* * *

Antes que eu me dê conta, chegamos à entrada da Acrópole. Eu me sinto aliviada ao ver que não há sacerdotisas por perto e que ainda poderei entrar sorrateiramente, espero que sem ser notada. O garoto para um pouco antes da luz das tochas e inclina a cabeça.

— Como prometido — diz ele. — Entregue em total segurança na Acrópole.

— Obrigada.

Segue-se uma longa pausa, em que nenhum de nós fala. Eu me vejo sem palavras, sem saber o que deveria acontecer a seguir.

Por fim, o garoto sorri.

— Espero ver você de novo, Meddy, se os deuses permitirem.

Não faço ideia de como isso poderia acontecer, mas ainda assim assinto.

— Eu também. Boa noite.

Ele acena uma última vez antes de se virar e seguir de volta pelo caminho por onde veio. Meus olhos permanecem nele até que desapareça de vista.

CONTINUO PENSANDO NO garoto enquanto atravesso o gramado da Acrópole.

No silêncio, eu me pego recordando as palavras que ele disse, a maneira atenta como me olhava enquanto eu falava. Na minha ilha, Theo sempre me escutava, minhas irmãs tentavam me fazer sentir que o que eu tinha a dizer era importante, mas isto… isto é diferente. Sempre que me lembro do sorriso aberto do garoto, algo palpita no meu peito, e me pego querendo sorrir ou rir. Eu me vejo desejando que realmente volte a vê-lo, em algum lugar, de alguma forma. Ainda estou pensando nele quando entro nos aposentos das acólitas e descubro que não estão vazios. Apolônia está sentada em seu leito, escovando os cabelos. Ela ergue os olhos como se estivesse me esperando.

— Fico feliz que você tenha voltado — diz ela. — Fiquei preocupada. — As palavras são gentis, mas formais demais. O palpitar no meu peito desaparece, substituído pelo mesmo peso que senti quando Apolônia se afastou mais cedo. Por um instante, penso em repetir o que o garoto disse, em apontar que minhas ações tinham, de fato, sido válidas. Algo me impede. Percebo que Apolônia é minha única amiga verdadeira na Acrópole. Mesmo que discordemos, não quero perder isso. Outras palavras escapam da minha boca.

— Desculpa. — Não faço qualquer introdução. — Desculpa por ter te chateado.

Apolônia balança a cabeça.

— Você não me chateou, Meddy — responde ela. — Você… me surpreendeu. Nunca tinha visto você daquele jeito.

A verdade é que eu também me surpreendi. Minha raiva sempre esteve dentro de mim como uma serpente enrolada, à espreita. Na única outra vez em que agi movida por ela, um príncipe foi morto.

Engulo em seco, depois me forço a falar.

— Nunca te contei sobre a minha família — digo, em voz baixa. — Meu pai… ele não trata a minha mãe bem. Nunca tratou. Às vezes, ele machuca ela.

Apolônia empalidece.

— As coisas que já vi ele fazer com minha mãe me dão vontade de… — Engasgo nas palavras. Não consigo dizê-las. — Eu odeio pessoas que machucam os outros, Apolônia.

Ela ergue o olhar para mim.

— É por isso que você colocou a cobra na cama de Calisto?

Eu me assusto. Não fazia ideia de que ela sabia.

— Eu também odeio pessoas assim, Meddy. — A voz de Apolônia é suave. Ela parece cansada. — Mas ir atrás delas, tentar vingar cada injustiça… esse tipo de ódio pode consumir uma pessoa, sabia? Esse tipo de ódio não vinga; ele apenas destrói.

Não sei o que responder a isso. Apolônia aperta meu ombro e, em seguida, me deixa sozinha nos aposentos.

XVI

DUAS SEMANAS DEPOIS, nos levantamos ao amanhecer para o festival das Panateneias.

A empolgação permeia o ar enquanto visto meu quiton recém-lavado junto às demais acólitas, tendo o cuidado especial de trançar meus dreads numa coroa elaborada, em homenagem à celebração. Quando estamos prontas, encontramos Eupraxia e as outras sacerdotisas no pátio; então seguimos juntas para Atenas.

O sol ainda não nasceu para grande parte da cidade; o céu permanece num azul pálido e esmaecido. Eu não esperava encontrar muitos atenienses acordados a essa hora, por isso fico agradavelmente surpresa ao ver que, quando Eupraxia enfim nos faz parar em um pequeno bairro na parte leste da cidade, uma multidão já está à espera. Há velhos vestidos com finas túnicas brancas, mulheres de rostos castigados pelo tempo e crianças que claramente acabaram de ser esfregadas e limpas por suas mães. Eupraxia se dirige a todos com um aceno gracioso e então começa a caminhar. Não há ninguém para conduzir a multidão, ninguém para dar instruções, mas todos parecem saber onde e quando se mover. Como suma sacerdotisa, Eupraxia segue à frente da procissão; as sacerdotisas mais antigas e as acólitas vêm logo atrás, e fico surpresa ao ver pessoas da cidade se juntando a nós também. Outros baixam a cabeça à nossa passagem; alguns se ajoelham ou tocam com os dedos em pingentes rústicos em forma de coruja. Atena pode não estar fisicamente presente, mas, enquanto caminhamos, sinto o amor e a veneração do povo por ela, dirigidos a nós como suas representantes. Mais uma vez, me pergunto como deve ser sentir um amor, um poder e uma influência tão grandes.

Outra sacerdotisa mais antiga nos aguarda quando alcançamos o monumental portal da Acrópole. Ao lado dela está um velho touro branco, cujo couro reluz à luz da manhã. Reunimo-nos em silêncio enquanto Eupraxia dá um passo à frente, segurando um belo peplo em tons de amarelo, azul e púrpura. Flores bordadas contornam as barras e, embora eu não esteja perto o bastante para examinar os

detalhes, sei que o trabalho é primoroso. Quando me sentei com as sacerdotisas do templo responsáveis por confeccionar aquele peplo, elas me explicaram que o trabalho levava nove meses, às vezes mais. Eupraxia carrega o peplo sagrado e para bem diante do touro. Ela encara o animal com solenidade.

— Para a nossa Deusa, a sagrada Atena. — Sua voz é altiva quando ergue o peplo bem alto. — Deusa da sabedoria, da guerra e do artesanato, neste dia sagrado, toda Atenas canta seus louvores e eleva seu nome. Em demonstração de nossa gratidão, oferecemos este presente e este sacrifício.

Eupraxia faz um sinal para a sacerdotisa ao lado do touro. Quando ela corta a garganta do animal, ele morre em silêncio — um bom presságio. À medida que o sangue escuro se espalha pelo chão, a multidão começa a aclamar; alguns irrompem em canto. O orgulho cresce dentro de mim até eu ter certeza de que vou explodir. Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Meddy? — chama Apolônia. Ela permaneceu ao meu lado durante toda a manhã. Não sei ao certo se nos recuperamos completamente do que aconteceu na cidade duas semanas atrás, mas superamos o bastante para que ela agora me olhe com preocupação sincera.

— Tá tudo bem? — pergunta.

No início, não tenho forças para responder. Sonhei por tantos anos em deixar a ilha e ver mais do mundo. Percebo, então, que realizei esse sonho.

Eu me viro para Apolônia, radiante.

— Estou feliz por estar aqui — explico, com sinceridade. — Muito feliz por estar aqui.

Minha amiga sorri de volta.

— Eu também fico feliz que você esteja aqui.

Quando a multidão cessa o canto e volta a aplaudir, nós duas nos juntamos a ela.

* * *

O restante das Panateneias é marcado por uma série de eventos variados, mas aquele pelo qual mais anseio é a corrida de bigas. Nunca vi uma corrida, e Apolônia faz o possível para me explicar as regras enquanto seguimos para o Estádio Panatenaico. Ainda assim, nada me prepara para a visão que se apresenta quando chegamos ao topo da colina.

O Estádio Panatenaico é o maior espaço que já vi, maior até do que a própria Acrópole. Ele consiste numa longa pista oval de terra batida, estreita, cercada por colinas que se erguem por todos os lados para acomodar os espectadores. Já há centenas de pessoas espalhadas pela grama, e uma corrida está prestes a começar. Consigo distinguir duas equipes de bigas desfilando em direção à linha de largada. Os cavalos de ambas as equipes são pretos, mas um dos cocheiros veste uma túnica azul, enquanto o outro usa verde. Decido, ao acaso, torcer pelo segundo. Os homens posicionam seus cavalos enquanto um oficial ergue as mãos, indicando que devem aguardar. Há um instante de quietude, um compasso em que uma tensão se forma.

Então o ruído do chifre soa, e as bigas disparam adiante.

Estou sentada num pequeno outeiro macio com as outras sacerdotisas, a uma distância segura da pista, mas ainda assim meu coração troveja descontrolado quando as duas bigas passam voando por nós e seguem para a primeira curva. Ambas conseguem executar o movimento sem errar, e a multidão ruge em aprovação enquanto ganham velocidade. Elas passam pela segunda curva com a mesma facilidade, mas, ao chegar à terceira, o condutor de azul lança sua biga contra a do verde, que é arremessado para fora e cai na terra com um baque nauseante. A multidão geme em uníssono, e o cocheiro de verde não volta a se levantar.

— A corrida de bigas é um dos esportes mais empolgantes — comenta Apolônia em meu ouvido. — Também é um dos mais sangrentos.

Eu me pego encarando o cocheiro de verde, ainda imóvel, enquanto a multidão vibra pelo de azul. Há poucos minutos, o homem de verde estava vivo; agora, provavelmente está morto. Por um segundo, eu me lembro do corpo de Maheer estendido no chão de seus aposentos, e um arrepio alfineta minha pele. É um lembrete de como é fácil morrer. A brusquidão do momento é curiosamente desconcertante em meio a tanta celebração e animação, mas pareço ser a única a notar.

Depois da primeira corrida, enquanto um grupo de homens trabalha para retirar o corpo do cocheiro de verde e recolher os cavalos abandonados, Apolônia e eu nos aventuramos mais perto da pista. À medida que nos aproximamos, novos odores invadem meu nariz — o fedor de suor, vinho velho e estrume de cavalo —, mas descubro que não me importo. Já vi ilustrações de cavalos em meus pergaminhos, mas não os tínhamos em casa, na minha ilha. Eu fico maravilhada diante das criaturas, esguias e lustrosas, e ainda assim tão cheias de força.

Os condutores da próxima corrida já estão na pista, preparando-se. Um deles atraiu uma roda de mulheres. É alto, magro e tem a pele clara, com os cabelos loiros raspados, o que lhe confere um ar levemente severo, embora não esconda o fato de ser jovem. Seu oponente, sentado sozinho ao lado da própria equipe de cavalos, é quase o oposto exato. Parece ter seus trinta e muitos anos, com pele clara salpicada de sardas e cabelos castanho-claros. Cicatrizes e cortes marcam seus braços descobertos, e me pego imaginando quantas dessas corridas ele já completou. Quando percebe que estou olhando para ele, sorri e se levanta.

— Gostaria de ver os cavalos? — chama ele. — Eles são dóceis, prometo.

Olho para Eupraxia, que assente de onde está na colina, e então me aproximo do cocheiro com cautela. De perto, consigo apreciar melhor os cavalos. Os quatro são de um castanho-avermelhado brilhante e têm os mesmos olhos escuros e inteligentes.

— Seus cavalos são lindos — comento. — Quais são os nomes deles?

O cocheiro aponta para cada um.

— Bóreas, Zéfiro, Noto e Euro.

Abro um sorriso.

— Você deu o nome dos deuses dos ventos para os cavalos — observo, então aponto para um deles. — Ele é mesmo tão rápido quanto o vento do sul?

O cocheiro assente novamente.

— *Ela* é, assim como as irmãs.

— Então tenho certeza de que você vencerá com elas.

O sorriso do cocheiro se torna amargo, e ele balança a cabeça.

— Receio que você seja a única a achar isso — comenta.

— Como assim?

— Não sou o favorito para ganhar esta corrida — explica. — Vê aquele outro condutor? Ele é mais jovem, mais rápido. As maiores apostas estão nele.

— Bem, *eu* ainda acredito em você e nos seus quatro ventos.

— Obrigado. — Agora ele sorri com sinceridade. — Meu nome é Calínico — fala. — E o seu?

— Sou a Meddy.

— Você é sacerdotisa? — pergunta ele.

— Sou uma acólita, em treinamento para me tornar sacerdotisa.

Os olhos dele se franzem.

— É próxima o bastante para o que tenho em mente. Será que você estaria

disposta a me fazer um pequeno favor?

A pergunta me surpreende, mas assinto.

— Claro.

— Será que eu poderia pedir que você rezasse a Atena pela minha vitória? A deusa escuta suas sacerdotisas. — Ele dá uma piscadinha para mim. — E suas acólitas também.

— Assim o farei. — As palavras soam mais solenes do que eu pretendia.

Ele inclina a cabeça e, antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, sobe em sua biga e parte. Seu oponente loiro já está na linha de largada, e eu corro de volta colina acima até o meu lugar junto às outras sacerdotisas, enquanto o oficial da primeira corrida retorna e ergue as mãos. Fecho os olhos depressa, sem saber muito bem que palavras usar na minha prece, e deixo que o instinto me conduza.

Atena, por favor, cuide de Calínico. Por favor, permita que ele saia vitorioso.

O chifre soa pela segunda vez, e abro os olhos. As duas equipes de bigas disparam.

Achei que tinha prestado bastante atenção durante a primeira corrida, mas aquilo não é nada comparado ao que sinto agora ao ver Calínico e o cocheiro loiro alcançarem a primeira curva da pista. O loiro, talvez inspirado pela corrida anterior, tenta lançar sua biga contra a de Calínico, que, porém, se desloca com destreza para fora do caminho no último instante. Quando chegam à segunda curva, o loiro tenta de novo, mas desta vez Calínico está preparado. Ele contra-ataca, quase arremessando o adversário para fora do assento. A multidão ruge em aprovação. Eles passam pela terceira curva sem problemas e então iniciam a segunda volta, mas agora fica evidente que os cavalos do loiro são mais rápidos. O chicote dele corta o ar enquanto incita os animais, inclinando-se para a frente até ficar quase paralelo ao dorso deles. Aos poucos, ele começa a se adiantar. Calínico força seus quatro ventos a fazer o mesmo, mas os cavalos não conseguem acompanhar. Quanto mais exige deles, mais rapidamente parecem ficar para trás. A distância entre as bigas aumenta.

Ele não vai vencer. A constatação chega aos poucos. *Ele vai perder.*

Vejo o loiro contornar a curva final. Ele já sorri em comemoração. Solta as rédeas para acenar para a multidão em delírio: um erro. Algo mergulha no estádio, pequeno demais para que eu consiga ver direito, e passa voando bem à frente dos cavalos do cocheiro loiro. Não consigo ter certeza, mas suspeito que seja uma coruja. Os cavalos da frente do loiro empacam, assustando os outros, que fazem o mesmo. É uma falha momentânea, mas é tudo de que Calínico precisa. Ele dispara à frente, ultrapassa o

loiro e cruza a linha de chegada. A multidão explode, e eu pulo em comemoração. Nunca experienciei uma euforia tão absoluta. Eu me sinto triunfante enquanto os gritos de frustração do cocheiro loiro são abafados pelos aplausos. Calínico conduz seus quatro ventos por mais uma volta inteira na pista, enquanto os atenienses batem palmas e os pés no chão em sua homenagem. Quando ele retorna à linha de largada, Eupraxia o aguarda com uma ânfora de prêmio. Ele a recebe e a ergue bem alto; os aplausos no estádio são tão fortes que sinto a minha caixa torácica vibrar. Um grupo de pessoas o espera para parabenizá-lo assim que ele desmonta da biga, e ele me procura com insistência e acena.

— Foi você! — exclama, apontando. — Foi a sua bênção!

Tendo a pensar que foram a habilidade e a experiência de Calínico, somadas a um pouco de sorte, que garantiram sua vitória, mas ainda assim aceno de volta e sorrio.

Apolônia se junta a mim.

— Um brinde à sua primeira Panateneia — diz ela, sorrindo de orelha a orelha. — E a muitas outras!

— O que acontece agora? — pergunto.

As pessoas já começam a deixar o estádio, e muitas parecem seguir de volta para a cidade.

— Agora tem os festejos, as festas nas ruas — explica —, imagino que sigam noite adentro.

Olho em direção à cidade, com um ar sonhador.

— Parece divertido.

A expressão de Apolônia muda. De repente, ela parece decididamente travessa.

— A gente poderia ir.

Olho para ela, surpresa.

— Não temos autorização.

Apolônia faz um gesto despreocupado com a mão.

— É a Panateneia. A cidade inteira estará celebrando, até as sacerdotisas. — Ela encara a distância, como se recordasse algo com carinho. — Quando eu era mais nova, meus irmãos me levavam com eles para a cidade. A gente comia e dançava até o sol nascer. Era tão divertido. — Há agora uma nota de saudade em sua voz, um anseio.

Algo se aperta no meu estômago.

Depois do que aconteceu em nossa última ida à cidade, temi que minha amizade

com Apolônia mudasse. Nos dias que se seguiram ao incidente com o menininho, parecemos voltar à nossa rotina normal, mas a preocupação permaneceu, cravada em mim como um espinho teimoso. Ela é minha única amiga de verdade nesta cidade, aquela que me fez sentir acolhida desde o início. No fim das contas, é isso que me leva a dizer as palavras.

— Está bem. Vamos hoje à noite.

XVII

POR MAIS LONGAS ou curtas que sejam, nossas vidas geralmente podem ser reduzidas a um conjunto de escolhas feitas em algumas poucas noites decisivas. Raramente sabemos ao certo quais dessas noites serão aquelas que mudarão tudo o que vem depois. Mas, se você prestar bastante atenção, existe uma sensação, um leve formigamento sob a pele, que sugere o destino.

A noite em que Apolônia e eu deixamos a Acrópole para nos aventurar pela cidade é uma dessas noites transformadoras, para nós duas.

Sair do templo não foi difícil. Apolônia tinha razão: em meio a tanta preparação e planejamento para as Panateneias, a maioria das sacerdotisas da Acrópole já tinha ido dormir, exausta, ou seguira para um dos pátios a fim de saborear generosas taças de vinho.

Meu nervosismo diminui à medida que o templo fica para trás, e Apolônia conduz o caminho por uma das estradas de terra, entre prédios antigos feitos de tijolo de barro e madeira. Ao nosso redor, crianças correm pelas ruas apesar da hora avançada; não são poucas as mulheres que se reúnem nas soleiras de casa para fofocar enquanto os maridos compartilham cantis de vinho. Tento não encarar enquanto passamos, mas, de vez em quando, a curiosidade vence. Já faz pouco mais de um mês que estou em Atenas, mas tanta coisa ainda parece nova. A vida inteira me perguntei sobre o mundo além da minha ilha. Agora *estou nele* e não tenho certeza absoluta de que tudo isso não seja algum delírio febril do qual vou acordar.

Apolônia cresceu em Atenas, então deixo que ela lidere enquanto nos aproximamos do centro da cidade. Aqui, as festividades parecem estar a todo vapor. Ouço o dedilhar animado de alaúdes, o tilintar de pandeiros com sinos presos a eles. À nossa volta, as pessoas meio cantam, meio gritam canções diferentes, numa harmonia dissonante, mas descubro que gosto daquele som. Meu estômago ronca quando o ar se enche de novos aromas, e noto um vendedor de rua oferecendo bolos de cevada regados com mel. Fico com água na boca.

— Para a maioria das pessoas daqui, carne é uma iguaria — explica Apolônia enquanto caminhamos. — Mas, durante os festivais, todo mundo fica mais generoso.

Ela me guia até uma barraca e entrega alguns dracmas ao homem barbudo atrás do balcão. Em troca, ele nos dá espetos de cordeiro assado. Deixo escapar um gemido quando dou a primeira mordida, saboreando os gostos intensos de tomilho e manjericão. Em casa, as refeições servidas certamente eram grandiosas, mas em Atenas tudo parece mais *vívido*. Os banquetes de meus pais eram frequentados por deuses imortais que comiam e festejavam como passatempo; os atenienses nas ruas dançam, cantam e comem com um entusiasmo que nunca vi.

Eles vivem como se não houvesse amanhã, percebo.

Um grupo de pessoas está aglomerado no meio de uma das ruas, e cutuco Apolônia, puxando-a naquela direção até ficarmos perto o suficiente para ver o que está acontecendo. Por cima das cabeças dos curiosos, distingo um trio de garotas. Elas parecem ter a minha idade e usam quitons modestos, mas tingidos com cores bonitas. Estão executando uma dança que reconheço vagamente. Percebo que é uma versão ligeiramente diferente de uma das muitas danças que minha mãe obrigava eu e minhas irmãs a aprender. Acho que isso deveria me surpreender, ver a mesma dança aqui em Atenas, mas de algum modo não surpreende. Se as línguas podem atravessar terra e mar, é lógico que outras coisas também podem, inclusive uma dança.

Apolônia percebe a expressão no meu rosto.

— Você dança? — pergunta.

Hesito.

— Sim, mas…

Ela não me dá tempo de dizer mais nada: agarra minha mão e me puxa com ela para o centro da roda. Começa a girar, erguer as pernas e marcar o ritmo com os pés, acompanhando a música. Então meu instinto assume o controle. De repente, estou de volta à minha ilha. Começo a mover os braços e bater palmas, tentando parecer graciosa. Um grito animado de incentivo ressoa da multidão, e levo um instante para perceber que aquele som de aprovação é *para mim*. Mais pessoas começam a bater palmas no ritmo da música, e meu coração se sincroniza com ele. O sangue corre cada vez mais rápido pelas minhas veias, e meus passos ficam mais leves. Jogo a cabeça para trás, deixando meus dreads se espalharem ao meu redor, e alguém solta um brado. Deixo escapar um grito de alegria. Sempre dancei por causa da minha mãe, numa tentativa de agradar os outros. Percebo que nunca dancei porque queria. Eu me viro e

encontro Apolônia mais uma vez ao meu lado. Ela segura minha mão, e nossos passos entram em sintonia. Giramos cada vez mais rápido, e suas bochechas ficam ruborizadas e meu coração bate tão depressa que parece prestes a explodir no peito. Quando paramos, estamos ofegantes.

— Você não me disse que dançava tão bem — comenta ela, o peito subindo e descendo.

Sorrio.

— Você também não.

Olho para baixo e percebo que ainda estamos de mãos dadas. Apolônia parece notar o mesmo, porque o rubor em seu rosto se intensifica, e ela se afasta. Meu coração ainda troveja, mas agora não sei dizer se isso é consequência da dança ou da sensação da palma de Apolônia pressionada na minha. Abro a boca, sem saber o que dizer, mas uma voz atrás de mim me interrompe.

— Com licença.

Apolônia e eu erguemos o olhar e vemos três jovens diante de nós. Todos são altos, bronzeados, com os corpos longilíneos e desengonçados de rapazes que cresceram rápido, sem muita fartura. O da frente carrega um grande jarro e caminha com um gingado lento. Seus olhos passeiam sem pressa por Apolônia e por mim, antes de parar à nossa frente e sorrir.

— Vocês duas dançaram muito bem — elogia. — Como se chamam?

— Eu sou Calisto — responde Apolônia por nós duas. — Ela é Amersa.

O rapaz assente.

— Meu nome é Cristos. — Ele faz um gesto na direção dos outros dois. — Este é Haris, e aquele é Platão. Somos pastores. — Ele ergue o jarro. — Achamos que vocês talvez quisessem algo para beber.

Fico grata quando Apolônia pega o jarro primeiro. Ela o cheira e, em seguida, leva a borda aos lábios e dá um gole.

— É... doce — diz, lentamente, passando-me o jarro.

Sinto os olhos de todos voltados para mim enquanto imito o gesto dela e tomo um gole. No instante em que o líquido toca minha língua, há uma explosão de sabores e, em seguida, sinto o gosto familiar do álcool. Só bebi vinho na minha ilha, com minhas irmãs ou com Theo. Esses rapazes não parecem ter más intenções, mas ainda assim encaro Apolônia, insegura. A expressão dela é neutra, mas a conheço bem o bastante para decifrar aquele olhar. Se eu pedisse, ela voltaria comigo para a Acrópole sem

hesitar. Iríamos para nosso quarto e nunca mais falaríamos sobre esta noite. No fundo da mente, lembro da nossa última ida à cidade, quando dei um tapa naquele menininho. Naquele momento, decepcionei Apolônia.

Nunca mais quero ver aquela expressão no rosto dela.

Bebo do jarro uma segunda vez, um gole um pouco maior, e então sorrio.

— Está delicioso.

Os rapazes comemoram, e os ombros de Apolônia relaxam. Ficamos ali, e eles passam os braços por nossos ombros.

— Venham com a gente — diz Cristos. — Vamos mostrar como se divertir.

LOGO FICA CLARO que, seja lá onde Cristos e os amigos tenham conseguido o vinho, ele é de um tipo *bastante* fermentado. Como costuma acontecer, a percepção de que estou bêbada não vem de imediato; em vez disso, vou me afundando na embriaguez aos poucos. Cristos, Platão e Haris nos conduzem pelas ruas de Atenas por horas, puxando-nos para jogos de cartas, danças e apresentações de rua de vendedores ambulantes. Eles são gentis, descontraídos, divertidos. Aos poucos, sinto-me relaxar na companhia deles. Apolônia também. De vez em quando, somos arrastadas para outro grupo de dançarinos, mas Apolônia e eu nunca conseguimos dançar do jeito que dançamos na primeira vez. Parte de mim se entristece por isso. Na quarta hora, o mundo assume um aspecto embaçado e caminhar fica mais difícil do que deveria. Paro, mas tudo ao meu redor continua girando.

— Amersa? — As palavras de Apolônia saem arrastadas e altas demais, mas ainda assim vejo a preocupação em seus olhos quando ela se vira para mim. — Você… você está bem?

Quase me esqueci dos nomes falsos que demos aos rapazes. Assinto, mas só porque não confio muito em mim para falar. Tecnicamente, já estive bêbada assim antes — uma vez, quando Theo e eu roubamos um jarro de vinho de um dos banquetes dos meus pais —, e sei que estou perigosamente equilibrada na linha tênue entre a embriaguez agradável e a vontade de vomitar.

— Eu preciso… eu preciso… — paro de falar.

Não estou tão bêbada a ponto de não achar constrangedor admitir, na frente de três rapazes, que preciso me aliviar.

Felizmente, um deles — talvez o chamado Haris — parece entender minha situação sem que eu precise dizê-la em voz alta. Ele faz um gesto por cima do meu ombro.

— Há latrinas públicas logo ali — aponta. — Vá até o fim do mercado e vire à esquerda. Você vai encontrar.

— Eu vou com você — anuncia Apolônia.

Ela dá um passo e tropeça com tudo. Haris a segura antes que ela caia de cara no chão.

— Não, não. — Faço um gesto para que ela fique. — Estou bem, já volto.

Apolônia parece prestes a argumentar, mas então pensa melhor.

— Tudo bem — diz ela. — Estaremos aqui esperando.

* * *

As direções que Haris me deu estão corretas, mas são enganosas. As latrinas públicas da cidade não ficam "logo ali"; na verdade, estão a vários quarteirões de distância. A essa hora da noite — já desisti há muito tempo de tentar discernir exatamente que horas são —, estão vazias, e percebo que deixei a área principal destinada às festividades. Entro rapidamente, grata por poder ficar um pouco sentada em um lugar fresco e escuro. Quando termino, desço com cuidado os degraus do prédio e me apoio em uma das enormes colunas de pedra à frente dele. Digo a mim mesma que logo voltarei para Apolônia e os rapazes. Só preciso de um momento de descanso. Desço devagar até me sentar nos degraus.

Meus olhos vagam demoradamente, absorvendo o que há ao redor. Percebo que estou em uma parte mais residencial de Atenas; os sons da cidade estão abafados o suficiente para que eu ouça o ciciado das cigarras, o gotejar suave de um poço em algum ponto distante. Dá para notar que alguém em um dos prédios próximos acendeu uma lamparina; o cheiro de azeite queimando impregna o ar noturno. Esse aroma me lembra a Acrópole e o leito à minha espera. Suspiro, fechando os olhos só por um instante.

— Olá.

Eu me endireito na mesma hora, assustada, procurando a origem da voz que rompeu o silêncio. O homem de pele clara que emerge da escuridão é mais velho, com uma barba rala salpicada de fios grisalhos cobrindo as bochechas. As roupas dele são

esfarrapadas, e ele me oferece um sorriso largo e desdentado ao se aproximar. Eu me levanto e dou um passo para trás.

— Tem moeda? — pergunta, em voz baixa e rouca.

— N-não. Desculpa. — Tento manter o tom calmo enquanto me afasto aos poucos.

O homem acompanha cada passo que dou.

— Ah, para — insiste —, não preciso de muito, só um dracma ou dois…

— Desculpa. Não tenho nada. — Lanço um olhar tenso para a esquerda. — Eu preciso voltar, de verdade. Meus amigos estão me esperando.

O homem sorri de forma lasciva.

— Eles não vão sentir sua falta.

Ele se move mais rápido do que espero, agarrando meu braço acima do cotovelo e me puxando em sua direção.

— Tire as mãos dela.

Sinto o aperto afrouxar quando nós dois olhamos na direção da terceira voz que tomou a rua. A primeira coisa que vejo não faz sentido: olhos azul-esverdeados, brilhando de forma inesperada na escuridão. Em seguida, distingo a silhueta de um jovem. Assustada, percebo que ele é familiar.

É o jovem do mercado.

Sem hesitar, ele avança, o olhar fixo no homem mais velho.

— Solte ela — brada. — Agora!

O homem parece tão surpreso quanto eu, mas não obedece. Com a voz um pouco menos segura, ordena:

— Cuide da sua vida, garoto. Ela não é problema seu.

— Não vou repetir — retruca o rapaz. — Solte ela.

— E se eu não soltar?

Tudo acontece de repente. Há um grande clarão de luz, um som cortante no ar, e então o jovem do mercado desaparece. No lugar dele está um homem que não é homem algum. Ele tem longos cabelos pretos que caem sobre os ombros e os mesmos olhos azul-esverdeados intensos. Na mão direita, segura um tridente dourado.

Ele é um deus.

— Grande Poseidon. — O nome é sussurrado pelo meu agressor no mesmo instante que incendeia minha mente. — Como…?

— Eu ofereci clemência. — A nova voz de Poseidon, sua voz *verdadeira*, é

grandiosa e terrível. Ele soa como uma tempestade viva, pulsante. — Em vez disso, você desafiou um deus.

— Por favor!

Meu agressor me solta e cai de joelhos, gaguejando. O ar se enche de um novo fedor, e percebo, com repulsa, que ele urinou em si mesmo. Dou um passo para longe.

— P-p-por favor, poderoso senhor. Tenha misericórdia — imploro.

— Saia da minha frente — ordena Poseidon.

O homem não precisa ouvir duas vezes. As pernas tremem tanto que, ao se levantar, quase cai de novo, mas assim que se firma, desaparece em segundos, correndo rua abaixo. Poseidon o observa, os olhos semicerrados, e então se volta para mim.

— Medusa — diz, agora em um tom mais baixo.

Um choque percorre meu corpo. Eu havia encontrado o rei do mar — ao menos nessa forma — apenas uma vez. Faço uma reverência profunda.

— S-sim. Sim, meu rei.

Encaro o chão, esperando que ele fale, e me surpreendo ao sentir um dedo tocar meu queixo e erguer meu rosto. Poseidon se aproxima. Ele me observa com uma expressão muito mais suave.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta. O tom é de repreensão, mas gentil. — Eu já disse a você que partes desta cidade não são seguras à noite.

A vergonha me invade. Sei no mesmo instante que ele tem razão; eu não deveria estar aqui. Estou de pé agora, mas volto a desviar o olhar.

— Perdão, meu rei. Eu…

— Poseidon.

Levanto os olhos.

— Desculpe…?

— Quero que use meu nome: Poseidon. — As palavras são gentis, mas imperativas. — Eu prefiro assim.

Levo um momento para encontrar a voz.

— Muito bem… Poseidon.

Ele inclina a cabeça.

— Você estava me dizendo por que veio a este lugar.

Mordo o lábio.

— Eu queria ver Atenas. Quer dizer… mais dela.

Ele me lança um olhar compreensivo.

— Consigo entender isso — respondo. — Não há cidade como esta.

Penso na história que Apolônia me contou certa vez, sobre a disputa que Poseidon e Atena travaram para reivindicar esta cidade. Embora não tenha certeza, acho que vislumbro uma tristeza silenciosa nos olhos de Poseidon. Ela está ali por apenas um instante. Então ele pisca, e o sorriso retorna.

— Venha — chama ele, com gentileza. — Vou levar você de volta ao templo.

XVIII

O CAMINHO DE VOLTA até a Acrópole parece muito mais longo do que a ida à cidade. Em parte, porque agora estamos subindo em vez de descer, e o álcool ainda corre no meu sangue e deixa meus passos desajeitados. Mas sei que há outro motivo.

Poseidon.

Ele permaneceu em sua forma verdadeira, mas atenuou a aura dourada que emana de sua pele. O tridente desapareceu. Se alguém nos observasse, diria que éramos apenas dois jovens caminhando lado a lado.

— Você sabia? — pergunto enquanto andamos. — Sabia quem eu era quando me viu no mercado? Foi por isso que me ajudou?

— Sabia — admite Poseidon. — Tenho observado você há algum tempo, à distância.

— Tem?

Não sei o que pensar disso. Fico envergonhada, mas… uma pequena parte de mim também se sente honrada.

Poseidon assente.

— Seu pai tem muito orgulho de você. Ele contou a quase todos os deuses da Corte do Mar que a filha se tornaria acólita de Atena.

Minhas bochechas enrubescem. Sempre soube que meu pai gosta de se gabar, mas a ideia de Poseidon ter ouvido falar de mim dessa forma me constrange.

A expressão dele fica mais suave, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Você não deve ser dura com seu pai — aconselha. — Ele tem todo o direito de se orgulhar de você.

— Acho que sim. — Minha resposta é vaga. — Então foi ele que pediu para você cuidar de mim?

— Não. — Um novo brilho cruza os olhos de Poseidon. — Essa foi uma escolha minha.

— Por quê?

— Você é da Corte do Mar, filha de um dos meus súditos — responde ele. — Isso faz de você minha responsabilidade.

— Ah. — Não sei por quê, mas essa resposta me decepciona.

Poseidon me olha de rabo de olho.

— Você ainda está usando o traje de acólita — observa. — Imagino que isso signifique que tem sido aprovada nos seus desafios até agora.

— Provas — corrijo.

O deus ergue uma sobrancelha e eu abaixo a cabeça.

— Perdão, meu rei.

Poseidon sorri.

— Pelo que ouvi, essas *provas* são bastante difíceis. Não é nada simples passar nelas. — Ele inclina a cabeça para mim. — Você deve ser impressionante.

Fico tão surpresa que paro de andar. Até pouco tempo atrás, eu nem sequer cogitava que o rei do mar se lembrasse do meu nome. Acabo de descobrir que ele não apenas se lembra, como também tem me observado, me protegido. E acha que *eu* sou impressionante. Sinto aquele conhecido palpitar no peito. Mudo de posição, de repente desconfortável, e Poseidon para e me encara.

Suas sobrancelhas escuras se contraem.

— Eu… ofendi você?

— Não! — Minha voz soa estridente. — Não, de jeito nenhum. É só que… você é o rei do mar. Eu não pensei que alguém como você acharia alguém como eu interessante.

Poseidon sorri outra vez.

— Eu acho você *muito* interessante, Medusa.

Minha respiração falha.

— Acha mesmo?

— Claro. — Ele assente. — Você é a filha mortal de dois deuses do mar. Existem pouquíssimos seres como você.

Se minha euforia fosse uma vela, essas palavras a apagariam. Desvio o olhar, mas ainda sinto os olhos de Poseidon sobre mim.

— Tomo o seu silêncio como um sinal de que você não gosta de ser mortal.

— Com certeza não teria escolhido isso. — Até eu consigo ouvir a amargura na minha voz. — Tudo o que ser mortal fez foi tornar a vida mais difícil.

Alguns segundos se passam antes que Poseidon volte a falar.

— Os mortais são como flores — murmura —, frágeis e efêmeros, sim, mas… — Ele para de caminhar e me encara. — Quando uma flor desabrocha, não há nada mais belo, porque é *real*. Nós, deuses, fingimos celebrar nossa imortalidade, mas a verdade é que a maioria de nós passa a eternidade buscando apenas um vislumbre do que um mortal sente: vitalidade, vida verdadeira e preciosa. Nunca subestime o poder disso, Medusa.

Não encontro palavras para responder Poseidon. Nunca, em toda a vida, ninguém, nem mesmo Theo, fez minha mortalidade parecer algo belo, algo a ser valorizado e desejado. Poseidon me oferece um sorriso melancólico.

— Me perdoe — acrescenta. — Devemos prosseguir o caminho.

Antes que eu me dê conta, os portões da Acrópole surgem à vista. As tochas lançam sua luz dourada sobre a rua, mas estamos longe o bastante para ainda permanecermos ocultos nas sombras.

Poseidon para.

— É aqui que eu me despeço, Medusa — anuncia ele. — Imagino que você já saiba o caminho.

Há um leve tom de provocação em sua voz, mas não é cruel. Reúno o pouco de dignidade que me resta e faço uma reverência desajeitada.

— Obrigada novamente por toda a sua ajuda, meu rei.

Continuamos nos olhando, nenhum dos dois fala. Sei que este é o momento em que deveríamos nos despedir, mas luto para encontrar as palavras. A expressão de Poseidon também mudou. Ele me observa como se eu fosse um enigma que tenta decifrar.

— Meu rei…

Ele reduz a distância entre nós, e seus lábios encontram os meus.

Um calor dispara do ponto onde nossas bocas se tocam, aquecendo meu sangue e correndo pelas veias enquanto as mãos dele encontram minha cintura. Meus dedos se enroscam em seus cabelos quando ele me puxa para mais perto, se vira e me pressiona com delicadeza contra a parede. Quando sua língua desliza entre meus lábios, deixo escapar um suspiro, e ouço um som grave, baixo, em sua garganta. Seus beijos se tornam mais rápidos. Ele se afasta dos meus lábios e traça um caminho até minha bochecha, meu maxilar, meu pescoço. Meu coração acelera, descontrolado, e alguma parte de mim se pergunta se é possível esquecer como se respira.

Quando Poseidon afasta nossos corpos, nós dois estamos ofegantes.

— É melhor você ir — sussurra. — Boa noite, Medusa.

Sem dizer mais nada, ele se vira, me deixando sozinha na escuridão.

* * *

A cada passo que dou, tenho certeza de que alguma das sacerdotisas vai me flagrar, mas consigo voltar aos meus aposentos sem ser vista. A essa altura, quase todo o torpor intenso do vinho já passou, mas um cansaço pesado paira sobre mim enquanto puxo o quiton por cima da cabeça e me enrolo no meu leito. No fundo da mente, um pensamento insistente chama minha atenção, e penso vagamente em Apolônia ainda na cidade.

Ela vai ficar bem, me garante uma voz sonolenta, e meus pensamentos se aquietam quando apoio a cabeça no travesseiro. Tanta coisa aconteceu em uma única noite; mal consigo acreditar que tudo foi real e não algum delírio febril. O pensamento mais vívido na minha mente é Poseidon. Lembro da aparência dele naquela rua, no jeito como a luz das estrelas pintava de prata seus cabelos pretos. Lembro do modo como ele sorriu para mim.

Eu acho você muito *interessante, Medusa.*

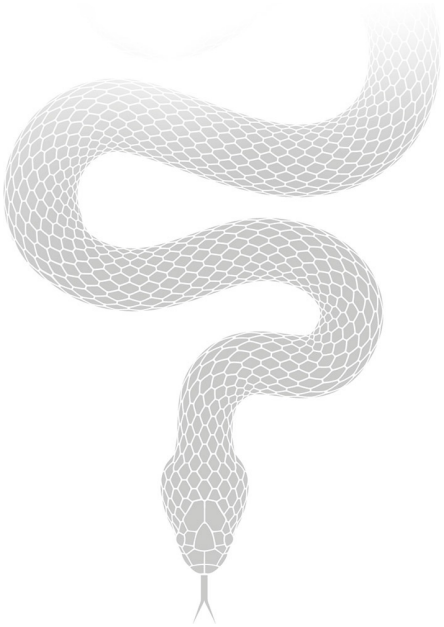
O rei do mar *me* acha interessante. O rei do mar me beijou. Nunca tinha sido beijada.

Eu me viro para ficar de barriga para cima enquanto um calor suave percorre meu corpo, uma sensação que não tem a ver com o vinho que bebi. Lembro dos lábios de Poseidon, do roçar de seus cabelos na minha bochecha. Me pergunto como *outras* coisas acenderiam meu corpo. Imagino seus lábios em outros lugares, meu pescoço, meu ombro. Quase não percebo minha mão se movendo, traçando a pele do baixo-ventre e depois deslizando até o ponto entre minhas pernas. Eu me espanto com o toque, incerta no início, enquanto meus dedos começam a se mover. Uma sensação estranha e nova percorre meu corpo como uma corrente, tensionando e relaxando à medida que meus dedos se movem mais rápido — desajeitados, mas determinados. Nunca senti nada parecido; não tenho como descrever. Só sei que não quero parar. O instinto me diz que estou em disparada rumo a alguma coisa, um grande clímax. É parecido com o que senti quando dancei com Apolônia mais cedo, mas melhor. Meus joelhos se afastam sozinhos enquanto deixo escapar um suspiro suave. Penso no rosto de Poseidon, no jeito como disse que sou bonita, e minha respiração falha. Faço uma

pausa e, então, a sensação chega, assustadora e maravilhosa, até que me perco por completo nessa vertigem.

PARTE III

AMANTE



XIX

ASSIM QUE ACORDO no dia seguinte, sei que tem algo errado. A sensação se instala na boca do estômago, podre, imunda.

O alojamento das acólitas está claro demais, e isso se deve em parte à cortina modesta que costuma cobrir a janela ter sido puxada para deixar a luz da manhã entrar. Levo um instante para compreender o significado disso.

Luz do sol.

Já amanheceu, o que quer dizer…

Pulo do meu leito, horrorizada. Eu já deveria estar acordada; minhas tarefas começam ao amanhecer. Lanço um olhar para o leito de Apolônia, ao lado do meu. Também está vazio, mas arrumado. Isso é estranho, assim como a ideia de Apolônia ter feito sua cama e me deixado dormir. Ela chegou mais tarde na noite passada, ou nem sequer voltou? Não há mais ninguém no quarto; estou sozinha. Jogo água no rosto depressa e troco de roupa, vestindo um quiton limpo. Minha cabeça lateja violentamente, mas afasto a dor piscando, e deixo o alojamento.

Felizmente, o templo ainda está silencioso. Ao que parece, Apolônia e eu não fomos as únicas a nos exceder na celebração do último dia das Panateneias. As sacerdotisas que já estão acordadas se movem devagar e várias parecem evitar a luz direta do sol. Deveria ser uma manhã tranquila, mas a quietude só piora minha ansiedade.

Onde está Apolônia?

Saio para o gramado da Acrópole e me arrependo na mesma hora. Também está claro demais. Caio de joelhos e vomito, derramando sobre a grama a refeição da noite anterior. O gosto me dá vontade de vomitar de novo. Limpo a boca e me levanto, cambaleante. Preciso encontrar Apolônia, antes que outra pessoa a encontre.

— Meddy!

O chamado é fraco, mas sei que é real. Aperto os olhos. Ali, junto aos portões da Acrópole, há uma figura solitária. Percorro o caminho meio correndo, meio andando.

Quando chego perto o bastante para reconhecer Apolônia, paro de repente. O quiton dela está rasgado em vários pontos, e um dos alfinetes do ombro desapareceu, de modo que ela precisa segurar a frente da roupa para impedir que os seios fiquem à mostra. Há um pequeno corte perto do queixo, e seus lindos cabelos castanhos estão cheios de folhas e espinhos.

— Apolônia, o que aconteceu?

Minha amiga encara o chão.

— Tentei te encontrar ontem à noite.

— O quê?

Ela levanta o olhar para mim, vazio.

— Quando você demorou para voltar, eu tentei te achar — diz, devagar. — Deixei aqueles pastores que conhecemos e fui até as latrinas públicas.

Sinto um peso no estômago.

— Você não estava lá — continua —, então comecei a andar pelas ruas, procurando você. Havia alguns soldados. — O rosto dela se contorce. — Eu disse que era uma acólita, mas eles não acreditaram.

— Apolônia — sussurro. — O que eles fizeram?

Ela me encara.

— Eu... Eles... — Ela abaixa os olhos. — Eles me machucaram.

Penso em Maheer, no jeito como ele me olhou em seus aposentos semanas atrás. Ainda consigo ouvir o eco da voz dele.

Você tem bem a idade que eu gosto.

Não sei exatamente como os soldados machucaram Apolônia, mas não preciso saber. A raiva incendeia meu peito.

— Vamos encontrá-los — prometo. — E vamos fazer com que *paguem*.

Apolônia balança a cabeça.

— Não adianta. Eu estava bêbada. Não sei os nomes deles e não reconheceria seus rostos.

Minha raiva se transforma em outra coisa, um sentimento de impotência e desamparo que me dá náuseas. Abro a boca para dizer algo, qualquer coisa, que a faça se sentir melhor, mas não há nada.

É culpa sua, diz uma voz na minha cabeça. *É culpa sua isso ter acontecido.*

— Meddy. — A voz de Apolônia soa cansada, mais cansada do que nunca. Isso é o que mais me assusta. — Eu só quero me lavar, eu só... preciso trocar essa roupa.

— Claro. — Tomo o braço dela com cuidado e o apoio no meu. — Aqui, veja se consegue andar. Apoie o peso em mim. Vamos devagar.

Eu não consegui proteger Apolônia na noite passada e sei que isso vai me corroer por muito tempo. Mas, neste momento, reconheço que é ela o mais importante. Eu não fui uma boa amiga antes, mas posso ser agora.

A área de banhos da Acrópole não fica longe, mas Apolônia se encolhe a cada movimento, como se o corpo inteiro doesse, então andamos mais devagar do que o normal. Quando chegamos ao banho, Apolônia tenta tirar o quiton sozinha, mas volta a estremecer de dor, e eu a ajudo a despir a roupa, tomando cuidado para evitar tocar sua pele. O que vejo quando o quiton finalmente cai é ainda pior do que eu imaginava. Há hematomas pelas costas e pelos braços de Apolônia. Ajudo-a a entrar na água e noto manchas na parte interna da coxa, como se o sangue mensal tivesse começado. Há também manchas na túnica.

— Vou buscar um quiton limpo e panos — digo, me levantando.

— Não. — Com a água até o pescoço, Apolônia se vira para mim, os olhos arregalados. — Por favor, não… por favor, não me deixe.

Há um desespero na voz dela que acaba comigo. Eu me aproximo da borda da piscina do banho e assinto.

— Está bem — afirmo, com suavidade. — Eu fico com você.

A princípio, Apolônia tenta se esfregar para se limpar, mas logo assumo a tarefa, deixando que ela se apoie na borda enquanto eu toco de leve seus hematomas e retiro a lama e os galhos de seu cabelo. Fico em silêncio por um tempo, então digo:

— Você quer falar sobre o que aconteceu?

Os olhos de Apolônia estavam fechados. Ela os abre no mesmo instante.

— Não. — A voz ainda está carregada de exaustão, mas a palavra é firme. — Eu… eu não consigo. — Não a pressiono a dizer mais nada, mas ela acrescenta: — Meddy, ninguém mais pode saber disso.

Eu me espanto.

— Como assim? Não deveríamos denunciar os soldados? Ao menos contar para Eupraxia?

— Não! — Desta vez, Apolônia é mais incisiva.

Ela se ergue um pouco na água; percebo que está tremendo.

— Eu não entendo, Apolônia… — Controlo o tom, tentando não deixar transparecer minha confusão. — Se aqueles soldados te machucaram, isso foi errado.

— Desvio o olhar, pensando. — Vamos falar com o comandante deles. Eles serão punidos.

Apolônia continua me encarando. Ela balança a cabeça.

— Não é assim que as coisas funcionam nesta cidade, Meddy. O que aqueles soldados fizeram comigo… — Ela abaixa o olhar e abraça o próprio corpo. — Por favor, prometa que não vai contar a ninguém, nunca.

Eu não entendo a reação de Apolônia, nem porque ela não quer que mais ninguém saiba do que aconteceu. No fim, decido que não preciso entender.

— Está bem. Eu prometo.

Seguro a mão dela e aperto-a com cuidado.

Os olhos de Apolônia se enchem de lágrimas.

— Obrigada.

— Você precisa de roupas limpas — digo, me levantando. — Pode usar meu segundo quiton por enquanto, depois nós…

Paro, me virando.

— O que foi? — Apolônia afunda mais na piscina, cobrindo-se.

Não respondo, mas meus olhos vasculham as colunas ao redor até captar um leve movimento atrás de uma delas.

— Apareça! — grito. — Estamos vendo você.

Há uma pausa antes que uma figura saia de trás da coluna, e meu coração vacila quando reconheço os cachos loiros.

— Ora, ora. — A voz de Calisto é suave, mas seus olhos brilham como lâminas. Ela não está olhando para mim. — Que história *interessante*, Apolônia. Se misturando com soldados atenienses à noite? Tenho certeza de que isso é muito importante para suma sacerdotisa.

Olho de volta para Apolônia. Ela está completamente pálida.

— Calisto — sussurra —, por favor.

— Não vou contar para ela — diz Calisto, com leveza. — Mas quero algo em troca do meu silêncio. *Você*. — Os olhos dela voam até mim. — Beije meus pés.

Fico encarando por um instante, esperando que as palavras sejam uma brincadeira. Quando ela ergue o queixo em desafio, percebo que não são.

— Pelo truque com a cobra — fala, em voz baixa.

Então eu entendo. Fui eu que causei isso. Olho de Calisto para Apolônia e penso vagamente em Theo. Lembro daquele momento, em meus aposentos, quando ele me

disse que tinha medo por causa de algo que eu havia feito. Mais uma vez, minhas ações arrastaram alguém inocente para consequências terríveis.

Calisto inclina a cabeça, esperando. Lanço um último olhar para Apolônia e tomo minha decisão. Cada passo que dou até Calisto me custa alguma coisa, mas me obrigo a caminhar e ficamos a poucos centímetros uma da outra.

Os lábios dela se curvam em um sorriso enquanto aponta para baixo.

— Ajoelhe-se.

Quero bater nela, chutá-la, fazer qualquer coisa para apagar o triunfo de seu rosto. Mas penso em Apolônia, ainda atrás de mim na piscina, e inspiro fundo. Tento não imaginar o que minhas irmãs diriam se me vissem agora, ficando de joelhos. Encaro os pés calçados de Calisto e meus punhos se fecham.

— Vamos — incita ela, com uma voz doce.

Parece levar um século até que minha coluna se curve em reverência. No último segundo, recuo um pouco, minha boca pairando a centímetros dos pés de Calisto, tomada de repulsa. Respiro fundo outra vez e me forço a inclinar mais, até que meus lábios rocem o topo de seus pés. Assim que termina, me levanto e recuo. Calisto agora sorri de verdade. Eu me viro a tempo de ver Apolônia tentando sair da piscina e corro até ela. Não tenho nada além das roupas velhas dela para cobri-la, mas faço o melhor que posso, enquanto Calisto ri.

— Não sei o que vai ser melhor, Apolônia — debocha ela —, a cara da Meddy depois de beijar meus pés ou a sua quando eu contar à suma sacerdotisa que você andava se encontrando com soldados na noite de um festival sagrado.

Viro a cabeça bruscamente para ela. Apolônia suspira.

— Você *disse* que não contaria…

— O quê? — As sobrancelhas de Calisto se erguem, fingindo confusão. — Não me lembro disso.

— Calisto. — Há um tremor na voz de Apolônia. Ela soa à beira das lágrimas, e percebo que não consigo encará-la. — Nós nos conhecemos desde meninas. Por favor, não faça isso.

Vejo uma breve hesitação na armadura de Calisto. Ela observa Apolônia, e por um momento fico achando que as palavras talvez a tenham tocado. Então ela olha para mim, e sua expressão endurece.

— Você deveria ter pensado nisso antes de escolher ser amiga de uma meteca imunda — diz, com desdém.

Sem dizer mais nada, Calisto se vira e segue decidida em direção ao templo.

MINHA BOCA ESTÁ SECA enquanto fico de pé entre as outras sacerdotisas, esperando.

Cada rosto, uma máscara de austeridade. Já é o fim da manhã, e quase todos na Acrópole estão aqui, mas faltam três pessoas.

Calisto. Apolônia. A suma sacerdotisa.

Quando duas sacerdotisas vieram buscar Apolônia nos aposentos das acólitas, ao menos tínhamos conseguido nos vestir. Elas não responderam às perguntas sobre para onde a estavam levando, apenas insistiram que a suma sacerdotisa a havia convocado. Ergueram as mãos quando tentei ir junto, enfatizando que a suma sacerdotisa havia chamado somente Apolônia. Isso aconteceu há várias horas.

Belisquei o café da manhã, sentada ao lado de Amersa e das outras sacerdotisas, todas alegremente alheias ao que tinha ocorrido. Pouco depois, fomos chamadas ao pátio central da Acrópole e instruídas a esperar.

Após o que pareceu um século, as portas à nossa esquerda se abrem e, finalmente, Apolônia é conduzida para fora.

Ela estava chorando; dá para ver pelas marcas de lágrimas nas bochechas e pelos olhos vermelhos. Meus batimentos aceleram. Duas sacerdotisas mais antigas caminham uma de cada lado, enquanto Eupraxia segue logo atrás. A expressão da suma sacerdotisa é indecifrável, o que, de algum modo, me faz sentir ainda pior. Observo a mulher mais velha atravessar o pátio e parar ao pé da escadaria, ficando um nível acima de nós. Ela espera até que todos os olhares a encarem antes de falar.

— Nesta manhã, recebi um relatório de grave conduta imprópria envolvendo a acólita Apolônia. — Há um peso em sua voz. — Após conversar com ela em particular, acredito ter um relato completo e verdadeiro, diretamente da acólita Apolônia, sobre o que ocorreu. Antes de compartilhar meu veredito, peço que Apolônia se dirija a vocês.

Todas no pátio voltam o olhar para Apolônia, que agora mantém a cabeça baixa.

— Ontem à noite, minhas ações não refletiram o código moral esperado de uma acólita ou sacerdotisa da Deusa — começa ela, com a voz baixa. — Por isso, ofereço minhas sinceras e humildes desculpas às mulheres deste templo.

Franzo a testa. Isso não faz sentido. Apolônia me disse que os soldados foram atrás dela, que a machucaram. Não entendo por que *ela* deveria se desculpar.

— Você tem algo mais a acrescentar? — pergunta Eupraxia.

Apolônia balança a cabeça.

As sacerdotisas murmuram entre si, mas Eupraxia ergue a mão e, de imediato, o silêncio retorna. Ela respira fundo.

— Então saibam que não foi fácil tomar essa decisão. Apolônia, você está, a partir de agora, dispensada do serviço como acólita e proibida de voltar a servir no futuro.

Ouvem-se vários suspiros, um som coletivo de espanto vindo das outras sacerdotisas. Um rugido ensurdecedor toma minha cabeça, e me custa compreender qualquer coisa enquanto a boca de Apolônia se abre, horrorizada.

— *Proibida*? — repete ela, em voz baixa. — Mas a minha… a minha família serve a este templo há séculos.

Eupraxia inclina a cabeça.

— O que torna tudo ainda mais triste.

— Mas… mas a senhora não pode. — Apolônia olha ao redor do pátio. Ninguém agora sustenta seu olhar. — Eu não terei para onde ir. Meu pai não vai me aceitar de volta se eu for expulsa do sacerdócio. Vou acabar na rua!

Eupraxia não diz mais nada.

— A senhora não pode fazer isso. — Apolônia parece ter ultrapassado o limite da razão. A voz sobe de tom. — Suma sacerdotisa, por favor, eu imploro que reconsidere!

Duas sacerdotisas, as mesmas que a escoltaram para dentro, se afastam da multidão. O olhar delas é feroz. Cada uma toma Apolônia por um braço; ao toque delas, ela entra em pânico, tentando se soltar. As mulheres a seguram com firmeza e começam a conduzi-la para fora do pátio.

— Por favor! — grita Apolônia, as palavras quase ininteligíveis em meio aos soluços. — Suma sacerdotisa, por favor! Irmãs, por favor!

Os gritos me trazem de volta à realidade. Dou um passo à frente.

— Ela não fez nada de errado! — berro. — Ela foi atacada por dois soldados!

— Acólita Medusa — a voz de Eupraxia se torna subitamente cortante —, cale-se.

— Não! — Corro até Apolônia, e ela agarra minhas mãos, segurando com força. — Isso não está certo! — Procuro os rostos ao redor. — Ela não fez nada de errado!

Apolônia continua chorando, ainda agarrada a mim. Sinto duas mãos me segurarem pelos braços e puxarem até que sejamos separadas. Quando ergo o olhar, vejo que as sacerdotisas que me afastaram têm lágrimas nos olhos. Elas me contêm enquanto Apolônia é arrastada para fora do pátio, embora seus gritos ainda possam ser ouvidos por vários minutos, enquanto é escoltada além dos limites da Acrópole. Por fim, as sacerdotisas me soltam. Eu me viro para encarar Eupraxia. Ela não voltou a falar, mas seu rosto tem uma expressão cansada. Parece ter envelhecido uma década.

— Nosso juramento é sagrado — diz ela, olhando para as mãos entrelaçadas. — E nosso serviço a este templo é uma honra e um privilégio, não um direito. Todas vocês fariam bem em se lembrar disso.

Ninguém diz uma palavra enquanto ela se vira e deixa o pátio. Após alguns minutos, as sacerdotisas do templo seguem pelo mesmo caminho, de cabeça baixa e murmurando. Por fim, restamos apenas Amersa e eu.

— Ela sempre foi tão gentil — comenta Amersa. Parece à beira das lágrimas. — Eu não entendo isso.

Meu coração se contrai como se fosse esmagado por um punho de ferro. A última imagem de Apolônia fica gravada na minha mente, o desespero na voz, o medo nos olhos.

— Ela não fez nada de errado — repito, mais baixo. — Eu falei com ela hoje de manhã. Foi atacada por dois soldados. Ela não…

— Ah, por favor.

Ergo o olhar. Não sei quando Calisto entrou no pátio. Ela está parada onde antes se encontrava Eupraxia, com um sorriso de desdém.

— Foi isso que ela te contou que aconteceu? — continua Calisto, antes que eu consiga responder. Ela alterna o olhar entre Amersa e eu, soltando um riso curto. — Apolônia não foi expulsa porque foi agredida por soldados. Foi expulsa porque *dormiu* com eles.

— Do que você está falando? — Faço um esforço enorme para não gritar. — Ela não foi dormir.

Calisto franze a testa, confusa, e então algo parece lhe ocorrer. A risada que escapa é cruel.

— Deuses do alto! Você nem sabe do que eu estou falando. — Ela inclina a cabeça. — É sério que não ensinam para as meninas de onde você veio o que é sexo?

Amersa desvia o olhar, e minhas bochechas queimam. Não sei do que Calisto está

falando e não quero admitir isso.

— Eu não deveria me surpreender — continua ela. — Você sempre foi só uma ignorantezinha…

Eu avanço.

É estranhamente satisfatório ver o lampejo de medo logo antes de meu corpo colidir com o de Calisto. Meu ombro explode de dor quando batemos contra o chão de pedra, mas, tomada pela raiva, ignoro isso. Meu foco é único, absoluto. Na primeira vez que meu punho desce contra o rosto bonito de Calisto, uma sensação estranha, quase eletrizante, pulsa dentro de mim. Na segunda pancada, Calisto grita, e eu saboreio o som. Quero *machucá-la*, porque, se eu puder machucar Calisto, se puder fazê-la gritar como Apolônia gritou enquanto era arrastada pelas sacerdotisas, então não vou precisar encarar o fato de que tudo isso aconteceu por minha causa. *Eu* deixei Apolônia sozinha na cidade. Em algum lugar atrás de mim, Amersa está gritando.

— Meddy! Meddy, você não pode…

— *Chega*.

Congelo, o punho ainda erguido no ar. Calisto geme quando a cabeça pende para o lado e, ao erguer o olhar, vejo Amersa encarando algo atrás de mim, apavorada.

— Medusa. — A voz da suma sacerdotisa é baixa, mas o som do meu nome reverbera por todo o espaço. — Levante-se e não volte a agredir a acólita Calisto.

Meu corpo parece agir por conta própria enquanto obedeço. Calisto murmura algo ininteligível e cospe sangue, mas ninguém lhe dá atenção. A suma sacerdotisa me observa, e não consigo decifrar nada em sua expressão. O arrepio que senti há instantes desaparece por completo, substituído por um peso que começa a se formar no meu estômago. É isso: acabou. Compreendo o fato com uma resignação distante. Atacar outra acólita — dentro do Templo de Atena, ainda por cima — é imperdoável; eu também serei dispensada do serviço.

A suma sacerdotisa faz um gesto.

— Venha comigo — ordena. — Agora.

Espero que ela me repreenda assim que nos afastamos das outras acólitas, mas Eupraxia caminha em silêncio, as mãos unidas com reverência. À medida que avançamos, percebo que ela me conduz a uma parte do templo à qual nunca me foi permitido ter acesso, e cruzamos um corredor escuro e frio. Uma nova sensação de medo me causa arrepios. Vou ser punida de outra forma? Trancada em algum tipo de

cela?

Eupraxia chega a uma porta pequena, gira a maçaneta e entra. Ela não me observa para ver se a sigo, mas permaneço colada a seus passos. No mesmo instante, sou envolvida por uma onda de calor e por uma luz tremeluzente. Eupraxia se afasta para o lado, e então vejo quem está sentada em um banco, junto à lareira.

Perto das chamas, Atena se vira e encontra meu olhar.

XX

SEM DIZER MAIS NADA, Eupraxia sai às pressas do cômodo, deixando apenas a deusa e eu. Por alguns segundos, ficamos apenas nos encarando. Então Atena rompe o silêncio.

— Você está com raiva.

Eu me assusto. Não era isso que eu esperava ouvir. Quando ergo os olhos para Atena, ela está serena enquanto uma corrente de ar faz seus cabelos vermelho-dourados esvoaçarem. Não sei bem o que dizer em resposta, então permaneço calada. Ela me encara.

— Acho que devemos falar francamente.

Por mais vezes que já tenha estado em sua presença, sempre me sinto pequena ao lado de Atena. Sob seu olhar cinza e frio, a raiva se dissipa ainda mais.

— Eupraxia me contou o que aconteceu — diz a deusa. — Ela me disse que você e a acólita Apolônia eram próximas. Ela me avisou que você ficaria abalada.

Estremeço. Até ouvir o nome de Apolônia dói. Não consigo tirar da cabeça o som de seus gritos nem a expressão em seu rosto. Ainda sinto na pele os pontos em que ela se agarrou a mim. Quando não respondo, Atena arqueia uma sobrancelha ruiva.

— Se você não concorda com o julgamento da minha suma sacerdotisa, sua raiva deve ser dirigida a mim — continua. — Fui eu que a instruí a dispensar a garota.

A revelação torna tudo ainda pior. Sinto a traição arder. Sob essa dor, há outra coisa ardendo, a raiva que retorna e me apavora. Cerro os punhos e os dentes até que meu maxilar comece a doer.

— Você está tomada de fúria. Pode falar.

Quero soar furiosa, mas as palavras que saem de mim estão cheias de angústia.

— Ela era leal a você, ela a amava. Ela… ela teria sido uma serva devota, tenho certeza disso, e você a dispensou por causa de… — Paro de falar.

As palavras de Calisto ecoam no fundo da minha mente. Eu não entendi tudo o que ela disse.

— Apolônia contou exatamente o que os soldados fizeram com ela, Medusa? — Balanço a cabeça. — Eles a violaram, tiraram sua honra.

— Não entendo.

Atena agora parece um pouco impaciente.

— As sacerdotisas neste templo servem em diferentes fases do ciclo natural da vida. Apolônia é jovem, solteira. Mulheres em sua posição devem manter a castidade enquanto estão a meu serviço. Ela não manteve, e por isso não pode mais servir.

Algo que ela disse me faz parar.

— Castidade, Deusa?

A expressão de Atena se aguça.

— Minha querida criança — diz ela —, seus pais nunca explicaram como os bebês são feitos? Como as mulheres engravidam?

— Não. — Minhas bochechas esquentam. — Eles não explicaram.

Atena me observa, me avaliando de um jeito novo.

— Você fala quatro línguas, mas nunca aprendeu sobre a procriação. — Ela balança a cabeça. — Há muitos nomes para o processo pelo qual os bebês são feitos. Coito é um deles. Outros chamam de "sexo".

Foi essa palavra que Calisto usou antes.

É sério que não ensinam para as meninas de onde você veio o que é sexo?

— A procriação requer um homem e uma mulher — prossegue Atena. — O homem deve despejar sua semente em uma mulher. — Ela se remexe. — Para isso, é necessária certa… proximidade.

— Peço perdão, Deusa. — Minha voz sai baixa. — Proximidade?

Atena inspira fundo, se inclina e então sussurra algumas palavras rápidas no meu ouvido. Quando termina, eu me afasto, desconfortável.

Imediatamente, imagens vívidas irrompem na minha mente. Volto àquele momento em que Theo e eu encontramos Poseidon e a ninfa do mar no jardim da minha mãe. Era isso que eles estavam fazendo, tenho quase certeza agora, mas ainda há algo que não se encaixa.

— Deusa. — Penso com cuidado em como formular minha próxima pergunta. — Homens e mulheres sempre praticam o coito apenas para ter bebês?

Atena franze o nariz.

— Não — responde de forma seca. — Há quem o faça como um passatempo lascivo e indecente, para satisfazer desejos mais carnais e baixos. — Ela puxa o ar,

com desprezo. — E há quem permita que outros paguem por isso.

Penso no homem e na mulher que vi nas ruas de Atenas, no prédio em que desapareceram juntos. Ouvi gemidos, mas não sabia o que estavam fazendo…

— Seus pais deveriam ter explicado isso a você muito antes — diz Atena. — Dezessete anos é velha demais para ser não saber dessas coisas.

Estremeço. Nunca esperei que meus pais me ensinassem algo assim, mas a verdade é que me magoa saber que Esteno e Euríale nunca se deram ao trabalho de conversar comigo a respeito disso. Começo a me perguntar o que mais podem não ter me contado, o que mais eu continuaria sem saber se não tivesse vindo para Atenas.

— Obrigada por responder às minhas perguntas, Deusa. — Inclino a cabeça. — Mas, se me permitir, tenho mais uma.

Ela assente, indicando que eu continue.

— Apolônia me contou o que aconteceu com ela — começo. — Disse que aqueles soldados a encontraram e a machucaram. Ela não foi atrás deles. Se houve algum tipo de… coito, não acredito que tenha sido por escolha dela. Acredito que ela possa ter sido forçada. — Faço uma pausa. — Isso não é errado?

Atena me observa por um instante antes de responder.

— É errado — responde ela — e com toda certeza vou falar com Eupraxia para garantir que os soldados dessa cidade sejam lembrados da santidade de minhas acólitas e sacerdotisas, mas Apolônia precisa assumir que teve certo grau de responsabilidade pelo que aconteceu com ela na noite passada. Ela confessou para Eupraxia que tinha bebido muito e que estava sozinha na cidade, à noite, quando os soldados a encontraram. — Atena balança a cabeça. — Ela estava praticamente pedindo para que alguma coisa acontecesse com ela, se colocando numa situação comprometedora. Isso faz sentido, Meddy?

A verdade é que *não* faz sentido algum. Eu não sei quase nada sobre coito, mas me lembro de como Apolônia estava quando a encontrei. Lembro dos hematomas em seu corpo, da fragilidade em sua voz, da dor em seus olhos. Éramos amigas, e mesmo assim ela mal conseguiu me contar o que havia acontecido.

Abro a boca para dizer isso, mas Atena continua:

— Não tenho dúvidas de que ela teria sido uma sacerdotisa devota e trabalhadora neste templo — argumenta —, mas não posso manter a meu serviço jovens que carecem de bom discernimento. Isso reflete mal em mim. — Ela desvia o olhar por um momento, depois volta a me encarar. — Mas não quero mais falar de Apolônia.

Agora, Medusa, quero falar de *você*.

— De mim? — questiono, surpresa.

Atena assente.

— Tenho recebido relatos de Eupraxia, atualizações sobre seu progresso aqui no templo. Me disseram que você passou de forma memorável pela segunda prova e que demonstrou ao povo da cidade uma afinidade natural com o serviço.

Sorrio e então me sinto culpada por isso. Parte de mim ainda não está pronta para deixar Apolônia para trás; quero defendê-la, implorar para que Atena reconsidere sua decisão. Mas há outra parte, menor, que se deleita com o elogio de Atena, que deseja ouvir mais. Da última vez que nos vimos, ela expressara seu desapontamento comigo. A diferença entre aquele encontro e este é gritante. Hoje, não há decepção nos olhos da deusa, apenas afeição.

E uma parte de mim quer desesperadamente que ela continue a me olhar assim.

— Tem mais um assunto que precisamos discutir — acrescenta Atena. — Seu pai.

Eu a encaro.

— Meu… pai?

— Ele pediu que você volte para casa para uma visita — explica ela. — Eu respondi que você talvez tenha uma semana.

Não sei o que pensar. Meu pai nunca demonstrou grande interesse por mim; parece estranho que sinta minha falta a ponto de pedir meu retorno.

Ele nunca precisou ficar sem você, lembra uma voz na minha cabeça. *Talvez o tempo afastados tenha feito algum bem.*

— Falarei com Eupraxia — diz Atena. — Você não fará a terceira prova até retornar.

— Obrigada, Deusa.

Meu tom sai levemente abatido, e as sobrancelhas de Atena se erguem.

— Você ainda não quer voltar para casa. — Não foi uma pergunta.

— Não é isso — respondo, olhando para as mãos.

A verdade é que sinto falta das minhas irmãs. Sinto falta de Theo. Mas, no mês em que estive em Atenas, encontrei um novo tipo de lar, um propósito que nunca imaginei que fosse possível. Pensar em me afastar disso, ainda que por pouco tempo, me deixa triste. Não sei como expressar tudo isso a Atena, então digo apenas:

— Passei a gostar muito daqui. Acho que vou sentir falta.

A deusa sorri.

— Atenas continuará aqui. — Ela se levanta, indicando que eu faça o mesmo. Sei que nossa conversa chegou ao fim. — Vá para casa, Medusa — diz ela, com a voz calorosa. — Aproveite o tempo com sua família. Espero que mantenha seu padrão de excelência ao retornar.

— Sim, Deusa.

Eu me inclino em reverência enquanto ela sai do aposento. Só quando fico sozinha é que sinto que posso voltar a respirar. Distraidamente, levo a mão ao pescoço.

Então percebo, pela primeira vez, que meu colar de conchas não está mais ali.

XXI

ATENA CUMPRE sua palavra.

Pelo resto do dia, me ponho a trabalhar, realizando minhas tarefas habituais como acólita ao lado de Calisto e Amersa. Se alguma das duas está se perguntando para onde Eupraxia me levou depois do confronto com Calisto, decerto foram instruídas a não perguntar ou estão com medo demais para isso. Calisto, por sua vez, me lança olhares atravessados sempre que tem oportunidade, mas o efeito deles é amenizado pelo lábio inchado que ela agora ostenta por minha causa. Era para ser satisfatório, mas a verdade é que, para onde quer que eu olhe no templo, vejo apenas lembranças de Apolônia.

Quando chego ao alojamento das acólitas, o colchão dela já foi retirado, e isso só deixa um vazio evidente onde ele costumava ficar. Imagino o rosto dela, me lembro de como chorava enquanto as sacerdotisas a levavam. Me incomoda não ter a menor ideia de onde ela está agora. Eu nem saberia por onde começar a procurá-la.

Na manhã seguinte, quando Eupraxia me informa que vou para casa, uma parte de mim sente até menos pesar.

* * *

Assim como me levou a Atenas, é Hermes quem encontro à minha espera, aos pés da colina da Acrópole, a fim de me levar de volta para casa. Nossa viagem de retorno à ilha é tão tranquila quanto a anterior — isto é, nada tranquila para mim —, mas tudo isso é esquecido quando voamos sobre as ondas do oceano e a ilha surge no horizonte. As lágrimas se acumulam em meus olhos quando vislumbro os primeiros indícios da costa dourada, das árvores familiares que formam sua pequena selva.

Senti mais falta de casa do que imaginava.

Hermes se despede de mim com um rápido aceno antes de partir, e sigo pelo caminho tortuoso de pedra que leva ao palácio. Faz pouco mais de um mês que deixei

meu lar, mas já tenho a sensação de que tudo mudou. A areia parece mais quente e grossa sob a sola dos meus pés, as gaivotas no céu estão mais barulhentas. Sou tomada pela percepção de que talvez não seja o lugar que tenha mudado, mas eu.

Assim que entro no palácio, percorro tudo na esperança de encontrar Esteno ou Euríale; meu coração para quando entro no grande salão e, em vez delas, encontro meu pai. Está sentado em um dos tronos de madeira flutuante esculpida que mandou seus escravizados fazerem. Eu me pergunto se ainda finge ser um deus poderoso, um temível grão-senhor dos mares. Seus olhos escuros pousam em mim quando entro no recinto. Não consigo ler nada em seu rosto, e me ocorre que esqueci o quão impassível ele pode ser.

— Atena cumpriu sua palavra. — Sua voz é neutra, e fico aliviada por não ouvir raiva alguma enquanto ele me examina. — Você voltou.

— Sim, pai.

Começo a me curvar, como faria no templo ao falar com uma sacerdotisa mais velha, então percebo o que estou fazendo e paro.

Meu pai parece esperar que eu aja ou… *diga* algo.

— E então? — insiste ele, cruzando os braços. — Que notícias você tem a nos relatar?

Claro. Se por um mísero segundo acreditei que meu pai tivesse pedido a Atena que me mandasse de volta porque sentia minha falta, este é um lembrete oportuno de quão tola era essa suposição. Meu pai não se importa comigo nem com meu bem-estar. Seu único interesse em mim é o de sempre: diretamente ligado ao que posso *fazer* por ele. Minhas conquistas pessoais servem aos seus interesses políticos. Tenho isso em mente enquanto faço meu relatório.

— Estou progredindo bem no templo. — Mantenho a cabeça baixa, a voz contida. — Já fui aprovada em duas das três provas necessárias para me tornar sacerdotisa. Realizo um trabalho honroso como acólita, servindo ao povo de Atenas…

— Não me importo com essa bobagem. — Meu pai faz um gesto displicente com a mão. — E quanto a Atena? Você falou com ela?

— Sim — digo depressa. — Ela demonstrou interesse no meu progresso e verificou meu bem-estar várias vezes.

Meu pai assente.

— Isso é bom, você tem a atenção dela. E o que contou a ela sobre a Corte do Mar?

Hesito.

— Eu… eu não falei com Atena sobre a Corte do Mar.

No mesmo instante, a expressão do meu pai se fecha como uma tempestade.

— Quer dizer que você passou todo o seu tempo em Atenas brincando de jogos tolos de mortais? Nem uma única vez pensou em usar sua proximidade com Atena em benefício da Corte do Mar?

Minha resposta sai num fio de voz.

— Você… você nunca me pediu isso.

O lábio do meu pai se retrai.

— Você é ainda mais inútil do que eu imaginava — diz, em voz baixa. — Eu sabia que você não serviria para alianças matrimoniais, mas acreditei que poderia ser de alguma utilidade se tivesse a atenção de uma das Olimpianas mais poderosas. — Ele me olha como alguém olharia para um besouro prestes a ser esmagado. — Vejo que estava enganado.

Minhas pernas começam a tremer, e me revolta não conseguir esconder o quanto ele me amedronta. Nas últimas semanas em Atenas, eu me senti inteligente, forte, capaz.

Em questão de segundos, meu pai me tornou pequena outra vez.

— Se você não é esperta o bastante para aproveitar esta oportunidade — diz ele —, não vejo razão para que continue em Atenas. — Ele gira um anel de ouro no dedo. — Talvez fosse melhor que ficasse aqui.

— Não! Por favor, pai! — Caio de joelhos, odiando o quanto minha voz soa fraca. — Por favor, eu vou me esforçar mais. Vou falar com Atena sobre a Corte do Mar. Ainda não falei, mas… — Procuro palavras às pressas e então me ocorre algo. — Mas eu falei com o rei dos mares.

— O rei dos mares? — A expressão do meu pai muda de imediato. — *Você* teve uma audiência com Poseidon?

Assinto, me levantando.

— Mais de uma vez. Ele sabe que sou sua filha e sabe que estou em Atenas. Ele também tem velado por mim. Ele… ele diz que o senhor o impressiona muito.

No melhor dos cenários, isso é um exagero gritante; no pior, uma mentira descarada.

Meu pai, porém, não parece perceber. Ele acaricia a barba e fica pensativo.

— Bom. — Ele soa mais como se estivesse falando consigo mesmo do que comigo.

— Isso é… bom.

— Sei que poderia cativar ainda mais o rei dos mares, se tivesse mais tempo em Atenas — acrescento depressa. — Por favor, pai.

É quase como se ele tivesse se esquecido de que estou ali. Seu olhar fica distante, e me pergunto se ele não está se imaginando no Monte Olimpo, finalmente sendo aceito entre os Olimpianos. Espero pacientemente que ele volte sua atenção para mim.

— Muito bem. — Ele fala como um deus, com riqueza de tons e timbre na voz. — Você pode continuar em Atenas, por enquanto.

— Obrigada, pai.

— Vá.

Assinto em agradecimento e deixo o salão antes que ele possa mudar de ideia.

NÃO ENCONTRO MINHAS irmãs no palácio, então sigo até a faixa de areia da ilha.

Como no restante, nada aqui parece visivelmente diferente enquanto caminho pela praia e, ainda assim, tudo parece diferente, menos pacífico. As ondas continuam quebrando contra os arrecifes mais adiante, mas, pela primeira vez, estão mais violentas. Essa violência me faz pensar em meu pai. Quando estive com ele, senti medo; agora, a salvo e longe dele, percebo que o sentimento que permanece é a raiva. Raiva porque me dediquei muito em Atenas para provar meu valor e ele nem sequer reconheceu isso; raiva porque, do alto dos meus dezessete anos, consegui fazer mais para elevar o suposto status da nossa família do que ele jamais fez, e ainda assim ele é incapaz de agradecer por isso.

Raiva porque nunca vou saber o que fiz para merecer um pai como ele.

Não digo nada disso em voz alta enquanto continuo minha caminhada ao longo da costa, passando por palmeiras e várias poças rasas deixadas pela maré. Sigo em direção a um pequeno conjunto de rochas em que às vezes gosto de subir para ter uma visão melhor da ilha. O que encontro ao chegar lá me surpreende.

Alguém já está ali, perfeitamente imóvel, no topo de uma das rochas. A princípio, acho que é Esteno ou Euríale, então percebo, assustada, que estou enganada. É outra pessoa.

— Mamãe?

Minha mãe está sentada com os joelhos recolhidos junto ao peito. As ondas respingam em seu rosto, encharcando seus cabelos escuros e crespos, mas ela não se vira quando a chamo. Seus lábios se movem, mas não consigo ouvir palavra alguma. Uma sensação pesada se instala no meu peito à medida que me aproximo.

— Mamãe! — chamo outra vez, tropeçando nas dunas. — Mamãe, eu voltei. Estou em casa. O que está acontecendo?

Congelo, porque agora vejo o que capturou a atenção dela.

A criatura na base das rochas é enorme, do tamanho de uma pequena baleia. A maior parte de seu corpo está submersa, mas ainda assim consigo distinguir uma cabeça longa e rosada, tentáculos e um olho amarelo maior do que meu corpo inteiro. À medida que me aproximo, um som úmido de sucção emana da criatura, seguido por uma série de estalos agudos e estranhos. O som me causa arrepios, e uma única palavra me vem à mente quando paro ao lado da minha mãe.

Monstro.

— Mamãe — digo, mais baixo. — O que é aquilo?

Minha mãe não ergue o olhar para mim.

— Um dos meus bichinhos — responde em voz suave. — Ela vem me visitar às vezes, mas nosso tempo juntas é sempre limitado. Sempre breve.

Como se a criatura entendesse minha mãe, ela pisca e então afunda nas profundezas do oceano, desaparecendo de vista. Fico inquieta com o fato de que a água mal ondulou com a partida do monstro. Por vários segundos, encaro o ponto onde a criatura sumiu.

— Como… ela se chama?

Minha mãe dá de ombros.

— Os homens deram muitos nomes diferentes para ela, em suas línguas nativas. Nunca pensei em perguntar qual ela prefere.

— Mamãe. — Não gosto da sensação que isso me provoca, como se nossos papéis estivessem invertidos e eu fosse a mãe. Eu me agacho ao lado dela. — Você devia entrar. Suas roupas estão encharcadas.

— Não importa — murmura minha mãe. — Eu não posso deixar esta ilha. Nunca posso ver meus filhos.

— *Eu voltei*, por um tempinho — ressalto, tentando colocar na voz uma animação que certamente não sinto. — E Esteno e Euríale ainda estão aqui. Eu sei que elas…

— Não vocês três. — Minha mãe encara as ondas. — Estou falando dos meus

outros filhos.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. O sol ainda brilha, mas não sinto seu calor enquanto olho para minha mãe. Um mau pressentimento me invade, a sensação de que estou à beira de uma revelação terrível. As palavras dela ecoam.

Meus outros *filhos*.

— Do que você está falando? — Minha voz mal passa de um sussurro. — Que outros filhos?

Minha mãe permanece em silêncio por tanto tempo que chego a me perguntar se ao menos me ouviu.

— Fui eu que escolhi o nome das três primeiras — diz, ainda sem me olhar. — Chamei-as de Dino, Ênio e Pênfredo. Elas nasceram estranhas, dividindo um único olho, e com cabelos como seda de aranha. Eu cuidei das três sozinha; não deixei que ninguém mais as amamentasse. Achei que ficariam comigo. — Ela estremece. — Até que *ela* veio e levou as três embora.

— Quem, mamãe?

— Depois veio Equidna — continua minha mãe, me ignorando. — E *ela* era linda de verdade. A parte de cima do corpo era como a sua, humana, mas em vez de pernas, tinha uma linda cauda azul-esverdeada. Ela era maravilhosa. — Um sorriso toca seus lábios, depois se desfaz. — Então ela também foi levada.

Não faço mais perguntas. Permaneço em silêncio enquanto ela continua.

— O mais difícil foi Ladão. — Minha mãe baixa a voz, e percebo um tremor nela. — Meu doce menino, meu garoto horrendo, maravilhoso e feroz. O tolo do seu pai achou que, daquela vez, os Olimpianos teriam misericórdia. Julgou que eles, com toda certeza, não levariam nosso único filho. — Ela balança a cabeça. — Ele não entendeu o que eu entendi; tirar é aquilo que os Olimpianos fazem de melhor. Foi assim que chegaram ao poder, é tudo o que sabem fazer.

— Quem os levou embora, mamãe? — Firmo a voz, me preparando. — *Quem?*

Um sorriso frio surge nos lábios da minha mãe.

— Eu tentei te contar, de certa forma. Disse que, depois da Gigantomaquia, Zeus encarregou Atena de eliminar tudo o que considerasse uma ameaça. Ele nunca viu suas irmãs e seu irmão como crianças, apenas como um perigo, por isso ela os levou para longe de mim. — Minha mãe se vira e, pela primeira vez, me encara de verdade. — E agora ela também levou *você*.

Quero dizer que ela está errada. Penso em como Atena me olhou ontem, com

tanto carinho. Ao me oferecer a oportunidade de servir como acólita, ela me deu um presente sem igual, uma chance de deixar esta ilha. Mas volto a pensar em Apolônia. Penso na facilidade com que Atena a dispensou, apesar de toda sua lealdade. Penso em uma conversa que Atena e eu tivemos, logo no primeiro dia em que nos conhecemos.

Minhas duas irmãs mais velhas são imortais. Sou a única de nós três que nasceu mortal. Ninguém sabe por quê.

E os outros filhos?

A pergunta de Atena me confundiu na época, e eu não entendi. Agora vejo que ela sempre soube da existência dos meus outros irmãos. Penso na forma como Atena e minha mãe se olharam, na antipatia mútua que vi em seus olhos. Agora entendo o porquê, e não consigo conciliar a Atena capaz de tirar os filhos de uma mãe com aquela que o povo de Atenas adora com tanta lealdade e fervor.

Uma única lágrima escorre pelo rosto da minha mãe.

— Sinto muito, mamãe.

Minhas palavras parecem quebrar algo dentro dela. Uma segunda lágrima cai, depois uma terceira. Ela logo começa a chorar de forma incontrolável. Não posso fazer nada enquanto seus lamentos se tornam mais altos, mais agudos, mais desesperados. Sei que estou ouvindo o verdadeiro som do luto.

— N-não volte p-para e-ela — pede minha mãe, entre soluços. — Os O-Olimpianos n-não são d-dignos de c-confiança. Eles vão te destruir.

Mais do que qualquer coisa, eu queria que Esteno ou Euríale estivesse aqui para me dizer o que fazer. Quando minha mãe para de chorar, coloco um braço em volta dela.

— Você devia descansar — digo com suavidade. — Vamos. Eu te ajudo a ir até seu quarto. Vamos pegar algo para você beber.

Minha mãe ergue o olhar para mim. Quando nossos olhos se encontram, vejo que os dela estão vazios, perdidos.

— Vinho? — murmura. — Você pega um pouco de vinho para mim?

— Sim, mamãe. Vou pegar um pouco de vinho.

Ela faz que sim com a cabeça. Juntas, atravessamos as dunas e voltamos para dentro do palácio.

QUANDO ENFIM COLOCO minha mãe na cama, eu me sinto exausta.

Não é a primeira ocasião em que preciso fazer isso, mas algo nesta vez foi especialmente desgastante. Observei enquanto os olhos dela se fechavam lentamente, vi quando ela se remexeu de forma inquieta por alguns minutos antes de ficar imóvel. No silêncio do quarto, as coisas que ela me contou ecoavam na minha mente, repetidas vezes, como um refrão terrível.

Eu tinha mais irmãos. Outras irmãs. Um irmão.

Se Atena não era quem dizia ser, isso significava que tudo o que eu havia construído em Atenas também era uma mentira?

Essa possibilidade é tão horrível que a enterro bem fundo imediatamente.

Ainda estou remoendo as palavras da minha mãe quando uma voz conhecida me arranca dos pensamentos.

— Meddy?

Ergo o olhar, e uma onda de alívio me invade ao encontrar dois rostos familiares. Euríale e Esteno estão paradas na outra ponta do corredor. Em segundos, estão perto de mim, me envolvendo em um abraço.

— Meddy! — Até Esteno abandonou seu jeito contido. — A gente não sabia que você tinha voltado!

— Atena me deixou vir para casa fazer uma visita — digo, ainda agarrada a ela.

Seus dreads fazem cócegas na minha bochecha, e pisco com força ao perceber há quanto tempo não sentia aquela sensação específica. Minha irmã se afasta para que ela e Euríale possam me observar.

— Estamos tão felizes por você estar em casa — comenta Euríale, radiante.

— Venha. — No mesmo instante, Esteno volta a agir como sempre. — Vamos dar um jeito nesse cabelo *agora mesmo*.

* * *

Por "dar um jeito" no meu cabelo, logo descubro que Esteno quer dizer lavá-lo. Começo a protestar assim que as duas me conduzem até uma bacia, mas, quando me inclinam e despejam a água fresca sobre minha cabeça, quaisquer palavras que eu pretendia dizer desaparecem. Fecho os olhos, saboreando a sensação das unhas delas esfregando todos aqueles pontos difíceis de alcançar no meu couro cabeludo. Amo muitas coisas no templo, mas esse tipo de cuidado é algo de que *senti falta*. Quando

terminam de lavá-lo, Esteno me direciona até um banquinho, onde ela e Euríale começam a tarefa de separar meus dreads em mechas. Ela belisca um deles entre os dedos e suspira.

— Fala sério, Meddy, os atenienses nem sequer *usam* óleo de rosa no cabelo?

Dou a Esteno uma resposta vaga. Ela resmunga e continua o trabalho.

— Conte mais sobre Atenas, Meddy — pede Euríale, enquanto massageia meu couro cabeludo. — Como é lá?

Quero contar tudo para minhas irmãs: sobre Hermes, as provas de acólita, as corridas de bigas durante as Panateneias. Há tanta coisa que nem sei por onde começar. Ao mesmo tempo, algo vem à minha mente.

— Esteno, Euri, preciso falar de uma coisa com vocês, algo que aprendi enquanto estava em Atenas. Se chama… coito.

A reação é imediata. Esteno quase deixa cair o frasco de óleo de rosa que segura, enquanto as mãos de Euríale ficam imóveis no meu couro cabeludo. Quando nenhuma das duas diz nada, levanto da cadeira para encará-las.

— E então?

Esteno olha para Euríale, com os lábios comprimidos.

— Eu *disse* que isso ia acontecer.

— Vocês sabiam? — Não consigo fingir nem esconder a mágoa. — Vocês sabiam disso e não me contaram?

— Nós tentamos, Meddy! — A voz de Euríale sobe de tom, como sempre acontece quando ela fica nervosa. — Tentamos mesmo, só que… nunca conseguimos encontrar o momento certo.

— E quando comecei a sangrar todo mês? — acuso. — Por que não naquela época?

— Você ainda parecia tão jovem — explica Euríale. Ela parece prestes a chorar. — A gente não achava que você estivesse pronta, e ainda não tinha necessidade…

— Estávamos tentando te proteger — acrescenta Esteno. — Achamos que era a coisa certa a fazer.

Sufoco a risada. Essas palavras são uma leve variação das mesmas que eu disse a Euríale ao justificar por que tentei impedir seu casamento com Maheer.

— Meddy. — A voz de Euríale sai mais suave. — Me desculpa.

— *Nós* sentimos muito — corrige Esteno. — A gente deveria ter te contado antes. Não deveríamos ter deixado você ir para Atenas sem esse tipo de informação. Você

acabaria descobrindo, mas deveria ter sido por nós.

Uma parte de mim quer continuar com raiva das minhas irmãs, mas a verdade é que eu já as perdoei. Ficamos em silêncio por mais alguns segundos, até que Esteno fala:

— Se você tiver alguma pergunta, qualquer coisa que ainda não saiba, pode perguntar agora.

Já tenho uma pergunta na ponta da língua, embora eu não saiba se devo fazê-la. No fim, a curiosidade fala mais alto.

— Alguma de vocês… bem, já fez isso?

— Meddy! — Os olhos de Euríale se arregalam. — Isso é uma pergunta pessoal!

Percebo que ela não negou.

— Eu não — responde Esteno, com calma. — Para ser sincera, nunca tive muito interesse nisso.

Nós duas olhamos para Euríale, que ficou estranhamente quieta. Depois de um momento, Esteno revira os olhos.

— Se você não contar, eu vou…

— Uma vez! — ressalta Euríale, depressa. Quando os olhos de Esteno se estreitam, ela ajeita o corpo, desconfortável. — Duas. Quatro ou cinco vezes, no máximo. Era uma ninfa da floresta muito bonita que veio a vários banquetes da mamãe e do papai. — Euríale faz uma careta. — Em minha defesa, esta ilha pode ser um tédio só.

Eu a encaro. Atena só havia falado do coito como algo que acontece entre um homem e uma mulher, mas a ideia de ser algo que também pode acontecer entre duas mulheres é igualmente instigante. Assinto e me recosto na cadeira, deixando que continuem. Não digo em voz alta, mas uma parte de mim se sente aliviada. Eu não tinha percebido o quanto sentia falta da leveza de estar com minhas irmãs. Sabia, quando parti para Atenas, que sentiria falta de vê-las, mas percebo que também são as pequenas coisas — o som da voz de Euríale quando está exasperada, o jeito como ela e Esteno implicam uma com a outra. Euríale começa a torcer meus dreads, e sinto uma sonolência agradável e familiar. Fecho os olhos.

— Agora que já saciamos sua curiosidade — diz Esteno, e noto um toque de divertimento em sua voz —, conte mais sobre Atenas, antes que Euríale se afogue numa poça de constrangimento.

— Por favor — acrescenta Euríale.

Eu me endireito, alerta outra vez. *Disso* eu posso falar com facilidade.

— Atenas é gloriosa — digo, com sinceridade. — É tão grande e tem tanta gente. Acho que dá para passar dias lá e ainda assim não ver tudo.

— Parece encantador — comenta Euríale com uma voz suave.

— Os cidadãos gostam mesmo de celebrar — continuo. — Cheguei a participar de um festival chamado Panateneias, e minha amiga Apolônia… — Hesito.

— O que foi? — pergunta Esteno.

Penso na última vez que vi o rosto de Apolônia, na angústia de seus gritos.

— Uma das minhas amigas, outra acólita, foi dispensada do serviço por algo que não fez. Não a vi mais desde então.

— Ah, que triste! — comenta Euríale. — Esteno, você me passa um pouco daquele óleo de rosa?

— Ela era uma das melhores acólitas — acrescento, enquanto minhas irmãs continuam a cuidar do meu cabelo. — E a forma como foi dispensada… foi horrível.

— Imagino que tenha sido — responde Esteno, distraída. — Meddy, você hidratou o cabelo *em algum momento* enquanto esteve fora?

Sinto uma leve pontada de irritação enquanto minhas irmãs continuam a mexer nos meus dreads, claramente pouco tocadas pelo que estou contando. Aos poucos, percebo que não posso culpá-las por isso. Minhas irmãs não entendem a importância do que estou dizendo porque *não têm* como entender. Elas nunca deixaram esta ilha; tudo o que conto deve soar distante, abstrato, irrelevante. É uma constatação estranha e triste. Durante toda a minha vida, minhas irmãs e eu compartilhamos quase as mesmas experiências, caminhamos pela mesma trilha.

Pela primeira vez, me pergunto se nossos caminhos começaram a se separar.

QUANDO MEU CABELO enfim está do jeito que Esteno quer, já é quase meio-dia. Minha barriga ronca ao pensar no almoço, mas uma ideia melhor me ocorre e sigo para o jardim. Está tão bonito quanto me lembro, e respiro o perfume coletivo de tantas flores, o canto dos pássaros lá no alto. Não sei dizer exatamente como encontro Theo — meu senso de direção até ele sempre pareceu um instinto —, mas, quando o encontro, ele está sentado sob os galhos de uma velha oliveira, talhando um pedaço de madeira. A luz do sol salpica sua pele marrom, e ele está com aquela

expressão concentrada de que senti tanta falta. Espero um ou dois minutos antes de falar.

— Receio ter esquecido de trazer um novo mapa para você. Será que me perdoa?

Theo ergue o olhar, e seus olhos se arregalam.

— Meddy!

Ele joga a faca de entalhar e o bloco de madeira de lado, se levanta e encurta a distância entre nós em poucos passos. Espero um abraço, mas Theo vai além, envolve minha cintura com os braços e me gira até ficarmos os dois tontos, rindo. Mesmo depois de pararmos e o mundo deixar de girar, ele continua sorrindo.

— Você voltou! — exclama. — Por quanto tempo vai ficar?

— Uma semana.

— Isso quer dizer que você passou nas provas até agora. — Ele bate palmas. — Eu sabia!

— Então você sabia mais do que eu. — Com seriedade, acrescento: — Senti muito a sua falta, Theo.

— Eu senti também — responde, com a mesma sinceridade. — Os olhos dele sobem até meus dreads recém-arrumados. — Vejo que suas irmãs já te encontraram.

— Encontraram.

Reviro os olhos, embora o gesto não seja muito convincente.

— Ótimo — diz Theo. — Isso quer dizer que não estarão à sua espera. — Ele se senta novamente na grama e bate com a mão em um espaço ao seu lado. — Me conte tudo.

* * *

Conversar com Theo sobre meu tempo em Atenas é muito mais fácil do que foi falar com minhas irmãs. No mês em que estive fora, quase me esqueci de como meu amigo é atento. Theo escuta, ri e faz perguntas nos momentos certos, sem nunca tirar os olhos de mim enquanto o presenteio com histórias. Tento descrever como é a Acrópole, o cheiro da mirra que as sacerdotisas queimam. Quando tento, sem sucesso, explicar o gosto exato das azeitonas do olival do templo, desanimo.

— Não estou conseguindo explicar exatamente para você — observo. — Queria que pudesse ver tudo com os próprios olhos.

Theo faz um gesto com a mão, dispensando a ideia.

— Consigo ver tudo na minha cabeça — insiste. — Continue.

Conto a Theo sobre a primeira e a segunda provas de acólita e sobre as Panateneias. O semblante dele começa a se fechar quando falo da expulsão de Apolônia e, à medida que continuo, os cantos de seus lábios se franzem para baixo.

— Espere — diz ele, interrompendo pela primeira vez. — Você está me dizendo que Atena fez isso com uma de suas acólitas?

— Sim — respondo depressa. — Mas foi Calisto quem disse…

— Isso é tão cruel. — Theo parece horrorizado. — E ela culpou Apolônia por ter sido violentada? Se foi isso, é terrível.

— A Deusa não pode ter servas que careçam de bom discernimento. — As palavras me surpreendem ao sair dos meus lábios, mas não as retiro.

— Mas…

— Isso soa mal para ela, Theo. Você não entenderia.

Theo abre a boca, como se fosse argumentar, mas parece mudar de ideia.

— Não — diz, pensativo. — Acho que não entenderia mesmo. — Um silêncio estranho paira entre nós por um instante, até que um sorriso discreto volta ao seu rosto. — Por favor, me conte mais, Meddy.

Quero contar, mas de repente não sei o que dizer. Não consigo discernir exatamente o que mudou, mas me sinto menos disposta a falar sobre Atena com Theo. A crítica dele, o modo horrorizado como me olhou, me deixam na defensiva. Pela segunda vez desde que voltei para casa, surge uma sensação de desencontro da qual não consigo me livrar. Percebo que, assim como minhas irmãs, Theo nunca vai entender exatamente o que estou contando, porque nunca esteve em Atenas.

— Na verdade, estou com um pouco de fome — digo, me levantando. — Vou buscar algo para almoçar, mas depois te procuro, tudo bem?

Os olhos de Theo estão cheios de tristeza.

— Tudo bem, Meddy.

Eu me viro e deixo o jardim sem olhar para trás.

XXII

NESSA NOITE, MEUS PAIS ordenam que os cozinheiros preparem uma refeição especial para celebrar meu retorno temporário ao lar.

Não é um grande banquete — certamente há menos comida à mesa hoje do que houve na festa da primavera, no início do ano —, mas ainda assim me pego silenciosamente maravilhada com a quantidade de alimento preparada para cinco pessoas, quatro das quais nem sequer precisam comer. Meus olhos percorrem as carnes assadas, as variedades de frutas fatiadas, os pães e os queijos, e penso nos atenienses a quem eu e as outras acólitas distribuímos sacos de grãos. Só esta refeição seria capaz de alimentar pelo menos vinte pessoas. Tudo parece tão excessivo — embora, se mais alguém percebe ou compartilha desse sentimento, não diz em voz alta. Meus pais continuam discutindo algo do lado deles da mesa, enquanto minhas irmãs conversam sobre banalidades do outro. Aos poucos, percebo que me tornei uma estranha em minha própria casa; Atenas está se tornando o lugar onde mais me sinto eu mesma. É uma sensação de desenraizamento.

Ainda estamos jantando quando sinto uma mudança sutil, porém inegável, no ar. Sei que não sou a única a percebê-la, porque meu pai ergue o olhar no mesmo instante, franzindo a testa, e minha mãe se enrijece.

— O que foi? — pergunta ela, sem se dirigir a ninguém em particular.

Meu pai se vira para encarar as portas principais do salão, as sobrancelhas branco-espuma do mar cerradas. Esteno, Euríale e eu trocamos um olhar quando a maresia invade o recinto, arrepiando minha pele e empurrando meus dreads sobre o ombro. Então eu ouço: o eco inconfundível de passos no corredor além das portas que meu pai observa fixamente. Ninguém fala quando os passos param do outro lado.

Então as portas se escancaram com um estrondo, e tenho uma sensação de déjà-vu quando outro Olimpiano entra em nosso grande salão. Desta vez, porém, não é Atena.

É o próprio Poseidon que está diante de nós.

— Meu rei! — Meu pai se levanta como se tivesse sido atingido por um relâmpago. Contorna a mesa imediatamente e se curva quando Poseidon avança pelo salão. — Que surpresa maravilhosa!

— Fórcis, Ceto.

Um arrepio agradável percorre meu corpo quando a voz calorosa de Poseidon preenche o ambiente. Observo enquanto ele abraça meu pai como um velho amigo e depois oferece à minha mãe um aceno cortês.

— Por favor, perdoem a intromissão, mas acabei passando perto da sua ilha esta noite. Espero não estar incomodando.

— De modo algum, meu rei — diz minha mãe, a voz quase um ronronar. — Pela segunda vez neste ano, o senhor nos honra. — Quase posso ouvir a presunção escorrer de suas palavras. Sem dúvida, ela se gabará dessa visita inesperada às outras deusas da Corte do Mar assim que tiver a oportunidade. — Por favor, junte-se a nós para o jantar. Nossa mesa é sua.

Poseidon assente.

— Agradeço a hospitalidade.

Meu pai estala os dedos, e escravizados correm até a mesa, rearranjando pratos e taças para abrir espaço ao rei dos mares. Torço para que ele escolha um lugar ao meu lado e luto contra uma onda de decepção quando, em vez disso, ele se senta ao lado de Esteno. Meu coração dispara. Vi Poseidon pela última vez dois dias antes, quando ele me escoltou de volta à Acrópole. De repente, minha mente é invadida por lembranças do toque de seus lábios nos meus, da forma como suas mãos pareciam queimar de maneira agradável em todos os lugares em que me tocaram. Não digo nada enquanto ele se acomoda e então se dirige a nós.

— Apreciei o banquete que sua família ofereceu no início da primavera — comenta ele. — Foi divertido.

— Obrigada, Vossa Graça — responde minha mãe. — Estávamos mesmo pensando em organizar outro no outono.

Isso é novidade para mim. É estranho já não estar a par de tudo o que acontece nesta casa. Olho para minhas irmãs. Esse banquete planejado seria mais uma tentativa de encontrar pretendentes para elas? Faço uma nota mental para perguntar depois.

— Isso seria esplêndido — responde Poseidon. — Se vocês organizarem mesmo tal banquete, talvez eu possa estender o convite a alguns dos meus irmãos.

O silêncio paira.

— Me perdoe, meu rei — diz minha mãe, com cautela. — Mas o senhor tem tantos irmãos. Quais…?

— Zeus, Hera, talvez Deméter. — Ele faz uma pausa, pensativo. — É raro que Hades deixe o Mundo Inferior hoje em dia, mas não custa nada tentar.

Minha mãe arregala os olhos, e só posso imaginar o que ela está pensando. Agora entendo por que ela odeia os Olimpianos, Atena em especial. Mas se ela e meu pai conseguissem receber vários Olimpianos de alto escalão, incluindo o rei dos deuses…

Meus pais trocam um olhar.

— Então está decidido — anuncia meu pai. Ele consegue manter uma expressão calma, mas com dificuldade. — Vamos começar a planejar agora mesmo.

— Tenho certeza de que vou apreciar imensamente — diz Poseidon.

Os olhos dele pousam em mim pelo mais breve dos instantes, mas ainda assim me remexo na cadeira. Ele sorri e então volta a atenção para meus pais.

* * *

Meu pai domina o restante da conversa do jantar com perguntas bajuladoras ao rei dos mares — como vão as relações entre a afastada Deméter e Hades, se é verdade que Zeus gerou mais um bastardo mortal. Espero por uma pausa na conversa, torcendo para encontrar uma oportunidade de acrescentar algo, mas, quando fica tarde, minhas irmãs e eu somos dispensadas antes que esse momento surja. Reluto em ir, e fico deitada por horas, ouvindo ao longe os sons de Poseidon e meu pai conversando até altas horas da madrugada.

Por fim, a conversa termina, ou talvez eu simplesmente adormeça. Quando acordo, tudo está silencioso, e um dos escravizados diminuiu as velas do salão, de modo que apenas um pequeno brilho dourado tremula sob a fresta da minha porta. É esse silêncio que me permite ouvir o leve som de passos se aproximando, e me sento no mesmo instante. Levanto da cama, abro a porta com cuidado e espreito o lado de fora. A princípio, acho que não há ninguém; então algo se move nas sombras.

— Quem está aí? — pergunto. — Euri? Theo?

— Me perdoe, pequena sacerdotisa.

Meu coração para quando Poseidon emerge da escuridão. Seu sorriso parece cansado. Nesta noite, ele veste uma túnica branca, mas tudo o mais está exatamente

como naquela noite em Atenas. Maresia atravessa o salão de repente, revolvendo seus cabelos preto-azulados.

— Eu a acordei — constata ele. — Peço desculpas.

Não sei o que me faz dar um passo para o corredor, só sei que ajo sem pensar. Estou ciente de que uso apenas uma camisola fina de seda — nada apropriada para uma audiência com alguém como Poseidon —, mas descubro que não me importo quando nossos olhares se encontram.

— Você não me acordou, meu rei. — Ao ver a sobrancelha dele se erguer, me lembro de que certa vez me pediu que o chamasse pelo nome. — Poseidon.

O sorriso do rei dos mares se amplia.

— É bom vê-la, Medusa. Tenho pensado em você.

Ele pensou em mim. Inspiro com força. Quero tanto perguntar *no que* ele tem pensado, mas não sou corajosa o bastante. Ficamos nos encarando por alguns segundos.

— Tem uma coisa que preciso falar com você — continua. Ele olha para baixo, parecendo constrangido. — Na outra noite, depois que a escoltei de volta à Acrópole, nós…

— Eu me lembro.

Meu rosto esquenta.

— Eu não deveria ter beijado você — diz ele.

Algo afunda no meu peito.

— Foi impulsivo da minha parte, irresponsável — acrescenta. — Mas agora tenho um problema mais sério. — De repente, ele me encara diretamente. — Não consigo parar de pensar nisso.

Se o que ele disse antes quase parou meu coração, essa revelação o lança num ritmo frenético. Mal consigo acreditar nas palavras que acabei de ouvir.

— Você… você ficou pensando nisso?

Poseidon assente, com uma expressão de sofrimento.

— O que eu senti com você… — Ele balança a cabeça e ri, sem humor. — Eu não entendo o que você fez comigo.

Poseidon é o rei do mar; eu sou apenas a filha mortal de dois deuses marinhos de pouca importância. A ideia de que eu poderia ter algum poder ou influência sobre alguém como ele me empolga, me assusta, me intriga.

— Preciso confessar mais uma coisa — diz ele. — Mas gostaria que fosse um

segredo, algo só entre nós dois.

Ele está confiando a mim um segredo. A mim. Assinto antes mesmo de processar o que ele disse.

— Claro.

O sorriso de Poseidon se torna irônico.

— Não fui totalmente honesto quando disse aos seus pais o motivo da minha visita.

— Não foi?

— Não.

Uma eletricidade familiar percorre meu corpo quando Poseidon dá mais um passo à frente, diminuindo ainda mais a distância entre nós.

— A verdade é que, quando Atena comentou que você tinha voltado para casa, vim até sua ilha para ver você. Para te entregar isso.

Prendo a respiração quando ele enfia a mão no bolso da túnica e retira meu colar de conchas.

— Você encontrou.

— Estava nas ruas de Atenas — explica ele. — Achei que talvez você quisesse de volta.

— Obrigada.

— Vou colocar em você.

Antes que eu consiga dizer algo, Poseidon já está atrás de mim, afastando com delicadeza meus dreads. Sinto arrepios percorrerem meu corpo quando os nós dos seus dedos roçam minha pele, quentes ao toque, enquanto ele amarra o cordão do colar, deixando a concha repousar bem no meio do meu peito. Quando termina, seus dedos deslizam por meu pescoço e param no ombro. Ele segura um dos meus dreads e, ao virar um pouco a cabeça, vejo que está enrolando-o suavemente no dedo.

— Você puxou sua mãe e suas irmãs — sussurra ele. — Mas é a mais bonita.

Sinto um calor me invadir, começando no centro do meu corpo e se espalhando por todos os cantos. Eu me viro devagar até encarar Poseidon de frente. Ele ainda segura um dos meus dreads.

— Obrigada. Você é gentil.

Poseidon olha para a minha boca.

— Quantos anos você tem, Medusa?

Penso no jeito como ele se inclinou para me beijar em Atenas, em como quero que

ele faça isso de novo.

— Dezessete.

Não entendo muito bem o que passa brevemente pelos olhos dele — uma ânsia estranha, intensa. O deus leva o dread que segura até os lábios. Seus olhos não se afastam dos meus enquanto sua boca repousa ali por um instante. Me sobressalto quando ele leva a mão à minha cintura e traça uma linha ao longo da minha costela. Quando Poseidon me puxa para perto, colando minhas costas ao peito dele, solto um leve suspiro.

— Você é tão *jovem* — diz ele, as palavras vibrando no meu ouvido. — Tão linda.

Sou uma acólita do templo de Atena. No fundo, sei que não deveria desejar alguém. Mas a verdade é que, neste momento, *eu desejo*. Quero que Poseidon me beije de novo. Quero que me pressione contra a parede outra vez. Quero sentir o toque de sua barba áspera arranhando levemente minha pele.

Quero saber o que vem depois disso.

— Medusa, eu…

De repente, Poseidon ergue os olhos e se afasta de mim. Pisco, como se tivesse despertado de um transe, mas então também ouço. Passos no corredor, ainda distantes, mas se aproximando rapidamente.

— Preciso ir — avisa Poseidon. De imediato, sua voz adquire um tom mais formal. — Espero que a gente volte a se ver, Medusa, em Atenas. Se algum dia quiser me encontrar, vá até a costa da cidade e diga meu nome. Eu a encontrarei.

— Eu…

Poseidon já se foi antes que eu consiga terminar a frase. Observo enquanto ele se afasta, indo na direção oposta ao barulho, desaparecendo na escuridão com aquele andar ondulante que me faz pensar nas ondas do mar.

Os passos se aproximam, cada vez mais audíveis, até que ouço:

— Meddy?

Dou meia-volta de repente e vejo Theo parado na outra ponta do corredor. Ele cruza os braços e franze a testa.

— Theo! — Minha voz sai um pouco aguda demais. — O que você está fazendo aqui?

Ele assente.

— Eu que devia perguntar isso. Já está tarde.

— Não consegui dormir — respondo, o que é uma meia-verdade.

Os olhos de Theo se estreitam.

— Vi alguém indo embora agora há pouco. Quem era?

— Poseidon. — Digo o nome com mais cuidado, mas ainda assim não consigo conter totalmente o arrepio silencioso que sinto ao pronunciá-lo.

— Poseidon — repete Theo. — Eu não sabia que você era tão próxima do rei dos mares.

Ajeito o corpo, desconfortável.

— Não sou. Ele só… é gentil.

Theo inclina a cabeça.

— E sobre o que vocês estavam falando a essa hora da noite?

— Quase não falamos. — Ao ver a sobrancelha dele se arquear, acrescento: — Ele só me devolveu um colar que eu tinha perdido em Atenas.

Theo franze a testa.

— Por que ele estava com isso?

— Ele encontrou! — digo, tentando conter a exasperação na voz. — Foi só uma coincidência que ele tenha reconhecido.

Theo fica em silêncio por um instante.

— E foi só isso? Ele não te disse mais nada?

Dou de ombros.

— Ele me elogiou — acrescento. — Disse que eu me pareço com a minha mãe.

O rosto de Theo se contrai.

— Sua mãe é uma deusa antiga, com milhares de anos.

— E daí?

— E daí que você tem dezessete anos e não é como ela.

Sei o que ele está tentando dizer; consigo até admitir que, em grande parte, é verdade. Não me deleito na política da Corte do Mar como ela. Não passo os dias embriagada de vinho tinto. Não sou como minha mãe — e, em alguns aspectos, fico feliz por isso. Não significa que ouvir isso em voz alta não doa. Normalmente, eu contaria tudo ao Theo, mas, dessa vez, não parece ser algo que eu possa compartilhar.

— Já entendi o que você está querendo dizer — digo, fria. — Qual é a sua implicância com Poseidon?

Theo me lança um olhar significativo.

— Já ouvi coisas a respeito dele, Meddy.

Reviro os olhos.

— Não me diga, fofoca?

— Não é fofoca. — Ele baixa a cabeça e abaixa a voz. — Escravizados ouvem coisas, coisas que as pessoas dizem quando esquecem que estamos ali.

Não quero ficar curiosa, mas não consigo evitar.

— Coisas como o quê?

Theo olha ao redor.

— Há escravizados do palácio que trabalham aqui desde quando a gente nem era nascido. Poseidon não tem uma boa reputação, nem mesmo entre os deuses.

— O que eles dizem?

— Que o charme dele é só fachada; que, na verdade, ele tem um temperamento horrível — conta Theo. — Ouvi dizer que ele é cruel com quem o serve e ainda mais cruel com mortais. Destrói cidades inteiras com terremotos e inundações, por prazer. — Theo abaixa o olhar, constrangido. — Ele é casado com a rainha do mar, mas tem inúmeras amantes e gerou centenas de bastardos. Poucos são reconhecidos, mas é de conhecimento geral. A esposa o despreza.

Penso em Anfitrite, na forma como a boca bonita da rainha do mar se torceu num esgar enquanto ela olhava em volta do nosso grande salão.

— Você o viu — diz Theo, num tom mais baixo. — Viu ele com aquela ninfa do mar, no jardim, assim como eu.

É a primeira vez que ele menciona aquela noite, e parte de mim se irrita por ter escolhido este momento para fazê-lo.

Balanço a cabeça.

— Tenho certeza de que há uma explicação.

— Inacreditável. — Theo balança a cabeça. — Você está mesmo defendendo ele.

Não sei exatamente o que desperta a minha raiva, só sei que ela surge de repente, aquecendo meu sangue.

— Você não conhece ele! — grito. — Ele foi gentil comigo em Atenas. Ele me protegeu quando você e minhas irmãs não puderam.

Theo se encolhe como se tivesse levado um tapa. Sei que as palavras são terrivelmente injustas, mas não posso retirá-las. Espero que ele diga alguma coisa, qualquer coisa, mas ele apenas me encara por mais um momento, então se vira e vai embora.

XXIII

FICO FELIZ QUANDO chega a hora de voltar a Atenas, uma semana depois.

A verdade é que, embora eu tenha passado pouco tempo com minha família, o templo de Atena acabou, de certa forma, me passando mais a sensação de lar do que minha ilha. A maioria das sacerdotisas fica contente em me ver de volta — descubro depois que haviam sido informadas de que eu estava visitando um parente gravemente doente — e encontro um conforto surpreendente em me jogar outra vez na rotina rítmica da vida no templo. Calisto, Amersa e eu somos as únicas três acólitas que restaram, e é difícil acreditar que, poucas semanas atrás, éramos dez. Embora nossas conversas sejam sempre breves, sei que todas nós passamos o tempo todo pensando em como será a terceira prova.

À noite, quando vamos dormir, ainda olho instintivamente para o espaço ao meu lado onde costumava ficar a esteira de Apolônia. As sacerdotisas foram à cidade várias vezes para distribuir comida desde a expulsão dela, mas nem sinal da minha amiga, ninguém a viu nem ouviu nada sobre ela. É essa ambiguidade sobre o destino dela que me mantém acordada na maioria das noites. Já perdi dois amigos em um mês. Theo não voltou a falar comigo depois da nossa briga, e eu não me despedi dele quando parti. Há dois buracos idênticos no meu coração, causados pela ausência deles e, embora eu esteja feliz por estar de volta a Atenas, tudo parece brilhar menos sem eles.

Quinze dias depois do meu retorno a Atenas, Eupraxia encarrega a mim, Calisto e Amersa de limpar a entrada da Acrópole.

— É a primeira coisa que os visitantes veem quando chegam — diz ela. — Queremos garantir que o lugar permaneça impecável.

Não reclamo em voz alta, mas a verdade é que a última coisa que tenho vontade de fazer é limpar mais. O fim do verão conseguiu, de algum modo, fazer com que Atenas ficasse ainda mais quente, e meu corpo inteiro está coberto de sujeira e suor seco que eu queria com todas as minhas forças raspar com uma pedra-pomes. Amersa e Calisto parecem sentir o mesmo, porque assim que Eupraxia sai, Calisto começa a

resmungar.

— É uma perda de tempo — reclama ela, amarga, enquanto esfrega uma coluna com um pano. — Tudo o que aquela velha faz é nos dar trabalho inútil sob o pretexto de ser algo nobre e sagrado. Se você quer saber a minha opinião, ela só está se aproveitando do nosso trabalho gratuito.

Continuo concentrada na vassoura em minhas mãos, no roçar dela sobre o piso de mármore. Quando nem Amersa nem eu respondemos, Calisto prossegue.

— Mas talvez você não se importe com o trabalho pesado porque está acostumada — diz, provocando. — Talvez de onde você venha esse seja o único tipo de trabalho que dá para conseguir.

Não digo a Calisto que, na verdade, venho de uma riqueza imensa ou que, até chegar a Atenas como acólita, eu nunca sequer tinha tocado numa vassoura. Às vezes, me pego imaginando a expressão que ela faria se descobrisse a verdade sobre "de onde eu venho". Em vez disso, balanço a cabeça e continuo trabalhando. Amersa se ajoelha para segurar a pá de lixo enquanto varro a sujeira até ela.

Calisto, porém, ainda não terminou. Um novo olhar malicioso cruza seu rosto.

— Você sabe que diz o nome dela enquanto dorme — provoca. — Eu ouvi.

Fico rígida, e Amersa olha de uma para a outra, nervosa.

— *Apolônia!* — imita Calisto. — *Apolônia, não!* — Ela quase gargalha. — É patético. Você mal conhecia ela.

Não sinto raiva de verdade desde a minha altercação com Calisto no pátio, mas o sentimento me domina instantaneamente com suas palavras. Meu aperto no cabo da vassoura se intensifica, eu abro a boca…

E então alguém grita. É um grito longo, estridente, e faz meus dentes rangerem. Amersa se sobressalta, enquanto Calisto vira a cabeça de repente, tentando localizar a origem do som. Há um segundo grito, e percebo que o primeiro veio *de fora* da Acrópole, não de dentro. Nós três avançamos até o caminho que desce em direção à cidade.

— O que foi isso? — sussurra Amersa.

Não tenho essa resposta. À medida que a luz da cidade se apaga rapidamente, é difícil distinguir qualquer coisa. Então, de repente, percebo um movimento. Uma figura corre em direção à Acrópole, em disparada. Ela se aproxima, e reconheço uma mulher de meia-idade. É esguia, de pele marrom-clara, um brilho nítido de suor na testa. Mechas de cabelo escuro esvoaçam, e mesmo a distância consigo ver que seus

olhos estão arregalados de terror. Um instante depois, entendo por quê. Dois soldados uniformizados correm atrás da mulher. Seus passos são pesados, mais lentos por causa das armaduras iguais, mas ainda assim avançam rápido, diminuindo a distância entre eles e a mulher. Ela olha por cima do ombro, depois para o templo. Quando nos vê, grita pela terceira vez.

— Socorro! — grita ela. — Por favor, me ajudem!

Estou me movendo antes mesmo de pensar duas vezes, correndo até a parte inferior do caminho principal da Acrópole para que a mulher e eu nos encontremos no meio. Assim que ela me alcança, se agarra a mim, quase me derrubando. Um cheiro azedo toma o ar ao redor dela, e, de perto, vejo que tem várias feridas ao redor da boca. Há algo decididamente perturbador nela, mas mal tenho tempo de processar isso antes que os dois soldados se lancem sobre nós.

— Saia da frente, garota — ordena um deles.

O outro tenta agarrar a mulher, mas ela se esquiva com um passo rápido.

— Espere. — Me coloco entre eles. — O que está acontecendo?

A essa altura, Calisto e Amersa já se juntaram a mim. A mulher, com cuidado, se posiciona atrás delas.

— Eu não fiz nada! — berra a mulher.

— Ela está presa. — O soldado não olha para mim nem uma única vez. Seus olhos permanecem fixos na mulher. — Por roubo.

— Eu estava com fome! — protesta a mulher. — Você sabe como é passar *três dias* com fome? Foi só uma maçã; eu disse ao agricultor que o recompensaria depois…

— Não é a primeira infração dela — acrescenta o segundo soldado.

— Eles vão me machucar — choraminga a mulher. — Por favor, não deixem que me machuquem.

Olho de um para o outro, entre a mulher e os soldados.

— O que vai acontecer com ela depois que for presa?

— Ela será julgada — diz o primeiro soldado. Ele é baixo, loiro, com olhos escuros e severos. — O agricultor de quem ela roubou na Ágora dará um testemunho e, quando ela for considerada culpada, será multada. Se não puder pagar… — A expressão dele endurece. — Ela perderá uma mão.

A mulher solta um gemido baixo.

— Vou buscar ajuda — diz Amersa.

Ela se vira e corre ladeira acima, de volta à Acrópole, deixando Calisto e eu

sozinhas com a mulher e os dois guardas. Calisto olha para mim, depois fecha a cara.

— Por mim, podem levar essa mulher — solta Calisto. — Ela não é problema nosso.

A mulher recua como se tivesse sido queimada.

— Calisto!

— O quê?

— Nós somos acólitas — digo entre os dentes. — Devemos ajudar as pessoas.

— E ajudamos — retruca Calisto, ríspida. — Toda semana distribuímos comida a quem precisa. Todo mundo sabe disso. Não é culpa nossa se essa mulher não aproveitou a generosidade do templo e escolheu roubar.

— Chega. — O segundo soldado, um homem mais alto, de cabelos escuros, avança. — Saia da frente.

Sinto uma onda de raiva ardente. Levo um instante para encontrar sua origem, para entender por que a visão desses dois homens me enfurece tanto. Então percebo. Não são apenas dois homens; são dois *soldados*, como aqueles que feriram Apolônia. Vejo a insensibilidade em seus olhos quando começam a avançar em direção à mulher, que agora parece cansada demais para correr. Calisto se afasta, mas eu avanço e me coloco à frente da mulher.

— Não — digo, firme. — Vocês não vão levá-la.

— Meddy. — Calisto soa irritada, mas, quando encaro seus olhos, vejo o medo estampado. — Pare com isso. Não se coloque no caminho…

— *Saia da frente*, garota. — O soldado loiro impõe uma nova ameaça na voz. — Não vamos pedir de novo.

— Deixem ela em paz.

O soldado de cabelos escuros franze a testa e então estende o braço por cima de mim, tentando agarrar a mulher. Ela começa a gritar de novo, desta vez tão alto que me surpreendo por a cidade inteira não ouvir. Sem pensar, ergo a vassoura que ainda tenho nas mãos e atinjo a cabeça do soldado de cabelos escuros com toda a força que consigo. O impacto o joga de joelhos no chão, gemendo. Quando ele se senta, há um corte vermelho-vivo logo abaixo de seu olho. Ele me lança um olhar fulminante, e então o soldado loiro avança.

— Agressão a um soldado em serviço à cidade é crime — sentencia ele. — Punível com açoite ou morte. — Ele começa a vir na minha direção com ímpeto. Aperto o cabo da vassoura, tremendo.

— PAREM COM ISSO!

Todos — eu, Calisto, a mulher e os dois soldados — erguem o olhar ao som de uma voz. Eu me viro e, para meu alívio, vejo Eupraxia descendo a colina da Acrópole, o quiton de sacerdotisa ondulando em seu rastro. Amersa está logo atrás. Quando Eupraxia para diante de nós, seu rosto está pálido. Ela não olha para mim nem para Calisto, mas encara abertamente os guardas. Nunca a vi tão furiosa.

— O que significa isso?

Sua voz é fria; até os soldados recuam um pouco. Eles trocam um olhar antes que o soldado de cabelos escuros, aquele que atingi, se levante para falar com ela.

— *Aquela* mulher — ele aponta — é culpada de roubo. Ela correu em direção à Acrópole para evitar a punição. E *aquela* garota — ele aponta para mim — obstruiu a prisão dela. Ela…

— Se estou entendendo direito — começa Eupraxia —, vocês entraram nos terrenos sagrados de um templo com intenção violenta e, em seguida, passaram a ameaçar três acólitas? Jovens indefesas, ainda por cima?

Os dois soldados se remexem, desconfortáveis.

— Nós também temos deveres — murmura um deles, mas a resposta soa pouco convincente.

— Vão embora — ordena Eupraxia. — E rezem aos deuses para que eu não encontre o comandante de vocês e faça uma denúncia.

Os soldados hesitam por um instante, mas quando Eupraxia projeta o queixo para a frente, eles se viram e partem.

Eu esperava sentir alívio ao vê-los se afastar, mas a tensão no ar continua densa quando a suma sacerdotisa se vira para mim, Calisto e Amersa.

— Vocês três, venham comigo.

É impossível interpretar o tom de sua voz, mas há algo nele que não parece bom. Ela faz um gesto, e nós a seguimos colina acima, em silêncio. Por um instante penso na mulher, mas meus pensamentos retornam a Eupraxia quando chegamos ao gramado da Acrópole. À luz das estrelas, ela se vira e volta a nos encarar.

— O templo é um lugar sagrado para todos, mas especialmente para mulheres em necessidade — começa. — Cada uma de vocês foi informada disso.

Nós três assentimos.

— Esta noite, uma mulher veio a este templo em busca de refúgio. — Ela aponta para Amersa. — Você foi procurar outra pessoa para ajudar. — Amersa abre a boca,

mas Eupraxia continua. Ela aponta para Calisto. — Você nem sequer se ofereceu para ajudar — diz. — Eu vi você sair do caminho. Teria deixado os soldados levarem aquela mulher.

Para minha surpresa, Calisto parece envergonhada.

Por fim, Eupraxia se vira para mim.

— Embora seus métodos tenham sido… pouco ortodoxos, *você* foi a única que assumiu a responsabilidade de ajudar aquela mulher. Estava disposta a se colocar em perigo para protegê-la.

Não sei o que responder.

— Vocês três foram trazidas para cá junto com outras sete — comenta Eupraxia. — Foram testadas quanto à lógica, ao talento no artesanato e, agora, um teste de coragem revelou que apenas uma de vocês é digna do sacerdócio. — Ela ergue o olhar. — Você concorda, Deusa?

— Na verdade — diz uma voz familiar —, concordo.

Eu me viro de repente, confusa. A mulher de antes entrou sorrateiramente no pátio, sem ser notada. Ela já não parece tímida nem fraca; há agora uma segurança que reconheço. Lentamente, seus traços começam a mudar diante dos meus olhos. As feridas ao redor da boca desaparecem, substituídas por uma pele lisa e branca. Seu cabelo escuro clareia, torna-se *mais ruivo*. Pisco algumas vezes, e já não é mais uma mulher comum, vestida de modo simples, que está diante de nós.

É Atena.

— Deusa! — exclama Amersa, caindo de joelhos, e Calisto a imita.

Levo um instante para me lembrar de que nenhuma das duas jamais viu Atena em carne e osso.

— Nós… nós estamos honradas — diz Calisto, com a voz trêmula.

De repente me dou conta de que não estamos sozinhas. No escuro, outras sacerdotisas parecem ter se materializado. Atena atravessa o gramado até parar diante de nós.

— Levantem-se — ordena a Calisto e Amersa.

As duas se apressam a ficar de pé.

— Minha suma sacerdotisa está correta — diz Atena. — A prova final de vocês foi um teste de coragem, e apenas uma teve êxito. Vocês duas estão dispensadas.

Acontece tão rápido que Amersa e Calisto parecem não assimilar as palavras. Calisto olha em volta.

— Mas…

Duas sacerdotisas já se destacaram do círculo ao nosso redor para conduzir as duas acólitas para longe. Observo por um momento enquanto elas desaparecem na escuridão, antes de voltar meu olhar para Atena. Outra sacerdotisa se aproxima de mim com uma vela branca e me incentiva a pegá-la. As demais sacerdotisas se fecham, formando um círculo apertado apenas ao redor de mim e de Atena. A deusa espera um instante antes de falar.

— Acólita Medusa — chama solenemente. — Você passou por cada uma das provas preliminares usadas para determinar sua dignidade para o sacerdócio neste templo. Chegou o momento de fazer alguns votos diante de suas irmãs. Se não for de seu desejo continuar, pode partir agora.

Não me mexo.

— Muito bem. — Ela assente. — Você promete respeitar o código moral deste templo e de todos que o servem?

As palavras saem com facilidade.

— Prometo.

— Você jura lealdade a mim? Fidelidade, constância em sua fé e obediência?

— Juro.

— E, por último. — A luz da minha vela tremula nos olhos prateados de Atena. — Você jura permanecer casta, pura de mente, corpo e espírito?

O rosto de Poseidon cruza minha mente, e penso brevemente no desejo que experimentei nos salões do meu palácio poucas semanas atrás. Aquele desejo era real, poderoso, mas se esvanece diante do desejo que sinto de ser sacerdotisa. Quando falo, minha voz é firme.

— Sim. Eu juro.

Eu juro para sempre.

Não há aviso para o que vem a seguir. A vela treme violentamente em minha mão, e então a chama se torna de um azul profundo e vívido. Sua luz é anormal: banha toda a Acrópole e cada uma das sacerdotisas ao redor em um tom azulado, como se todas tivéssemos sido lançadas no oceano. Em questão de segundos, tudo termina, e a vela se apaga por conta própria. Por alguns instantes, não há som algum; então, um grito de alegria de uma das sacerdotisas ressoa. É seguido por outro, e mais outro, até que todas estão gritando e comemorando.

Atena sorri.

— Muito bem, Medusa.

Eu me perco no caos de abraços, beijos nas bochechas e felicitações. Leva um momento para eu compreender que é real, que não se trata apenas de um sonho maravilhoso e cruel.

Eu consegui.

Eu me tornei uma sacerdotisa ungida da deusa Atena.

XXIV

NOS DIAS QUE SE SEGUEM à iniciação como sacerdotisa, pouca coisa muda na minha vida em Atenas.

Parte disso foi intencional. Embora as outras sacerdotisas me digam que eu já não sou obrigada a cumprir o trabalho de uma acólita, me sinto reconfortada com a rotina de acordar cedo e começar o dia limpando. Me disseram que, em teoria, agora posso dividir os aposentos com as sacerdotisas — não preciso mais ficar no alojamento vazio das acólitas —, mas a verdade é que a ideia de dormir em qualquer outro lugar da Acrópole me parece mais estranha do que dormir sozinha naquele quarto.

Nos dias seguintes, trabalho para encontrar um novo ritmo. Retomo algumas das minhas antigas tarefas — varrer os pisos do templo, garantir que as lamparinas a óleo permaneçam cheias —, mas também passo a investigar novos interesses. Descubro que algumas sacerdotisas auxiliam na manutenção dos registros do templo, uma tarefa que envolve lidar com uma quantidade imensa de pergaminhos. É um trabalho que a maioria delas evita ativamente, mas não consigo imaginar algo melhor. Pela manhã, continuo limpando e fazendo tarefas simples, mas à tarde encontro lugares tranquilos para me debruçar sobre séculos de antigos registros do templo. Às vezes, com o coração apertado, ainda penso em Theo e desejo que ele estivesse aqui para ver tudo isso.

* * *

Seis dias após a minha iniciação, Eupraxia me pede que vá com um grupo de sacerdotisas até Atenas para entregar mais comida aos necessitados. Admito que a ideia me deixa nervosa — não voltei a Atenas propriamente dita desde a noite das Panateneias —, mas também saboreio a oportunidade de provar que sou uma sacerdotisa plena e capaz. Como antes, já há uma multidão esperando quando eu e as outras sacerdotisas chegamos, mas controlo a expressão para parecer calma e segura

enquanto as pessoas se aproximam, ficando agitadas.

— Por favor, formem uma fila ordenada — instruo. — *Todos* serão atendidos.

Assim que eu e as outras sacerdotisas montamos nossos postos, começamos a distribuir a comida. A primeira pessoa a se aproximar de mim é uma jovem de aparência exausta, que parece ter apenas alguns anos a mais do que eu. Ela vem acompanhada de uma garotinha que certamente é sua parente — as duas têm a mesma pele clara, salpicada de sardas, e o mesmo cabelo loiro-escuro. Também percebo que ambas estão tão magras que chega a ser perigoso e que a menina está mais pálida do que deveria para o fim do verão.

— Com licença — diz a mulher. — Você é Medusa?

Estremeço, surpresa por ela saber meu nome.

— Sim — respondo com cautela. — Sou eu.

— Você é uma acólita? — pergunta ela.

Endireito um pouco a postura.

— Agora sou sacerdotisa. — As palavras ainda me causam arrepios.

A mulher também se endireita.

— Já ouvi falar de você — comenta ela. — O auriga das competições das Panateneias, Calínico, disse que foi *você* quem o abençoou antes de ele vencer a corrida.

Balanço a cabeça.

— Ele é gentil, mas isso não foi…

A mulher cutuca a menina, empurrando-a levemente para a frente. No mesmo instante, a criança começa a tossir. É um som seco e áspero. Eu estremeço.

— Minha filha está doente há duas semanas. Agora começou a tossir sangue — acrescenta a mulher rapidamente.

Sinto uma pontada aguda de compaixão.

— Sinto muito — respondo devagar —, mas eu não sou curandeira. Não posso…

— Eu não posso pagar um curandeiro — continua a mulher. Há uma nova nota de desespero em sua voz. — O que eu peço é a sua bênção.

Eu me assusto.

— Minha… bênção?

A mulher assente.

— Reze à Deusa por mim. Diga a ela que minha menina é devota e peça que devolva a saúde da minha filha. Você é a sacerdotisa favorita dela. Ela ouvirá sua

prece.

A menina tosse de novo, desta vez com tanta força que seus olhos se enchem de lágrimas. Tomo uma decisão naquele instante. Talvez eu não consiga salvar a vida dessa criança, mas me custa pouco oferecer esperança à sua mãe. Ajoelho-me diante da menina e tomo uma de suas pequenas mãos entre as minhas. Coloco a outra mão sobre seu peito.

— Você reza aos deuses antes de dormir todas as noites? — pergunto em voz baixa.

A menina assente e, em seguida, é sacudida por mais um acesso de tosse.

— Reze comigo agora — instruo. — Abaixe a cabeça.

Ela obedece, e a mãe também. Algumas pessoas nos observam, mas eu as ignoro enquanto também abaixo a cabeça e fecho os olhos. Não faço ideia se Atena está ouvindo, se isso vai funcionar, mas ainda assim tento.

Se pode me ouvir, Atena, salve esta criança, peço. *Proteja, cure e ponha comida no estômago dela e de sua mãe. Alivie o sofrimento delas, ainda que seja apenas por pouco tempo.*

Quando abro os olhos, mais pessoas estão nos observando, inclusive algumas sacerdotisas. Eu me levanto e coloco a mão no ombro da mulher.

— Rezei para a Deusa, mas tem mais uma coisa que você pode tentar — acrescento em voz ainda mais baixa. — Encontre um loureiro e colha algumas folhas. Deixe-as em infusão em água quente e depois dê para sua filha beber três vezes ao dia. Pode ajudar. — É um remédio que aprendi com Theo, muitos anos atrás. Não sei ao certo se é eficaz, mas já é alguma coisa.

— Obrigada.

A mulher cai de joelhos. Quando ergue o olhar para mim, lágrimas escorrem por seu rosto. Ela leva a barra do meu traje ao rosto e a beija. Por alguns instantes, não sei o que dizer, me sentindo modesta e intimidada ao mesmo tempo.

— Obrigada, sacerdotisa Medusa — agradece ela.

— Fique bem. — É tudo o que consigo dizer.

A mulher recebe um saco de comida, se levanta e se afasta com a filha. Passo para a próxima pessoa da fila, mas os rostos das duas ficam em minha mente pelo resto da tarde.

* * *

As sacerdotisas e eu retornamos à Acrópole pouco tempo depois.

Percebo uma mudança durante o caminho de volta e, a princípio, a ignoro, mas ela se torna mais evidente assim que chegamos ao templo. Não sei explicar, mas as outras sacerdotisas mudaram de alguma forma. Antes, olhavam para mim com carinho — eu vinha me aproximando delas pouco a pouco, na esperança de encontrar entre elas uma amiga como Apolônia. Agora, porém, parecem me encarar com uma cautela inconfundível no olhar. Só posso supor que isso tenha a ver com o que aconteceu na cidade, embora eu não entenda o motivo. Normalmente, depois do jantar, eu me sentaria com elas no jardim, mas quando a noite cai e ainda sinto essa frieza, aproveito a liberdade que minha nova condição de sacerdotisa me concede e decido caminhar até a praia. A caminhada leva quase uma hora, mas assim que alcanço o litoral de Atenas, sinto-me melhor.

A essa altura, o sol já se pôs no horizonte, e a cidade está silenciosa, exceto por alguns soldados patrulhando as ruas. Encontro um lugar na praia e me acomodo ali, sem me importar com a maré que lambe meus pés. Suspiro. Estar aqui me lembra da minha ilha e, de repente, a saudade me invade com força. Sinto falta de Esteno e Euríale, mas sinto falta sobretudo de Theo. Sou assombrada pela última vez que conversamos, pela expressão que vi em seu rosto. Quando já não aguento mais a dor, enterro os dedos dos pés na areia e me obrigo a não pensar nele.

Estou tão absorta em meus pensamentos que não percebo que tenho companhia até uma voz familiar interromper o silêncio.

— É bom ver você, Medusa.

Ergo o olhar, e meus olhos se encontram com os do rei do mar. Por vários segundos, só consigo encará-lo, e ele ri. Há algo absolutamente arrebatador em sua presença, algo a que não consigo resistir.

— Você fica bonita quando se assusta.

O sorriso dele permanece.

— Desculpe, eu… — Procuro as palavras certas. — Não esperava ver você.

Poseidon ri suavemente.

— Eu disse que você sempre poderia me encontrar nas praias da cidade.

Lembro de quando ele disse isso e, agora, uma parte de mim se pergunta se foi justamente isso que me trouxe até aqui, sem que eu me desse conta. Poseidon se senta ao meu lado, e acho difícil permanecer imóvel. O poder parece emanar de seu ser e, mais uma vez, sou tomada pela constatação de que ele poderia estar em outros

lugares, com pessoas mais importantes, e ainda assim escolheu estar aqui, comigo.

— Parece que Atena contou para seu pai que você virou sacerdotisa — comenta Poseidon, encarando o mar.

Suspiro.

— O que quer dizer que agora todos os deuses da Corte do Mar também sabem — respondo.

Poseidon ri.

— Da Corte do Mar e além, receio. Ele está muito orgulhoso de você.

— Ele está orgulhoso da conquista — esclareço.

Poseidon se vira para mim.

— *Eu* estou orgulhoso de você — declara, com mais suavidade. — Parabéns. Ser escolhida como acólita da Acrópole não é pouca coisa. Ser escolhida como sacerdotisa é algo ainda maior.

O elogio me aquece.

— Obrigada.

Por vários minutos, ficamos sentados lado a lado, ouvindo as ondas do mar. Quero aproveitar esse momento. Quero me sentir lisonjeada por saber que o próprio rei dos mares veio me parabenizar, que está *orgulhoso* de mim, mas outros pensamentos continuam a se agitar na minha mente.

— Você parece preocupada — comenta Poseidon.

— Está tão óbvio assim?

— Só porque passei muito tempo entre mortais. — Poseidon assente. — O que está te preocupando?

— Não sei se você entenderia.

— Conte mesmo assim — incentiva. — Você pode se surpreender.

Hesito, e então as palavras transbordam de mim.

— São as outras sacerdotisas. Eu acho que… elas estão chateadas comigo.

— Chateadas? — Poseidon ergue uma sobrancelha. — Mas você é uma delas agora. Foi iniciada há pouco tempo.

— Sim, mas…

Num ímpeto, conto a ele o que aconteceu mais cedo. Falo sobre a mulher e a filha, a bênção e a maneira como as sacerdotisas me trataram depois.

Quando termino, Poseidon balança a cabeça.

— Você nunca deve se sentir mal por ajudar quem tem menos do que você —

responde ele. — E, se é por isso que as outras sacerdotisas estão chateadas, então são umas tolas.

— Obrigada, meu rei.

— *Poseidon* — insiste ele.

— Obrigada, Poseidon.

O deus do mar sorri novamente e, dessa vez, os cantos de seus olhos se enrugam.

— Você está linda hoje, de verdade.

Meu coração dispara. A verdade é que já pensei, mais de uma vez, no beijo que demos na noite das Panateneias e, depois, no nosso encontro na casa da minha família. Mais de uma vez, me perguntei o que teria acontecido se não tivéssemos sido interrompidos.

— Me conte no que você está pensando — pede Poseidon.

— Eu estou pensando… — Tento encontrar as palavras certas, mas não consigo.

A verdade é que ainda estou pensando na sensação daquele beijo. Estou pensando nas mãos dele, na pressão delas sobre os meus quadris. Estou pensando no desejo, em quão intenso foi aquele desejo naquela noite, na ilha. Mas… também estou pensando nos meus votos, em Atena.

— Quando eu morava na ilha, a única coisa que eu queria era ir embora — digo, devagar. — Achei que nunca mais desejaria algo com tanta força. Mas agora… — Encaro minhas mãos. — Agora acho que eu estava errada. Pelo que parece, é possível desejar muitas coisas e desejar todas elas com a mesma força. Às vezes, eu queria não ter que escolher.

No escuro, os olhos verdes de Poseidon parecem mais brilhantes do que de costume. Ele se inclina, e eu sei que deveria me afastar, mas não o faço. Ele encosta a testa na minha, e minha respiração falha.

— Acho — murmura — que você deveria ter tudo o que quiser.

Não sei quem se move primeiro, mas nossos lábios se encontram, e descubro que os dele são exatamente como eu lembrava. As mãos dele deslizam até meu joelho, e eu saboreio a sensação das palmas calejadas contra a minha pele. Ele aprofunda o beijo, e um arrepio percorre meu corpo. Eu o quero. Percebo isso com uma clareza inquestionável. Eu quero Poseidon, eu quero *isso*.

Ele parece sentir o mesmo, porque me puxa com delicadeza para a areia, até ficarmos deitados lado a lado. No fundo da mente, penso na areia grudando nos meus dreads, mas não consigo me importar muito com isso. Afastando-se por um instante,

Poseidon roça suavemente os nós dos dedos na minha bochecha e fita meus olhos.

— Nunca me senti assim — sussurra ele. — Ninguém nunca me fez sentir assim.

Beijar Poseidon foi maravilhoso, mas nada se compara à sensação que corre em mim agora. Ele é um Olimpiano, o rei do mar, um dos deuses mais poderosos do mundo, e ainda assim eu exerço sobre ele um efeito que ninguém jamais exerceu. Ele me olha, e tenho certeza de que nada no mundo um dia já foi mais belo do que ele. Percebo que poderia ficar aqui ao lado dele por uma eternidade sem nem sequer notar a passagem do tempo.

— Está tarde — comenta Poseidon. — É melhor eu levar você de volta ao templo.

Não posso negar a pontada passageira de decepção que suas palavras despertam, mas sei que ele está certo. Poseidon se levanta primeiro, depois me ajuda a ficar de pé e sacode a areia das minhas costas.

— Você vai mudar o mundo, Medusa — diz o rei do mar, estendendo a mão. — Disso eu tenho absoluta certeza.

Eu não concordo nem um pouco com ele, mas ainda assim seguro sua mão. Juntos, subimos as dunas e seguimos pela noite.

XXV

TRABALHO DILIGENTEMENTE no templo nos dias que se seguem.

Não voltamos para Atenas para servir o povo, e uso meu tempo na Acrópole para cair nas graças de algumas das sacerdotisas de novo. Embora eu não seja obrigada a isso, passo a assumir ainda mais das antigas tarefas antes reservadas exclusivamente às acólitas, como limpar o estábulo. Na hora das refeições, ofereço-me para organizar tudo depois, para que as outras possam dormir. Não demora para que meus esforços sejam notados e, aos poucos, as sacerdotisas que haviam se mostrado mais frias comigo voltam a se afeiçoar. Considero isso uma vitória.

— Você fará bem a este templo — comenta uma das mais velhas certa manhã. — A Deusa escolheu bem.

Saboreio o elogio, mas, por trás dele, sinto uma pontinha de culpa. Embora eu não tenha voltado a ver Poseidon desde nosso encontro ao acaso na praia, me flagro pensando cada vez mais no segundo beijo que demos. Eu sabia, no momento em que aconteceu, que provavelmente era errado, mas não consegui evitar. Ainda me lembro da forma como Poseidon me olhou, como se eu fosse algum tesouro raro a ser estimado. Ninguém jamais havia me olhado daquele jeito, e a verdade é que eu desejo mais disso.

Você fez votos, lembro a mim mesma. *Você fez votos a Atena, não a Poseidon.*

Afasto a lembrança do rosto dele e continuo meu trabalho.

* * *

Dias depois dessas reflexões, estou colhendo azeitonas no pequeno bosque de oliveiras do templo quando acontece.

A princípio, não compreendo o que está havendo. Ouço um alvoroço e, quando me viro, vejo Eupraxia correndo em minha direção. Ela parece excepcionalmente aflita.

— Medusa. — Há uma tensão na voz dela que nunca ouvi. — Você precisa vir comigo. Agora.

Algo está errado. Sinto isso de imediato.

— Por quê? O que aconteceu?

— Há pessoas do lado de fora da entrada principal da Acrópole — explica ela. — Elas estão… perguntando por você.

Encaro Eupraxia, sem entender o que isso quer dizer.

— Por mim?

— Sim — responde, com a voz tensa. — *Venha*.

Ela dá meia-volta e começa a caminhar — correr, na verdade — para fora do bosque, em direção à frente da Acrópole. Eu a sigo, tentando manter a calma. Quando atravessamos o pórtico de entrada, estamos quase correndo, nossos peplos ondulando ao vento como estandartes. Chegamos aos portões da frente e eu paro de repente.

Uma multidão se reuniu do lado de fora da Acrópole. É impossível contá-los, mas estimo que haja pelo menos cinquenta pessoas. Vejo homens e mulheres, crianças e idosos, senadores bem-vestidos e escravizados usando apenas trapos. Nenhum deles parece zangado, mas há uma energia frenética no ar, algo que soa errado. Enxergo um desespero em seus olhos que me deixa em alerta. Alguns se remexem, mudando o peso de um pé para o outro; outros esticam o pescoço, como se procurassem algo.

Um dos homens mais à frente da multidão me vê e aponta.

— Lá está ela! — grita. — É ela, a sacerdotisa Medusa!

Imediatamente, a multidão se agita ainda mais. Meus passos vacilam, e Eupraxia me olha de rabo de olho antes de erguer as mãos para silenciar o povo.

— *Eu* sou a suma sacerdotisa deste templo — diz ela, com a voz carregada de autoridade. — E exijo saber por que todos vocês se reuniram aqui.

Há uma pausa. Ninguém na multidão parece disposto a falar primeiro. Então, uma mulher se adianta. Levo um instante para identificar por que ela parece familiar, mas então a reconheço. É a mulher do mercado, aquela cuja filha doente eu havia abençoado em oração quase uma semana antes. Está diferente. Seu corpo ganhou mais massa; as bochechas têm um rubor saudável que a faz parecer mais jovem. Ela me olha e sorri.

— Estamos aqui pela sacerdotisa Medusa. — Há uma reverência inegável em sua voz. — Estamos aqui para receber suas bênçãos e pedir que ela reze à Deusa por nós.

Eupraxia franze a testa.

— Toda sacerdotisa da Acrópole tem autoridade para conceder bênçãos e rezar à Deusa — explica. — Vocês não precisam da Medusa para…

— Queremos *ela*! — grita um homem. Ele tem a tez escura, um corpo robusto e várias queimaduras nos braços descobertos. Imagino que seja um ferreiro. Ele baixa os olhos diante de mim, em sinal de deferência, e acrescenta, em voz mais baixa: — A Deusa ouve as preces *dela*. Ela é favorecida.

Várias pessoas na multidão murmuram em concordância.

— Favorecida? — Eupraxia parece confusa. — O que você quer dizer com "favorecida"?

— Ela rezou por Calínico, o auriga que venceu os Jogos Panatenaicos, mesmo que tudo indicasse que ele ia perder — conta a primeira mulher. — Depois, quando levei minha filha doente até ela no mercado, Medusa rezou à Deusa e pediu que a menina recuperasse a saúde. Ela estava quase morta.

A mulher ergue a criança para que todos vejam. Para minha surpresa, a garota também ganhou peso e está com as bochechas rosadas.

— Agora olhem! — exclama. — Minha filha está saudável, completamente curada!

As pessoas ao redor se agitam ainda mais, enquanto meu nervosismo cresce. O que a mulher *não* mencionou é que eu também disse para dar à filha água com folhas de louro em infusão, o que provavelmente contribuiu para a melhora da menina. Antes que eu possa dizer isso, outro homem se adianta da multidão.

— Eu também procurei a sacerdotisa Medusa há alguns dias — comenta ele. — Minhas plantações de cevada estavam sofrendo, e pedi que ela rezasse por mim. Naquela noite, quando cheguei em casa, caiu um toró. Vocês todos se lembram, não é?

Várias pessoas assentem.

— Minhas plantações começaram a se recuperar no mesmo instante — continua ele. — Foi um verdadeiro milagre. — Ele aponta para mim. — E foi por causa dela.

O medo que sinto agora é real e me atravessa como uma flecha. A verdade é que mal me lembro desse homem ou da oração que fiz por sua colheita. Digo a mim mesma que as afirmações dele são apenas coincidência. Sou apenas uma garota mortal. Não uma deusa. Nada disso faz sentido. As pessoas começam a gritar, disputando e clamando pela minha atenção. Uma mulher se desprende da multidão e

agarra a barra do meu peplo, levando outras a fazerem o mesmo. Estou sendo puxada para dentro da aglomeração.

Eupraxia segura meu braço bem a tempo.

— Parem com isso! — ordena ela. — Parem agora mesmo!

A multidão já não a escuta. Há agora uma agitação febril entre eles. De repente, fico muito consciente de que nós duas estamos em enorme desvantagem numérica.

— Eupraxia — digo, em voz baixa. — Eles não vão embora.

A suma sacerdotisa sempre exalou segurança, confiança. Agora, pela primeira vez, vejo essa confiança vacilar.

— Então o que podemos fazer? — murmura ela.

— Confie em mim.

Ela não diz nada, mas tomo isso como consentimento. Dou um passo à frente e ergo as mãos. No mesmo instante, a multidão se cala.

— Povo de Atenas! — Minha voz ressoa com uma autoridade nova, que eu não sabia possuir. — Ouvirei cada uma das suas preces — prometo. — Mas, para isso, precisamos de ordem. Precisamos respeitar a sacralidade deste templo.

Alguns dos membros mais exaltados da multidão abaixam a cabeça, devidamente envergonhados. Enquanto ainda tenho a atenção deles, continuo:

— Formem uma única fila ordenada. Qualquer pessoa que empurrar ou causar tumulto será convidada a se retirar.

De imediato, a multidão começa a se organizar em uma fila bem alinhada. Talvez em outro dia eu achasse a obediência deles impressionante, mas agora ela me parece inquietante. Eupraxia observa por mais alguns minutos, com uma expressão que não consigo decifrar, antes de se virar e voltar para dentro da Acrópole. Isso me preocupa, mas redireciono minha atenção para a primeira pessoa da fila: uma mulher robusta, de cabelos cacheados e escuros, já um pouco grisalho. Ela segura um cesto. Quando levanto a tampa, vejo que está cheio de azeitonas.

— As árvores do nosso olival não florescem bem há quatro anos — diz ela. — Por favor, sacerdotisa Medusa. Peça à Deusa que as reanime.

Tomo a mão dela entre as minhas e sorrio.

— Vamos rezar.

* * *

Pelas três horas seguintes, rezo com o povo de Atenas.

Cumpro minha palavra, ouvindo cada pedido de oração. Alguns homens pedem que seus investimentos deem bons frutos; algumas mulheres pedem bons casamentos. Crianças entram na fila pedindo coisas bobas, como pão doce. De vez em quando, algum idoso pede alívio para o próprio sofrimento. Quando tudo termina, estou exausta.

Espero encontrar Eupraxia ao retornar à Acrópole, mas a suma sacerdotisa não está em lugar algum. Na verdade, a maioria das sacerdotisas parece estar em outro lugar e aquelas que vejo se afastam depressa quando me notam. Sigo para os aposentos das acólitas, pensando que um breve cochilo talvez me faça bem, mas, ao chegar à porta, percebo que o quarto não está vazio.

Atena está parada no centro do cômodo, o rosto tenso.

— *O que* — fala ela, entre dentes cerrados — você acha que está fazendo?

A frieza em sua voz se infiltra na minha pele. Qualquer orgulho que eu tenha sentido ao conceder bênçãos se dissipa enquanto nos encaramos.

— Como assim?

— Não se faça de ingênua, menina. — A mão dela corta o ar, e fico aliviada por não estar perto demais. — As pessoas que vieram hoje aos portões da frente da Acrópole, o que estavam fazendo aqui?

— E-elas pediram bênçãos — gaguejo. — Pediram que eu rezasse à senhora, em nome delas. Não vi mal algum nisso.

— Elas atribuíram *a você* os feitos de uma deusa! — troveja Atena. — E você não as corrigiu.

— Eu sou sua sacerdotisa, Deusa. — Luto para conter o tremor na voz. — Elas sabem que tudo o que faço é a seu serviço.

Atena desvia o olhar, carrancuda.

— Elas estavam praticamente adorando você hoje — reclama ela, com amargura. — Você, uma mortal comum.

As palavras doem como um tapa. Meus olhos ardem, mas não deixo as lágrimas caírem.

— Elas veneram *você*, Deusa — respondo em voz baixa. — Elas me veem só como um instrumento. É *você* que o povo de Atenas ama. Eles sempre amaram você. Eu vi isso nas Panateneias, vejo toda vez que vamos à cidade distribuir comida. É a *você* que eles agradecem, não a mim. — Faço uma pausa e acrescento: — Eles sabem quem

mais os ama, quem os protege.

Atena me observa por um instante e diversas emoções surgem em seu rosto, rápido demais para que eu consiga identificar. Quando volta a falar, sua voz está mais suave.

— Eu... sinto muito.

Eu me assusto. Em todos os seus anos, não acredito que Atena alguma vez tenha pedido desculpas a alguém, por qualquer coisa. Ela atravessa o quarto até ficar diante de mim. De repente, parece muito cansada.

— Os mortais são complicados. Quando você atende às preces deles, amam e veneram você. Quando não atende, eles odeiam você e amaldiçoam seu nome. Às vezes, é exaustivo.

Não tenho resposta para isso.

— Você sabe como nós, deuses, Olimpianos e semelhantes, mantemos nosso poder? — pergunta ela. — Seus pais alguma vez explicaram isso?

Balanço a cabeça.

— Nosso poder vem da *fé* — diz ela, suavemente. — Quanto mais pessoas acreditam em nós, e quanto mais fervorosas são, mais fortes nos tornamos. Quanto menos pessoas acreditam, ficamos mais fracos. Realizamos milagres e grandes feitos para garantir que não nos esqueçam, para assegurar nossa sobrevivência.

Sempre imaginei Atena como indomável, forte demais para algum dia cair. Pela primeira vez, vejo uma fraqueza em sua armadura, na armadura de todos os deuses e Olimpianos. Eles podem viver para sempre, mas sua imortalidade tem limites.

— Parece um preço alto a se pagar — sussurro.

O sorriso de Atena é irônico, mas percebo uma tristeza por trás de seus olhos cinzentos.

— É — responde ela, em voz baixa. — Não sei se alguma vez contei isso a alguém antes.

Não sei o que dizer, e Atena se volta para mim.

— Você é uma jovem promissora, Medusa — elogia ela, com cordialidade. — Não tenho dúvida de que fará grandes coisas, mas precisa se lembrar *do seu lugar*. Não é bom para mulheres serem ambiciosas demais. Você entende o que quero dizer?

Eu não entendo. Pela segunda vez, Atena diz algo que não compreendo de fato, mas não admito isso para ela. Apenas baixo a cabeça.

— Sim, Deusa.

Isso a faz abrir um sorrisinho, um sorriso verdadeiro. Sem dizer mais nada, Atena faz um carinho na minha bochecha e então me deixa sozinha no alojamento das acólitas.

NESSA NOITE, volto à praia.

Não sei dizer ao certo em que momento decido ir; meus pés parecem me levar até lá por conta própria. Quanto mais me aproximo das marés ondulantes, quanto mais o ar salgado preenche meus pulmões, mais à vontade me sinto. Caminho até que as pontas dos dedos dos pés toquem a água, e então pronuncio o nome, em um sopro:

— Poseidon.

Nada acontece.

Sou tomada pela decepção. Claro que foi tolice esperar que Poseidon aparecesse só porque o chamei.

Ele ainda é o rei do mar, lembro a mim mesma. *Tenho certeza de que tem outras coisas…*

— Medusa.

Giro bruscamente, e meus batimentos aceleram. À minha direita, onde segundos antes não havia ninguém, está Poseidon. Ele parece régio esta noite, vestindo uma túnica tingida de um roxo profundo. Um colar com pingente dourado repousa perto de seu peito, e há mais de um anel grosso de ouro em seus dedos. Ele parece um verdadeiro rei. Por um instante, tudo o que consigo fazer é encará-lo.

— Você me chamou? — pergunta.

— Eu… — De repente me sinto tola. E se eu o tiver arrancado de algo mais importante? — Desculpe. Eu só… eu achei que… mas você deve estar ocupado…

A expressão de Poseidon se suaviza.

— Nunca estou ocupado demais para falar com você, Medusa. Aconteceu alguma coisa?

— Não, não exatamente… — Não sei como contar sobre as pessoas que foram à Acrópole mais cedo, então digo outra coisa. — Posso te fazer uma pergunta?

— Claro. Qualquer coisa.

— Por que você gosta de mim?

Espero que ele ria ou revire os olhos — é uma pergunta boba, afinal —, mas ele

não faz nem uma coisa nem outra. Em vez disso, sua expressão se torna mais intensa.

— Você acha que não deveriam gostar de você? — sussurra ele. — Não sabe o que eu penso de você?

Não respondo.

Ele balança a cabeça.

— Você é linda, é verdade, Medusa. Mas há mais coisas que me atraem em você. É inteligente, determinada. As Moiras foram cruéis em seu destino, fazendo de você a única mortal da sua família. Você poderia ter vivido o resto dos seus dias presa naquela ilha. — Os olhos dele se iluminam. — Mas você não fez isso. Pegou o destino que te entregaram e fez dele seu. Se isso não é admirável, não sei o que é.

As palavras são doces. No mesmo instante, desejo ouvir mais, só que algo me detém.

— Posso te fazer mais uma pergunta?

Poseidon sorri.

— Até três.

Esta é mais difícil. Percebo que não consigo olhar para ele enquanto faço.

— Alguns meses atrás, quando você veio à nossa ilha para a festa da primavera, eu vi você… com outra pessoa.

As sobrancelhas de Poseidon se erguem.

— Outra pessoa?

— Uma ninfa do mar. — Forço as palavras a saírem. — Ela tinha cabelos azuis.

O reconhecimento surge no rosto de Poseidon. Sua resposta vem devagar.

— Não vou negar — diz ele. — Mas aquela ninfa… Não há mais nada entre nós.

Permaneço em silêncio, querendo que ele continue.

— Eu estava falando sério antes. — Poseidon diminui o tom da voz. — Ninguém jamais me fez sentir do jeito que você faz. Nunca.

— Nem mesmo a rainha? — pergunto.

Por um segundo, acho que cometi um erro terrível. Poseidon franze a testa ao ouvir a menção à esposa.

— Não — responde ele, com mais frieza. — Nunca me senti assim com Anfitrite, porque ela nunca se sentiu assim comigo. Nosso casamento foi arranjado séculos atrás pelo pai dela e pelo meu irmão, para unir nossas famílias. — Ele me lança um olhar significativo. — Imagino que você consiga entender como são essas coisas.

Assinto. Entendo bem demais.

— No começo, tentei fazer minha esposa feliz — conta Poseidon. — Mas logo percebi que era inútil. Nosso casamento é pura fachada. Não tem amor.

Nesse instante, não consigo pensar em nada mais trágico.

Poseidon encara o mar, depois volta o olhar para mim.

— Não quero mais falar de Anfitrite.

— Sinto muito.

E sinto de verdade.

— Quero falar de você — acrescenta ele. — Já teve algum tempo para se acostumar à sua nova posição. O que está achando?

A pergunta me faz pensar no que aconteceu mais cedo naquele dia.

— Sendo bem sincera — digo —, tem sido avassalador. As pessoas parecem acreditar que sou capaz de realizar milagres, como um deus.

— Para ser justo — responde Poseidon —, curar uma criança doente e invocar uma tempestade não deixa de ser impressionante.

— É, mas… — Paro de falar no mesmo instante. — Como você soube disso? Da criança e da chuva?

Vejo uma expressão que nunca tinha visto em seu rosto. Culpa.

— Eu queria que o povo desta cidade valorizasse você como eu valorizo — explica ele.

— Foi *você*. — Constato. — Foi você quem fez todas aquelas coisas estranhas acontecerem.

— Com alguma ajuda — corrige Poseidon. — Não posso fazer plantações crescerem, mas Deméter me devia um favor. Não posso curar crianças, mas… bem, meu sobrinho Apolo tem apreço por mim. — Num tom mais sério, acrescenta: — Não tive a intenção de causar nenhum mal. Me perdoe.

Uma voz no fundo da minha mente ressalta que esta é a segunda vez que Poseidon esconde algo de mim. Ele apareceu para mim disfarçado, sem revelar quem era. Agora, interferiu diretamente no meu papel no templo de Atena. Consigo imaginar o que minhas irmãs diriam sobre isso, o que Theo diria se ainda estivéssemos nos falando. Mas outra voz dentro de mim abafa as demais.

Ele só estava tentando ajudar. Ele se importa com você. Não estrague isso.

— Não tem nada a ser perdoado — respondo —, obrigada por tudo o que você fez por mim.

Poseidon abre um sorriso.

— Vem cá.

Nem me ocorre fazer outra coisa além de obedecer. Assim que diminuo a distância entre nós, ele segura meu rosto entre as mãos e me beija. Dessa vez, não é como os dois primeiros. Há no beijo uma voracidade, uma urgência que faz meus joelhos tremerem, como se fossem ceder. Poseidon parece perceber isso, porque nos conduz com cuidado até a areia. Ele beija minha boca de novo e então morde meu lábio inferior, com força. Há uma faísca breve de dor, mas depois… fico surpresa ao sentir uma nova tensão, um aperto no meu baixo-ventre.

Ele solta um som grave.

— É isso que você faz comigo — murmura diz. — Você me deixa louco.

Estou perdida em muitas sensações para conseguir responder.

Poseidon me beija outra vez, usando uma das mãos para se sustentar sobre mim. Sinto a outra deslizar pela minha perna, até a coxa, e então…

— Espere. — Preciso de todas as minhas forças para segurar o pulso dele.

— O que foi? — As pupilas de Poseidon estão tão dilatadas que apenas finas faixas do verde de seus olhos permanecem visíveis.

— Eu… eu não posso fazer isso. — Afasto-o para longe com cuidado e me sento. — Fiz um voto de permanecer casta. Eu não posso.

Por vários segundos, tudo o que se ouve é o estrondo das ondas.

— Entendo — responde Poseidon, por fim.

Ele se levanta, ajeitando o pingente dourado.

— Sinto muito — digo.

— Não há nada pelo que se desculpar. — As palavras dele soam formais. — Eu achei que talvez você sentisse o mesmo que eu, mas talvez…

— Não! — Eu me levanto às pressas. — Não é isso! Eu me importo com você, Poseidon, muito, é só que…

— Preciso visitar meu irmão — interrompe. — Tenho que ir. Você consegue voltar sozinha para a Acrópole?

Algo afunda dentro de mim.

— Eu… Claro.

— Ótimo. — Poseidon assente. — Então desejo uma boa noite para você.

Ele não me dá chance de dizer mais nada antes de se virar e seguir pela praia, afastando-se a passos largos até desaparecer de vista.

XXVI

NA PRÓXIMA VEZ que vou à praia e chamo por Poseidon, ele não vem. Nem na vez seguinte.

No começo, digo a mim mesma que isso não me incomoda. Afinal, Poseidon é o senhor da Corte do Mar. Ele é encarregado de muitas obrigações e, embora tenha prometido que nunca estaria ocupado demais para mim, sei que talvez seja uma promessa impossível de cumprir. Eu me convenço de que sua ausência é fruto de sua autoridade, não do que aconteceu na última vez que nos encontramos; mas, à medida que os dias ficam mais curtos e o outono se aproxima, fico deitada no meu leito, lutando contra vozes imaginárias cada vez mais cruéis.

A culpa é sua, diz uma dessas vozes. *Você o magoou.*

Ele se importava com você, diz outra, *e, em troca, você fez com que ele achasse que você não sentia o mesmo.*

Uma parte de mim gostaria de poder conversar com Esteno e Euríale sobre tudo isso, mas outra parte sabe que, mesmo que eu estivesse de volta à nossa ilha, não tenho certeza de que o faria. A última vez que conversei com minhas irmãs sobre minha vida em Atenas, elas não entenderam, e acabei me sentindo mais sozinha do que nunca.

À medida que os dias se transformam em semanas, decido enterrar todos os meus sentimentos por Poseidon e me concentrar no trabalho. Os atenienses ainda aparecem de vez em quando na entrada da Acrópole, pedindo-me orações, mas, sem a interferência de Poseidon, as histórias da milagrosa sacerdotisa estrangeira começam a desaparecer. Não posso dizer que sinto falta disso. Tenho feito o meu melhor para tentar reconquistar as sacerdotisas, assumindo tarefas extras pelo templo, mas elas me tratam com uma cautela que temo ser permanente. Passo o pouco tempo de lazer que tenho sozinha.

Na segunda vez em que meus pais enviam uma convocação para que eu volte para casa, Atena não a entrega. Em vez disso, recebo uma simples missiva com

informações sobre a festa de outono que meus pais estão organizando, acompanhada de uma nota dizendo que é esperado que eu esteja presente. Não me surpreende que a minha participação seja solicitada. Agora que estou em posição de impulsionar a agenda política de meu pai, sou o orgulho dele.

Da última vez que tive de deixar Atenas, fiquei triste. Agora, uma parte de mim saboreia a chance de voltar para casa.

* * *

Na noite da festa, minha mãe envia uma frota inteira de escravizados ao meu quarto, e me vejo sendo puxada para todos os lados. Um par de mãos esfrega minha pele até arder, enquanto várias outras me cobrem com loções e óleos. Meus lábios são pintados de um vermelho profundo; um delineado preto é traçado ao redor dos meus olhos. Mas a verdadeira surpresa vem quando Euríale chega com uma túnica para eu vestir. Eu a reconheço no mesmo instante. É a túnica amarela que vi em seu baú meses antes, na manhã em que parti para Atenas pela primeira vez. Minha irmã a desliza sobre mim, e saboreio a sensação do tecido. Ela e Esteno arrumam metade dos meus dreads num penteado elaborado; então, Euríale segura um espelho para que eu me observe.

Respiro fundo.

Quase não consigo reconhecer a garota que me encara, porque ela não é uma garota. É uma jovem mulher. Em algum momento, nos meses desde que deixei Atenas pela primeira vez, o último traço infantil desapareceu do meu rosto. Meus lábios parecem mais cheios, meu pescoço, mais longo. Percebo, de repente, que de fato me pareço com minha mãe e minhas irmãs.

— Linda — elogia Euríale, sorrindo para mim. — Você está linda, Medusa.

Levanto o olhar para encontrar o dela.

— Você também, Euri. Sempre.

Ela baixa o espelho e me puxa para um abraço.

Esteno revira os olhos.

— Anda logo — chama ela, fazendo um gesto. — Precisamos ir para o grande salão.

* * *

Achei que meus pais tinham sido extravagantes na festa da primavera, mas a de outono prova que eu estava enganada.

Bandeiras douradas, vermelhas e alaranjadas enfeitam o salão; enormes arranjos de rosas amarelas do jardim decoram cada superfície livre. Até os escravizados foram vestidos com novas túnicas brancas, presas por cordões marrons. Percebo no mesmo instante que todo esse esforço extra se deve à chegada iminente dos Olimpianos. Não muito depois de a festa começar, eles chegam.

Já ouvi falar muitas vezes dos deuses do Monte Olimpo, mas vê-los em carne e osso é diferente. Primeiro, noto Zeus, um homem de constituição poderosa e pele marrom-clara, com uma vasta cabeleira escura entremeada de fios grisalhos. Ao entrar, ele está com o braço entrelaçado ao de sua esposa, Hera, rainha dos deuses.

— Eles combinam — observa Euríale.

Esteno resmunga.

— É porque eles não são só marido e mulher — explica. — São irmão e irmã.

Hermes vem em seguida, com o mesmo ar juvenil de sempre, mas trocou a túnica branca simples por uma verde-clara que combina com seus olhos. Quando dá uma piscadela para mim, não posso deixar de sorrir.

Mais deuses entram, tanto do Monte Olimpo quanto da Corte do Mar. Vejo uma deusa jovem, de aparência frágil, pele clara e cabelos castanhos rebeldes, e descubro que não pode ser outra senão Ártemis, mais uma das filhas de Zeus. Um deus corpulento, de pele mais escura e cabelos pretos e encaracolados, se aproxima da minha mãe e beija suas bochechas com grande entusiasmo.

— Dionísio — comenta Euríale antes que eu possa perguntar. — Como você pode imaginar, ele e mamãe se dão muito bem.

Por fim, meu tio Nereu se junta à confusão e, como antes, traz as Nereidas consigo. Anfitrite caminha alguns passos atrás dele, parecendo muito mais serena do que da última vez que a vi, mas percebo que não consigo sustentar o olhar dela. Logo, restam apenas duas ausências notáveis na celebração.

— Mamãe e papai disseram alguma coisa sobre Poseidon ou Atena virem? — Tento fazer a pergunta soar casual e despreocupada ao dirigi-la a Esteno.

— Poseidon não disse nada — responde Esteno —, mas, de acordo com a mamãe, Atena recusou. Disse que não tinha tempo para esse tipo de frivolidade.

É verdade que esse é exatamente o tipo de coisa que Atena diria, mas ainda assim fico decepcionada. Sou arrancada dos meus pensamentos quando meu pai se levanta e

o salão se aquieta.

— Deuses do Olimpo, deuses da Corte do Mar! — Ele ergue uma taça de madeira. — Esta noite celebramos o início da estação da colheita. Enquanto honramos Deméter, encorajo todos a beber, festejar e aproveitar esta noite de celebração!

Muitas taças se erguem, tilintando umas contra as outras. Sinto um cutucão no ombro e, quando olho para cima, os olhos de Esteno estão brilhantes. Ela enfia outra taça de madeira na minha mão. Está cheia de um curioso líquido dourado.

— Toma, beba *isto*.

Olho desconfiada para ela antes de levar a taça aos lábios e provar um gole do conteúdo. Para minha surpresa, o líquido dourado é doce ao paladar. Dou outro gole, mais demorado. Do outro lado, Euríale ri, e sinto uma sensação quente inundar meu corpo.

— Isso é vinho?

Euríale abre um sorriso radiante.

— Não é qualquer vinho. — Ela se inclina para perto, e sinto o aroma adocicado no hálito dela. — É vinho *Olimpiano*, feito pelo próprio Dionísio.

Já bebi vinhos tintos e brancos antes, mas nunca vinho vindo da morada dos Olimpianos. De imediato, percebo que é diferente, mais potente do que qualquer vinho que já experimentei. Dou um terceiro gole e, para a alegria de Euríale e a diversão de Esteno, viro o resto de uma vez. Tudo ao meu redor começa a ganhar uma intensidade maior — as cores parecem mais vivas e o barulho do salão se dissolve num zumbido agradável. Euríale segura uma das minhas mãos e Esteno a outra, e elas me conduzem até o centro da festa, começando a dançar. No início, tenho medo de tropeçar, que meu cérebro não consiga acompanhar meus pés, mas acontece o contrário. Nunca me senti tão graciosa. Quando criança, eu sempre desejei conseguir me mover como minhas irmãs, imitar a graça delas. Agora descubro que consigo. Deslizo pelo salão, segurando a barra da minha túnica enquanto giro, e deixo minhas mechas voarem atrás de mim a cada movimento.

Euríale e Esteno dançam comigo, batendo palmas no ritmo da música. Esteno agarra meu braço e se inclina para perto.

— Estão olhando — sussurra.

Ergo o olhar, espiando por cima do ombro dela para ver a quem se refere. O vinho Olimpiano deixou minha visão turva, mas, entre manchas coloridas, eu os vejo. *Todos*

nos encaram com uma admiração inegável. Estão ali os deuses habituais da Corte do Mar, mas também outros novos — a etérea deusa da lua de cabelos brancos, Selene, e um deus de pele azulada e olhar enevoado que acho que se chama Morfeu. Chego até a pensar que vislumbro a rainha Anfitrite, parada entre as irmãs. Só quando as solas dos meus pés começam a doer é que me afasto da pista para descansar, embora minhas irmãs ainda tenham fôlego e continuem dançando.

Acabei de me recostar a uma parede quando sinto um toque no ombro.

— Meddy?

Eu me viro e me vejo frente a frente com Theo. Como os outros escravizados da casa dos meus pais, ele veste uma túnica mais nova, que lhe cai melhor, mas ainda assim parece dolorosamente simples em meio aos deuses e deusas luxuosos que enchem o salão. Seus olhos estão atentos quando encontram os meus.

— Eu estava me perguntando se… se eu poderia falar com você — diz em voz baixa. — A sós?

Minhas irmãs ainda dançam e já não prestam atenção em mim. O vinho Olimpiano correndo em minhas veias provoca um sorriso em meus lábios, e ofereço a mão para Theo.

— Claro — digo, arrastando as palavras. — Mostre o caminho.

Theo pega minha mão e me conduz para fora da pista de dança. Abrimos caminho juntos pela multidão e saímos do salão, e só quando já estamos no corredor, bem ocultos pelas sombras, é que ele solta minha mão e se vira para me encarar. Sua expressão está mais suave.

— Você está linda, como sempre — comenta.

Outra onda agradável de calor sobe às minhas bochechas.

— Obrigada.

Sei que não há nada de romântico no gesto. Theo está agindo como sempre, sendo honesto até demais. Ele se remexe por alguns segundos, como se procurasse as palavras, e então diz:

— Meddy, quero que você saiba que sinto muito pelo que disse da última vez que você esteve em casa.

— Theo… — Na minha cabeça, minha voz soa leve demais, brincalhona demais, mas não consigo evitá-la ao dar um passo à frente e pousar a mão em seu ombro. — Já está tudo bem, de verdade. Você não precisa se desculpar por…

— Não, Meddy. — O tom de Theo é gentil, mas firme. Com cuidado, ele tira

minha mão do ombro dele, mas continua segurando-a. — Me deixe terminar, por favor. Peço desculpas pelo que disse. Você é minha amiga, e eu não quero que você sinta que não pode vir até mim, que não pode falar comigo.

Mesmo sob o efeito do vinho, percebo a sinceridade na voz dele. Pisco com força e me obrigo a me concentrar.

— Eu também sinto muito — devolvo, torcendo para que as palavras não estejam muito emboladas. — Pelo que eu disse, não foi justo. Você é meu amigo. Você é meu *melhor amigo*…

De repente, o corredor começa a girar violentamente. Volto a me apoiar na parede e fecho os olhos, pressionando a testa contra a pedra fria.

— Meddy? — A voz de Theo soa preocupada. — Você está bem?

Eu me forço a abrir um dos olhos.

— Estou bem — digo, nem um pouco bem. — Eu só… acho que preciso de ar fresco e de água, talvez.

— Vamos. — Não vejo, mas sinto quando Theo passa um dos meus braços em volta da cintura dele. — Vou te levar para fora.

Seguimos devagar até o fim do corredor, atravessamos um par de portas duplas e chegamos à varanda. Com cuidado, Theo me ajuda a sentar nos degraus que levam ao jardim. Ainda consigo ouvir os sons da festa lá dentro, mas agora estão todos deliciosamente abafados. Eu me delicio com o ar frio da noite enchendo meus pulmões.

— Vou buscar água para você — anuncia Theo, agachando-se ao meu lado. — Fique aqui e *não se mexa*, tudo bem?

— Confie em mim — respondo, segurando a cabeça entre as mãos. — Acho que isso não vai ser um problema.

— Certo, então — conclui ele. — Já volto.

Seus lábios roçam minha testa antes de ele se levantar novamente. Ouço por um momento o som de seus passos se afastando, então fecho os olhos. Respiro fundo, apreciando o frescor e desejando que o mundo ao meu redor pare de girar. Fico me perguntando quanto tempo duram os efeitos do vinho Olimpiano, em comparação com os do vinho comum. Olho por cima do ombro ao ouvir passos de novo, esperando que Theo tenha voltado. Mas, quando me viro, não é Theo quem está diante de mim.

— Medusa.

Olhos azul-esverdeados salpicados de ouro brilham na escuridão, são de um brilho estranho.

— Meu rei.

Eu me levanto e tento fazer uma reverência, mas quase tropeço escada abaixo. Poseidon segura meu braço no último instante e me endireita. Um sorriso entretido curva os cantos de seus lábios.

— Estava te procurando — diz ele em voz baixa —, esperava que você viesse atrás de mim.

Minhas bochechas esquentam, e não sei dizer se é efeito do vinho Olimpiano ou das palavras dele.

— Me desculpe, meu rei — murmuro. — Eu estava com minhas irmãs. Não vi você.

Poseidon solta uma risada leve.

— Devo ser muito pouco notável.

— De forma alguma, meu rei.

— Meu rei? — Uma das sobrancelhas de Poseidon se ergue. — Achei que já tivéssemos passado desse tipo de formalidade.

— Desculpe, meu… — eu me interrompo. — Desculpe, Poseidon.

O rei do mar sorri, e meu estômago se contrai.

— Já faz algum tempo que não vejo o palácio de seu pai à noite. Tinha me esquecido do quanto ele era esplêndido. — Ele olha ao redor, pensativo. — Fico me perguntando… se você faria a gentileza de me mostrar o jardim.

Sei o que meus pais diriam se estivessem ali. Poseidon não é apenas um Olimpiano; ele é o rei dos mares. Na Corte do Mar, é o deus mais poderoso. Meus pais gostariam que eu o honrasse, que fosse uma boa anfitriã.

— Claro, meu rei. — O mundo inclina quando tento me curvar outra vez.

— Poseidon — murmura ele. — Quero que me chame de Poseidon.

— Muito bem. — Concordo com a cabeça. — Por aqui, Poseidon. — Tomo sua mão na minha e o conduzo até o jardim.

XXVII

NÃO ACHO ESTRANHO QUE, embora Poseidon tenha me pedido um passeio pelo jardim de minha mãe, seja ele quem me conduza enquanto caminhamos entre as sebes altas e as paredes de trepadeiras suspensas.

O ar da noite está fresco, um sinal precoce da aproximação da estação da colheita. Escuto o canto das últimas cigarras, enquanto filetes de luar me guiam por entre fileiras de jacintos e açafrões. A cada passo, eu me torno mais consciente do rei do mar caminhando ao meu lado. Quando chegamos a um gramado entre os canteiros de flores, ele faz um gesto.

— Vamos descansar aqui um instante.

Eu me acomodo no chão, e ele se senta comigo, pousando a mão no meu joelho.

— Você está bem? — pergunta com suavidade.

— Estou bem. — Engulo em seco uma vez, depois outra. — Só estou um pouco tonta.

Ao meu redor, as flores se desfocam, indistintas.

Poseidon assente.

— Seria melhor você beber um pouco de água.

Ele tira um cantil de prata, e eu bebo com vontade, saboreando o alívio fresco da água descendo pela minha garganta.

— Obrigada.

— Claro — diz ele. Quando ergo o olhar, há um traço de humor em seus olhos verdes. — Eu me lembro muito bem da primeira vez que bebi vinho Olimpiano. Me saí bem pior do que você.

Então uma pergunta me ocorre e, na minha névoa etílica, nada me impede de fazê-la.

— Você já foi jovem? Digo, jovem de verdade?

— Uma vez — responde Poseidon —, embora já faça tanto tempo… que não sei se minhas lembranças da juventude são reais ou apenas algo que inventei na minha

mente, por achar essa versão mais agradável.

Inclino-me para trás, em silêncio. A resposta é mais sincera do que eu esperava. Acho difícil imaginar Poseidon como um menino, ou como um bebê indefeso. Ele não tem nada de frágil; exala apenas um poder ilimitado, mesmo quando está em repouso. Há algo nesse poder que me atrai, como uma abelha inebriada pela flor ou uma mariposa pelo luar.

Uma brisa fria roça meus braços nus e, quando estremeço, Poseidon envolve meus ombros com o braço. Ele tem um calor delicioso. Eu me apoio nele e inspiro. Se todos os bons cheiros do oceano pudessem se fundir em um só, seria *esse* o aroma dele — o ar fresco da manhã, a água salgada e a areia aquecida pelo sol.

— Senti sua falta, Medusa — sussurra ele junto a meus cabelos.

Saboreio essas palavras.

— Eu também senti a sua. Eu… eu achei que você estivesse zangado comigo. Quando voltei para a praia e chamei por você, quando você não veio…

— Não foi nada pessoal — responde ele depressa. — Meus irmãos precisavam de mim. Sinto a enorme responsabilidade de me fazer presente por eles. — O deus faz um leve aceno de cabeça. — Você tem duas irmãs. Achei que entenderia.

Eu entendo e, de repente, me sinto tola por ter pensado que Poseidon estivesse bravo comigo.

— Você estava falando com um escravizado há pouco. — Não consigo ver o rosto de Poseidon, mas ouço o ruído grave em seu peito. Seu tom é calmo, quase casual. — Quem era ele?

— Hã? — Levo um instante para dar sentido às palavras. — Ah, você quer dizer o Theo.

— Ele é algo para você?

Acho que percebo uma emoção nova em sua voz. É hesitação? Ciúme? Deixo escapar uma risadinha.

— Ele não é nada — digo.

Estou bêbada, mas não tão bêbada a ponto de não ouvir a voz metálica no fundo da minha mente perguntar: *Por que você disse isso?* Theo não é nada. Ele é meu amigo. Minha boca começa a formar essas palavras, mas, quando olho para Poseidon, ele está sorrindo. Assim, com a mesma facilidade, Theo é esquecido de novo.

— Você está linda esta noite, Medusa.

— Obrigada — encaro minhas mãos —, acho que te devo um pedido de

desculpas.

— Um pedido de desculpas? — Poseidon franze a testa. — Pelo quê?

— Da última vez que nos vimos, quando nós… — Não consigo me obrigar a terminar a frase. — Você disse que achava que talvez eu não sentisse o mesmo que você.

Poseidon não responde.

— Quero que saiba que sinto — digo. — Eu… eu gosto de você, Poseidon, de um jeito que nunca gostei de ninguém. — Não sei mais o que fazer, então estendo a mão até a dele. Por um instante, temo que o gesto seja ousado demais, mas ele entrelaça os dedos nos meus no mesmo instante e desenha círculos com o polegar sobre a minha pele. Meu corpo inteiro vibra como uma corda dedilhada por seu toque.

— Fico feliz em ouvir isso — murmura ele. — Fico feliz em saber que o que senti por você não foi algo não correspondido.

— Nunca — sussurro.

Ele baixa o olhar para mim e, à luz da lua, seu contorno se delineia em prata.

— Em outra vida, eu teria me casado com você.

Consigo ver tudo na minha mente. Rei Poseidon e rainha Medusa, governantes de todo o mar. Livres para ir aonde quiséssemos, livres para *fazer* o que nos desse na telha. Livres para ficar juntos. Nada disso é real; é tudo imaginação. Mas *parece* real, tão perto que quase posso tocar.

Poseidon encaixa o polegar sob meu queixo e inclina meu rosto para cima. Ele se aproxima e, quando me beija, penso que isso é melhor do que o mais potente dos vinhos Olimpianos. Ele desliza a língua entre meus lábios, e deixo escapar um gemido. Eu o envolvo com os braços e ele me empurra com gentileza de costas para a grama antes de se colocar por cima de mim. O mundo ao meu redor gira, se desfoca. Poseidon se inclina um pouco, beijando o ponto onde meu pescoço encontra o ombro, depois ergue a barra do meu vestido, amontoando-o na minha cintura. Não uso nada por baixo; no ar noturno, arrepios pontilham minhas pernas nuas.

— Maravilhosa — murmura ele, passando a mão pela parte interna das minhas coxas.

Eu me sobressalto quando ele toca o espaço entre elas — em toda a minha vida, ninguém jamais me tocou ali —, mas ele parece não notar. Com um dos joelhos, afasta minhas pernas, depois puxa para cima a própria túnica. Nunca vi um homem de verdade exposto antes; de forma distante, noto que é diferente das ilustrações nos

meus pergaminhos. Poseidon se abaixa sobre mim de modo que nossos corpos nus fiquem pressionados um contra o outro, e meus olhos se prendem a algo por cima de um de seus ombros: dois minúsculos pontos de luz na escuridão. Estão perto de uma das oliveiras de minha mãe, redondos e de um amarelo dourado. Levo um instante para reconhecer o que são.

Olhos. Olhos de uma *coruja*.

Não é Glaucópide, a coruja de Atena — esta ave é pequena, preta e comum —, mas a visão da criatura é o bastante. O rosto de Atena e todos os meus juramentos ao templo voltam de uma vez.

— Espere — digo quando Poseidon se posiciona. — Espere, eu não posso…

— Xiiiu. — Ele inclina a cabeça até mim. — Está tudo bem.

Eu me movimento um pouco, testando se consigo me desvencilhar. Com uma das mãos, ele prende meus dois braços acima da cabeça de repente, e então sei que não consigo. Poseidon é maior do que eu, sempre soube disso, mas nunca havia realmente levado em conta *o quanto* ele é maior. Meus batimentos disparam quando ele volta a tatear, uma pausa, e então sinto uma dor súbita e aguda, no baixo-ventre, quando ele me invade. Eu grito, mas ele me silencia com um beijo seco.

— *Xiiiu*.

Ele começa a se mover para a frente e para trás, ainda segurando meus braços acima da cabeça. O peito dele fica suado à medida que acelera, e seu rosto se torna rubro com o esforço. Em certo momento, ele deixa de me olhar por completo. Seus olhos ficam vidrados, e a boca entreaberta enquanto o ritmo estranho se intensifica.

— Boa — diz entre grunhidos. — Boa menina.

Não sei exatamente quanto tempo dura; sei apenas que, em algum ponto, Poseidon solta um longo gemido e desaba sobre mim. O gramado espeta meus ombros nus enquanto ele ofega e, no fundo da minha mente, penso no fato de que meu vestido agora está arruinado. Algo úmido escorre pelas minhas coxas, e um arrepio violento de nojo percorre meu corpo, mas Poseidon ainda me mantém presa ali, incapaz de me mover.

Estou olhando fixamente para as estrelas quando ouço passos se aproximando. Fico tensa, mas Poseidon apenas ergue a cabeça e espreita a escuridão. Segundos depois, um sorriso se espalha por seus lábios, e as palavras seguintes gelam meu sangue.

— Ah, Atena, que surpresa.

— Isso é sério, Poseidon?

A exasperação na voz de Atena é audível.

— Você pode não se importar com sua esposa, mas Hera está aqui, e você sabe como ela fica quando você… — Os olhos de Atena me encontram na escuridão, e ela fica completamente imóvel. Espero raiva, mas o que vejo em seus olhos é um emaranhado mais complexo de emoções, vestígios de choque, luto e, então, traição. O lábio inferior dela treme quando fala: — *Você*.

Poseidon se afasta de mim, mas mal sinto o movimento. Ele não parece tê-la ouvido. Dá uma risadinha ao se levantar e, sem pressa, puxa a túnica para baixo. Eu me apresso a ajeitar a minha.

— Como sempre, seu timing é impecável — diz ele, bufando. — Não achei que você estivesse planejando se juntar a nós esta noite…

Há um estalo terrível quando o punho de Atena atinge o maxilar de Poseidon. Do chão, observo a cabeça dele se virar completamente para a esquerda pela força do golpe. Poseidon arregala os olhos por um instante, atônito. Ele leva uma mão ao rosto, e há um som úmido quando recoloca o osso no lugar. Claro, o impacto não é nada para ele. O deus cospe sangue dourado na grama ao meu lado e então se vira para encarar Atena. Já não está sorrindo.

— Você ousaria — diz ela entre os dentes —, *ousaria* tocar uma das minhas meninas?

Minhas meninas. Ouço essas palavras e penso, por um instante finito, que talvez ainda exista algum resquício de esperança. Sou uma sacerdotisa do templo, uma das *dela*. Atena vai entender, vai me perdoar. Eu me permito acreditar que tudo ficará bem.

Poseidon arrasta lentamente o braço pela boca, avaliando Atena com uma expressão indecifrável. Os dois se encaram pelo que parece um século, sem dizer palavra alguma.

Então Poseidon ataca. Ele agarra Atena pelo antebraço e a força até o chão, obrigando-a a se ajoelhar diante dele. Se ela tenta resistir ou lutar, não consigo dizer; não faz diferença. Os músculos no braço de Poseidon se avolumam e se retesam enquanto ele a segura, do mesmo jeito que me segurou. Há algo profundamente perturbador nisso. Sei que ambos são imortais, com séculos e séculos de existência, mas quem passasse pelo jardim não veria isso. Não, o que veriam seria um jovem segurando à força uma mulher que aparenta idade suficiente para ser sua mãe.

Poseidon não faz careta ao olhar para Atena. Não parece nem mesmo zangado. Sua expressão é fria, indiferente; de algum modo, isso é o mais assustador.

— Você se esquece do seu lugar, minha sobrinha — diz ele em voz baixa. É cortês, desprovida de emoção; poderia estar comentando algo tão banal quanto o clima. — Você é uma deusa poderosa, talvez a mais poderosa de todas. Mas não é um *deus*; tampouco é minha igual. Se algum dia pensar em levantar a mão para mim de novo — ele a puxa para colocá-la de pé, de modo que seus narizes fiquem a poucos centímetros um do outro —, farei com que deixe de ser uma deusa virgem.

Atena desvia o olhar, e vejo o brilho das lágrimas em seus olhos. Dói vê-las, quase tanto quanto a dor que senti antes no baixo-ventre. Porque ali está: outra mulher, forçada a ficar de joelhos. Atena — deusa da sabedoria, do artesanato e da guerra — é a mulher mais poderosa que já conheci. E até ela foi obrigada a ficar de joelhos.

Poseidon a encara por mais um segundo antes de soltá-la. Dá meia-volta e segue para dentro sem olhar para trás, e, em sua ausência, o canto das cigarras retorna. As estrelas tremeluzem como velas ao vento, e agora somos apenas nós duas — Atena e eu — sozinhas no jardim de minha mãe. Quando o silêncio se torna insuportável, tento encontrar palavras.

— Deusa — minha voz treme —, me perdoe.

Os olhos prateados de Atena se voltam para mim como duas lâminas quando ela se ergue. Ela me fulmina com o olhar, e observo os músculos de sua mandíbula se contraírem, a boca se torcer de nojo.

— Vadia.

Ela não me agarra pelo antebraço, como Poseidon a agarrou. Não. Atena reduz a distância entre nós, prende um punhado inteiro dos meus dreads e me arrasta de volta ao salão do meu pai enquanto eu grito.

XXVIII

NUNCA, EM TODA A MINHA VIDA, senti tanto medo.

Grito até ficar rouca, mas não adianta; Atena me puxa e arrasta escada acima, de volta para o palácio.

Num instante, tudo ao meu redor se apaga; então, sou lançada sob uma luz dourada, e então sei que retornamos ao grande salão. O ar à nossa volta está impregnado de odores suaves de suor e vinho. O burburinho do recinto cessa quando Atena me conduz em marcha até o centro. Ao chegarmos ao lugar onde eu dançava alegremente apenas uma hora antes, ela solta meus cabelos e me atira ao chão. Recolho-me como posso e ergo o olhar; todas as pessoas no salão estão me encarando.

— Pai! — Ouço a voz de Atena ecoar pelo espaço. — Quero uma audiência com você.

Meu corpo começa a tremer.

De perto, Zeus é como uma montanha. Diferente de Poseidon, ele escolheu parecer um pouco mais velho. Seus olhos, de um azul vivo e cortante, me avaliam com confusão e depois se voltam para a filha.

— O que é isso, Atena? — sua voz ressoa como um trovão se aproximando.

— Você é o nosso rei, e eu peço que julgue — diz Atena atrás de mim. — Esta garota me desonrou.

Zeus franze a testa.

— Quem é ela?

— Medusa. Filha dos anfitriões desta noite: Fórcis e Ceto.

Zeus ainda parece confuso.

— E de que forma ela a desonrou?

— Ela era minha sacerdotisa, vinculada a um voto de castidade — explica Atena. — Agora, maculou-se com o seu irmão. Encontrei ela e Poseidon fornicando, aqui mesmo, nos domínios da casa do pai dela.

Eu me encolho ao ouvir um arquejo coletivo. Achei que não tivesse mais lágrimas,

mas elas voltam a cair quando os deuses começam a cochichar. Procuro desesperadamente por um rosto conhecido em meio à multidão.

Por fim, encontro Euríale, seus olhos marejados de lágrimas, o lábio inferior tremendo. Ao lado dela está Esteno. Achei que ela estaria furiosa, mas não parece. Minha irmã mais velha está apavorada.

Isso me assusta mais do que qualquer outra coisa.

— Você tem alguma prova desse crime? — pergunta Zeus.

Eu me viro para ele. A expressão em seu rosto é indecifrável, mas não me parece benevolente. Lanço um olhar furtivo para Atena e vejo que ela está com os punhos cerrados, trêmula.

— Eu vi com meus próprios olhos, agora há pouco, no jardim — sibila. — Não tenho a menor dúvida do que foi feito.

Olho dela para meus pais. Durante toda a minha vida, eles sempre pareceram grandiosos e poderosos; naquele momento, parecem terrivelmente pequenos. Minha mãe segura o braço de meu pai, as unhas cravadas fundo na pele dele. O rosto do meu pai está tenso, o olhar vazio e distante. Meus olhos continuam a percorrer o salão, passando pelos deuses da Corte do Mar que conheço desde sempre. Por fim, pousam em Anfitrite. O calor queima minhas bochechas enquanto espero ver ódio declarado no rosto da rainha do mar. Eu me pergunto se ela se juntará a Atena ao exigir minha punição. Para minha surpresa, a rainha do mar não parece zangada; é pior do que isso. Anfitrite espera até que meu olhar encontre o dela e então apenas suspira e balança a cabeça. É um gesto estranho, de resignação. Penso em como ela me olhou na primeira vez em que a vi, da fúria que cintilava em seu olhar. Começo a me perguntar se aquela raiva não era dirigida a mim, mas ao marido dela. Será que ela sempre soube que Poseidon faria isso? Percebo que já não importa. A rainha do mar me encara por mais um segundo, depois desvia o olhar.

— Pai. — A voz clara de Atena chama minha atenção novamente. — Exijo que Poseidon seja punido por ter violado a minha sacerdotisa.

Zeus se ajeita no trono, franzindo a testa.

— Cadê Poseidon? — Agora ouço um traço de irritação em sua voz. Ele olha ao redor do salão, os olhos azuis em chamas. — Onde está meu irmão?

Há murmúrios entre os outros deuses, que também passam a procurar com o olhar. Então, uma porta do outro lado do salão se abre. Cada fio de cabelo do meu corpo se arrepia.

Poseidon entra no salão com passos lentos e despreocupados, a cabeça erguida e um sorrisinho no rosto. Não quero olhar para ele, mas descubro que não consigo desviar o olhar. Permaneço sentada no chão, imóvel, enquanto ele se aproxima. Ele nem ao menos olha para mim antes de se sentar ao lado do irmão, esticando as longas pernas e recostando-se como se estivesse totalmente alheio ao fato de que todos no salão o encaram. Apanha uma taça de vinho de uma mesa lateral e só depois de esvaziá-la é que fala.

— Irmão — diz, com suavidade calculada. — Você me chamou?

— Poseidon. — A irritação na voz de Zeus é evidente quando ele encara o irmão. — Minha filha diz que você a ofendeu.

— Ofendi? — Poseidon se endireita e olha ao redor. Após um instante, lança o olhar preguiçoso na direção de Atena, ainda ignorando deliberadamente a minha presença. — O que foi que eu fiz agora, sobrinha?

— Você seduziu e se deitou com uma das minhas sacerdotisas! — Atena aponta o dedo para Poseidon, saliva voando de sua boca. — Você fornicou com uma garota que jurou servir a mim, uma garota que não deveria ser tocada.

Por fim, Poseidon olha para mim. Já não parece apenas alguns anos mais velho do que eu. Um arrepio de repulsa percorre meu corpo.

— Não nego que dormi com a garota — diz ele, com leveza. — Mas quanto à "sedução", foi *ela* quem me cortejou. Eu a conheci em Atenas e sabia que ela pretendia se tornar sacerdotisa. Minha intenção era apenas cumprir meu dever de zelar por ela como membro da Corte do Mar, mas ela passou a se interessar cada vez mais por relações carnais. Mesmo quando a adverti, ela foi… *persistente*. — Ele sorri. — Esta noite, fiz um passeio pelo jardim, e ela estava lá, bêbada. Ela praticamente implorou por isso.

Sinto como se tivesse mergulhado no mar gelado. Calafrios pontilham cada centímetro da minha pele exposta. Nada disso é verdade. Ele distorceu tudo o que aconteceu entre nós. Os cochichos entre os deuses aumentam, e Zeus franze a testa. Pela primeira vez, ele se dirige a mim.

— Isso é verdade, garota?

Não. A palavra fica presa na minha garganta, e um gemido terrível escapa em seu lugar. Os olhos de Atena se cravam em mim, mas desta vez eu a ignoro. Eu me levanto, cambaleante.

— Não.

Zeus se inclina para a frente.

— Não?

— Isso… isso não é verdade. — Não consigo respirar. Está quente demais. — Não foi isso que aconteceu. Eu…

— Olha a voz dela. — Um brilho malicioso se insinua nos olhos de Poseidon, que ri. — Ela está bêbada agora. Duvido que saiba ao menos onde está.

— N-Não é verdade. — As luzes do salão estão fortes demais. O suor escorre pela minha nuca. A saliva se acumula na minha garganta. Vou vomitar. — Por favor, eu não… Ele não…

— Chega. — A voz de Zeus corta meus balbucios. — Vamos descobrir a verdade — diz ele com calma. — Garota, relate o que aconteceu.

Meu estômago se revira de forma tão violenta que tenho medo de me mexer, mas me obrigo a encarar o rei dos deuses. Respiro fundo várias vezes, tentando me firmar, antes de falar.

— O rei do mar está mentindo. — Há suspiros pelo salão, mas continuo. — É verdade que nos conhecemos em Atenas, e é verdade que nos beijamos, mas esta noite… — Engulo em seco. — Ele me pediu que mostrasse o jardim para ele.

— E você mostrou? — insiste Zeus.

— Ele é o rei do mar. — Sinto minhas palavras ficarem mais emboladas, mas as forço a sair. — Achei que tivesse que fazer isso.

— Então, você foi com ele por livre e espontânea vontade — conclui Zeus.

— Sim, mas…

O rei dos deuses franze ainda mais a testa.

— Você fornicou com meu irmão esta noite?

— Eu… — *Diga alguma coisa.* — Sim, mas eu…

— Vocês tiveram alguma relação física antes?

— Nós nos beijamos na noite das Panateneias — digo depressa. — E nos encontramos algumas vezes na praia, em Atenas. Ele veio uma vez até a casa dos meus pais para devolver um colar.

— Então, não foi a primeira vez que vocês dormiram juntos.

— Nós nunca dormimos juntos. — O salão começa a girar, e faço um esforço enorme para continuar de pé. — Eu nunca tinha feito isso antes, com ninguém.

O olhar de Zeus não vacila.

— E minha última pergunta: você disse "não"?

Tento me lembrar daquele momento. Minha mente já bloqueou tanta coisa. Eu me lembro de ter dito "espere" e "não posso", mas, quando tento recordar se cheguei a dizer a palavra *não*… percebo que não consigo.

— E então? — Zeus insiste. — Disse?

— Eu não me lembro, mas …

O resto da sala ri baixinho. Meus olhos ficam cheios de água até que mal consigo enxergar qualquer coisa. Ainda assim, escuto as palavras seguintes de Zeus.

— Já ouvi o suficiente. — Há um tom definitivo em sua voz. — Atena, a transgressão cometida foi contra você, portanto, cabe a você escolher a punição para a garota.

O enjoo se dissipa. Em seu lugar, surge um medo frio. Pisco com força, e as lágrimas que eu segurava escorrem pelas bochechas enquanto encaro Atena. Seus olhos cinzentos agora estão opacos, sem expressão. Quando ela fala, a voz é baixa, audível apenas para mim.

— Você era tão promissora — sussurra. — Inteligente, corajosa, humilde. Teria sido uma sacerdotisa extraordinária. Em vez disso, escolheu ser como as demais. Uma decepção. — Em voz mais alta, ela se dirige a todo o salão: — Esta garota escolheu usar a própria beleza para a blasfêmia e a perversidade, portanto, não terá mais beleza alguma.

Ela se volta novamente para mim, como se estivesse se preparando. Eu me enrijeço, esperando que ela me golpeie, arranhe meu rosto, me desfigure. Em vez disso, ela se inclina e toca meu couro cabeludo com um dedo fino.

No mesmo instante, minha pele começa a queimar.

É como fogo, ardente, espalhando-se do ponto do toque e avançando por toda a minha cabeça. Meus joelhos cedem e eu desabo quando a dor se torna mais intensa. Minha cabeça bate no chão e estrelas explodem diante dos meus olhos, mas nem isso é suficiente para me distrair da queimação. Ela me arranca da consciência e me devolve a ela repetidas vezes, salpicando minha visão de modo que só vejo o mundo em fragmentos. Sinto algo roçar meus ombros, meus braços. Num raro momento de clareza, vejo meus dreads começarem a cair ao meu redor, como se estivessem sendo cortados. Há tanta dor, mas, sob ela, ainda sinto a angústia absoluta daquela perda. Eu rezo.

Meu cabelo. Meu cabelo. Por favor, não leve meu cabelo.

Os dreads continuam a cair. Aperto os olhos com força, mas isso não bloqueia o

novo som — um silvo. Meu cabelo se foi, mas há algo mais na minha cabeça. Sob a dor, sinto um horror novo. Atena colocou serpentes vivas em mim? Não as vejo, mas posso ouvi-las por toda parte. *Onde elas estão?*

A dor cessa tão de repente quanto começou. Eu não havia percebido que estava balançando o corpo para frente e para trás; meu corpo estanca num sobressalto quando me sento sobre os calcanhares. Minha cabeça parece estranhamente pesada, e encaro o chão enquanto um outro som se soma ao silvo: sussurros frenéticos dos deuses que me observam ao redor. Meus batimentos disparam outra vez. O que está acontecendo? Por que eles parecem tão apavorados?

— Meddy!

Alguém abre caminho pela multidão. As lágrimas ainda embaçam minha visão, mas eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Theo. Meu amigo força passagem entre os deuses, lutando enquanto um dos outros escravizados tenta detê-lo. Theo se desvencilha e corre em minha direção, com uma expressão determinada no rosto.

— Meddy! — Há desespero em sua voz.

— Theo. — Minha voz falha. — Me ajuda, por favor.

— Está tudo bem, Meddy. — As palavras saem engasgadas, mas Theo continua vindo em minha direção. — Vai ficar tudo bem. Nós…

Acontece rápido.

Meus olhos se prendem aos de Theo, e os passos dele vacilam. Uma expressão que não entendo cruza seu rosto quando ele para de se mover. Ele ainda está me encarando, mas há confusão ali, dor.

Eu me levanto.

— Theo?

A garganta dele se move, como se a resposta estivesse presa ali. Ele abre a boca, mas nenhuma palavra sai. Em vez disso, outra coisa chama minha atenção. É pequena, tão pequena no início que chego a pensar que estou imaginando. Um minúsculo ponto da pele de Theo, perto do maxilar, parece perder a cor. Vejo a pele marrom ficar branca, depois acinzentada, até endurecer. Fico entorpecida.

— Theo!

Minha cabeça ainda pulsa, continuo enjoada, mas corro até ele. Ninguém me impede quando diminuo a distância entre nós. Theo já não está mais olhando para mim. Seus olhos estão arregalados, fixos em algo distante. Seguro seus ombros, vagamente consciente de que eles também estão se transformando em pedra. Vejo o

cinza se espalhar por suas bochechas, suas orelhas, seus cabelos encaracolados.

— Não — eu gemo. Sinto que estou caindo, afundando até ficar aos pés de pedra de Theo, agarrada às suas pernas frias e duras. — Não, por favor!

O silvo retorna com força redobrada, bem junto ao meu ouvido, e eu estremeço.

Não há mais como controlar: esvazio o estômago ali mesmo, aos pés do meu amigo. Alguém solta um arquejo chocado; outros emitem sons de nojo. Eu não me importo. Devagar, eu me levanto. Pelo canto do olho, vejo as pessoas virarem o rosto. Leva um instante para minha mente processar o que está acontecendo.

Estão desviando o olhar… porque estão com medo.

Mantenho a cabeça baixa até captar um brilho prateado e arriscar erguer o olhar. É o espelho grande que meu pai mandara um dos escravizados instalar no salão algum tempo atrás. Olho diretamente para ele.

Nesse momento, compreendo que Atena não colocou serpentes sobre mim.

O que me encara no reflexo é uma criatura de pele marrom, lábios fartos e olhos de um amarelo purulento. As pupilas não são redondas e pretas, mas fendidas, como as de um gato selvagem. Pior ainda é o lugar onde deveria haver cabelo. A cabeça da criatura está coberta de longas serpentes pretas. Não, não coberta: seu cabelo é *feito* de serpentes. Elas se contorcem umas contra as outras, emaranhando-se como dreads grotescos. A criatura no espelho pisca para mim, e vejo uma única lágrima escorrer pela bochecha dela.

Minha bochecha.

Não. Eu sei a verdade, mas ainda assim imploro. *Por favor, não.*

Ele virou pedra. Theo virou pedra… porque eu olhei para ele.

Já não há sussurros no salão. Em algum ponto distante, ouço gritos. Os deuses recuam de verdade agora. Capto fragmentos de suas palavras.

Monstro.

Abominação.

As palavras de Atena voltam à minha mente.

Esta garota escolheu usar a própria beleza para a blasfêmia e a perversidade, portanto, não terá mais beleza alguma.

Monstro. Essa palavra me atinge repetidas vezes. Ela me transformou em um monstro.

Ainda estou de pé, mas meus joelhos ameaçam ceder outra vez. Não aqui: não vou cair aqui de novo. Não posso. Sinto o perigo no ar, e algum instinto primordial me dá

uma única ordem.

Corra.

Lanço um último olhar para Theo, à estátua do meu amigo. Seu rosto ainda é a imagem do medo. Foi dessa forma que ele olhou para mim pela última vez.

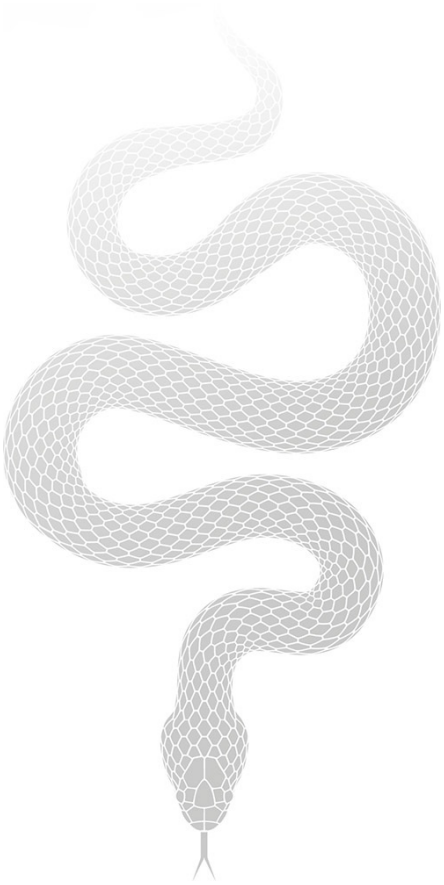
Dou meia-volta e disparo em direção à porta mais próxima. Ninguém me impede.

Corra.

Atravesso as portas do salão em disparada e fujo para a escuridão, sem olhar para trás.

PARTE IV

MONSTRO



XXIX

EU NÃO SEI o que me leva a correr de volta ao jardim.

Talvez seja porque sempre foi o meu lugar favorito na ilha, o lugar onde me senti mais segura. Talvez seja porque o ar dentro do grande salão estava sufocante, e aqui fora sinto que posso respirar de novo. Corro até as solas dos meus pés doerem, até minha visão ficar manchada e eu ficar ofegante. Então me esgueiro para debaixo das folhas grossas e baixas de um salgueiro. Eu me encolho na base da árvore e tento ficar imóvel. Com o tempo, o sol nasce, mas não consigo me obrigar a me mover. A adrenalina que percorreu minhas veias, mantendo-me em alerta máximo, começa a se dissipar e, em seu lugar, instala-se um cansaço como nunca conheci. Inclino a cabeça para trás e a encosto no tronco da árvore.

De repente, ouço um sibilar agudo e uma dor ardente começa a tomar conta do meu pescoço. Levo dois dedos até lá e vejo sangue vermelho-vivo. Aos poucos, entendo o que aconteceu. Quando me inclinei para trás, toquei sem querer em uma das cobras, e ela me mordeu. A mordida é superficial, mas me deixa apavorada. Não bebi água, não comi, não dormi. Não sei por quanto tempo mais consigo me manter em pé. Uma fisgada de fome retorce meu estômago. Uma parte amarga de mim se pergunta se era isso que Atena pretendia, se o que ela fez foi me condenar a uma morte lenta e dolorosa. Penso no que Theo faria, e então outro tipo de dor atravessa meu corpo.

Theo se foi.

Choro por uma hora, depois por outra, mas o luto acaba me consumindo, de modo que não me resta nada a oferecer. Eu me lembro do último olhar que vi no rosto de Theo, da maneira como ele chamou meu nome e prometeu que tudo ficaria bem. Ele tinha tanta certeza de que poderia consertar tudo, acreditava ser forte o bastante para desfazer a obra dos deuses.

Ele estava tão errado.

Um som me arranca dos pensamentos e, apesar do cansaço, meus sentidos entram

em alerta no mesmo instante ao ouvir passos se aproximando. Vejo figuras sombrias através das folhas do salgueiro e me preparo, fechando os olhos. Há uma pausa.

— Meddy?

O alívio que sinto ao ouvir a voz da minha irmã é substituído pelo terror no mesmo instante.

— Não chegue mais perto! — Estremeço ao som da minha própria voz, rouca e seca de sede e de tanto chorar.

— Meddy. — É a voz de Euríale. — Está tudo bem. Somos nós.

Ainda estou de olhos fechados, mas ouço passos de uma segunda pessoa se aproximando, depois o som dos galhos do salgueiro sendo afastados. Aperto os olhos com mais força.

— Não quero machucar vocês.

— Meddy. — Esteno parece mais ela mesma agora, soando irritada, imperiosa. — Abra os olhos.

Talvez seja a franqueza das palavras, ou a absoluta ausência de medo na voz da minha irmã. Devagar, entreabro um olho, depois o outro, tomando cuidado para manter o olhar fixo no chão. Minhas duas irmãs estão diante de mim, os pés descalços e sem adornos.

— Está tudo bem — diz Euríale. — Você pode olhar para nós.

Ergo o olhar devagar, dos pés ao vestido dela, e deixo escapar um suspiro.

Esteno e Euríale mudaram.

Ainda são jovens e belas, mas os dreads desapareceram; no lugar, cobras pretas se contorcem e se retorcem no ar. Nossos olhares se encontram, e percebo que os olhos das minhas irmãs também mudaram. São amarelos, com pupilas fendidas.

— Esteno. Euríale… — Só consigo encarar. — O que aconteceu?

Elas se sentam no chão, de modo que ficamos todas em um pequeno círculo sob a copa do salgueiro. Apesar de tudo, ainda invejo a maneira graciosa como se movem. Há um momento de silêncio, então Euríale fala.

— Depois que você saiu do banquete, ficou, como você pode imaginar, uma confusão — diz ela. — Ninguém sabia ao certo o que fazer. Todo mundo meio que ficou parado, se olhando. Até que Esteno resolveu usar uma linguagem um tanto ofensiva com Atena…

— Eu a chamei de vadia desprezível — informa Esteno, sem rodeios.

Fico gelada.

— Não acredito que fez isso.

— Claro que Atena não reagiu bem a isso — continua Euríale. — Então ela lançou sobre Esteno a mesma maldição que lançou sobre você. Foi tudo tão angustiante que gritei e aí… ela me amaldiçoou também. — Ela me dá um sorriso fraco. — Foi melhor assim, no fim das contas. Você sabe que eu nunca gostei de ficar de fora.

Sinto o peso das palavras de Euríale. Atena não amaldiçoou só a mim; amaldiçoou minhas irmãs também. Achei que já não me restavam lágrimas, mas outras começam a cair quando olho para elas.

— O que aconteceu com a mamãe? — pergunto. — E com o pai?

— Eles fugiram — diz Esteno, sem qualquer traço de emoção. — Não fazemos ideia de onde estão, mas aposto que estão escondidos.

É pior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar. Em uma única noite, a família que eu conhecia se foi. E é culpa minha.

— Desculpa — sussurro. — Sinto muito, *muito* mesmo.

— Chega disso. — Esteno balança a cabeça. — Euri e eu estamos bem. Só estamos felizes por termos encontrado você. Procuramos por toda parte.

— A gente queria falar com você sobre o que aconteceu — acrescenta Euríale.

Evito o olhar delas.

— Vocês estavam lá — sussurro. — Viram o que aconteceu.

Esteno leva o dedo à ponta do meu queixo e, com delicadeza, levanta minha cabeça até que eu a encare outra vez.

— Não o que aconteceu no salão — diz ela.

— Queremos saber o que aconteceu antes. — Não há mais nenhum traço de diversão na voz de Euríale.

Meu coração se contrai. Estive tão consumida pelo medo, pela exaustão, pelo luto, que não me permiti lembrar do que aconteceu no jardim. Agora tudo volta de uma vez. Vejo o rosto de Poseidon, ouço seus grunhidos e gemidos, sinto o cheiro do suor salgado do mar enquanto ele se move sobre mim. Mais lágrimas ardem em meus olhos, mas agora são de raiva.

— Quando tudo isso começou? — pergunta Esteno.

Devagar, revelo tudo às minhas irmãs. Conto do garoto que conheci em Atenas, que sabia exatamente onde me encontrar no mercado e onde estava a coruja que eu procurava. Falo da noite em que Poseidon me resgatou, depois do colar que ele

encontrou de forma tão conveniente e usou como desculpa para me ver de novo. Quanto mais eu falo, com mais clareza vejo tudo. Quanto mais eu conto, pior me sinto.

— Ele me disse que o casamento dele com a rainha tinha sido arranjado e que ela nunca o amou — digo. — Eu acreditei.

— Isso não é verdade — retruca Esteno. — Nereu não arranjou o casamento de Poseidon com Anfitrite; Poseidon o exigiu.

— Mamãe nos contou isso uma vez — acrescenta Euríale. — Poseidon achou Anfitrite bela, mas ela não sentia o mesmo. Ele a perseguiu pelo mar até que, por fim, ela foi convencida a se casar com ele. Claro que, depois que ela aprendeu a amá-lo, a atenção dele diminuiu. Ele nunca foi fiel a ela. É por isso que ela o odeia tanto.

Lembro do que Theo uma vez me disse, dos rumores que ele tinha ouvido sobre Poseidon e que eu ignorei. Balanço a cabeça, enjoada.

— Agora tudo parece tão óbvio — sussurro. — Havia sinais por toda parte, mas eu não os vi por que não quis ver. — Balanço a cabeça outra vez. — Não acredito que fui tão burra.

— *Não* — protesta Esteno. — Burra não.

— Meddy, preciso que você entenda uma coisa — acrescenta Euríale. — O que Poseidon fez não foi aleatório. Ele orquestrou cada encontro. Sabia exatamente como mexer os pauzinhos, que palavras dizer, porque ele é velho e você é jovem, e porque ele sabia que podia se aproveitar de você. Isso não é culpa sua.

É como se pedaços de um vaso quebrado estivessem se juntando. Euríale tem razão. Tudo o que Poseidon fez foi deliberado. Ele conquistou minha confiança meticulosamente, fez com que eu me sentisse como se fosse especial para ele. Ele me atraiu cada vez mais para longe da costa e para dentro de suas profundezas, até que meus dedos dos pés já não tocavam o fundo.

E então me deixou afogar.

— Precisamos saber — diz Esteno. — Ele se deitou com você ontem à noite?

Alguns segundos se passam antes que eu consiga formar uma única palavra.

— Sim.

— Você queria que isso acontecesse? — pergunta Euríale. — Se quis, não vamos julgar. Só precisamos saber.

Outra pausa.

— Eu não sei — respondo por fim. — No começo… *achei* que quisesse. Achei

que ele se importava comigo de verdade, mas depois… — Eu me lembro dos olhos da coruja piscando para mim na escuridão. — Eu disse: "Espera." Falei que não podia, por causa dos meus votos de sacerdotisa, mas ele… — Não consigo me obrigar a reviver essa parte e mergulho no silêncio.

Espero que Esteno diga alguma coisa, mas ela não diz. Alguns segundos se passam até que ela toma minhas mãos entre as dela.

— Não importa que você talvez quisesse no começo — diz ela. — Você pode mudar de ideia a qualquer momento.

— Mas… — Encaro nossas mãos entrelaçadas. — Eu não disse "não". Eu não…

— Você é *milhares* de anos mais jovem do que ele. — A voz de Euríale se torna tão afiada de repente que eu me encolho. — E você tinha bebido vinho Olimpiano. Essas duas coisas já são motivo suficiente para tornar o que ele fez errado.

Levo um instante para perceber que a emoção que borbulha dentro de mim é alívio, validação. *Alguém acredita em mim*. Com a voz mais firme, digo:

— Tudo que ele disse era mentira. Do jeito que ele falou… ele distorceu tudo. Eu estava dizendo a verdade.

Esteno fecha a cara, enquanto a expressão de Euríale se torna uma máscara.

— Infelizmente, a verdade não importa, Meddy — afirma Esteno.

Franzo a testa, tentando esconder a dor.

— Como assim…?

— Eu avisei que homens poderosos são sempre os primeiros em quem as pessoas acreditam — responde ela. — Você deveria ter me ouvido. Nessas situações, não é a verdade que pesa. O que importa é o poder e quem o detém, porque são eles que decidem o que é verdade e o que é mentira. — Ela inclina a cabeça na minha direção. — Você é a filha mortal de dois deuses do mar insignificantes, agora desacreditados. Tenho certeza de que não preciso explicar qual lugar você ocupa na hierarquia das coisas.

As palavras não doem como doeriam se viessem de outra pessoa. Conheço minha irmã bem o bastante para reconhecer que há amor por trás da rispidez.

— Sua voz e sua verdade nunca serão ouvidas se você também não aprender a deter poder — diz Euríale.

— Mas eu não sei *como* ser poderosa — lamento, em voz baixa.

Esteno projeta o queixo e olha para mim de cima, e, naquele instante, ela parece uma rainha.

— Vou te dizer uma coisa: o poder não é concedido. É tomado.

Abro a boca para perguntar a Esteno o que isso significa quando uma das cobras no topo de sua cabeça começa a sibilar de repente. Observo, horrorizada, enquanto a boca dela se abre, revelando uma língua preta bifurcada e dentes afiados como espinhos. Ela se contorce e cospe contra a bochecha da minha irmã, e reconheço o brilho em seu olho.

— Esteno, ela vai…

A cobra se prepara para atacar minha irmã, mas Esteno é impossivelmente mais rápida. Em um único movimento, ela agarra a criatura pelo pescoço e a arranca da própria cabeça. Apenas um leve estremecer denuncia algum desconforto, mas agora ela ergue a serpente nas mãos. Suspiro baixo. Ela pende frouxa em seu aperto, morta. Esteno a observa com uma ponta de irritação antes de atirá-la ao chão. Percebo que as outras serpentes, enroscadas e se contorcendo em sua cabeça, estão mais contidas agora. Já não sibilam. Ela encontra meu olhar e assente.

— Seu corpo é seu — diz ela. — Você o controla, *todo* ele, inclusive seus olhos. Você não precisa transformar ninguém em pedra a menos que queira. Pode aprender a controlar isso. — Um toque de compaixão atravessa seu rosto. — Sinto muito pelo Theo.

A dor do luto volta no mesmo instante, fresca e dolorida.

— Nós o levamos para uma parte do jardim de que ele gostava — acrescenta Euríale. — Se você quiser vê-lo.

Meus pensamentos são interrompidos quando um sibilar já familiar soa logo atrás da minha orelha. Estremeço ao sentir as cobras no topo da minha cabeça começarem a se mover umas sobre as outras, as escamas deslizando de forma incômoda pela nuca, como se me desafiassem a protestar. Esteno se inclina para a frente e fala em voz baixa:

— Elas não vão respeitar você a menos que você *as faça* respeitar.

Ela e Euríale se levantam, sacudindo a frente de suas túnicas.

— Quando você estiver pronta, estaremos lá dentro — anuncia Euríale.

Elas vão embora pelo mesmo caminho por onde vieram, afastando os galhos ondulantes do salgueiro e me deixando sozinha com as cobras sobre a minha cabeça e seus silvos. Depois de alguns minutos, eu me levanto, com cuidado para não perturbá-las. Os músculos das minhas pernas se contraem e doem, mas ignoro o desconforto enquanto me forço a andar para a frente, um passo depois do outro, até

que também deixo a copa do salgueiro para trás. Deixo que meus pés me levem por conta própria, sem saber para onde vou, até estar quase lá. A luz do começo da manhã salpica o gramadinho, e eu congelo.

No centro está Theo.

Sua estátua olha para a frente, e, se eu apertar os olhos, quase consigo imaginar que ele está ali, em pé, esperando por mim, como sempre. Sinto um aperto na garganta e engasgo com um soluço.

— Me desculpa. — Ele não pode me ouvir, eu sei disso, mas ainda assim sinto a necessidade de dizer as palavras em voz alta. — Me desculpa.

Subo os dedos pelo pescoço e os fecho em torno do colar de conchas. Não sei o que me leva a fazer isso, mas arranco o colar do pescoço e me ajoelho aos pés de Theo. Só me dou conta do que estou fazendo quando já quase terminei de cavar o buraquinho na terra diante da estátua dele. Coloco o colar ali dentro e cubro usando a terra com cuidado até que desapareça. Mais lágrimas ardem nos meus olhos. Enquanto choro por Theo, percebo que também choro pela vida que eu tinha antes da noite passada. Penso em todos os sonhos que reuni, cultivei e depois perdi. Sinto como se uma parte de mim tivesse morrido com Theo, desaparecida para sempre, como ele. Enxugo uma lágrima solitária da bochecha e encaro o sol da manhã. Uma cobra sibila ao meu ouvido pela segunda vez, e não hesito. Eu a seguro pela cabeça e puxo. Uma dor lancinante atravessa meu crânio quando a arranco da minha cabeça. Imagino que deva ser como arrancar um dread do próprio couro cabeludo, mas ignoro a dor enquanto encaro a cobra na minha mão. Ela está morta, mas falo para que as outras me ouçam:

— Ou vocês estão comigo, ou estão contra mim.

O silvo das cobras cessa no mesmo instante, e elas se acomodam sobre meus ombros. Não são meus antigos dreads, nunca serão, mas ainda são longas e, decido naquele instante, belas, de um jeito diferente. Eu me levanto e deixo o jardim sem olhar para trás.

As cobras param de me morder.

XXX

NAS SEMANAS SEGUINTES, começo a me acostumar com as peculiaridades da maldição de Atena.

Minhas irmãs e eu compartilhamos a mesma aflição: cobras no lugar do cabelo e olhos que, quando assim desejamos, ficam de um amarelo intenso e transformam em pedra qualquer um que nos encare. Aprendo a controlar esse poder com a mesma facilidade com que controlo qualquer músculo do meu corpo. Tento não pensar em Theo. Outras coisas também mudaram. Minhas irmãs e eu estamos mais fortes, mais rápidas do que jamais fomos. Cada um dos meus sentidos está aguçado. Ouço o bater das asas das gaivotas bem alto no céu; vejo as barbatanas dorsais dos golfinhos a muitas milhas da costa. Continuo sendo mortal, mas é diferente. Não sou mais impotente. Em alguns dias, caminho pela linha da costa, encarando a água e desafiando Poseidon a vir, desafiando-o a pôr os pés nesta ilha outra vez.

Estou mais forte agora, prometo a ele. *Nunca mais serei a presa.*

* * *

Estou costurando na varanda quando vejo o navio ao longe.

No começo, é pequeno, um ponto marrom entre as vastas ondas do oceano. Logo distingo as velas, ouço gritos.

Homens estão vindo para a nossa ilha.

Suspeitamos que isso seja consequência da ausência dos meus pais e da dissolução das antigas proteções que antes impediam homens mortais de encontrar esta ilha. Agora não há mais dúvida. Homens estão vindo, e rápido.

— O que devemos fazer?

É Euríale quem pergunta primeiro. Ela está ao meu lado na varanda, tão preocupada quanto eu. Só Esteno, reclinada perto de nós, mantém a compostura ao se levantar e lançar apenas um olhar fugaz para o navio que se aproxima.

— Só temos uma opção — diz ela com calma. — Vamos recebê-los. — Juntem o que tivermos de comida em cestos e levem até a praia. Ajam com modéstia e não digam nada. Cubram a cabeça e deixem que eu conduza.

Euríale e eu trocamos um olhar, mas obedecemos. Quando o navio lança âncora ao largo da costa, nós três já estamos na areia, à espera, os cestos de comida ao nosso redor. Meu coração dispara quando lançam cordas das laterais inchadas do navio; homens começam a brotar da embarcação como formigas e a descer para os botes que aguardam. Aliso, constrangida, o lenço que cobre minha cabeça e, em resposta, as cobras se movem umas sobre as outras. A sensação de deslizarem sobre o couro cabeludo ainda é nova — não chega a ser ruim, mas tampouco é agradável. Meu estômago se revira à medida que os homens e seus barcos se aproximam; o fedor de cerveja e de corpos sujos empesteia o ar.

Por fim, os botes alcançam a praia, e um homem, que presumo ser o líder, salta para fora. Ele tem cabelo escuro e oleoso, e a pele bronzeada denuncia uma vida no mar. Pelas marcas do tempo no rosto, eu diria que está no fim dos quarenta ou nos cinquenta anos. Seu andar é confiante, e ele não parece surpreso nem intimidado pela nossa presença. Aproxima-se de Esteno, reconhecendo-a como nossa líder, e se dirige a ela sem rodeios.

— Sou Linus de Argos — diz, em voz imperiosa. — Exijo saber o nome desta ilha e o nome do homem que a governa.

Euríale e eu baixamos levemente a cabeça, enquanto Esteno projeta o queixo, de modo que seus olhos fiquem no mesmo nível dos de Linus.

— Esta ilha não tem um nome próprio — diz ela. Mesmo falando baixo, sua voz consegue ecoar pela praia, onde o restante dos marinheiros aguarda. — Nem conhece senhor algum.

Linus franze a testa.

— Há um palácio, lá nos rochedos — aponta. — Meus homens o viram da água.

Esteno assente.

— Foi construído por nosso pai e nossa mãe há muitos anos, mas ambos já pereceram. Restamos apenas minhas irmãs e eu.

Linus agora parece verdadeiramente perplexo.

— Quer dizer que vocês três vivem sozinhas nesta ilha? Como mulheres livres, governando a si mesmas?

O sorriso de Esteno é discreto.

— Sim.

Quando um homem vislumbra, pela primeira vez, a oportunidade de explorar, seus olhos brilham de uma forma específica. O sorriso de Linus é insinuante e pouco sutil, enquanto avalia minhas irmãs e a mim. Meu estômago se revira.

— Entendo — diz ele, calorosamente.

Então, como se uma decisão tivesse sido tomada, Linus bate palmas e se vira para os homens.

— Vamos acampar aqui esta noite — anuncia. — Voltem ao navio e tragam nossos suprimentos. — Ele se volta para Esteno. — Se estiver de acordo?

A expressão de Esteno é de perfeita calma.

— Claro.

— Excelente.

Enquanto ele continua a dar ordens aos homens, Esteno se vira para nós. Pela primeira vez, desejaria conseguir ler seu rosto impassível. Como se ouvisse meus pensamentos, ela dá uma piscadinha, e seus olhos parecem brilhar de amarelo por um instante. Um lembrete.

— Confie em mim — diz em voz baixa, para que apenas Euríale e eu ouçamos. — Tenho um plano. Vai ficar tudo bem.

* * *

Logo descubro que não gosto de ter homens na nossa ilha.

Eles são barulhentos, fedidos e sujam a areia com seus dejetos. Quanto mais anoitece, quanto mais bebem, mais desleixados ficam. Enquanto isso, Euríale e eu continuamos a servi-los, evitando com cuidado suas mãos estendidas e seus olhares lascivos. Tento me apegar ao que Esteno disse: ela tem um plano. Mas quanto mais a noite avança, mais inquieta eu fico. Por fim, Linus se levanta, e os homens se calam.

— Para minhas três pequenas rainhas da ilha! — exclama Linus, as palavras arrastadas, os olhos brilhando. — Ofereço a vocês presentes!

Ele faz um gesto, e três marinheiros se aproximam, carregando baús. Então param diante de nós e cada um cai de joelhos antes de abri-los. Minha respiração falha. Os baús estão cheios até a boca de tesouros: barras de ouro puro, diamantes e safiras brutas, do tamanho do meu punho cerrado. À luz da fogueira, eles cintilam de forma tão sedutora que fico tentada a começar a separá-los ali mesmo. Esteno lança para

mim e para Euríale olhares de advertência sutis, mas claros, antes de se levantar.

— Ficamos lisonjeadas — diz ela, com leveza. — Mas para que são esses presentes?

Linus sorri.

— São símbolos de celebração — diz ele. — Presentes para comemorar esta ocasião tão memorável.

As sobrancelhas de Esteno se erguem.

— E que ocasião é essa?

— O nascimento de uma nova nação. — Linus abre os braços, como se proclamasse às estrelas. — O nascimento do meu novo reino.

— *Seu* reino?

Não deixo de notar a rispidez acentuada na voz de Esteno. Pelo jeito, vários marinheiros a percebem também, pois a observam com cautela.

— Ele se chamará Linúsia — diz Linus, claramente alheio à tensão. — Será um reino que rivalizará com os maiores do mundo. Nem Atenas poderá se comparar a ele.

Agora observo cada movimento da minha irmã. Não há traço de raiva no rosto de Esteno, mas uma frieza emana do seu próprio ser. Vários dos marinheiros mais próximos a ela estremecem. Ela passa a mão com descuido pelo lenço que cobre sua cabeça, e algo vibra nos meus ossos.

— Receio que, independente dos seus presentes, você não possa fazer isso.

Linus ri.

— Não posso?

Ela gesticula.

— Esta é a *nossa* casa. Ela *nos* pertence.

— Não posso. — Linus balança a cabeça. Quando volta a olhar para Esteno, sua expressão é a de um pai lidando com uma criança particularmente difícil. — E quem é você para me dizer o que eu não posso fazer? — Ele dá uma gargalhada. — Você é só uma mulher. — A fachada paternal cai num instante, e eu me reteso quando ele agarra Esteno pelo braço, puxando-a contra si. — Você *acha mesmo* que tem poder para me impedir?

— O que eu *acho* — responde Esteno, em voz baixa — é que tenho muito mais poder do que você jamais poderia imaginar. — Ela arranca o lenço da cabeça, e então Euríale e eu fazemos o mesmo. Os homens nos encaram em terror absoluto, um grito

coletivo subindo de suas gargantas.

— O quê? Como…?

As palavras mal saem da boca de Linus quando minha irmã se volta para ele, os olhos dela agora vivos e amarelos. Ele se transforma em pedra com a boca ainda aberta, os olhos presos entre o medo e a confusão. É a gota d'água para os marinheiros; eles começam a fugir no mesmo instante, alguns correndo em direção ao navio, enquanto outros perdem todo o senso e se espalham pela praia. Esteno e Euríale avançam atrás deles, mas eu permaneço paralisada onde estou. Olho para a estátua de Linus. Ele estava vivo segundos atrás, e agora não está mais.

— Meddy! — Esteno chama meu nome por sobre o ombro. — Vamos!

Esses homens, os homens de Linus, não nos ameaçaram de verdade. Só o capitão se pronunciou, e agora ele está morto. Pelos pergaminhos que li e pelo breve tempo que passei entre mortais, desconfio que esses homens são apenas tripulantes humildes, sem dúvida pagos com um salário miserável para cuidar do navio e cumprir as ordens do capitão. Entendo que estão apenas seguindo ordens, que é possível que nem todos sejam cruéis.

É até possível que alguns sejam bons homens.

Fico ali na praia, dividida entre caminhos opostos. No fundo, sei que independente de qual escolha eu faça, não poderei voltar atrás. Observo quando Esteno se vira para fitar um dos homens desafortunados. Ele ergue as mãos um segundo tarde demais e, de repente, onde havia um homem, agora existe apenas uma estátua. Já vi a morte antes, mas isso é diferente.

Nunca havia pensado em matar alguém deliberadamente.

— Meddy!

Ergo o olhar e vejo que agora é Euríale quem me chama. Ao redor dela, os homens ainda correm, ainda gritam, mas o olhar dela está firme em mim. Seus olhos também são amarelos, vívidos contra as marés escuras e ondulantes da costa e o céu preto como tinta. Neles vejo uma nova ferocidade, uma nova dureza. Ouço as palavras que ela uma vez me disse sob o abrigo de um salgueiro.

Sua voz e sua verdade nunca serão ouvidas se você também não aprender a deter poder.

Eu fui a filha mais nova de deuses do mar. Fui acólita, depois sacerdotisa de uma Olimpiana. Um dia fui o peão e o joguete de outro. Nunca antes detive poder de verdade. Agora, pela primeira vez, eu detenho. Um dia jurei que deixaria esta ilha; agora faço um novo juramento.

Nunca mais serei indefesa. Nunca mais serei impotente.

Assumo esse novo juramento, revestindo-me dele como uma armadura, enquanto caminho em direção às minhas irmãs e às minhas vítimas, meus olhos amarelos em chamas.

* * *

Nos épicos que eu devorava quando criança, havia histórias valorosas de homens que morriam em campos de batalha. Nessas narrativas, a morte era apresentada como algo poético e belo. Agora entendo que a morte não é nada bela — é crua e feia. Corro entre os homens que batem em retirada enquanto eles se dirigem à água. Não é preciso muito para transformá-los em pedra, apenas um breve olhar. Alguns morrem ainda olhando por sobre o ombro; outros morrem com as mãos erguidas para cobrir os olhos um segundo tarde demais. Quando tudo acaba, a praia fica estranhamente silenciosa, exceto pelo crepitar da fogueira agora abandonada dos marinheiros. Eu me viro para Esteno e Euríale. É estranho vê-las assim, de pé, serenas, em meio a um jardim de estátuas.

— Estão todos mortos? — a voz de Euríale é suave.

— Não — diz Esteno.

Ela marcha até um corpo deitado de bruços no chão e o vira com o pé, revelando um dos marinheiros… muito vivo. Ele se encolhe em posição fetal enquanto minha irmã se coloca sobre ele, com uma expressão de tédio estampada no rosto. Esteno se agacha ao lado dele, de frente para nós, os olhos novamente normais e castanhos. É impressionante como ela volta a ficar dócil e serena com tanta facilidade. O tremor do homem multiplica quando ela segura o rosto dele com a mão. Seus olhos estão cerrados com força. As cobras na cabeça da minha irmã estão quietas, suas muitas cabeças apontadas diretamente para ele.

— *Xiiiu*. — Ela deve ter metade da idade desse homem, mas fala com ele como se fosse uma criança assustada. — Não precisa de tudo isso. Não vou matar você. Tenho um trabalho para você. — Ela faz um gesto na direção do navio ao largo. — Você não consegue conduzir uma embarcação daquele tamanho sozinho, imagino?

O homem balança a cabeça.

— Mas *consegue* usar um dos botes, não é?

O homem articula um *sim* com a boca, mas nenhum som sai. Esteno assente,

satisfeita.

— Ótimo. Então aqui estão suas instruções. *Vá*. Conte aos homens, por toda parte, o que você viu aqui. Diga a eles que esta ilha pertence a mim e às minhas irmãs e que não fazemos prisioneiros. Diga que não venham para cá, se quiserem viver.

O homem assente com fervor e então corre em direção a um dos botes ancorados. Nós três o observamos até que ele se torne apenas um ponto no horizonte e, depois, desapareça por completo.

— O que fazemos agora? — pergunto em voz baixa.

Esteno se vira para mim e sorri.

— Esperamos — murmura. — E rezamos para que eles nos deem ouvidos.

XXXI

ELES NÃO DERAM ouvidos.

Na verdade, nos meses seguintes, muitos outros homens vêm à nossa ilha. Ao que parece, o único mensageiro que Esteno permitiu que partisse da primeira vez compartilhou mais do que apenas um aviso. Os homens são atraídos para nossa terra como formigas para um pote de mel, movidos por promessas de glória ou riqueza. À medida que mais deles morrem, a raiva e a vingança se somam à lista de motivações.

Isso eu consigo compreender.

Esteno e Euríale começam a tomar gosto pela ideia de matar. Da primeira vez, com Linus e sua tripulação, matar homens havia parecido passos de uma dança que nós três não conhecíamos de verdade. Naquela ocasião, vi Euríale transformar um homem em pedra e depois se encolher. Esteno havia percorrido a praia com os olhos amarelos, petrificando homens indiscriminadamente, sem sutileza. Isso mudou com o passar do tempo. À medida que mais homens chegavam às nossas praias, à medida que a costa se entupia das estátuas das nossas vítimas, minhas irmãs aprenderam a transformar aquilo em um jogo. Conduziam os homens como gado, às vezes deixando-os acreditar que tinham chance de escapar antes de transformá-los em pedra no último instante. Arrastavam estátuas até o lugar onde as ondas se chocavam contra as rochas e riam ao vê-las serem esmigalhadas em pedaços minúsculos.

Eu não me junto à celebração e aos jogos delas. Também aprendo a matar com mais finesse, mas, para mim, há algo de sagrado no ato. Digo a mim mesma que o que estou fazendo é necessário, justo, até mesmo correto. A grande maioria dos homens que vêm à nossa ilha são homens maus, eu sei disso, mas de vez em quando encontro um ou dois que parecem perdidos. Imagino que não quiseram vir até a ilha, que talvez não tivessem a intenção de causar mal algum. Às vezes, penso em perguntar. Minhas irmãs os transformam em pedra antes que eu consiga.

Estou sentada sozinha na praia, observando a maré avançar, quando um barco surge no horizonte. Muitas vezes, as embarcações em que os homens chegam são

grandes e imponentes, mas esta é modesta, pequena, mais parecida com uma jangada. À medida que se aproxima, vejo que é ocupada por uma única pessoa, um garoto. Sua pele é marrom-escura, os cabelos cacheados são pretos como as penas de um corvo. Ele é alto, o corpo coberto por músculos magros, mas ainda há um traço de juventude nas bochechas e em seus olhos escuros e cautelosos. Não digo nada enquanto a maré puxa a jangada até a praia. A princípio, ele não me vê entre as estátuas, mas quando percebe que estou ali, enrijece. As mãos voam até o punhal grosseiro preso à sua cintura.

— Você vem de longe? — pergunto com suavidade, levantando-me da areia.

As serpentes sob o pano da minha cabeça se agitam, mas faço um gesto para que se acalmem. O garoto me observa, apreensivo.

— Vim para matar as Górgonas. — As palavras parecem ensaiadas, mas sua voz treme ao pronunciá-las. — Onde posso encontrá-las?

Górgonas. Um nome que eu e minhas não escolhemos para nós. Soa estranho, como ser forçada a vestir roupas que não servem direito. Inclino a cabeça.

— Você parece jovem demais para ser um assassino. — Estendo a mão. — Quer ficar um pouco comigo?

— Vim para matar as Górgonas — o garoto repete. Ele não olha para mim. — Onde posso encontrá-las?

Eu me pego pensando na mãe daquele garoto, se ela já sabia, quando se despediu dele, que nunca mais o veria. Suspiro e tiro o pano da cabeça. As serpentes ganham vida, sibilando e cuspindo com alegria. Os olhos do jovem se arregalam, e ele dá um passo instintivo para trás.

— Tem certeza de que é isso que você quer? — pergunto, sem muito empenho.

Em resposta, ele saca o punhal.

— Muito bem, então.

A maré lambe nossos tornozelos enquanto circulamos um ao outro na areia. Dá para perceber pelo jogo de pés que ele teve algum treinamento básico, mas ainda se move como um novato, como alguém que nunca viu uma batalha de verdade. Giramos por mais alguns segundos até que ele perde a paciência e avança, mas, com minha velocidade ampliada, desvio facilmente do golpe — e do seguinte também. Reduzo a distância entre nós, tentando deixá-lo nervoso, mas isso parece ter o efeito oposto no jovem. Algo se acende dentro dele enquanto cerra os dentes de um branco perolado. Com um grito, ele avança de novo, e dessa vez sou pega de surpresa. Uma

dor ardente atravessa minha pele e, quando olho para baixo, fico surpresa ao ver uma linha fina de sangue vermelho escorrendo pelo meu bíceps. Por um instante, fico hipnotizada. O garoto recua, tão atônito quanto eu.

Há disciplina na forma como mato. Tenho regras. Reservo minha verdadeira brutalidade para homens mais velhos, mais lascivos. Os mais jovens, costumo transformar em pedra rapidamente, como um gesto de misericórdia. Decido que esse garoto merece ao menos essa gentileza. Começo a evocar o poder por trás dos meus olhos quando ele muda a posição de um pé para o outro, leva a mão à frente da túnica e puxa algo de lá.

Eu paro.

O pingente que ele usa tem um formato inconfundível; eu reconheceria aquela coruja esculpida em qualquer lugar. Faz meses desde a última vez que vi um símbolo de Atena, meses desde a última vez que fui uma de suas seguidoras. Os olhos do garoto não se afastam dos meus enquanto ele murmura uma prece, leva o pingente de coruja aos lábios e o beija com uma reverência que embrulha meu estômago.

Algo está se acumulando atrás dos meus olhos, mas não é poder. Quando as lágrimas caem e escorrem pelo meu rosto, o que sinto não é raiva, mas tristeza. Eu não imaginava que, depois de todo esse tempo, ainda houvesse espaço no meu coração para algo além da raiva. Agora sei que a tristeza é o verdadeiro monstro, à espreita, esperando atacar suas vítimas quando a guarda baixa.

Não quero matar esse garoto, não de verdade. Eu sei disso. Dou vários passos para trás, as mãos erguidas.

— Volte para casa — sussurro.

Ele me encara, pasmo.

— *Volte para casa.* — Tento impedir que o desespero transpareça na minha voz.

— Vá embora. Agora.

O garoto já começa a recuar. Ele olha de relance para o barquinho, ainda flutuando, e eu sei que ele está calculando a rapidez com que poderia chegar até lá.

— Não vou te machucar — digo. — Mas você precisa ir depressa.

O garoto faz que sim com a cabeça, mas então olha por cima do meu ombro. Um terror repentino volta a tomar seus olhos, e eu sei, sem olhar, o que há ali. Ele abre a boca em um grito mudo, e meu coração afunda.

— Não!

É tarde demais: o garoto já está se transformando em pedra. Eu me viro de repente

e encontro Esteno parada, perfeitamente imóvel. Nós nos encaramos.

— Você ia deixar ele ir — diz ela. Não é uma pergunta.

— Ele era jovem — protesto. — Ele não teria machucado…

— Ele veio aqui para *matar a gente*. — A voz de Esteno ganha um tom cortante. — Ele veio aqui para matar *você*.

Baixo o olhar. Não faço ideia se os homens que vêm a esta ilha sabem que eu sou mortal enquanto minhas irmãs não são. Volto a olhar para a estátua do garoto.

— Lembre-se: todos os homens são cruéis, Meddy. — Esteno segura meu rosto entre as mãos. — Só que alguns sabem esconder melhor.

— Mas e se não forem, Esteno? — Ergo o olhar para encontrar o dela.

— Esse é um risco que você não pode correr. Nunca.

Não sei o que dizer em resposta. Uma parte de mim entende que o desprezo de Esteno pelos homens não é melhor do que o desprezo dos homens pelas mulheres, ou o desprezo de Calisto por todos os estrangeiros. Outra parte de mim também entende que Esteno é resultado daquilo que o mundo fez dela, e que eu não vou mudar sua opinião.

Ela me deixa sozinha na praia depois disso, e eu me volto para a estátua do garoto. A maré já cobriu seus pés de pedra, e não consigo ignorar o aperto no peito ao pensar como ele chegou perto da liberdade.

Se ao menos você não tivesse olhado.

Estou caminhando em direção à estátua antes mesmo de me dar conta disso. Seus braços ainda estão meio erguidos, então é fácil pegá-lo com cuidado — mesmo transformado em pedra, ele não é pesado para mim — e carregá-lo para o mar. Caminho até que a água chegue ao meu peito, e só então o solto. Observo enquanto a estátua do garoto afunda nas profundezas preto-azuladas, e penso na mãe dele. Sei que ela vai me amaldiçoar, a mim e às minhas irmãs; sei que, embora meu braço ainda sangre, para ela nós sempre seremos as vilãs.

Lanço mais um olhar à estátua do garoto desaparecendo, então volto a subir a praia.

XXXII

OS TRÊS MESES APÓS o desentendimento com o garoto passam voando.

Com certeza há mais homens a caminho da nossa ilha. Alguns vêm em grandes grupos, outros chegam sozinhos. Deixo que Esteno e Euríale conduzam as matanças e me junto a elas apenas quando pedem. Em algum momento desse meio-tempo, faço dezoito anos. A ocasião passa quase despercebida por parte de Euríale e Esteno, que acham estranha a ideia de aniversários. Para mim, porém, é um lembrete de que, ao contrário de minhas irmãs, meu tempo não é infinito. Noto que começo a me perguntar com uma frequência cada vez maior se este será o novo propósito da minha vida, se proteger nossa ilha ao lado de minhas irmãs é o meu destino.

* * *

A primavera mal começou quando, certa noite, estou jantando e percebo um novo navio no horizonte. A essa altura, já sabemos exatamente o que fazer nessas situações. No mesmo instante, alerto Esteno e Euríale, e descemos até a praia. Decoramos os passos do nosso ritual como se fosse uma das danças que executávamos em vidas passadas, e agora esperamos em silêncio que o navio atraque. Os homens desembarcam com muito mais disciplina do que estamos acostumadas. Remam seus barcos até a areia e não nos avistam enquanto formam uma fila longa e cerrada. Têm a pele mais escura do que a dos aspirantes a caçadores que costumam aparecer por aqui — não são bem do meu tom, mas com toda certeza não são brancos. Cada um deles se vira quando mais duas pessoas desembarcam.

A primeira pessoa, um homem de pele marrom, deve ser o líder. Está barbeado, bem vestido com uma túnica tingida de um azul-escuro e, exceto por um leve amassado nas roupas, parece descansado e limpo. Mas a pessoa que vem atrás dele logo chama a minha atenção.

É uma jovem.

Ela é alta, de pele clara, com cabelos castanho-escuros curtos, cacheados e volumosos. Está usando roupas diferentes, e seus olhos cor de avelã fitam o chão enquanto ela caminha mas eu reconheceria minha amiga em qualquer lugar.

É Apolônia.

O líder da tripulação se vira de repente para Apolônia, como se só então se lembrasse de que ela está ali, e murmura algo por entre os dentes antes de agarrá-la pelo braço e puxá-la em nossa direção com mais pressa. Não sei o que pensar dos dois. Quando chegam até nós, o homem sorri.

— Sou Sobekemsaf — diz, num coaxar grave de sapo-boi. Seu grego é claro, ainda que tenha um leve sotaque. — Venho da cidade de Alexandria, no Egito. Talvez soe familiar.

Alexandria *me é* familiar. É uma cidade rica, em uma terra distante chamada Egito. A julgar pelos muitos anéis em seus dedos e pelos vários colares de ouro que adornam seu pescoço, esse homem desfrutou mais do que a sua cota dessa riqueza. Olho novamente para Apolônia. Se ela fosse sua esposa, certamente também estaria bem vestida, mas as roupas que usa são simples. Percebo que ela não se posiciona junto ao restante da tripulação, então ainda não consigo determinar o que ela é para ele. Tento estudar seu rosto, extrair dele qualquer coisa que possa me dizer algo sobre sua condição. Mas seu rosto é uma máscara perfeita; não revela nada.

De repente, Esteno dá um passo à frente.

— Esta ilha já tem dono. — Ela não perde mais tempo com conversa fiada. — Por que você está aqui?

Se a forma grosseira como ela fala ofende o homem, ele não demonstra.

— Você está enganada — diz, com a voz aveludada. — Não quero violência, só negócios.

Esteno não diz nada, mas conheço minha irmã bem o suficiente para reconhecer a confusão em seu rosto.

Encorajado pelo silêncio dela, o homem chamado Sobekemsaf continua.

— As três mulheres misteriosas da ilha perdida são infames — diz, com uma nova reverência na voz. — Os homens cochicham sobre os perigos daqui. Dizem que a ilha é um prêmio perigoso demais para ser conquistado. — Ele dá de ombros. — Mas eu olho para a sua ilha e vejo outra coisa. Vocês estão sozinhas.

— Temos escravizados — retruca Esteno.

Sobekemsaf arqueia uma sobrancelha.

— E comida?

— De sobra — responde Esteno de imediato. — A ilha é cheia de recursos naturais, carne e água fresca.

— E *ainda assim*. — Sobekemsaf ergue um dedo. — Seus recursos permanecem finitos.

— Temos nos sustentado sem problemas até agora. — Há uma irritação contida na voz de Esteno.

Sobekemsaf olha para ela com paciência.

— Talvez tenham conseguido até aqui, mas e daqui a uma década? Pode garantir que *sempre* haverá o suficiente?

Minhas duas irmãs olham para mim, e a culpa se revira no meu estômago. Como imortais, *elas* não precisam comer, mas eu preciso. Se os recursos finitos importassem para alguém, esse alguém seria eu.

Esteno se volta para Sobekemsaf.

— O que você propõe?

— Eu trarei tudo o que vocês precisarem — começa ele. — Comida, matérias-primas que a ilha não tem e qualquer outra coisa que desejarem. Sou um mercador, e um mercador poderoso. Serei seu aliado. Peço apenas uma coisa em troca.

Por fim, chegamos ao cerne da conversa. Esteno ergue o queixo.

— O quê?

Algo cintila nos olhos de Sobekemsaf.

— Que *matem* meus inimigos.

A praia parece esfriar. Euríale se remexe, visivelmente desconfortável, e os olhos de Esteno se estreitam.

— Seus inimigos? — pergunta ela.

— Como eu disse, sou um mercador — ressalta Sobekemsaf. — Há muitos homens no mundo que me invejam, me desprezam e fariam qualquer coisa para garantir minha ruína.

Enquanto o escuto, percebo que ele me lembra alguém: o príncipe Maheer.

— Quero que me ajudem a eliminar aqueles que me ameaçam — diz ele. — Eu os enviarei para sua ilha, com promessas de grande riqueza e fortuna, e então vocês só precisarão fazer o que já fazem tão bem. — Ele sorri, gesticulando para as muitas estátuas ao longo da nossa costa. — Eu expandirei meus negócios, e vocês terão uma grande parte deles. Nós nos ajudaríamos mutuamente.

Entendo com clareza o que ele quer de nós. Seríamos seus cães de caça, feras atiçadas contra homens de sua escolha. Há algo particularmente repugnante nessa proposta, pior até do que os homens que vêm nos roubar e nos matar. Meus olhos vão até Esteno, e a expressão em seu rosto me diz que ela pensa o mesmo.

— Agradecemos sua oferta de parceria — responde ela, com cuidado —, mas não estamos interessadas. Vá embora. — Ela faz um gesto displicente com a mão. — Você veio até nós de boa-fé. Por isso, eu o *presentearei* deixando-o viver.

O rosto de Sobekemsaf muda lentamente. Observo sua expressão mudar de gentileza para repulsa. Ele é mais baixo do que minha irmã, mas ainda assim consegue olhar para ela de cima.

— Eu deveria ter imaginado que uma mulher careceria de verdadeiro tino para os negócios — diz, puxando o ar. — Fiquem nesta ilha sozinhas, e estarão mortas em poucos anos.

Os olhos da minha irmã cintilam, e eu me enrijeço. Sobekemsaf não sabe, mas *estará* morto em menos de uma hora.

Esteno não deixa transparecer nada, apenas dá de ombros.

— Lamento que se sinta assim — diz. — Por favor, permita-me escoltá-lo de volta ao seu navio.

Apolônia não se moveu nem falou desde que ele a trouxe à praia. Agora seus olhos se arregalam. Ela olha de mim para minhas irmãs, para nossa calma aparente, e de algum modo sei que ela sabe o que está prestes a acontecer. Vejo-a se afastar lentamente de Sobekemsaf.

— Não preciso de escolta — rosna ele, dando as costas a Esteno. Ele se dirige aos homens. — Voltem para o navio. Vamos embora.

Ele dá apenas dois passos antes que Esteno esteja sobre ele, a lâmina de sua faca encostada em seu pescoço. Uma gota grossa de sangue escorre pela pele, e os olhos do homem se arregalam.

— O que é isso? — ele grasna, enquanto se debate contra minha irmã. — Você não pode fazer isso!

Esteno sorri.

— Não posso?

Os homens de Sobekemsaf, ainda em formação, olham alternadamente para Esteno e para o mestre, paralisados, claramente sem saber o que fazer.

— Me solte e eu te dou qualquer coisa, qualquer coisa que você quiser! —

Sobekemsaf sibila, enquanto Esteno deixa a lâmina afundar um pouco mais em sua pele.

Minha irmã ri.

— Você não tem nada que eu queira, mercador.

— Diga o seu preço! — implora ele, desesperado. — Todo homem tem um preço.

Esteno inclina a cabeça de modo que seus lábios quase roçam a orelha de Sobekemsaf. Ela sussurra as palavras, mas eu as ouço.

— Para o seu azar, *eu não sou um homem.*

A violência se tornou um idioma que Esteno fala com fluência. Ela corta a garganta de Sobekemsaf.

Euríale e eu nos movemos antes mesmo de o corpo dele atingir o chão. Avanço contra o homem mais próximo e o transformo em pedra com um único olhar. Os homens ao redor gritam; vários tentam fugir, mas sou mais rápida. A praia se enche do som de súplicas, e já não sinto vergonha de admitir que uma parte de mim se deleita com esse som. Esses homens não são como o garoto; eles só queriam nos usar. Isso me lembra de como Poseidon só quis me usar, e sinto aquela mesma raiva antiga e gasta crescer dentro de mim como uma tempestade. Começo a concentrar minha visão. Escolho minhas vítimas uma a uma, meu olhar varrendo a praia, silenciando os lamentos à medida que cada homem se transforma em pedra.

Então eu paro.

Vejo uma figura esguia se afastando depressa, mas com cuidado: Apolônia.

Meus pés parecem se mover por conta própria enquanto sigo as pegadas dela pela areia. Esteno e Euríale não percebem minha saída, e logo os sons coletivos dos homens condenados de Sobekemsaf dão lugar ao rebentar das ondas e ao guinchar das gaivotas no céu.

— Espere!

Ela não interrompe sua marcha pela praia, e agora não há como negar. Vejo que ela manca um pouco, como se tivesse se ferido recentemente.

— Espere!

Apolônia para de andar.

— Vou me virar — diz ela. — Só prometa que vai acabar logo.

Ela não me reconhece. Eu não deveria me surpreender, mas ainda assim me surpreendo. Faz meses que não nos vemos. E, embora tenhamos aprendido muito uma sobre a outra durante nosso tempo no templo de Atena, eu nunca revelei de

onde eu vinha de verdade. Apolônia jamais imaginaria me encontrar aqui.

— Apolônia — digo, mais baixo. — Sou eu. Meddy.

— Meddy? — Apolônia começa a se virar, pela metade, antes de desistir.

— Está tudo bem — afirmo, tentando soar o mais gentil possível. — Eu não vou transformar você em pedra. É um poder que consigo controlar. Não vou te machucar.

Apolônia hesita e, então, lentamente se vira para mim, ainda com os olhos bem apertados. Ela abre um olho, depois o outro. Observo enquanto ela me encara e, pela primeira vez, realmente me vê. Seus olhos se arregalam.

— Meddy! O que você está fazendo aqui?

— Nunca te disse de onde eu era porque não podia — respondo. — Agora você sabe.

Ela ainda está com expressão de choque. Quase consigo ver as perguntas se formando em sua mente, todas disputando para serem feitas primeiro. Percebo o instante em que ela decide por uma.

— Você saiu de Atenas — diz ela. — Então não se tornou sacerdotisa?

— Eu me tornei. — Mesmo agora, sinto culpa ao admitir isso. — Mas fui expulsa quando… irritei Atena. Ela me amaldiçoou, a mim e às minhas irmãs, para ficarmos assim. Ela nos transformou em monstros.

— Por quê? — pergunta Apolônia.

— É uma longa história. — E, na verdade, não tenho certeza se estou pronta para contá-la ainda. Mudo de assunto. — Você está machucada. — Indico o corte em seu pé. — Deixa eu te ajudar.

Apolônia hesita uma segunda vez antes de concordar com a cabeça, e não preciso de mais nenhum incentivo para me aproximar. Ela observa as serpentes na minha cabeça com cautela.

— Elas também não vão te incomodar — digo, estendendo o braço. — Vamos. Você pode descansar no palácio.

* * *

Nossa caminhada de volta até o palácio é lenta. O corte no pé de Apolônia dói cada vez mais conforme ela anda e, por fim, passo o braço dela por sobre meus ombros para que possa apoiar quase todo o peso em mim. É estranho ter alguém da minha vida anterior em Atenas aqui na ilha, mas mal tenho tempo de refletir sobre isso

enquanto conduzo Apolônia até meu quarto.

— Sente-se ali. — Aponto.

Ela se acomoda na ponta da cama enquanto reviro o quarto em busca de suprimentos. Não tenho vontade alguma de acordar um dos escravizados a essa hora. Nem sei se algum deles responderia ao meu chamado depois de todo o tumulto lá fora. Por fim, rasgo uma das minhas túnicas, pego um jarro de água e me ajoelho aos pés de Apolônia. Ela se afasta um pouco.

— Por favor — digo, com a mão suspensa. — Me deixe ajudar.

Algo nela parece ceder, e ela consente. Com cuidado, uso a tira de pano rasgada para limpar a areia e o sangue já seco. A pele dela é macia, quente, e não consigo me lembrar da última vez que toquei outra pessoa com esse tipo de delicadeza. Quando o ferimento está limpo e enfaixado, volto a me erguer.

— Você está com fome? — Olho em volta. — Não tenho muita coisa, mas posso pegar algumas frutas e pão.

— Tudo bem — responde Apolônia. A rispidez que ouvi em sua voz antes desapareceu. — Já me acostumei a comer menos agora.

Eu me viro e a observo sob à luz das velas. Ela está mais magra do que eu lembrava. Seus cabelos castanhos, antes brilhantes, estão emaranhados, e o brilho no olhar da minha amiga sumiu. Depressa, junto as frutas e o pão que restam e levo o prato até ela. Também sirvo um pouco de água. Ela tenta comer com a graça que eu sei que um dia teve, mas a fome fala mais alto, e em menos de um minuto devora tudo.

— Posso buscar mais — ofereço.

— Não precisa — atesta Apolônia —, eu só preciso descansar.

— Você pode dormir aqui.

As palavras escapam da minha boca. Apolônia ergue o olhar para mim.

— O que aconteceu com você? — Fazemos a pergunta ao mesmo tempo, mas sou eu quem continua primeiro. — O que aconteceu com você, Apolônia? Depois que foi banida da Acrópole?

Ela dá outro gole longo antes de responder.

— Depois que saí do templo, fui para a casa do meu pai. Os escravizados me levaram até ele, mas quando soube do que eu tinha feito, quando soube que eu havia sido expulsa… — Ela empalidece. — Foi pior do que qualquer coisa que eu poderia imaginar. Ele disse que eu havia envergonhado nossa família, que a partir daquele dia

não tinha mais filha. Ele me expulsou e disse que, se eu voltasse, mandaria me açoitar.

A raiva cintila no meu peito.

— E seus irmãos mais velhos? Nenhum deles tentou ajudar?

— Tentaram. — Apolônia encara as próprias mãos. — Mas meu pai disse que, se algum deles me ajudasse, também seria expulso. Lico me dava comida escondido mesmo assim, e vivi disso por um tempo. Mas, no fim, fui obrigada a mendigar nas ruas.

— Como você acabou a serviço do egípcio? — Mesmo agora, pensar nele me faz cerrar os dentes.

— Ele veio até mim, ofereceu trabalho — explica ela. — No início, achei que ele queria me contratar como escriba, já que eu era de família nobre e instruída. — Ela desvia o olhar de mim. — Percebi tarde demais que ele me queria para outro tipo de trabalho.

Lembro da mulher que certa vez vi nas ruas de Atenas, do homem que a pagou. É como se eu tivesse envolvido a mão no caule de uma rosa apenas para descobrir que ele estava coberto de espinhos.

— Sinto muito, Apolônia.

As palavras não são suficientes; sei disso pela dor em seus olhos. Ela sustenta meu olhar por mais um instante antes de desviar o rosto.

— Eu te contei o que aconteceu comigo — pondera ela. — O que aconteceu com *você?*

É uma troca justa, eu sei. Isso não torna mais fácil quando chega a minha vez.

— O que aconteceu com você, na noite das Panateneias… — Inspiro fundo. — A mesma coisa aconteceu comigo, de um jeito diferente. Quando Atena descobriu, achou que eu a havia traído.

— E então ela te puniu — concluiu Apolônia. — Assim como me puniu.

Ditas em voz alta, as palavras são ainda mais grotescas. Eu me dou conta de quantas outras garotas devem existir no mundo carregando as marcas, visíveis ou não, da crueldade de Atena. Quando volto a olhar para Apolônia, suas pálpebras estão pesadas de sono.

— Desculpe. Você deve estar exausta.

— Estou — concorda Apolônia. — Acho que devo dormir.

Para meu horror, ela começa a se ajeitar no chão.

— O que você está fazendo?

Apolônia ergue o olhar para mim.

— Você foi gentil, mas estou coberta de areia e sujeira. Não vou sujar a cama. — Ela me lança um olhar meio constrangido. — Talvez eu não seja mais uma acólita, mas ainda não esqueci todas as boas maneiras.

Balanço a cabeça.

— Você não pode dormir no chão, eu… Aqui, você pode pegar emprestada uma das minhas túnicas.

Ela pensa por um instante, então aceita.

— Obrigada.

— Vou deixá-la descansar, então — digo. — Boa noite.

Estou quase chegando à porta quando…

— Espere. — A voz de Apolônia é baixa. — Por favor, não… não me deixe sozinha.

Ouço o desespero nas palavras da minha amiga, uma vulnerabilidade que reconheço porque também já a senti. Mesmo com minhas irmãs aqui na ilha, existe uma solidão inegável.

Ainda assim, apenas concordo com a cabeça antes de me virar para apagar a vela baixa do aposento. No escuro, Apolônia é uma silhueta que se enfia sob as cobertas da cama. Enrolo os cabelos e, então, me deito ao lado dela.

— Você tem medo de mim? — pergunto na escuridão. — Das cobras?

— Não. — A resposta de Apolônia é imediata. — Na verdade, acho que elas são bem imponentes.

Algo em mim se aquece. A intenção de Atena era que minha maldição fosse um castigo. Garantiu que todos que me vissem sentiriam medo de mim, que me enxergariam apenas como um monstro.

Percebo que Apolônia não me vê como um monstro.

— Seu nome ainda é Meddy? — pergunta ela.

— Sempre foi um apelido — respondo. — Meu nome de verdade é Medusa.

— Qual você prefere?

— Tanto faz — digo. — Mas as pessoas que me amam me chamam de Meddy.

Um sorrisinho toca seu rosto.

— Então vou continuar te chamando de Meddy.

São as últimas palavras que ela diz antes de nós duas adormecermos.

* * *

Não sei o que Apolônia e eu esperávamos, naquela noite em que eu disse que ela poderia ficar comigo. Um dia virou uma semana, depois várias semanas, e ela nunca chegou a procurar outro lugar para dormir, apesar dos muitos aposentos do nosso palácio. Com o tempo, apresentei-a a Esteno e Euríale, depois de uma conversa longa e enfática para garantir que soubessem que ela era minha amiga e não devia ser ferida. Elas concordaram em tratar Apolônia com cordialidade, ainda que, suspeito, nos achassem uma dupla estranha. Aos poucos, Apolônia e eu desenvolvemos um ritmo só nosso. A cada dia, eu mostrava uma parte nova da ilha para ela, e a cada dia ela relaxava um pouco mais, voltando, aos poucos, a ser a garota que conheci em Atenas. À noite, acendíamos fogueiras na praia e, às vezes, pedíamos aos escravizados que ainda permaneciam na ilha que tocassem música para que pudéssemos dançar até ficarmos suadas e com os pés doloridos.

Houve noites difíceis também. Em algumas, eu acordava e não encontrava Apolônia na minha cama, mas sentada junto à janela, encarando o mar aberto. Eu sabia que ela tinha pesadelos com o que acontecera no período após sua expulsão do templo. Numa dessas noites, levei-a ao jardim e, por fim, mostrei a estátua de Theo. Às vezes, nós duas ficávamos deitadas na cama e simplesmente chorávamos. Não pedíamos que a outra parasse, nem prometíamos que tudo ficaria bem. Permitíamos que a outra permanecesse no luto pelas vidas que tivemos, pelas garotas que poderíamos ter sido, se o mundo fosse mais gentil.

A PRIMEIRA VEZ que Apolônia e eu fizemos amor, eu estava hesitante.

Ela não foi minha primeira, mas, de certo modo, ainda assim parecia ser. Ela não me apressou, e quando seus lábios finalmente encontraram os meus, fiquei encantada ao perceber que eram macios e doces como néctar. Ela foi paciente ao guiar minha mão, mostrando onde tocá-la e onde tocar a mim mesma. A cada vez que avançávamos um pouco mais, ela perguntava: *Está tudo bem? Isso é bom?* E, a cada vez, eu respondia com mais entusiasmo.

Agora ela se arrasta pela cama, enrosca o corpo no meu e beija suavemente o lugar onde meu pescoço encontra o ombro. O amor é bom, mas, na verdade, *essa* parte é tão

boa quanto. Nesses momentos, é ela quem me faz sentir segura. Nunca antes conheci esse tipo de ternura, esse tipo de cuidado.

Ela desliza dois dedos na lateral do meu corpo, em silêncio.

— Está uma manhã bonita — murmura ela. — Quer dar uma volta?

Uma parte de mim não quer nada mais, mas suspiro.

— Minhas irmãs precisam de mim — respondo. — Euríale avistou um navio vindo em direção à ilha. Ela acha que vai chegar logo.

A expressão de Apolônia muda, e vejo algo novo nela: cansaço.

— Você nunca vai se cansar disso?

— Cansar do quê? — pergunto, cautelosa.

— De matar homens. — Ela se senta na cama. — Estou aqui há apenas alguns meses e já perdi a conta de quantos vieram à ilha.

Penso no modo como meu coração dispara quando transformo um homem em pedra. Não posso mentir descaradamente para Apolônia, então digo uma meia-verdade e espero que ela acredite.

— Eu… não tenho certeza.

Coloco a mão em sua bochecha, mas ela franze a testa e a afasta.

— Não acho que isso seja bom para você, Meddy — diz. — Cada vez que você mata, um pouco menos de você volta. Um dia, isso vai te destruir por completo.

As palavras ferem. Eu me sento e abraço os joelhos contra o peito.

— Esta ilha é o meu lar, Apolônia — murmuro. — É tudo o que minhas irmãs e eu temos. Eu preciso ajudar a protegê-la.

Os olhos de Apolônia cintilam.

— Isso é o que você quer ou o que suas irmãs querem?

Não consigo responder a essa pergunta. Percebo que nunca pensei nisso. Tirando meu tempo em Atenas, minhas irmãs e eu sempre compartilhamos os mesmos desejos. A ideia de ter um diferente do delas me parece estranha.

— A gente poderia ir embora — continua ela —, poderia pegar um dos barcos abandonados e ir para outro lugar, algum lugar onde a gente pudesse viver em paz.

— Nós vamos — respondo, num tom conciliador, ainda sem encará-la.

— Quando?

— Algum dia.

Apolônia franze os lábios, e eu sei que essa promessa vaga não é suficiente. Faz meses que não sinto medo de verdade de nada, mas a expressão em seu rosto agora

me apavora. Não vejo raiva em seus olhos baixos. Vejo algo muito pior: resignação. Está começando a desistir de mim. Ela toma minha mão entre as dela e aperta.

— Acho que vou dar aquela caminhada mesmo assim.

Então me dá um beijo casto na bochecha antes de se levantar da cama e se enrolar num manto. Sai pela porta antes que eu tenha tempo de responder, e então fico sozinha.

* * *

Naquela noite, mais homens chegam à ilha.

É só um navio pequeno, com uma tripulação pequena, o tipo de trabalho rápido e fácil que normalmente não me incomoda, mas hoje estou distraída. A cada poucos minutos, desvio o olhar da praia para o alto, em direção ao palácio, para a única luz dourada tremeluzindo na janela do meu quarto. Sei que Apolônia está lá em cima, provavelmente observando do parapeito. Toda vez que homens vêm à nossa ilha, digo a ela para ficar longe das janelas. Digo que é pela segurança dela, mas essa é só mais uma meia-verdade. A realidade é que não quero que ela veja esse outro lado meu, o lado que não é gentil.

Às vezes, enquanto transformo um homem em pedra, imagino que sinto os olhos dela me observando. Ouço o eco das palavras dela naquela manhã.

Cada vez que você mata, um pouco menos de você volta.

Isso é o que você quer ou o que suas irmãs querem?

A pergunta se enterra na minha consciência como uma farpa. Um desconforto pinica dentro de mim como uma aranha.

— Meddy, você está bem?

Ergo o olhar e encontro Esteno e Euríale me observando. Sempre achei minhas irmãs magníficas, mas, sob a luz da lua, contra o reflexo ondulante das ondas do oceano, elas são tão deslumbrantes quanto nossa mãe um dia foi. Em outra vida, poderiam ter sido rainhas guerreiras ferozes. Eu aceno com a cabeça.

— Estou bem — digo, sem muita convicção. — Só pensando.

Esteno assente, satisfeita, mas Euríale olha para ela com um ar de reprovação. Quando volta a me encarar, sua expressão é suave.

— Vem sentar aqui com a gente um pouco — diz ela, apontando para um lugar na areia.

Hesito, depois me sento. Esteno e Euríale se acomodam uma de cada lado de mim e, por um momento, nós três ficamos contentes em ficar assim, abraçando os joelhos contra o peito, observando a maré avançar.

— Posso perguntar uma coisa para vocês? — Quase não é possível ouvir minha voz acima do estrondo das ondas.

— Claro — responde Euríale. — O que quiser.

Penso na melhor forma de formular a pergunta. Por fim, digo:

— Vocês já pensaram no que vamos fazer? Quando tudo isso acabar?

— Como assim? — Esteno franze a testa, como se não entendesse. — Quando o que acabar?

— *Isso*. — Faço um gesto em volta, para a praia, o navio destruído, os corpos de pedra espalhados pela costa. — Não dá para continuarmos matando homens para sempre.

Esteno solta um muxoxo.

— Não vejo por que não.

Euríale é mais gentil.

— Acho que nunca pensei no que faríamos depois. — Ela se vira para mim. — O que te fez pensar nisso?

O nome de Apolônia fica na ponta da minha língua, mas não consigo dizê-lo em voz alta. É verdade que foi o empurrão dela que provocou essa conversa, mas sei que é mais profundo do que isso, que essa é uma pergunta que vive no fundo da minha mente desde a primeira vez que matei alguém.

Balanço a cabeça.

— Fiz dezoito anos há alguns meses — digo às duas. — Estou ficando mais velha. Acho que, às vezes, fico me perguntando se existe algum propósito maior para a minha vida, ou se é só isso. — Olho de uma para a outra. — Faz algum sentido?

O sorriso de Euríale sem emoção.

— Esteno e eu somos imortais, Medusa. Nunca tivemos que pensar muito em coisas como o tempo ou o propósito da vida. É bem provável que a gente fique aqui nesta ilha pelo resto da eternidade, e não ficaremos tristes por isso.

As palavras atingem meu peito como uma pedra.

— Então vocês não querem ir embora nunca? — pergunto devagar. — Não querem ver outra coisa?

Esteno inclina a cabeça para trás.

— Tenho tudo o que preciso nesta ilha — diz, esticando as pernas na areia. — Tenho minhas irmãs e tenho minha liberdade. Isso basta para mim.

Mas para mim não. Não digo isso em voz alta.

* * *

Faço questão de tirar a areia do corpo e me perfumar com água de rosas antes de entrar no meu quarto. Caminho pelo aposento com cuidado para não acordar Apolônia, mas ela se mexe assim que me aninho na cama e segura minha mão.

— Amanhã, quero que você comece a arrumar suas coisas — murmuro ao pé do ouvido dela.

Ela se vira para mim, ainda de olhos fechados, a voz arrastada de sono.

— Por quê?

Deito de costas e encaro o teto.

— Porque nós vamos embora.

XXXIII

LEVANTAMOS LOGO AO amanhecer da manhã seguinte.

Não é difícil reunir os suprimentos de que precisamos. As cozinhas do palácio permaneceram bem abastecidas graças a muitos anos de conservação de água fresca e alimentos. Também colhemos algumas maçãs e laranjas do jardim. A orla está repleta de barcos abandonados por homens que vieram à ilha; escolhemos o maior e mais resistente e colocamos nele o restante das nossas coisas. Sou mais forte, então sou eu quem nos afasta da praia, avançando cada vez mais para as águas abertas. Quando a maré chega à minha cintura, Apolônia encontra meu olhar.

— Tem certeza de que não quer se despedir delas? — pergunta.

Sei que ela se refere às minhas irmãs, assim como sei que tenho certeza de que não quero. Olho por cima do ombro e balanço a cabeça.

— Se eu tentar me despedir delas, nunca vamos embora — digo. — Elas vão entender.

No fundo, sei que vai doer em Esteno e Euríale quando descobrirem que parti de novo, desta vez sem dizer adeus, mas também sei que Apolônia está certa. Preciso deixar este lugar, e rezo para que, um dia, elas entendam o motivo.

Apolônia não insiste, e quando a maré enfim sobe, ela me ajuda a entrar no barco. Há um momento em que as ondas o levam por cima de uma arrebentação, e fico esperando alguma resistência, como se esperasse que a ilha não quisesse me deixar ir. Mas nada acontece enquanto nos afastamos cada vez mais, e observo minha ilha encolher outra vez.

Eu me viro para o outro lado e começo a remar.

* * *

Vários dias se passam até encontramos terra firme de novo.

Quando novas áreas litorâneas surgem à vista — eu as vejo antes que Apolônia,

graças à minha visão aprimorada —, sinto alívio, mas logo percebemos que a terra a que chegamos não é Atenas, nem sequer a Grécia. Seguimos pela costa por mais alguns dias antes de finalmente decidir atracar o barco e, então, descobrimos onde estamos. Há vários nomes para essa nova terra, mas os gregos que imigraram para cá a chamam de Cirene. Um mercador viajante me mostra um mapa, e vejo que não fica longe do Egito. A terra é mais quente e mais árida do que Atenas e do que a minha ilha, mas, com o tempo, Apolônia e eu vamos construindo uma nova vida.

Cirene é uma cidade um pouco mais tranquila do que Atenas. Muitos gregos vivem aqui, mas grande parte das mulheres da cidade usam diferentes tipos de véus para cobrir a cabeça, de modo que o meu mal chama atenção. Graças à experiência de Apolônia nas ruas de Atenas, conseguimos sobreviver nas ruas da cidade por alguns dias. Mas quando uma viúva idosa descobre que somos fortes o suficiente para fazer uma boa faxina, ela nos contrata para administrar sua taverna em troca de alojamento. Logo, os dias se tornam longos. O trabalho físico sob o sol escaldante de Cirene me lembra o verão que passei como acólita em Atenas. Mas, com o tempo, passo a apreciar o novo começo que esta cidade me deu. Apolônia aprende a cozinhar e, nos dias em que a taverna não está muito cheia, aproveitamos para sentar do lado de fora e beber vinho enquanto observamos o pôr do sol. Pela primeira vez, minha vida é calma, agradavelmente mundana. De vez em quando, alguma parte de mim pensa em casa e nas minhas irmãs, mas tento esquecer.

Sua vida é aqui agora, uma vozinha lá dentro me lembra. *Você tem Apolônia e tem paz. Isso deveria ser suficiente.*

Repito isso para mim mesma até acreditar.

* * *

Meus dias em Cirene começam do mesmo jeito toda manhã.

Começo levando um jarro até os poços. É um trabalho que consigo fazer sozinha sem dificuldade, mas Apolônia costuma me acompanhar. Gosto da companhia dela. Às vezes caminhamos em silêncio; outras, falamos do clima ou das pequenas coisas que nos fazem sorrir. É um hábito tão banal quanto todo o resto aqui, mas, com o tempo, passo a apreciá-lo. Decoro os degraus do caminho de pedras e aprendo a saltar aqueles que estão soltos. Procuro rostos familiares enquanto avançamos devagar. Há uma mulher que sempre tem peixe fresco, um homem cujo azeite é incomparável.

Comecei a aprender o ritmo deste lugar, a forma como ele respira.

É por isso que, neste dia em particular, percebo que algo está errado bem antes de ver o que é. Quando chegamos ao mercado, minhas suspeitas se confirmam.

Várias mulheres estão reunidas perto do poço, com as cabeças baixas. Uma delas, uma mulher de meia-idade cujo nome não consigo lembrar, tem lágrimas nos olhos. Franzo a testa ao nos juntarmos ao círculo.

— O que está acontecendo? — pergunta Apolônia. — O que houve?

As mulheres desviam o olhar.

— Está tudo bem — insisto, com suavidade. — Podem falar. Não vamos contar a ninguém.

Elas trocam olhares e, então, parecem chegar a algum tipo de acordo. A mais velha respira fundo.

— É a Efêmia. — Ela faz um gesto em direção à mulher que chora antes de inspirar novamente. — A filha dela está grávida.

As sobrancelhas de Apolônia se erguem.

— Isso é uma notícia tão ruim assim?

A mulher franze a testa.

— É, quando ela não é casada e tem só quinze anos.

Um arrepio de repulsa absoluta percorre minha pele.

— Como isso aconteceu?

— A filha de Efêmia é uma moça casta — diz a mulher. — Mas tem um homem que se aproveita. Ele procura meninas como ela.

— Quem? — pergunta Apolônia. — Podemos denunciá-lo.

A mulher balança a cabeça.

— Certos homens são imunes à justiça. — Ela baixa a voz. — Ele é um sacerdote.

Eu me sobressalto.

— Do Templo de Apolo? — Sei que há muitos devotos do deus em Cirene.

A mulher balança a cabeça.

— É de um templo menor, construído para a deusa Atena.

A simples menção ao nome de Atena é suficiente para que Apolônia e eu fiquemos rígidas.

— Todas as noites, ele se põe à disposição daqueles que querem oferecer preces — continua a mulher. — Os homens passam sem incidentes, mas… as meninas…

Meu maxilar se contrai.

— Ele se aproveita.

Efêmia finalmente ergue o rosto. Seus olhos estão furiosos.

— Minha filha foi até ele pedir orações à Deusa. Mas se esqueceu de levar dinheiro para a oferenda. Ele disse que havia *outros* meios, outras coisas que ela poderia fazer para oferecer algo.

Achei que tivesse deixado a raiva para trás quando parti da minha ilha. Agora, ao senti-la emergir outra vez, percebo que ela sempre esteve ali. A fúria incendeia meus ossos quando penso na garotinha, em todas as garotinhas que esse homem provavelmente explorou ao longo do tempo. Um rugido enche meus ouvidos enquanto Efêmia continua a chorar e a mulher mais velha prossegue com o relato.

— Ele é rico e tem a simpatia do rei — diz ela. — Não será punido. Enquanto isso, as meninas daqui são presas.

Todos os homens são cruéis. Imagino o que Esteno diria se estivesse aqui. *Só que alguns sabem esconder melhor.* Já não confio em mim mesma para falar, mas Apolônia dá um passo à frente.

— Talvez eu possa ajudar sua filha — diz ela. — Existem… remédios, ervas que podem impedir que uma mulher que não deseja engravidar leve a gestação adiante.

Efêmia baixa a voz.

— Você conhece essas coisas?

Uma sombra atravessa o rosto de Apolônia.

— Precisei conhecer. Se agirmos rápido, talvez ainda haja tempo de ajudar sua filha.

Efêmia agradece a Apolônia, e ela concorda em visitá-la mais tarde. Eu continuo furiosa demais para dizer qualquer coisa. Depois que nos despedimos das mulheres, Apolônia se vira para mim.

— Meddy.

— O quê?

— Me diga no que você está pensando.

O problema é que não sei como colocar em palavras o que estou *sentindo*. Por dentro, sou um redemoinho de luto e náusea e, acima de tudo, fúria. Apolônia segura minha mão.

— Posso ver a raiva nos seus olhos — observa, com suavidade. — Posso vê-la aí, te machucando. Não deixe que ela te consuma, meu amor. Não permita que ela tenha esse tipo de poder sobre você.

A voz dela é uma jangada; eu me agarro a ela para não me afogar. Aperto os olhos com força e me obrigo a inspirar fundo uma vez, depois outra. Quando abro os olhos, Apolônia sustenta meu olhar.

— O que aconteceu com a filha da Efêmia te afetou de verdade.

— Claro que afetou. — Eu a encaro, desnorteada. — Não afetou *você*?

— Depois que fui dispensada do templo, vi muitas coisas terríveis — diz ela, triste. — Vi coisas horríveis acontecerem com pessoas que não tinham poder nem meios para se proteger. — Ela pousa a mão em minha bochecha por um instante. — Já te vi com raiva antes, Meddy, mas *isto*… — Ela faz um gesto em minha direção. — Isto é diferente. Isso está te incomodando por um motivo específico.

Estremeço. A verdade é que o sacerdote me lembra Poseidon. Mais um homem em posição de poder, mais um homem que jamais foi responsabilizado pelo mal que causou. Contei para Apolônia quase tudo o que aconteceu no tempo em que estivemos separadas, mas ainda não encontrei palavras para a raiva que sinto — a angústia que ainda sinto — quando penso no que o deus do mar fez. Parece uma porta que não quero abrir, uma porta que nem sei se *consigo* abrir. Apolônia me olha, à espera, mas balanço a cabeça.

— Não tem nenhum motivo especial — digo, ríspida. — Só acho que ele é vil e repugnante.

Apolônia assente.

— É terrível. Queria que pudéssemos fazer mais pela filha da Efêmia, pelas outras meninas também.

Algo se acende na minha mente.

— Talvez a gente possa — comento, sombria.

Apolônia hesita, inquieta.

— Como assim?

Quando não respondo, os olhos dela se arregalam.

— Meddy, *não*. — Ela segura meu pulso e aperta. Quando fala, a voz é baixa o bastante para só eu ouvir. — Você não pode *matá-lo*. Cirene não é como a sua ilha. Aqui as pessoas se conhecem; você não conseguiria encobrir isso.

Meus olhos faíscam.

— E se eu não quiser encobrir?

— O rei da cidade vai mandar te executar — objeta Apolônia, desesperada. — Vai te arrastar pelas ruas e depois vai tomar a sua cabeça. Não me faça assistir a uma

cena dessas. Isso me mataria.

As palavras dela se retorcem dentro de mim como uma lâmina. Faz tanto tempo que não me sinto impotente, incapaz de fazer qualquer coisa.

— Então você me pediria para ficar de braços cruzados? — pergunto, ferida. — Você me pediria para não fazer nada?

Apolônia segura meu rosto com as duas mãos. Há lágrimas em seus olhos.

— Eu te pediria para *não* jogar fora tudo o que construímos — retruca. — Nosso amor, nossa vida aqui, é *boa*. Somos felizes, finalmente. Quero continuar sendo feliz com você.

A franqueza no modo como ela ameaça me destruir. Naquele instante, não quero nada além de envolver Apolônia nos braços e escondê-la do mundo, do mal, de todo monstro real que pudesse feri-la.

As palavras que minha mãe me disse voltam como um eco. *Eis o que é mais curioso sobre os monstros: os piores não se dão ao trabalho de se esconder na escuridão.*

O sacerdote é um monstro, disso tenho certeza. E se houver uma chance — ainda que mínima — de ele algum dia ferir Apolônia, eu já sei o que preciso fazer. Eu me recomponho e beijo a testa do meu amor.

— Você está certa — digo, com calma. — Nossa vida juntas aqui é linda.

Todos os músculos do corpo de Apolônia parecem relaxar de uma vez. Ela ainda segura meu rosto entre as mãos. Sorri para mim, e retomamos juntas o caminho pelas ruas do mercado.

Apolônia reúne as ervas de que precisa para a filha da Efêmia, enquanto eu começo a traçar meu plano.

XXXIV

NAQUELA NOITE, APOLÔNIA prepara o jantar cedo.

O cheiro — peixe sobre uma cama de legumes cozidos e arroz — é suficiente para me fazer salivar. Quando criança, cresci com cozinheiros que nos preparavam banquetes luxuosos todas as noites. Quando me mudei para o templo, minhas refeições passaram a ser mais simples, mais práticas. Mas é apenas com Apolônia que consigo sentir o amor nas refeições que compartilhamos. É só mais uma forma de ela cuidar de mim, mais uma batida fácil no ritmo que encontramos juntas.

Isso torna o que estou prestes a fazer ainda mais difícil.

— Vou ter que ir ao mercado de novo amanhã — diz ela, animada. — Usei os últimos ovos.

Do meu lugar à nossa mesinha, faço um som neutro e continuo a talhar a pequena criatura que estou esculpindo. Ainda não decidi o que ela é.

— Vou passar na casa da Efêmia enquanto estiver lá, perguntar como está a filha dela — continua Apolônia. — Quando fui visitar as duas mais cedo, ela me contou que a menina vai se casar.

— Que bom.

Apolônia interrompe o que está fazendo e me encara de verdade.

— Meu amor, você está bem?

— Humm? — Ergo o olhar da escultura em madeira. — Por que eu não estaria?

As sobrancelhas de Apolônia se franzem, mas suas palavras são suaves.

— Porque eu *te conheço* — diz, com gentileza. — Sei que você tem se esforçado tanto para se adaptar desde que chegamos aqui, e sei que o que as mulheres do mercado disseram hoje sobre aquele sacerdote te incomodou profundamente.

Só de ouvir a menção ao sacerdote, fico tensa, mas ela cruza o cômodo e coloca as mãos sobre meu punho, afastando com cuidado cada dedo até minha palma se abrir novamente.

— Quero que você saiba que tenho *orgulho* de você — diz ela. — Você trabalhou

tanto e chegou tão longe. Sempre soube que isso existia dentro de você. Nunca duvidei.

As palavras dela são afiadas como a ponta de uma flecha. Tento permanecer imóvel enquanto a culpa se contorce dentro de mim. A vida inteira quis que alguém enxergasse o bem em mim. Agora, Apolônia enxerga e eu não mereço.

Ela ergue o olhar, como se tivesse se lembrado de algo, e volta ao fogão. Meus batimentos aceleram quando ela se vira de costas. Esta é a minha chance. Deslizo a mão para dentro das dobras do meu peplo até encontrar o pequeno saquinho de pó. A herborista com quem falei mais cedo me garantiu que o pó concentrado de erva-cidreira era um sedativo poderoso, porém natural, capaz de fazer quem o consumisse cair em um sono profundo. Isso não torna o que estou prestes a fazer nem um pouco mais fácil.

As costas de Apolônia ainda estão voltadas para mim, e observo a taça de vinho a poucos centímetros da minha mão. Eu me movo rápido e jogo o pó dentro do copo instantes antes de Apolônia se virar novamente.

Ela para e então sorri, radiante.

— O jantar está pronto.

Ela serve o peixe e os legumes. Eu faço o possível para sorrir, mas já não consigo me concentrar na refeição, ansiosa para que Apolônia beba o vinho. Quando nos aproximamos do fim do jantar e ela ainda não deu um gole sequer, começo a me desesperar.

— Devíamos fazer um brinde — declaro.

Apolônia ergue as sobrancelhas, surpresa.

— Um brinde?

— À nossa nova vida aqui — digo depressa. — A Cirene.

Apolônia me lança um olhar estranho.

— Meddy, você tem certeza de que está bem?

Tento transparecer tranquilidade enquanto seguro sua mão.

— Estou bem — afirmo, com firmeza. — Nunca estive melhor.

Ainda assim, Apolônia não parece convencida.

— E você tem certeza de que não há nada passando pela sua cabeça? — pergunta. — Nada que queira me contar?

Encaro diretamente seus olhos.

— Não — minto, com o tom de voz leve. — Nada.

Ela sustenta meu olhar antes de pegar a taça e, por um instante, acho que vislumbro algo como decepção em seu rosto. Então, ergue a taça para mim e esvazia o conteúdo de um só gole.

Os músculos do meu corpo relaxam quando ela limpa a boca com o braço.

— Você vem para a cama? — pergunta, em voz baixa.

Seguro sua mão e aperto.

— Claro.

* * *

Não fazemos amor naquela noite.

A erva-cidreira é eficaz: poucos minutos depois de nos deitarmos, Apolônia cai num sono profundo. Segundo a herborista, ela terá uma noite de sono tranquilo e sem sonhos e, pela manhã, não sentirá nada. Sei que ela não vai acordar tão cedo depois de tomar o pó, mas ainda assim, fico deitada ao lado dela por alguns minutos antes de sair da cama com cuidado. Acomodo as serpentes dentro do lenço na cabeça e preparo o resto dos meus suprimentos.

Esta será a última vez, prometo a mim mesma.

Lanço um último olhar para Apolônia. Ela não aprovaria o que estou prestes a fazer, mas rezo para que, um dia, consiga entender.

Rezo para que, um dia, consiga me perdoar.

O SOL JÁ SE PÔS há muito tempo quando chego à praia que leva ao Templo de Atena.

Parte de mim sabe que eu deveria me sentir culpada por enganar Apolônia e, de fato, penso nela por um breve momento enquanto caminho. Mas a verdade é que, a cada passo, também me sinto mais eu mesma, como se estivesse voltando a vestir minha pele natural.

* * *

O Templo de Atena em Cirene é modesto se comparado ao de Atenas, mas sua

estrutura básica é a mesma. Preparei-me para a possibilidade de encontrar outros sacerdotes e sacerdotisas enquanto percorro os aposentos do pequeno edifício, mas descubro que estão todos vazios. *Ótimo*. Isso tornará meu trabalho mais fácil.

Quando as mulheres do poço me falaram do sacerdote, imaginei um monstro lascivo, então fico surpresa ao encontrar, no pátio, um velho frágil varrendo a areia. Ele ergue o olhar para mim e sorri. Respiro fundo e então digo as palavras que ensaiei:

— Vim pedir uma bênção.

A ESTÁTUA DO SACERDOTE é mais pesada do que eu esperava.

Ele era um homem pequeno, mas, transformado em pedra, seu corpo é volumoso e desajeitado enquanto o arrasto com dificuldade pela praia rochosa até a beira do mar.

O dia já clareou quando chego à água. A maré que subia quando fui ao templo agora recuou. Vou precisar empurrar o corpo do sacerdote mais para dentro para garantir que afunde. Pela primeira vez, sinto um leve tremor de nervosismo. Demorei mais do que havia planejado para trazê-lo até aqui. Estou ficando sem tempo. Continuo a arrastar o corpo em direção ao mar e solto o ar, aliviada, quando por fim sinto as ondas alcançarem meus joelhos. Não devo precisar ir muito mais longe.

O sol está nascendo agora. Preciso limpar tudo e voltar para casa. Apolônia não continuará dormindo por muito mais tempo. Quanto menos ela souber, melhor será para nós duas. Sinto então uma pontada leve de culpa, não pelo que fiz, mas pelas mentiras que sei que ainda terei de contar. Ela me pediu que tentasse ao máximo me encaixar aqui, que deixasse a raiva para trás. Sei que vai se decepcionar comigo, e essa verdade recai sobre meus ombros como um peso. Uma onda se choca contra minhas costas, encharcando meu vestido, e suspiro, exausta.

* * *

Ainda estou na água quando sinto olhos sobre mim e, por um instante, me pergunto, *se eu ficar completamente imóvel, quem quer que esteja me observando vai decidir que sou apenas uma rocha e seguir em frente?* Mas o olhar que sinto espetando minhas costas não cede, então, devagar, cansada, me ergo e me viro.

Os três rapazes estão mais adiante na praia. Minha visão é melhor do que era antes

de eu ser amaldiçoada, então os vejo com nitidez. As pernas longas e desengonçadas e a ausência de barba denunciam que eles estão à beira da idade adulta, sem ainda tê-la atravessado por completo. Consigo perceber, mesmo à distância, que são de famílias privilegiadas — garotos comuns não poderiam pagar por túnicas tão ricamente tingidas, que se destacam vivamente na luz da manhã. Dois deles têm cabelos escuros, mas meu olhar se fixa naquele do centro. Ele é mais alto, com uma cabeleira dourada e encaracolada que brilha como sol da tarde. Eu poderia dizer que é belo, se não fosse a expressão de repulsa em seu rosto. Percebo, então, o que ele deve ver ao me olhar. Meu lenço de cabeça se perdeu, e as serpentes se contorcem freneticamente ao redor do meu rosto. Sei o que ele vê.

Ele vê um monstro.

Nós nos encaramos pelo que parece um século inteiro. O instinto de autopreservação me diz que eu deveria transformá-lo — a ele e aos amigos — em pedra ali mesmo. Tornar tudo rápido e indolor, depois voltar ao trabalho que me propus a fazer. Mas algo me detém. Eu poderia matar o jovem num instante, mas não o faço. Ele não se parece em nada com o rapaz que um dia veio à nossa ilha para me matar — aquele que Esteno acabou transformando em pedra —, mas ainda assim penso nele. Num piscar de olhos, o momento se desfaz. O garoto e os amigos se viram e disparam na direção oposta, levantando areia pelo caminho.

A razão retorna a mim e, com ela, o medo.

Eles me viram.

Poucos homens já viram minha verdadeira aparência e viveram para contar a história, mas agora esses três viram. Ainda correm pela praia, o vermelho-vivo da túnica do loiro reduzido agora a um pontinho contra a areia. O pavor cresce dentro de mim. Sou rápida; talvez, em condições normais, fosse rápida o bastante para alcançá-los, mas depois de arrastar a estátua do sacerdote desde o templo, quase não me resta energia. Como se confirmasse isso, os músculos das minhas pernas latejam.

Minha mente começa a girar. Os rapazes certamente procurarão as autoridades, relatarão que viram um monstro. Talvez um deles conte ao rei, que enviará guerreiros a esta praia atrás de mim e, quando não me encontrarem, vasculharão toda a cidade; perguntarão às pessoas se viram uma mulher que corresponda à minha descrição.

E essas pessoas falarão das duas viúvas que vivem acima da taverna. Elas os levarão até Apolônia.

A única coisa que consigo pensar em fazer para protegê-la é fugir. Deixo o corpo

de pedra do sacerdote meio encoberto pelas ondas e apresso o passo. Cada parte do meu corpo dói em protesto, mas ignoro a dor enquanto vasculho a praia em busca do que procuro. Muitos dos pescadores da ilha guardam seus barcos na areia. Encontro o maior deles e o puxo para dentro da água.

As ondas chegam à minha cintura, e estremeço quando uma brisa toca minhas roupas molhadas. Entro no barco, cerro os dentes e começo a remar. Meus bíceps doem, depois ficam dormentes, mas continuo remando. Depois de uma hora, minhas roupas molhadas já quase secaram. Só então olho para trás. Ainda é possível ver Cirene, mas ela não passa de um pontinho marrom-avermelhado. Pela primeira vez, meus ombros cedem em alívio. Mesmo que, a esta altura, aquele garoto de cabelos dourados já tenha chegado ao rei, mesmo que o rei já tenha enviado soldados à praia, eles não encontrarão nada além de areia e uma estátua. Apolônia estará segura.

* * *

Certa vez, li que uma pessoa pode sobreviver por até três dias sem água. No meu segundo dia, já não tenho tanta certeza de que isso seja verdade.

O sol é implacável. Meus lábios racharam pela falta de umidade, e a pele dos meus ombros está cheia de bolhas. Continuo a remar numa direção que parece leste, que parece casa, mas não há garantia alguma de que estou indo para o lado certo, de que não estou apenas me condenando a uma morte lenta e agonizante.

As alucinações começam naquela tarde. Ou, ao menos, *acho* que são alucinações. É a única explicação em que consigo pensar quando vejo minha mãe. Ela sempre foi uma deusa bela, mas, em seu ambiente, na água, é verdadeiramente magnífica. Penso que talvez fosse assim antes mesmo de ser minha mãe. Por fim, encaro a grande e poderosa Ceto.

Cracas brancas desenham uma linha ao longo de seu pescoço como um colar grotesco; ela não usa roupas. E o cabelo — o cabelo de que ela cuidava com tanto esmero enquanto estava na ilha — agora emoldura seu rosto com cabelos volumosos, escuros e selvagens que cintilam com gotas de água salgada.

Eu tentei. A boca dela não se move enquanto balança entre as ondas, mas ouço sua voz com clareza. *Você precisa lembrar, eu tentei te manter segura.*

Não tenho forças para responder; muito menos para me alarmar quando duas grandes criaturas com nadadeiras surgem ao seu chamado e avançam em minha

direção. Elas têm a pele cinzenta, corpos musculosos e, quando uma delas se vira, vejo uma boca cheia de dentes afiados como punhais. Sinto-as sob o barco e, então, ele começa a se mover mais rápido. Levo um instante para entender. Elas não estão me atacando: estão me *carregando*.

Você precisa se lembrar de que eu tentei. Já não consigo ver minha mãe entre as ondas. Sua voz soa distante. *Eu tentei*.

Os monstros com barbatanas da minha mãe permanecem comigo pelas horas seguintes. Em algum momento, meu corpo enfim sucumbe ao sol e ao cansaço, e eu adormeço, apenas para sonhar com Apolônia, de olhos vermelhos, em pé na praia de Cirene, gritando meu nome. Tento responder, mas não consigo dizer nada.

O céu está escuro quando abro os olhos novamente. As criaturas se foram, mas, à distância, distingo uma forma familiar. Minha ilha. Meu lar. Reúno a pouca força que me resta e remo o mais perto possível da costa. Não tinha percebido que a praia tem um cheiro próprio até que ele volta a encher meus pulmões.

Com um grito de angústia e alívio, salto do barco e tropeço na areia. Meu corpo está exausto; ainda levará horas até que eu tenha forças para subir a enseada rochosa e encontrar minhas irmãs. Por enquanto, ficar deitada aqui parece suficiente. Apoio a cabeça e fecho os olhos.

— Eu sabia que você voltaria — diz uma voz grave. — Mais cedo ou mais tarde.

Abro os olhos e encaro Atena.

XXXV

A DEUSA CONTINUA tão linda quanto consigo me lembrar.

Imagino como deve estar minha aparência para ela. Minhas serpentes não se alimentam há dias; algumas pendem moles sobre meus ombros, enquanto as mais irritadiças estalam no ar e se enroscam de forma errática. Meu peplo está rasgado e sujo. Exalo cheiro de água salgada, urina e suor. Enquanto isso, a deusa da sabedoria, da guerra e do artesanato está sentada sobre uma grande rocha à beira-mar como se fosse seu trono pessoal, como se estivesse ali à minha espera há dias. Uma parte de mim se pergunta se ela estava mesmo.

Meus joelhos ameaçam ceder quando me ergo da água. O peplo está encharcado e pesado, mas me forço a manter a postura ereta ao me aproximar dela. Uma onda se choca contra minhas costas, quase me fazendo tombar para a frente, mas continuo de pé até estar diante dela. Nós nos avaliamos em completo silêncio.

Por fim, quando já não suporto mais, falo:

— O que você quer?

Não me dou ao trabalho de ser cortês, embora o instinto me alerte que eu deveria tomar cuidado. Atena pode fingir que não se importa, mas sei muito bem o quanto ela fica consternada ao perceber que foi afrontada, principalmente por mim.

De fato, seus olhos cinzentos faíscam por um instante diante da minha insolência, e espero que ela me repreenda. Em vez disso, deixa o silêncio entre nós se alongar por mais algumas respirações antes de finalmente falar.

— Eu pensei em vir visitar você antes, sabe — diz ela, fingindo examinar as unhas. — Faz tempo que não ponho os pés nesta ilhota miserável.

Não sei que jogo ela está jogando, então mantenho a cautela e permaneço em silêncio. O sorriso de Atena é frio, e um arrepio corre pela minha pele.

— Aquilo foi uma bela encenação que você fez em Cirene. — Ela assente para mim, como se estivesse impressionada. — Seduzir um homem de fé e depois matá-lo, ainda por cima dentro de um templo. Muito honroso da sua parte.

— Você sabe tão bem quanto eu que ele não era um verdadeiro homem de fé — retruco. — Ele era abusivo. Explorava os vulneráveis. O que eu fiz foi…

— Necessário? — Atena sorri de novo. — Você sempre teve uma tendência à violência necessária, Medusa. Na verdade, foi uma das razões pelas quais você chamou minha atenção desde o começo. — Ela entrelaça os dedos. — Mas me pergunto, será que Apolônia compartilha dos seus apetites? Não tenho tanta certeza.

Sinto meu rosto arder de raiva. A ideia de Atena me observando com Apolônia, como uma *voyeur*, em nossos momentos mais íntimos, faz uma nova onda de fúria incendiar dentro de mim.

— Corromper ainda mais uma ex-acólita já corrompida — diz Atena. — Imagino que você vá me dizer que isso também foi necessário da sua parte.

Fecho os punhos, mas Atena já seguiu adiante. Ela se levanta e se espreguiça.

— Você e suas irmãs construíram uma bela reputação para si — ela fala de forma casual, como se estivéssemos conversando sobre algo tão trivial quanto a cor de suas vestes. — Pelo mundo todo, homens de todos os tipos sussurram sobre Medusa e suas irmãs. *As lendárias Górgonas*. — Ela faz uma reverência falsa. — É tão gratificante saber que eu estava certa a seu respeito afinal, saber que meus instintos, por mais antigos que sejam, ainda estão afiados.

Sei que agora ela está me provocando. Trabalhei tempo suficiente a serviço de Atena para reconhecer quando ela quer que eu faça uma pergunta específica. Não vou lhe dar essa satisfação e continuo em silêncio.

Ela suspira.

— Ainda me lembro do dia em que você veio até mim — diz, acrescentando um novo tom de afeto à voz. — Você era pequena até para uma mortal, mas já tinha nos olhos a mesma determinação que tem agora. Eu olhei para você e soube, na mesma hora, que era especial. E eu estava certa.

Quero resistir, mas algo dentro de mim se quebra.

— O que você quer dizer?

Atena sorri.

— Eu te perguntei qual foi a sensação, quando você bateu em Maheer, e você me disse que foi bom. Eu me lembro da forma como você atacou Calisto quando ela insultou Apolônia, da maneira como atacou um soldado para defender alguém que você considerou indefeso. — Os olhos dela se iluminam. — Há fúria dentro de você. As pessoas não gostam que mulheres tenham fúria, mas eu sempre achei um

sentimento belo. Sempre achei *sua* fúria bela.

Odeio o fato de que, apesar de tudo, ainda anseio pelo elogio dela como um cão faminto anseia por um pedaço de carne. Desta vez, só permaneço calada porque há um nó apertando minha garganta.

A expressão de Atena suaviza.

— Você teria sido uma grande sacerdotisa, Medusa — murmura. — Que pena que precisou jogar tudo fora com sua devassidão.

Achei que tivesse enterrado todas as lembranças bem fundo, mas, assim que as palavras deixam sua boca, estou de volta ao jardim, a relva espetando minha pele. Quero gritar, chorar e me enfurecer tudo ao mesmo tempo.

— Você realmente foi a minha maior decepção — acrescenta ela.

— Todo esse tempo, achei que você estivesse com raiva de mim porque eu a decepcionei — sussurro, encarando as palmas das mãos. — Agora entendo. — Ergo o olhar para ela. — Você não estava com raiva de mim porque achou que eu a traí, e não estava com raiva de Poseidon porque ele me violentou. — Balanço a cabeça. — Você só estava com raiva porque Poseidon usou algo que você achava que *pertencia* a você. Alguém usou a sua ferramenta.

— E que ferramenta você se tornou. — Eu esperava que Atena se revoltasse diante da acusação, que a negasse. Em vez disso, ela inclina a cabeça, e há uma gentileza inquietante nesse gesto. — Olhe para você agora, Medusa. É forte, poderosa, temida. A vida inteira você procurou por um propósito. *Eu* poderia te dar um novo.

Não consigo evitar a expressão de dúvida que cruza meu rosto. A garota que eu era antes de Atena me amaldiçoar teria tomado suas palavras ao pé da letra.

A mulher que sou agora não ousa.

— Você não me serviria como sacerdotisa — continua Atena. — Mas seria algo maior. Os doentes, os vis, as pessoas horríveis deste mundo, aquelas que merecem violência. Você e eu poderíamos encontrá-las, puni-las. Você poderia deixar esta ilha outra vez, ver o mundo e lutar por uma causa justa.

Não posso negar o apelo dessa ideia. Odeio Atena, mas ela me conhece. Sabe exatamente o que sempre desejei. Seria mesmo tão difícil cair de joelhos diante da deusa da sabedoria uma última vez?

Mas você ainda estaria servindo, diz a voz imaginária de Esteno na minha cabeça, *e ainda seria uma ferramenta.*

Minha resposta é imediata.

— Não. — Encaro Atena e sustento seu olhar. — Não quero mais nada de você.

Assim, a ilusão se despedaça.

— Você sela o próprio destino, garota — diz Atena, friamente. — E, quando morrer, será de forma brutal.

— Existem coisas piores do que a morte — respondo, com calma. — Talvez você viva o bastante para descobrir.

O rosto de Atena muda. A fachada de indiferença fria se desfaz por um instante, e vislumbro o que existe por trás dela. Medo.

— Adeus, Atena.

Eu me viro e vou embora. Não olho para trás. Sei, no fundo do coração, que nunca mais a verei.

Não sei dizer o momento exato em que o ar ao meu redor muda, o instante em que percebo que não estou mais sozinha. Quando me viro, quase não me surpreendo ao ver o leão de Maheer avançando pela areia, aquele que o príncipe e sua comitiva trouxeram à nossa ilha tantos meses atrás. Houve um tempo em que eu teria tido medo dele, mas agora, nesta nova forma, com essa nova força, sinto apenas curiosidade à medida que se aproxima. A criatura parece compartilhar do meu sentimento, pois, a poucos metros de mim, para e me observa. O leão parece mais musculoso, mais esguio do que quando parti para Atenas, e imagino que seja porque precisou caçar o próprio alimento. Seus olhos brilham como orbes douradas à luz do entardecer e, embora não se mova, sinto um poder irradiar dele. Dou um passo em direção à fera. Ela não rosna nem recua. Dou um segundo passo, depois um terceiro. Caminho até estar a um braço de distância. Começo a erguer a mão para tocar seu focinho preto, mas algo me detém.

— Você não é um monstro — murmuro. Não sei se as palavras são para o leão ou para mim. — Você é apenas aquilo que fizeram de você.

A VIDA REUNIDA com minhas irmãs pela segunda vez é diferente.

Elas não ficaram com raiva quando voltei para o palácio, apenas felizes por eu ter retornado. Nenhuma das duas me perguntou sobre Apolônia, e sou grata por isso. Ainda acredito que o que fiz para protegê-la foi a coisa certa, mas essa consciência não preenche o vazio escancarado deixado por sua ausência. Sinto falta de tantas coisas

nela, mas, acima de tudo, sinto falta dos pores do sol. Sinto falta do riso.

Nas semanas seguintes, homens continuam a chegar à ilha. Esteno e Euríale não mudaram — não posso dizer que esperava por isso —, e ainda os matam com prazer. Às vezes me junto a elas, mas passo a maior parte do tempo no palácio. De vez em quando, depois que elas voltam para dentro, caminho pela orla e encontro algum garoto ou homem que, de algum modo, escapou da violência. Digo onde encontrar os barcos abandonados e os mando embora com comida. Não sei quantos conseguem, quantos encontram o caminho de volta para casa, mas, todas as vezes que os vejo partir, cultivo a esperança de que consigam.

Fico com minhas irmãs por um mês até que, certa noite, as encontro à beira da ilha.

Euríale brinca com uma de suas serpentes, deixando-a se enroscar e desenroscar em torno de seu pulso. Esteno está mais quieta, quase meditativa, enquanto encara o mar aberto. Quando me veem, abrem espaço para mim sem dizer uma palavra, e eu me acomodo no meu lugar natural entre elas. Trago os joelhos junto ao peito enquanto Euríale começa a cantarolar uma canção doce e sem letra, cuja melodia sempre conheci. Esteno e eu nos juntamos a ela, encontrando as harmonias. Quando termina, Euríale segura minha mão e aperta. Ficamos assim até que a lua se ergue alta no céu, banhando nós três numa luz suave e leitosa. Por fim, meus olhos pesam, e anuncio que vou dormir.

— Boa noite, Meddy. — Euríale se levanta e beija minha bochecha. — Nós te amamos. Espero que você sempre saiba disso.

Eu sei. Beijo a bochecha de Esteno e então subo as dunas, de volta ao palácio. Quando alcanço os degraus que levam ao meu quarto, estou exausta.

Eu me acomodo na cama, puxando um cobertor quente até o queixo. Ao meu redor, as serpentes da minha cabeça se enroscam e se aquietam, seus silvos diminuindo como o som de vapor esfriando. É um som que aprendi a achar reconfortante, mas algo o interrompe. Mesmo no escuro, ouço o eco das palavras de Atena.

A vida inteira você procurou por um propósito. Eu poderia te dar um novo.

Houve um tempo em que eu poderia ter acreditado nisso, na ideia de que outra pessoa pode te dar um propósito. Sou grata por conhecer a verdade agora: a única pessoa que pode me dar um propósito sou eu mesma. À medida que o mundo se apaga, eu me pego pensando que talvez o propósito não seja encontrado uma única

vez, mas algo que encontramos repetidas vezes. Só tenho dezoito anos, mas já tive tantos propósitos. Fui uma garota mortal cujo propósito era casar bem. Fui uma sacerdotisa cujo propósito era servir. Fui um monstro cujo propósito era vingar. Percebo que estou ansiosa para descobrir qual será meu próximo propósito.

E isso é o bastante.

EPÍLOGO

POUCO DEPOIS DO AMANHECER, a jovem mulher sobe os degraus.

O céu está rosa, a mesma cor dos lábios dela. A luz dourada ilumina sua pele negra enquanto se aproxima dos aposentos da irmã, cantarolando uma melodia familiar que brota do fundo da garganta. Euríale não dá atenção à quietude do ar, nem às gaivotas que encontraram lugares para pousar nos peitoris das janelas abertas do palácio. As aves marinhas observam e aguardam.

Ela abre a porta do quarto e então grita.

Euríale cai de joelhos, joga a cabeça para trás em angústia. Uiva até que fendas se abram pelo aposento, até que as paredes ancestrais do palácio se esfarelem em pó fino. Ela soca o mármore com o punho até que toda criatura viva num raio de quilômetros fuja, até que a própria ilha se parta em duas como uma ferida aberta. Geme baixinho e embala o corpo inerte da irmã, deixando que o sangue vermelho e pegajoso encharque sua túnica. Através da névoa desesperada do luto, Euríale compreende que sua irmã Medusa está morta e que seus gritos não trarão vida de volta ao cadáver, nem devolverão a cabeça que foi decepada de seu corpo.

O luto de Esteno é diferente. Ela não vai ver o corpo da irmã; ouve os gritos de Euríale e sabe. Sempre soube que sua irmã mortal seria tirada dela algum dia. Ela não chora pela caçula, mas se enfurece. Encontra as árvores restantes da ilha e envolve os braços em torno de seus troncos, arrancando-as pela raiz. Percorre os corredores do palácio, transformando cada escravizado em pedra até que não reste nenhum. Encarando o céu, lança maldições em todos os idiomas humanos que conhece, até que os músculos da garganta doam e ela já não consiga falar. Vê um leão avançando pela costa e pensa em matá-lo, mas algo a detém. É a primeira e única vez que demonstra verdadeira misericórdia.

* * *

Quando o sol se põe sobre a ilha agora destruída, Esteno e Euríale começam a tramar. Pela primeira vez em todos os seus anos, deixam o lar. Procuram primeiro seus parentes, interrogam todo deus e deusa que pertence à Corte do Mar. Com o tempo, um nome é sussurrado. Esteno e Euríale descobrem que o assassino de sua irmã é um campeão favorito da cadela de olhos cinzentos; ele tem cabelos dourados e toda a astúcia de sua patrona. Já espalhou relatos de seu triunfo por toda parte, e é assim que elas descobrem que foram os Olimpianos que o ajudaram. Foi Hades quem deu o manto da invisibilidade para ele; Hermes, quem calçou seus pés com sandálias aladas. Hefesto lhe concedeu a espada com a qual decapitou a irmã delas, mas foi o presente de Atena que mais importou. Foi o escudo *dela*, forjado em bronze, que o Assassino usou para se aproximar de Medusa enquanto ela dormia. O escudo refletia o olhar dela, de modo que não pudesse transformar seu assassino em pedra, ainda que tentasse. É claro que ela não tentou; morreu indefesa, em seu sono. Quando conta sua história nos banquetes, o Assassino se gaba de que a morte foi fácil. Esteno e Euríale descobrem que ele guardou a cabeça da irmã e agora a ostenta naquele mesmo escudo de bronze como um prêmio obsceno.

Isso, elas não toleram.

Elas sacrificam as últimas árvores da ilha e constroem uma jangada de madeira de rattan. Primeiro, navegam ao longo da costa de Aithiopia e, quando não encontram nada, ampliam a caçada. Avançam por selvas úmidas, cheias de criaturas estranhas e terríveis; marcham por anos sobre areias de deserto escaldantes que lhes empolam os pés. Em sua busca, transformam mil homens em pedra, mas nunca encontram aquele que desejam. Quando alcançam as estepes cobertas de neve de um ermo gélido e completamente estranho, é Euríale quem por fim admite a derrota e diz a Esteno que precisam voltar para casa. Elas nunca encontram a cabeça da irmã.

* * *

O mundo muda lentamente. No fim, os deuses antigos vencem a batalha, mas perdem a guerra maior. Os mortais que eles acreditavam que os adorariam para sempre mantêm a fé por apenas mais alguns séculos antes de se voltarem a deuses mais novos e reluzentes. A força dos deuses antigos lhes é drenada aos poucos, até que se tornam pouco mais do que sopros incorpóreos na brisa. Os deuses menores — como Fórcis e Ceto — são os primeiros a desaparecer, mas, em poucas décadas, Zeus

também se vai. Restam apenas sussurros sobre o destino de Atena; alguns dizem que ela se agarrou desesperadamente aos últimos vestígios de seu poder até que se extinguiram e então se lançou às profundezas do Tártaro.

* * *

As duas jovens — que sempre serão jovens — não são afetadas por essas mudanças. Não são deusas, não dependem da fé de ninguém e, por isso, desfrutam de certa imunidade. Seus anos se tornam décadas, que então viram séculos, e, em algum ponto desse lento passar do tempo, a ilha delas desaparece dos mapas. Os homens esquecem os terrores das infames Górgonas, e elas se reduzem a mero mito. Euríale e Esteno não se importam com isso. Hoje em dia, passam grande parte de sua imortalidade sentadas à beira da ilha, aquecendo-se ao sol. Sempre deixam um lugar entre elas para a irmãzinha, aquela a quem os homens chamaram Medusa, aquela a quem elas simplesmente chamavam Meddy. Elas observam em silêncio enquanto a verdadeira história da irmã caçula se perde, enquanto poetas escrevem outras mais novas e criativas. Ouvem os homens lhe darem novos nomes — donzela, amante, monstro, lenda. Esteno e Euríale entendem que a irmã agora é um mito, e nada parecida com a garota que conheceram. Não se importam.

Elas se lembram de quem ela realmente foi, e isso é o bastante.

NOTA DA AUTORA

A história mais antiga de Medusa aparece na *Theogonia* de Hesíodo (c. 700 a.C.). Ela também é mencionada em obras de Homero, Virgílio e Píndaro, entre outros. Em cada versão de sua história, os detalhes narrativos variam tanto quanto os poetas que a escreveram, sob a influência de seus próprios vieses. Este romance reimagina a história de Medusa tal como aparece nas *Metamorfoses* (c. 8 d.C.), escritas pelo poeta romano Ovídio, um autor conhecido por suas posições antiautoritárias. É importante lembrar que, apesar das muitas variações, nenhuma versão da história de Medusa pode ser considerada a "verdadeira"; cada recontagem acrescenta uma nova perspectiva a um cânone que permitiu que ela permanecesse uma figura icônica por mais de dois mil anos.

Embora certos elementos de sua história sejam controversos, outros são menos. Sua filiação, por exemplo, varia entre os poetas clássicos, mas muitos concordam que ela era a irmã mais nova de Esteno e Euríale. Não há consenso claro sobre onde Medusa nasceu, onde viveu ou onde morreu. Esta história situa seu lar em uma ilha fictícia.

Em todas as versões do mito, Medusa é mortal e, em todas elas, é assassinada por um famoso herói grego por meio da decapitação. O nome desse herói grego foi excluído das páginas deste livro, assim como os atos de Medusa foram excluídos dos relatos clássicos de sua história.

A relação de Medusa com Poseidon também varia conforme a interpretação do mito. Em alguns relatos, ele sequer aparece; em outros, estupra Medusa e, como consequência, ela é transformada em um monstro de cabelos de serpente como punição. Há ainda versões do mito cujo vocabulário sugere que a relação poderia ter sido consensual. Neste romance, optei por dialogar com as nuances frequentemente complexas da cultura do estupro, especialmente quando envolve agressores que exploram suas vítimas a partir de uma relação de desequilíbrio de poder.

Apesar de concepções modernas equivocadas sobre a Atenas antiga, a maioria dos historiadores concorda que ela não era um espaço cultural, racial ou etnicamente homogêneo. Pelo contrário, sua localização costeira garantia que fosse uma cidade

diversa, cuja economia dependia fortemente do comércio exterior e de uma expressiva força de trabalho imigrante. Embora esses metecos (imigrantes) integrassem uma classe que não tinha direito a todos os privilégios e direitos dos cidadãos atenienses, tampouco eram necessariamente pessoas escravizadas. Alguns metecos certamente conseguiram construir vidas prósperas e confortáveis. Embora os gregos antigos reconhecessem a existência de diferentes tons de pele, eles não utilizavam conceitos modernos de raça para formar suas identidades.

Quando apresentamos retratos incompletos da Antiguidade, corremos o risco de apagar o legado daqueles que viveram nela, contribuíram para ela e a moldaram. Negamos a alguns leitores a possibilidade de se reconhecerem em nosso passado coletivo. Ao escrever este romance, meu objetivo foi ajudar novas comunidades a encontrar conexões pessoais com Medusa e com sua história. Acredito que, ao fazê-lo, seu mito continua vivo e ela permanece imortal.

AGRADECIMENTOS

Este livro não existiria sem o apoio de muitas pessoas talentosas. Aqui, gostaria de agradecer ao maior número possível delas.

Meu primeiro agradecimento vai para meu agente literário, Pete Knapp, que foi o mais fervoroso defensor desta história desde o começo. Agradeço também a Stuti Telidevara, Emily Sweet, Andrea Mai, Kathryn Toolan, Danielle Barthel e a toda a equipe da Park, Fine & Brower Literary Management por estarem sempre ao meu lado. Obrigada também a Claire Wilson, da RCW Literary Agency, por representar meu trabalho no Reino Unido.

Devo muitos agradecimentos às minhas editoras, pela orientação e incentivo: Caitlin McKenna, nos Estados Unidos, e Melissa Cox, no Reino Unido. Sou igualmente grata às equipes editoriais da Random House e da Zaffre pelo trabalho dedicado para dar vida a este livro.

Na Random House: Rebecca Berlant, Maria Braeckel, Milena Brown, Madison Dettlinger, Jenna Dolan, Cara DuBois, Erica Gonzalez, Naomi Goodheart, Ben Greenberg, Will Lyman, Greg Mollica, Rachel Parker, Alison Rich, Jane Haas Sankner, Leah Sims, Kim Henze Walker, Andy Ward e Lynn Wu.

Na Zaffre: David Ettridge, Kim Evans, Kate Griffiths, Stacey Hamilton, Ella Holden, Vincent Kelleher, Leonie Lock, Georgia Marshall, Enisha Samra, Eleanor Stammeijer e Nick Stearn.

Obrigada aos artistas que criaram as capas deste livro: nos Estados Unidos, Will Staehle, e no Reino Unido, Tom Roberts.

Um agradecimento especial à dra. Sarah F. Derbew (*Untangling Blackness in Greek Antiquity* [Desenredando a negritude na Grécia Antiga]), à dra. Denise Eileen McCoskey (*Race: Antiquity & Its Legacy* [Raça: a Antiguidade e seu legado]) e ao saudoso dr. Frank M. Snowden Jr. (*Blacks in Antiquity* [Negros na Antiguidade]), cuja produção acadêmica validou o direito de existência deste romance. Sou profundamente grata à dra. Joan Breton Connelly (*Portrait of a Priestess: Women and Ritual in Ancient Greece* [Retrato de uma sacerdotisa: mulheres e ritual na Grécia Antiga]), cujo trabalho foi essencial para a minha compreensão da religião e dos

papéis de gênero na Grécia antiga. Encontrei uma grande quantidade de informações valiosas sobre a cultura material da Atenas antiga em *24 Hours in Ancient Athens: A Day in the Life of the People Who Lived There* [24 horas na Atenas Antiga: um dia na vida das pessoas que viveram ali], do dr. Philip "Maty" Matyszak, e agradeço sua disposição em responder às minhas perguntas. Por fim, o dr. Jon D. Mikalson (*Ancient Greek Religion* [A religião da Grécia Antiga]) foi uma fonte extremamente útil sobre mitologia grega, práticas religiosas e a maneira como ambas moldaram e influenciaram a Atenas antiga. Embora eu tenha realizado uma pesquisa extensa para entender como Atenas poderia ter sido na Antiguidade, os mapas 3D da cidade no período clássico, meticulosamente construídos por Dimitris Tsalkanis, foram de ajuda inestimável — muito obrigada, Dimitris!

Um sincero agradecimento aos autores que leram rascunhos deste livro e/ou ofereceram incentivo ao longo do processo de escrita e publicação: Leigh Bardugo, Shannon Chakraborty, Roshani Chokshi, Natalie Crown, Saara El-Arifi, Isabel Ibañez, Rebecca Mix, Tochi Onyebuchi, Margaret Owen, Marie Rutkoski, Samantha Shannon, Sabaa Tahir e Amélie Wen Zhao.

Minha base é minha família, e sou grata aos meus pais, ao meu irmão e à minha irmã, aos velhos amigos que formam a família que escolhi para mim, aos meus amados cães e ao meu cônjuge ~~rabugento~~ encantador. Obrigada a todos pelo amor e por sempre terem sido os primeiros a acreditar.

SOBRE A AUTORA



© 2024 by Jason Masters

AYANA GRAY é autora best-seller do *New York Times*. Suas obras foram traduzidas para onze idiomas em cinco continentes. Atualmente, ela mora em Arkansas. *Eu, Medusa* é sua primeira obra publicada pela Intrínseca.